

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Carlos Henrique Corrêa Senna

**“COISAR SAPATO” E CALÇAR A VIDA:
o trabalhador imigrante em Nova Serrana e a sua religião**

Belo Horizonte

2017

Carlos Henrique Corrêa Senna

**“COISAR SAPATO” E CALÇAR A VIDA:
o trabalhador imigrante em Nova Serrana e a sua religião**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Regina de Paula Medeiros.

Área de concentração: Cultura, Identidades e Modos de Vida

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S478c Senna, Carlos Henrique Corrêa
“Coisar sapato” e calçar a vida: o trabalhador imigrante em Nova Serrana e a sua religião / Carlos Henrique Corrêa Senna. Belo Horizonte, 2017.
304 f. : il.

Orientadora: Regina de Paula Medeiros
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Migração - Nova Serrana (MG). 2. Calçados – Indústria - Nova Serrana (MG). 3. Condições de trabalho. 4. Integração social - Aspectos religiosos. 5. Estilo de vida. I. Medeiros, Regina de Paula. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 325.1(815.12)

Revisão Ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor.

Carlos Henrique Corrêa Senna

**“COISAR SAPATO” E CALÇAR A VIDA:
o trabalhador imigrante em Nova Serrana e a sua religião**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.
Área de concentração: Cultura, Identidades e
Modos de Vida.

Profa. Dra. Regina de Paula Medeiros (Orientadora)

Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira (Banca Examinadora)

Profa. Dr. Cristina Almeida Cunha Filgueiras (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Jaume Vallverdú Vallverdú (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Léa Guimarães Souki (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti da Silva (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 21 fevereiro de 2017.

A Paulo Sérgio Corrêa Sena, meu irmão,
conselheiro e amigo.
Presença terna e sincera
em minha vida.
Com carinho, gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Há 23 anos, precisamente, escolhi como lema para minha vida uma frase que São Paulo escreveu, em sua segunda carta, a Timóteo, que é: “Sei em quem acreditei”. (2 Tim, 1,12).

Eu acredito em Deus. Não acredito no “Deus do mando, da cobrança, da escravidão”. Eu acredito sim, no Deus de Jesus de Nazaré – próximo, misericordioso e mais que tudo, Pai. Por isso, eu agradeço a Ele: o Deus que eu aprendi a acreditar e a amar e que está sempre me impulsionando a ir além de minhas forças.

O Deus que acredito nunca me deixa sozinho. Ele sempre me envia seus mensageiros para tornarem-se, comigo, companheiros de caminhada. Às vezes, me fazem acreditar que eu os ajudo, ou que os encorajo à continuidade. Na verdade, são eles, de forma bem sutil que, com palavras e posturas assertivas, ajudam e impulsionam-me para que eu supere os desafios que me sobrevêm. A esses mensageiros de Deus que caminham comigo, o meu carinho, afeto e, mais que tudo, o meu muito obrigado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de doutorado a mim concedida e, incluindo, a bolsa para o doutorado-sanduíche que realizei na Espanha.

À minha família: avó, pais e irmãos, agradeço pelas histórias que vivenciamos juntos e que constituem grande parte do alicerce de minha vida.

A Dom Walmor Oliveira de Azevedo, Arcebispo de Belo Horizonte, pelo constante desafio, incentivo e apoio, para que eu pudesse investir na vida acadêmica.

A Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães, Reitor da PUC Minas, o meu muito obrigado pela presença terna e sincera; pela disponibilidade e compreensão.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, da PUC Minas: à coordenação, e funcionários o meu muito obrigado pela atenção e disponibilidade sempre dispensadas a mim e aos meus colegas.

Aos professores do PPGCS, em especial, pelos seus ensinamentos, disciplina e coragem para enfrentamento de elaboração de um trabalho científico que exige um debruçar e um entrelaçar entre a teoria e a empiria, associadas às reflexões subjetivas e intelectuais.

De modo muito especial e com muito carinho, agradeço à Professora Regina de Paula Medeiros, minha orientadora de tese, pela paciência e habilidade na condução desses quatro anos de convivência. A Professora Regina soube ser presença e ausência; soube falar e calar; soube ouvir e respeitar; soube exigir e dar o tempo para meu amadurecimento acadêmico. Também, pelo incentivo para com o doutorado-sanduíche na Espanha. Nunca vou me esquecer de sua fala: “arrependa-se de ter ido, mas não se arrependa por não ter ido”.

À Universidade Rovira i Virgili – Departamento de Antropologia – de Tarragona, Espanha, o meu muito obrigado por ter-me concedido a oportunidade da experiência do doutorado-sanduíche. Aos seus professores e funcionários que me acolheram com carinho e paciência. Especialmente, agradeço ao Professor Jaume Vallverdú Vallverdú pela acolhida e amizade. O Prof. Jaume, sempre foi disponível perante minhas demandas, inquietações e incertezas, desde o momento da categorização dos resultados de minha pesquisa, até o acompanhamento da escrita dessa tese, apontando-me os melhores caminhos para que a reflexão teórica e empírica encontrasse seu ponto de convergência.

Em especial à cidade de Nova Serrana – meu campo de pesquisa. Aos empresários, aos líderes religiosos e aos trabalhadores que me concederam as entrevistas. De cada um, há uma lembrança especial, a ponto de, durante a escrita da tese, eu estabelecer uma proximidade tal, que eu já sabia quem e quando havia dito o que eu precisava em determinado momento. Muito obrigado pela confiança de abrir suas vidas e narrar suas histórias que muitas vezes lhes provocaram sentimentos profundos de tristeza, de alegria e de saudade. Vocês me ensinaram muito sobre a vida e sobre a luta cotidiana na garantia da dignidade, no embalar do sonho e na conquista da sobrevivência.

Aos meus colegas de doutorado, Gabriella Caroline Rodrigues Beltrame, Junia Miranda Carvalho, Leonardo Gonçalves Ferreira, Lucia Helena Ciccarini Nunes, Natália Cardoso Marra, Renata Adriana Rosa e Vitória Régia Esauí – que deu continuidade à sua vida acadêmica na UFMG – eu agradeço pelo apoio e pela convivência.

Ao Professor Dr. Duval Magalhães Fernandes da Pós Graduação em Geografia, da PUC Minas, pela disponibilidade e atenção a mim dispensadas, quando precisei encontrar e analisar os dados no site do IBGE, o meu muito obrigado.

À Professora Dra. Terezinha Cruz, da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, minha orientadora de mestrado em Comunicação Social, agradeço pela amizade, ajuda e incentivo para que o meu doutorado se tornasse realidade.

Ao Professor Dr. Paulo Bernardo Vaz, pela amizade e presteza nos momentos de dúvidas e dificuldades frente aos desafios deste tempo de doutorado.

À Professora Celina Navarro de Menezes, agradeço pela leitura do meu primeiro projeto para a seleção do doutorado em Ciências Sociais.

Ao Dom Dario Campos ofm, o meu muito obrigado pelo apoio e amizade manifestados durante minha estada na Espanha para o doutorado sanduíche.

À Professora Ana Lúcia Marçolla, agradeço pela amizade e incentivo nesses quatro anos de doutorado.

Ao Professor José Raimundo Vinhal, o meu muito obrigado pela amizade e por ter tido a gentil

eza de cuidar de minhas coisas no Brasil, durante o período estive na Espanha para o doutorado-sanduíche.

Ao Fabrício e Fabíola Felix Vieira agradeço pela amizade, força e pela ajuda na compilação e diagramação dos gráficos e quadros desta tese.

Ao Dr. Vitor Hugo Adami, antropólogo brasileiro, pela acolhida e amizade em Barcelona. Obrigado por orientar os meus primeiros passos na Catalunya, pelas reflexões sobre o tema da minha tese e pelo incentivo a participar da IIª Conferência Internacional Latino Americana em Lublin, na Polônia.

Aos Senhores Professores que se dispuseram a ler e a participar da banca de qualificação: Prof. Dr. Alexandre Antônio Cardoso; Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira e a Profa. Dra. Cristina Almeida Cunha Filgueiras. As apreciações e sugestões de todos contribuíram para o melhor encaminhamento desta tese.

Aos Senhores Professores que aceitaram o convite para participar da minha defesa de tese: Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira, Profa. Dra. Cristina Almeida Cunha Filgueiras, Prof. Dr. Jaume Vallverdú Vallverdú, Profa. Dra. Dra. Léa Guimarães Souki e Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti da Silva os meus sinceros agradecimentos.

Quando olhei a **terra ardendo**
Qual a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a **asa branca**
Bateu asas do sertão
Então eu disse, **adeus Rosinha**
Guarda contigo meu coração
Hoje longe, muitas léguas
Numa triste **solidão**
Espero a chuva cair de novo
Pra mim **voltar pro meu sertão**
Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar **na prantação**
Eu te asseguro não chore não, viu
Que **eu voltarei**, viu
Meu coração
(GONZAGA, 2014, grifo nosso).

RESUMO

Nova Serrana é uma cidade localizada na região Centro-Oeste de Minas Gerais, a 112 km de Belo Horizonte, reconhecida como o terceiro polo calçadista do Brasil. O crescimento da indústria calçadista ocorreu a partir da década de 1950, devido ao investimento em novas tecnologias e às parcerias realizadas, que colocaram a indústria calçadista de Nova Serrana no mercado internacional. Em consequência, a cidade passou a acolher milhares de pessoas, de diversas regiões do País. A maioria dos imigrantes vive nas periferias da cidade. O objetivo desta tese é identificar: como o imigrante organiza sua vida cotidiana em Nova Serrana e como, especialmente, ele vive sua religião nessa cidade. No decorrente/desenvolvimento da investigação, supomos que o imigrante procura, em Nova Serrana, encontrar melhores condições de vida, no trabalho que lhe é oferecido. O trabalho tem um papel fundamental na vida dos indivíduos e a sua escassez faz com que muitas pessoas saiam de suas origens e busquem outros lugares para garantir a sua sobrevivência. Muitas vezes a decisão por migrar, não é um ato solitário, mas sim sustentado pela rede de sociabilidade, como familiares ou amigos. Uma vez instalado em Nova Serrana, dadas as identificações estabelecidas com os novos colegas de trabalho e a rotina laboral diária, o imigrante acaba por estabelecer laços e criar redes sociais que se estendem para fora dos muros das empresas. Com o crescimento da cidade industrial, cresce também o oferecimento de diversas Igrejas Cristãs, reconhecidas como Evangélicas, especialmente nas periferias de Nova Serrana. Em sua maioria, essas Igrejas apresentam a evangelização neopentecostal. A evangelização neopentecostal também está presente na Igreja Católica, pela Renovação Carismática Católica (RCC). Para atingirmos o objetivo proposto, utilizamos o método qualitativo e as técnicas de análise documental, observação pontual e entrevistas abertas temáticas. Concluimos que há uma forte tendência de o indivíduo recorrer às comunidades religiosas para a garantia da rede de sociabilidade, baseada no apoio material e emocional, ajuda mútua e solidariedade. As Igrejas, apoiadas na teologia da prosperidade, atraem novos adeptos, além de manter seus seguidores. Além do trabalho, a religião ocupa um lugar de destaque na vida do imigrante em Nova Serrana, pois, muitas vezes, se apresenta como mecanismo facilitador de sobrevivência e sociabilidade, de encantamento e mudança de vida.

Palavras-chave: Trabalho. Imigração. Religião.

ABSTRACT

Nova Serrana is a city located in the mid-west region of Minas Gerais, it is 112 Km from Belo Horizonte and is recognized as the third footwear cluster position in the Brazil. The footwear industry has been growing since 1950's due to the investment in new technologies and partnerships. As a result, it has posited its footwear industry in the international market. Since that time, the city has been receiving thousand of people from different regions of the country, which most of them live on the outskirts of the city. The purpose of this thesis is to demonstrate how the immigrants organize their daily lives in Nova Serrana and how they experience their religion in this city. Based on research data, we have assumed that the immigrant in Nova Serrana has been searching for a better life condition throughout the labour undertook in the city. As a category, the labour plays a key role in the individuals' lives and its scarcity would cause the immigration of people in order to assure their survival. The decision for immigration isn't only an individual choice. It is also supported by some networks of sociability, such as the families or the friends. As soon as the immigrants is settled in the city, they identified themselves with the new co-workers and the daily work routines, which end up establishing bonds and creating social networks that extend outside the walls of the companies. Another phenomenon, as consequence by the expansion of the footwear industry, has been the growing of the Christian Churches, well known as Evangelicals, in which most of them are located in the outskirts of Nova Serrana and, usually, much part of the believers are immigrants. Such of these churches are considered neopentecostal and this way of evangelization is happened also in the Catholic Church through Charismatic Catholic Renovation (RCC). The collected data was done by the qualitative methodology, such as documental analysis, participant observation and semi structured interviews in order to achieve the purpose of this research. To broadly sum up, we have found of the evidences that there is a strong bias by the immigrants to become believers in order to assure their sociability network based on material and emotional solidarity. These churches, supported by the prosperity theology, attract these sorts of believers which are vulnerable emotionally and financially. Additionally, besides their labour itself, the religion represents a strong link to the life of the immigrants in Nova Serrana. Very often it works as a mechanism of enchantment for their emotional survival and promote their life changes.

Keywords: Labour. Immigration. Religion

RESUMEN

Nova Serrana es una ciudad localizada en la región Centro-Oeste de Minas Gerais, a 112 km de Belo Horizonte, reconocida como el tercer polo de calzado de Brasil. El crecimiento de la industria de calzado ocurrió a partir de la década de 1950, debido a las inversiones en nuevas tecnologías y a convenios realizados, que colocaron la industria del calzado de Nova Serrana en el mercado internacional. Consecuentemente, la ciudad pasó a acoger a miles de personas, de diversas regiones del País. La mayoría de los inmigrantes vive en la periferia de la ciudad. El objetivo de esta tesis es identificar: como el inmigrante organiza su vida cotidiana en Nova Serrana y como, especialmente, él vive su religión en esa ciudad. En el desarrollo de la investigación, supusimos que el inmigrante procura, encontrar mejores condiciones de vida en Nova Serrana, en el trabajo que se le ha ofrecido. El trabajo tiene un papel fundamental en la vida de los individuos y su escasez hace que muchas personas salgan de sus orígenes y busquen otros lugares para garantizar su sobrevivencia. Muchas veces la decisión de emigrar, no es un acto solitario, sino una decisión sostenida por la red de sociabilidad, como familiares o amigos. Una vez instalado en Nova Serrana, habiéndose identificado con los nuevos colegas de trabajo y la rutina laboral diaria, el inmigrante acaba por establecer lazos y crear redes sociales que se extienden más allá de los muros de las empresas. Con el crecimiento de la ciudad industrial, crece también el ofrecimiento de las diversas Iglesias Cristianas, reconocidas como Evangélicas, especialmente en la periferia de Nova Serrana. En su mayoría, esas Iglesias presentan la evangelización neopentecostal. La evangelización neopentecostal también está presente en la Iglesia Católica, por la Renovación Carismática Católica (RCC). Para alcanzar el objetivo propuesto, utilizamos el método cualitativo y las técnicas de análisis documental, observación puntual y entrevistas abiertas temáticas. Concluimos que hay una fuerte tendencia del individuo recorrer las comunidades religiosas para la garantía de la red de sociabilidad, con base en apoyo material y emocional, ayuda mutua y solidaridad. Las Iglesias, apoyadas en la teología de la prosperidad, atraen nuevos adeptos, además de mantener sus seguidores. Además del trabajo, la religión ocupa un lugar de destaque en la vida del inmigrante en Nova Serrana, pues, muchas veces, se presenta como mecanismo facilitador de sobrevivencia y sociabilidad, de encantamiento y cambio de vida.

Palabras-clave: Trabajo. Inmigración. Religión.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 - Igreja de São Sebastião.	50
FOTO 2 - Pannel acima do altar da Igreja de São Sebastião.....	51
FOTO 3 - O trabalho retratado no pannel da Igreja São Sebastião.	52
FOTO 4 - O trabalho infantil retratado no pannel da Igreja de São Sebastião.....	52
FOTO 5 - Bênção do Santíssimo Sacramento na Festa de Corpus Christi.....	53
FOTO 6 - BR 262 – marco divisor da cidade e de seus habitantes.	54
FOTO 7 - Igreja São Geraldo Magela	56
FOTO 8 - Igreja São João Bosco.....	56
FOTO 9 - Templo da Assembleia de Deus.....	57
FOTO 10 - Passarela antiga na BR 262.....	58
FOTO 11 - Construção de passarela na BR 262.....	58
FOTO 12 - Horário de almoço nas indústrias de calçados.	60
FOTO 13 - O horário de almoço é um momento de interação, mesmo na rua.....	61
FOTO 14 - Entrevista com um imigrante na calçada do bairro Planalto	63
FOTO 15 - Local de trabalho da Margarida: uma “banca” no bairro Planalto.	64
FOTO 16 - Autônomo ambulante numa entrevista informal.	65
FOTO 17 - Chegada em Nova Serrana.....	77
FOTO 18 - Vista da área central de Nova Serrana	78
FOTO 19 - Bairro Planalto: Periferia de Nova Serrana.....	98
FOTO 20 - O retorno dos imigrantes de Nova Serrana, para as festas de final de ano em suas origens	149
FOTO 21 - A moto do imigrante de Nova Serrana como bagagem no ônibus.	150
FOTO 22 - As motos são acomodadas juntamente com as malas no bagageiro do ônibus. ..	150
FOTO 23 - As bagagens dos imigrantes quando voltam às origens em época de festas.....	152
FOTO 24 - As moradias dos imigrantes nas periferias de Nova Serrana.....	163
FOTO 25 - Igreja Evangélica no bairro Planalto em Nova Serrana.	240
FOTO 26 - Igreja Evangélica em Nova Serrana semelhante às residências da população.	240

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Perfil dos Empresários.....	70
TABELA 2 - Perfil da Coordenadora do CREAS:.....	71
TABELA 3 - Perfil dos líderes religiosos	71
TABELA 4 - Perfil dos migrantes.....	73
TABELA 5 - Estatísticas do povoamento brasileiro de 1884 a 1933.....	137
TABELA 6 - Estatísticas do povoamento brasileiro de 1945 a 1959.....	138

LISTA DE MAPA

MAPA 1 - Localização e região de influência da indústria de calçados de Nova Serrana, MG	78
---------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1- Brasão de Nova Serrana	82
----------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Classificação percentual dos grupos religiosos e comparação com os Censos de 2000 e 2010	178
GRÁFICO 2 - Grupos religiosos em Nova Serrana no ano 2000.	237
GRÁFICO 3 - Grupos religiosos em Nova Serrana em 2010.	237

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

APEX	Agência de Promoção de Exportações e Investimentos
APL	Arranjo Produtivo Local
CAFO	Centro de Assistência Frederico Ozanam
CAGED	Cadastro Geral dos Empregados e Desempregados
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEMIG	Centrais Elétricas de Minas Gerais
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CRAS	Centro de Referência e Ação Social
CREAS	Centro de Referência Especial de Assistência Social
CRISP UFMG	Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ECC	Encontro de Casais com Cristo
ed.	Edição
Ed.	Editor
FIEMG	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEL	Instituto Euvaldo Lodi
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
MG	Minas Gerais
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
Org.	Organizador
PCP	Planejamento e Controle da Produção
PEA	População Economicamente Ativa
PJ	Pastoral da Juventude
PJ	Pessoa Jurídica
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho
RCC	Renovação Carismática Católica

SEBRAE-MG	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
SINDINOVA	Sindicato das Indústrias de Calçados de Nova Serrana
SINE	Sistema Nacional de Emprego
SITRICANS	Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Calçados de Nova Serrana
UNIPAC	Universidade Presidente Antônio Carlos
URV	Universidad Rovira i Virgili

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	39
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
2.1 Como descobrimos a cidade de Nova Serrana.....	45
2.2 Método e técnicas utilizadas para a realização da tese.	46
2.2.1 <i>A análise documental:</i>	47
2.2.2 <i>A observação pontual:</i>	50
2.2.3 <i>A entrevista aberta temática:</i>	61
2.3 Perfil dos participantes da pesquisa:	70
2.3.1 <i>Perfil dos empresários:</i>	70
2.3.2 <i>Perfil da Coordenadora do CREAS:</i>	71
2.3.3 <i>Perfil dos líderes religiosos:</i>	71
2.3.4 <i>Perfil dos migrantes:</i>	73
2.4 Procedimentos para análise do material coletado/produzido.....	75
2.4.1 <i>Categorização do material apurado:</i>	76
3 A CIDADE DE NOVA SERRANA: UM LUGAR PARA SE TRABALHAR?	77
3.1 A importância do trabalho na vida humana	79
3.2 Histórico e desenvolvimento de Nova Serrana como polo calçadista brasileiro.....	80
3.3 A origem e desenvolvimento da indústria de calçados de Nova Serrana	82
3.4 O processo de desenvolvimento industrial de Nova Serrana na primeira década do século XXI.	83
3.5 Processo de contratação na indústria calçadista.	86
3.6 Parcerias das indústrias calçadistas no contexto de Nova Serrana.	89
3.7 A indústria de Nova Serrana e sua relação com o mercado internacional.	91
3.8 A informalidade no cenário de Nova Serrana.....	92
3.9 A terceirização do trabalho nas novas organizações.....	95
3.10 O crescimento da cidade industrial e seus consequentes desafios.....	97
3.11 Ser trabalhador em Nova Serrana.	101
3.12 Condições salariais e postos de trabalho em Nova Serrana.	108
3.13 Desafios e consequências da demanda nas indústrias de calçados em Nova Serrana.	112
3.14 A diversidade de trabalho em Nova Serrana.	116
3.15 Nova Serrana é uma cidade industrial onde não há muitos espaços para o lazer..	120
4 A DIMENSÃO MIGRATÓRIA: REALIDADES E EXPERIÊNCIAS DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS EM NOVA SERRANA.	129
4.1 Processo de migração e justificativa para a imigração.	129
4.2 O movimento migratório das populações estrangeiras para o Brasil.....	133
4.3 A imigração interna brasileira.	139
4.4 A chuva é um dos marcos que motivam a volta de muitos imigrantes.....	141
4.5 Festa e ritual – a produção de símbolos de identidade.....	142
4.5.1 <i>Ver e ser visto: o retorno do imigrante às suas origens.</i>	148
4.6 O movimento migratório como um processo coletivo. A experiência em Nova Serrana.	154
4.7 Os vínculos familiares.	159
4.8 O imigrante em Nova Serrana e a sua moradia.....	163
4.9 Idas e vindas: os imigrantes, de Nova Serrana, em busca de sobrevivência.....	167

4.10 O sonho do imigrante em Nova Serrana.	170
5 O CAMPO RELIGIOSO E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS MIGRANTES EM NOVA SERRANA.....	173
5.1 Entendendo a religião.....	173
5.2 A diversidade religiosa e o desenvolvimento urbano.	177
5.3 O novo modelo de evangelização e a disputa pela fidelização de seus adeptos.....	180
5.3.1 <i>As comunidades religiosas neopentecostais: Recrutamento e fidelização dos fiéis...</i>	186
5.4 A liberdade de escolha e a proposta mercadológica das comunidades religiosas.....	194
5.5 A rede de sociabilidade e sua influência na religiosidade do indivíduo.....	209
5.6 O controle da instituição religiosa.....	212
5.7 Religiosidade popular: um diálogo possível com a religião oficial?.....	216
5.8 O carisma reconhecido como “dom”.	220
5.9 A liberdade de expressão nos rituais neopentecostais.....	222
5.10 A conversão como forma de mudança radical de vida.....	
5.11 A religiosidade em Nova Serrana.....	236
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	253
REFEFÊNCIAS.....	261
ANEXO A - Mapa atual da cidade de Nova Serrana.....	277
ANEXO B- Tabela 1: População residente e religião em Nova Serrana.....	279
ANEXO C - Fotografias feitas em Nova Serrana:.....	283

1 INTRODUÇÃO

O caminho percorrido para a realização desta tese teve início na dissertação que apresentamos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em 2011. Nela, com o título “Midiatização do campo religioso - A recepção do Padre Fábio de Melo por seus fãs/devotos”, abordamos a temática do pentecostalismo e suas fases, na história da evangelização no Brasil e, consequentemente, a implantação do neopentecostalismo, a partir da década de 1970, nas Igrejas tradicionais de cunho protestante, bem como na Igreja Católica, pela Renovação Carismática Católica (RCC). Foi apresentada também a história da Igreja Católica nos últimos 50 anos, ou seja, a partir do Concílio Vaticano II (CVII), com seus desdobramentos pastorais, principalmente na América Latina e no Brasil, com a Teologia da Libertação, que constituiu um momento de abertura e proximidade por parte da Igreja Católica à realidade de seus fiéis.

Ressaltamos também o significativo apoio do Papa João Paulo II às novas comunidades, com características neopentecostais, que floresceram na Igreja Católica, a partir de 1970 e a consequente oposição da mesma Igreja ao movimento da Teologia da Libertação.

Logo após a defesa da dissertação, demos prosseguimento às pesquisas sobre celebridades religiosas midiáticas e tomamos ciência da existência do Padre Christyan Shankar na cidade de Divinópolis (MG), curador do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Ele atua na referida cidade e na microrregião, até em Nova Serrana, onde tem significativa aceitação e reconhecimento. Em 2012, constatamos, em seu site (SHANKAR, 2015), que ele se oferece para ministrar palestras motivacionais nas empresas, com a participação dos empresários e seus respectivos empregados. Esse dado empírico nos remeteu à teoria de Weber (2006), ressaltada por Bourdieu (2009), quando afirma que “a religião cumpre uma função de conservação da ordem social, contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a legitimação do poder dos dominantes e para a domesticação dos dominados” (WEBER apud BOURDIEU, 2009, p. 32). Esse foi o ponto que despertou nossa vontade em estudar a religião e a sua influência na vida dos trabalhadores em Nova Serrana, unidade de análise desta tese.

É importante ressaltar que o interesse pelo fenômeno da religião do imigrante em Nova Serrana pode ser considerado como uma construção que tem como parte de seu fundamento as nossas graduações anteriores: filosofia, teologia e jornalismo.

As duas primeiras capacitaram-nos à ordenação sacerdotal e, como padre, assumimos o desafio de pensar, a partir das ciências sociais, a religião do trabalhador em Nova Serrana. A comunicação possibilitou-nos lançar um olhar diante da realidade social da jovem cidade

industrial, que acolhe o imigrante e, ao mesmo tempo, pauta as condições, favoráveis ou não, para sua sobrevivência.

Com essa bagagem, por um lado, tornou-se um desafio pensar o fenômeno de interesse desde as Ciências Sociais, por outro lado, a conjugação de conhecimento teórico e a prática nos contextos sociais variados contribuiu enormemente para lançar um olhar mais apurado e fazer uma análise sobre a questão de uma maneira mais cuidadosa. Ou seja, desenvolver uma investigação relativa à cultura urbana, aos novos modos de vida e às identidades dos imigrantes de Nova Serrana.

O posicionamento do pesquisador das ciências sociais é diferente da postura de um sacerdote católico. Fez-se necessário, durante todo o processo de desenvolvimento desta tese, um exercício constante de separação de papéis, e isso constituiu um grande desafio. A proximidade e, ao mesmo tempo, a isenção do pesquisador, ao conduzir as entrevistas, brigavam com a arte do aconselhamento pastoral, intrínseca aos atendimentos comunitários ou individuais de um sacerdote. Em todo o caso, acreditamos que os desafios foram superados, a partir do embasamento teórico, que muito contribuiu para que, metodologicamente, pudéssemos separar as áreas, colocando-as em seus devidos lugares e, assim, realizar uma abordagem em sintonia com a que optamos.

O interesse pelo fenômeno da religião do imigrante em Nova Serrana pauta-se ainda por se tratar de uma cidade do interior de Minas Gerais, onde a Igreja Católica foi o lugar da manifestação da religiosidade da maioria das pessoas que lá residiam, praticamente, até o ano 2000. A partir de então, com o crescimento da cidade, proliferaram o número de outras Igrejas Cristãs.

Os dados sobre a intensificação da indústria de calçados em Nova Serrana e a consequente acolhida de milhares de imigrantes que deixam suas origens para venderem sua força de trabalho na nova cidade industrial; a constatação da multiplicação das inúmeras comunidades religiosas neopentecostais, principalmente nas periferias da cidade, embasam a questão inicial desta tese: **Como o imigrante organiza sua vida cotidiana em Nova Serrana e como, especialmente, ele vive sua religião nessa cidade?**

Para esta tese, elaboramos três hipóteses norteadoras, que apresentamos a seguir:

- a) o imigrante procura, em Nova Serrana, encontrar melhores condições de vida, a partir do trabalho que lhe é oferecido, em grande parte, nas indústrias de calçados. Sua situação, na referida cidade, em muitos casos, é de vulnerabilidade, porque os laços sociais são frágeis, ainda que ele tenha recebido influência de outros membros da família

para emigrar-se. Quando o imigrante não encontra uma situação que corresponda aos seus objetivos, isso pode contribuir para a sua frustração e, conseqüentemente, para seu retorno ao local de origem, ou para outros lugares ou, ainda, para a busca de outras opções que possam atender às suas expectativas;

- b) uma vez instalado em Nova Serrana, dadas as identificações estabelecidas com os novos colegas de trabalho e a rotina laboral diária, o imigrante acaba por estabelecer laços e criar redes sociais que se estendem para fora dos muros das empresas. Isso favorece a sua adaptação e, muitas vezes, seu enraizamento na cidade. Esse fato pode contribuir para o seu estabelecimento definitivo em Nova Serrana, construindo família, adquirindo bens, criando laços afetivos e sociais, tornando-se um cidadão local, fazendo com que ele não se considere mais um imigrante;
- c) o imigrante, experimentando nova situação de vida, em Nova Serrana, busca a religião como um mecanismo facilitador de sociabilidade, ainda que, muitas vezes, tenha que abrir mão de suas crenças anteriores e adotar outra Igreja com a qual ele encontra identificação, experimentando o processo de conversão religiosa. Isso pode se dar por influência de colegas de trabalho, da própria empresa, ou de outros familiares que vivem em Nova Serrana e implica uma transformação das pautas de vida e comportamento social.

Baseado nessas suposições, o objetivo geral desta tese é: Investigar como o trabalhador imigrante organiza sua vida cotidiana em Nova Serrana e como ele vive sua religião nessa cidade. Especificamente, intencionamos fazer um mapeamento da situação do imigrante em Nova Serrana e traçar um perfil dessa população específica; analisar a motivação do indivíduo para decidir emigrar-se, suas expectativas e o que o levou à escolha da cidade de Nova Serrana; analisar o estilo de vida do imigrante morador em Nova Serrana, especialmente ao que se refere ao mercado de trabalho, redes de sociabilidade, cotidiano, lazer, desafios, impasses e os aspectos religiosos; e estudar a religiosidade do imigrante, antes e depois de sua imigração para Nova Serrana.

De posse do material coletado em campo, fruto de visitas, observações, anotações, busca por documentos, entrevistas formais e informais e pesquisas em sites para apuração de dados, é o momento de sentar e começar a “garimpar”, desde fora do campo.

Como ressalta Velho (1978) sobre “a necessidade de uma distância mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho” (VELHO, 1978, p. 123). A proximidade e afastamento do campo constituem movimentos salutares para o aprofundamento

na realidade pesquisada. Visualizar de longe o campo, como a uma montanha, possibilita ao pesquisador contemplar os contornos, as áreas de risco que requerem mais atenção e os pontos mais altos, que podem ser perigosos, ao mesmo tempo, que poderão ser os que darão sentido e teor ao que se pretende. Muitas vezes, esses, não são vistos quando estamos na montanha, mas sim distantes dela.

A oportunidade de exercitar o distanciamento aconteceu quando conseguimos a bolsa para o doutorado sanduíche, pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), no período de 1º de setembro de 2015 a 27 de julho de 2016, na Universidade Rovira e Virgili (URV), em Tarragona, Espanha.

Esse tempo foi profícuo e possibilitou-nos muitas experiências como: contato com alguns autores utilizados na tese, como os antropólogos catalães Dr. John Prat e o Dr. Jaume Vallverdú, que se dispôs a dirigir nossos trabalhos na URV, e ambos se mostraram bastante solícitos às demandas que apresentávamos. Também tivemos a oportunidade de participar de seminários e, enquanto assistente, de duas disciplinas, do Master, oferecidas pela URV, no período de setembro a dezembro de 2015, que são: Antropología urbana, migraciones y intervención social, ciudades y metrópolis contemporáneas, ministrada pelo Prof. Dr. Joan Josep Pujadas, e Movimientos sociales transnacionales, ministrada pelo Prof. Dr. Jaume Vallverdú Vallverdú.

Uma grande oportunidade foi a participação na IIª Conferência Internacional Latino-Americana, em Lublin, na Polônia, em novembro 2015, onde apresentamos uma comunicação sobre a “Religião do trabalhador imigrante de Nova Serrana”.

Paralelamente às atividades que nos foram oferecidas, nesse tempo, pudemos transcrever entrevistas realizadas, categorizar e analisar os dados empíricos. Foi árduo o trabalho, porém, gratificante. Aos poucos, o material capacita ao pesquisador certa intimidade com as narrativas de seus atores sociais e, muitas vezes, os depoimentos vêm à lembrança, sem muito esforço, para exemplificar determinado embasamento teórico. Igualmente se passava na leitura dos registros em diário de campo durante as observações.

Nesse processo foram observadas informações relevantes e, às vezes, impactantes, que puderam contribuir para os títulos, *insight* e familiaridade. Como exemplo, o título desta tese: “COISAR” SAPATOS E CALÇAR A VIDA. Entendemos que se faz mister uma explicação sobre o que, à primeira vista, pode parecer um trocadilho. “Coisar sapatos” constitui uma expressão ampla, usada pela maioria dos imigrantes de Nova Serrana, para explicar o processo de fabricação de calçados. Exercer este ofício, em diferentes setores, desde o corte até a colagem, pode ser complexo e pode ser traduzido em uma única palavra: “coisar”. Para muitos

que não têm capacitação profissional e são absorvidos pela indústria calçadista, de Nova Serrana, é “coisar sapatos”. Já a expressão “calçar a vida”, nós a entendemos na esperança do imigrante por melhorias e também pela possibilidade de aprumar ou endireitar a vida pelo trabalho e pelos benefícios de Deus em troca de sua participação na comunidade religiosa.

A presente tese está organizada em cinco capítulos, incluindo a introdução, que constitui o primeiro capítulo. No segundo capítulo, apresentamos o caminho percorrido com base na metodologia qualitativa e suas técnicas como: observação pontual, análise documental e entrevistas abertas temáticas que foram as escolhidas para atingir o objetivo traçado desta tese. A leitura do material teórico, a categorização e a análise do material empírico nortearam-nos, para que pudéssemos, na apreensão dos dados, entender o processo migratório e modo de vida dos imigrantes em Nova Serrana, especialmente, como eles vivem a sua religiosidade.

O terceiro capítulo é dedicado ao município de Nova Serrana, onde discutimos o advento da indústria de calçados, que leva a cidade a ser considerada como o terceiro maior polo calçadista do País. Com efeito, Nova Serrana acolhe milhares de pessoas, vindas de diversas regiões do Brasil e, conseqüentemente, experimenta um crescimento geográfico e demográfico considerável.

Nesse capítulo também apresentamos como são estabelecidas as relações de trabalho dos imigrantes em Nova Serrana, realçando a informalidade e a terceirização, como práticas normais no mundo laboral local.

Para muitos, migrar de suas origens pode proporcionar a inserção no mercado de trabalho, as novas redes de relacionamentos, a formação profissional, a especialização e a atualização de mão de obra. A diferença do modo de vida do imigrante em suas origens é ressaltada na nova vida que ele passa a experimentar na cidade industrial.

Alguns dados históricos e estatísticos também são apresentados nesse capítulo, bem como o embasamento teórico. Nos depoimentos dos imigrantes, percebemos que muitos trazem consigo um sonho em relação a Nova Serrana e, ao chegar, encontram uma realidade da cidade industrial, muitas vezes, diferente do que sonharam.

No quarto capítulo discutimos sobre o fenômeno da migração das populações na história humana, que tem como um dos principais objetivos a busca por melhores condições de vida. A escassez de trabalho em suas origens, condições climáticas ou conflitos políticos e outras razões constituem os motivos pelos quais inúmeras pessoas deixam a terra natal para se aventurar em lugares onde a perspectiva de vida parece ser melhor.

Apresentamos, portanto, a mobilidade das populações e o fluxo migratório; sua história e desenvolvimento no Brasil, desde o início do século XIX, com a imigração europeia, passando

pelo fenômeno da imigração nordestina, especialmente para o Sudeste, a partir da segunda metade do século XX. Em Nova Serrana, a imigração pode ser considerada a partir da década de 1980, com o advento das indústrias de calçados, apresentando um crescimento significativo na primeira década do século XXI. Destacamos ainda o relacionamento do imigrante com sua rede de sociabilidade, como família e amigos, e a influência dessa rede em sua decisão por migrar.

No quinto capítulo, discutimos sobre o tema religião. A partir da leitura dos teóricos, conceituamos a religião e a nova modalidade da evangelização na atualidade, que é neopentecostal, bem como as suas práticas e discursos com apelos mercadológicos. A maioria das instituições religiosas assumiu esse modelo de evangelização neopentecostal. E, para a sua manutenção, conservam a lógica do consumo. Por fim, embasados nas análises de documentos, na observação pontual e nas entrevistas realizadas, apresentamos as reflexões conclusivas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É como limpar uma vidraça que acumulou sujeira anos a fio. Paciência, técnica e constância vão possibilitando com que as camadas do sujo deem lugar à essência do vidro, ou seja, a sua transparência. (SENNA, 2017).

Este capítulo trata de apresentar o caminho percorrido para a elaboração e o desenvolvimento desta tese doutoral. Em primeiro lugar cabe esclarecer que o referencial teórico, base consistente para o trabalho de campo, especificamente, na observação e nas entrevistas realizadas com os atores desta pesquisa, baseou-se, principalmente, nos seguintes autores: Becker (1999), Bourdieu (2009), Colognese e Mèlo (1998), Gaskell (2002), May (2004), Medeiros (2012), Poupart (2008) e Simmel (1983).

2.1 Como descobrimos a cidade de Nova Serrana

Depois de concluir os créditos teóricos e fazer uma pesquisa bibliográfica, o próximo passo foi descobrir Nova Serrana. A nossa referência era o Padre Christyan Shankar, que exerce suas atividades religiosas na cidade de Divinópolis, porém mantém uma relação com os empresários e trabalhadores de Nova Serrana, em palestras e encontros realizados nas empresas. Chamou-nos a atenção, a relação dos empresários e trabalhadores com a religião. Esse fato nos remete a Weber (2006) e à legitimação do poder de uma determinada parcela da população e dominação de outra, pela via religiosa.

Para conhecer o contexto social do nosso estudo, a primeira etapa foi uma pesquisa na internet. Aí nos informamos de que Nova Serrana apresentou um crescimento demográfico significativo entre os anos de 2000 e 2010, que teve como principal fator o notável processo de migração e seu aumento gradativo, especialmente por motivo de trabalho nas indústrias de calçados. No mesmo período, constata-se um aumento expressivo de Igrejas Cristãs inauguradas na referida cidade. Esses fatores despertaram nossa curiosidade e incentivaram-nos a uma pesquisa mais aprofundada sobre a correlação entre a cidade e o trabalho; a imigração e a religião.

De posse dessas e de outras muitas informações sobre a cidade, em 2013, fizemos um primeiro contato pessoal com o Pároco da Paróquia São Geraldo Magela, situada no Bairro Romeu Duarte, onde se concentra o maior número das indústrias de calçados da cidade. O Padre nos acolheu e também nos apresentou ao Empresário 1, sócio proprietário de uma das indústrias de calçados da cidade, que também é colaborador da paróquia. Nesse contato, tomamos o

cuidado de apresentar a nossa proposta de pesquisa e solicitar a sua colaboração para o referido empreendimento. O Empresário 1 se mostrou interessado, especialmente, abrindo a possibilidade de entrevistas com os trabalhadores de sua empresa e nos permitindo a fazer uso dos compartimentos da fábrica.

Nessa entrada em campo foi fundamental a participação do empresário, apresentado pelo padre. Durante todo processo de pesquisa, foi determinante para o sucesso do estudo.

2.2 Método e técnicas utilizadas para a realização da tese

O desenho metodológico qualitativo é o mais adequado aos objetivos propostos em nossa investigação, ou seja, ele prioriza as experiências reveladas pelas pessoas que participaram do estudo, como ressalta Gaskell (2002) “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas, ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002, p. 68). Medeiros (2012) afirma que “o desenho metodológico de cunho qualitativo tem um caráter flexivo, pois possibilita a alteração de determinados aspectos para captar outros feitos que podem emergir de maneira inesperada no processo da pesquisa” (MEDEIROS, 2012, p. 69). A proposta metodológica apresentada não se esgota em si mesma, visto a imprevisibilidade que até tivemos a chance de experimentar, desde as minhas primeiras investidas em campo.

A pesquisa qualitativa conta com técnicas que constituem a base na qual se prepara, justifica, solidifica, e que ajudam a definir as categorias operacionais, o trabalho empírico, a compilação, análise e interpretação dos resultados, como também norteiam a escrita, a revisão e a avaliação do trabalho final.

As técnicas utilizadas foram: Observação pontual; Análise documental e entrevista aberta temática. As informações, sobretudo, da imprensa, foram analisadas e serviram para complementar os resultados obtidos anteriormente. Como exemplo, as estatísticas e notícias sobre a situação de trabalho na cidade, a queda de oferta de serviços em determinados meses e o consequente desemprego e o crescimento de empregabilidade em outros períodos do ano.

As visitas a Nova Serrana para observação pontual e análise documental tiveram início em maio de 2013, e as entrevistas foram realizadas, em sua maioria, no primeiro semestre de 2015. O diário de campo, como o próprio nome indica, foi um companheiro de viagem que, em determinados momentos aceitava as nossas anotações e, em outros momentos, permitia-nos rasurar, reescrever, reportar a outras observações a partir de novos acontecimentos e experimentações, por fim, foi amigo inseparável no momento da escrita da tese. As anotações

clareavam a lembrança e faziam-nos reportar à situação ou à pessoa ou ainda ao momento no qual determinadas experimentações no campo foram concebidas. A análise de conteúdo foi fundamental para compreender e interpretar as narrativas.

Para dar início à pesquisa empírica em 2013, realizamos alguns contatos informais com pessoas da cidade, como os migrantes, empresários e líderes religiosos. O conteúdo das conversas foi anotado no diário e, mesmo que não tenham obedecido ao padrão formal de uma entrevista aberta temática, norteadas pela prévia preparação das questões, agendamento etc., foram pertinentes e forneceram informações substanciais e contribuíram para entender o modo de vida do imigrante em Nova Serrana e como ele vive sua religiosidade.

As informações coletadas e/ou produzidas pelas técnicas da observação pontual e análise documental nos possibilitaram o acesso ao histórico da cidade, ao perfil atual dos moradores; ao delineamento físico do território urbano, à divisão das classes sociais existentes, ao desenvolvimento da indústria calçadista e às atividades religiosas das diversas igrejas cristãs, principalmente.

Importante foi também contextualizar o universo estudado e as transformações ocorridas, no curto espaço de tempo, até o caráter industrial que caracteriza a cidade na atualidade.

Importa-nos em seguida apresentar, separadamente, como organizamos a aplicação das técnicas para o desenvolvimento da pesquisa proposta.

2.2.1 A análise documental

A análise documental perpassou por todo o processo de elaboração desta tese, visto que, a cada momento, estávamos atentos às publicações em sites, material impresso, como: revistas, jornais, etc., que constituíram elementos fundamentais para a composição de nossa pesquisa.

Na análise documental, “os documentos, lidos como a sedimentação das práticas sociais, têm o potencial de informar e estruturar as decisões que as pessoas tomam diariamente e, a longo prazo; eles também constituem leituras particulares dos eventos sociais” (MAY, 2004, p. 205). Levando em conta a importância de um exímio cuidado dos documentos referentes ao tema proposto na nossa pesquisa, selecionamos aqueles que apresentavam em seu conteúdo informações de fonte institucional, porém foi surpreendente verificar que os registros escritos são escassos.

Considerando que “a análise documental tem como objetivo obter dados e informações tomando como base documentos escritos ou não, mas susceptíveis de serem utilizados para

atingir o objetivo proposto” (MEDEIROS, 2012, p. 88), e que, como sugere May (2004), “incluem documentos históricos, como leis, declarações estatutárias e também os relatos de pessoas sobre incidentes ou períodos, nos quais elas estiveram envolvidas de fato” (MAY, 2004, p. 208), priorizamos, além da história de Nova Serrana, cultura, costumes, economia e religião, os registros sobre o fenômeno da imigração, o advento da indústria de calçados e seu desenvolvimento nos mercados nacional e internacional, bem como os registros de eventos religiosos e noticiários em imprensa escrita.

Examinamos também os dados dos Censos dos anos 2000 e 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nessas fontes, analisamos os dados demográficos, número de religiões, nomes das denominações religiosas, a quantidade de adeptos e as porcentagens de aumento dos mesmos das referidas denominações religiosas. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000, 2012).

Embasamo-nos também nos resultados de análises do Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômicos (DIEESE, 2012), nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e nos sites do Cadastro Geral dos Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Na cidade de Nova Serrana, nossas fontes foram: material encontrado na Biblioteca Pública Municipal “Aurélio Camilo”, como: jornais impressos, mapa, foto da bandeira e do brasão da cidade. Também utilizamos informações dos sites da Prefeitura de Nova Serrana, do Sindicato das Indústrias de Calçados de Nova Serrana (SINDINOVA, 2015), do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Calçados de Nova Serrana (SITRICANS) e da Empresa A – que trataremos oportunamente.

Curiosamente, nos diversos Órgãos Públicos da cidade, como Prefeitura Municipal, Câmara dos Vereadores, Centro de Referência Especial de Assistência Social (CREAS) e Centro de Referência de Ação Social (CRAS), não encontramos informações sobre os imigrantes¹ nem documentação oficial sobre as diversas igrejas evangélicas instaladas na cidade. Apenas os dados do Censo de 2010 do IBGE é que apresentam denominações das Igrejas, bem como o número de seus adeptos. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010a, 2010b).

¹ Fomos informados, em 2014, pela coordenadora do CREAS que a Prefeitura Municipal teria um projeto de licitação para traçar o perfil do trabalhador imigrante. A atendente do Sistema Nacional de Emprego (SINE) informou-nos da existência do Centro de Assistência Frederico Ozanam (CAFO). Lá também não encontramos documentação sobre os imigrantes.

A imprensa escrita local também foi uma das fontes documentais utilizada na pesquisa. Foram examinados jornais impressos, de vários anos passados, que narram acontecimentos da vida social da cidade, como o advento e desenvolvimento das indústrias de calçados, sobre algumas atividades religiosas da Igreja Católica e também sobre os atos de violência, principalmente acontecidos nas periferias da cidade.

Um fato curioso que merece destaque foi o encontro, na Biblioteca Pública Municipal, em abril de 2014, com a auxiliar de biblioteca, que se declarou “católica praticante”. Ela nos apresentou alguns arquivos dos periódicos da cidade que, em sua maioria, reportam sobre as indústrias de calçados e sobre a violência local. Ao ser indagada sobre o acervo referente às várias Igrejas Cristãs, a funcionária ressaltou que “a maioria das pessoas naturais de Nova Serrana é católica” (Auxiliar de Biblioteca)². Essa foi uma importante informação, pois deduzimos que os adeptos do catolicismo são, em sua maioria, os nativos e, das Igrejas Evangélicas, são, em sua maioria, imigrantes. Portanto, segundo a funcionária, “não havia interesse, por parte da Biblioteca Pública Municipal, de manter em seu acervo notícias ou reportagens de jornais, das promoções ou acontecimentos que diziam respeito às Igrejas Evangélicas presentes na cidade”. (Auxiliar de Biblioteca).

Para a coleta de dados sobre as organizações de trabalho, priorizamos a Empresa A, porque, além da disponibilidade do proprietário, ela é de médio porte e trabalha sob o regime da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), ou seja, em regime de trabalho formal e tem um número significativo de empregados, que consideramos representativo para o nosso estudo. Com ela, somam-se mais de 800 indústrias de calçados na cidade, conforme dados que serão apresentados no decorrer da tese. A referida empresa é uma indústria que está no ramo produção calçadista há mais de dezoito anos.

A Empresa A disponibilizou as fichas de seus funcionários, em que analisamos: a origem, idade, gênero e data de admissão de cada um. A análise desses documentos ajudou-nos a confirmar o quadro de imigrantes e perfilar os atores para as entrevistas. De posse dessas informações, passamos a entrar em contato e a convidar os trabalhadores para participarem de nossa pesquisa.

No decorrer das entrevistas, tomamos conhecimento da existência de uma empresa formal que terceiriza trabalhos das indústrias de calçados, que visitamos e que denominamos Empresa B. Fomos bem acolhidos pela proprietária, que se prontificou a colaborar com o estudo. Alguns fatores nos influenciaram na eleição da empresa como:

² Entrevista informal na Biblioteca Pública Municipal “Aurélio Camilo”, 20 abr. 2014.

- a) ser uma empresa prestadora de serviços para as indústrias de calçados;
- b) sua proprietária ser imigrante (diferentemente do Empresário 1, que é natural de Nova Serrana) já ter trabalhado na indústria de calçados;
- c) mesmo sendo proprietária, a Empresária 2 é administradora e trabalha, com seus funcionários, no setor de produção.

2.2.2 A observação pontual

A observação pontual em Nova Serrana teve início em 30 de maio de 2013, no feriado de Corpus Christi. Encontramos a cidade vazia e um pouco parada, visto que era quinta-feira e as pessoas costumam emendar o feriado com o fim de semana. Com isso, muitas pessoas viajam. Grande parte dos imigrantes, trabalhadores das fábricas de calçados, volta às suas origens para rever seus familiares e amigos. Informalmente, e por meio das entrevistas formais, soubemos que as empresas facilitam esse deslocamento, por intermédio da reestruturação do horário de trabalho, procurando atender à demanda dos funcionários e mantendo a tradição religiosa.

Apesar de pouco movimento, foi possível observar as atividades religiosas, na Igreja Católica São Sebastião, a mais antiga da cidade, que está localizada no centro da cidade.

Foto 1 - Igreja de São Sebastião



Fonte: Fotografia do autor.

Como o ponto central da nossa pesquisa é a vida religiosa do trabalhador imigrante de Nova Serrana, decidimos entrar na Igreja, observar e anotar todas as informações que pudessem ser captadas naquele primeiro contato. Logo na entrada encontramos um folder, que conta a história da referida paróquia, ressaltando que, em outubro de 2010, um vendaval fez com que o telhado da igreja desabasse (CHUVA..., 2010). Porém, o templo foi logo reconstruído com a ajuda dos fiéis devotos de São Sebastião, especialmente, dos empresários e dos políticos da cidade.

Nessa Igreja encontramos um templo moderno, com características de espaço comercial, bastante atraente, com sistema de refrigeração semelhante ao utilizado em algumas indústrias de calçados da cidade.

Na parede acima do altar da Igreja, como que justificando a situação do trabalho como sofrimento humano para a expiação de seu “pecado”, um painel apresentando certas partes da história sagrada se estampa. Ele constitui o cenário do presbitério e, seguramente, deve ser exposto dessa forma para que todos os fiéis se voltem para admirá-lo, quando estiverem na Igreja. Ele retrata uma sequência de narrativas bíblicas, ligadas ao sofrimento causado pelo pecado de Adão que foi expulso do paraíso – (Gn, 2, 22-24) – e teve que sobreviver à custa de seu próprio trabalho. As cenas retratam algumas passagens do Antigo Testamento que são coroadas pelo sacrifício de Jesus na cruz e ocupam o centro do cenário. Na sequência e no fim da parede, é apresentado o trabalho na indústria de calçados. A princípio como uma atividade artesanal familiar e, aos poucos, industrializada.

Foto 2 - Painel acima do altar da Igreja de São Sebastião



Fonte: Fotografia do autor.

As pessoas realçadas no referido painel, como trabalhadores das indústrias de calçados, têm um semblante resignado e triste, o que nos leva a pensar que não é prazeroso estar aí, diferentemente estão pagando um pecado.

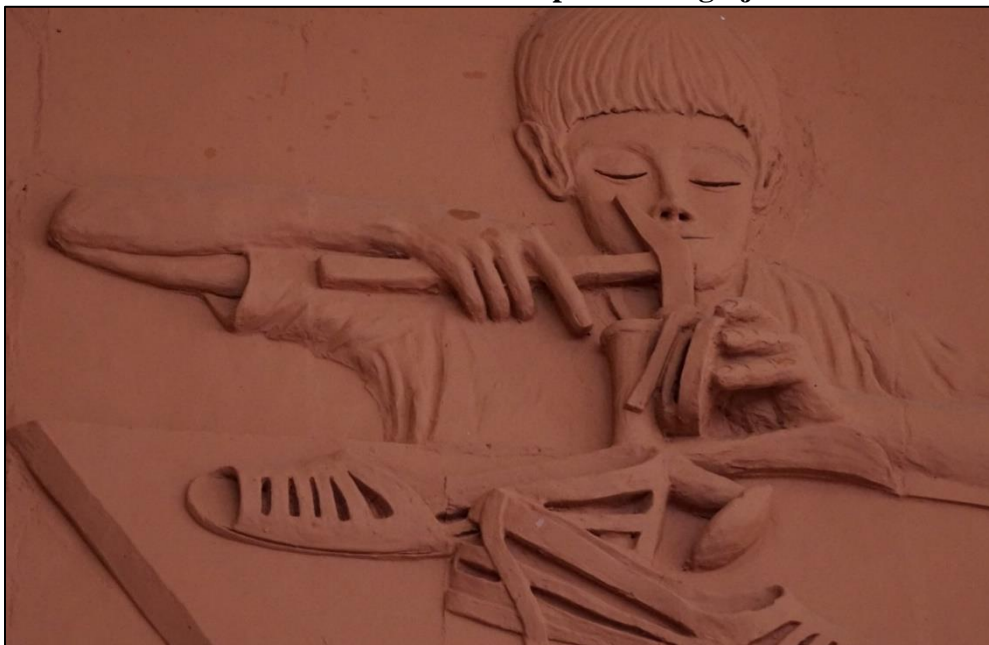
Foto 3 - O trabalho retratado no painel da Igreja São Sebastião



Fonte: Fotografia do autor.

O painel apresenta a confecção de calçados sendo exercida na família, onde até uma criança de colo faz parte. Também pode-se ver o rosto de uma criança exercendo o trabalho na indústria de calçados.

Foto 4 - O trabalho infantil retratado no painel da Igreja de São Sebastião



Fonte: Fotografia do autor.

Durante o tempo que estivemos na Igreja, naquela tarde, observamos que muitas pessoas entravam para fazer suas orações e participar da missa solene da Festa de Corpus Christi e da procissão do Santíssimo Sacramento.

Foto 5 - Bênção do Santíssimo Sacramento na Festa de Corpus Christi



Fonte: Fotografia do autor.

A maneira como percebemos as celebrações na Igreja Católica de Nova Serrana será apresentada oportunamente.

Nessa mesma oportunidade da nossa visita a Nova Serrana, conhecemos a igreja da Assembleia de Deus³, que está localizada também na região central da cidade, próxima à Igreja de São Sebastião. O ambiente para os cultos religiosos é bastante simples, quando comparado ao da Igreja de São Sebastião. Em seu interior, na frente, numa parte elevada, encontra-se ao meio uma mesa de leitura, reconhecida pelos evangélicos como púlpito. Este é utilizado para a leitura da Bíblia Sagrada e para a pregação do dirigente – geralmente um pastor – durante o ritual. Logo atrás estão colocadas várias cadeiras para acomodar as pessoas que ocupam cargos importantes na referida Congregação, como os coordenadores dos ministérios leigos. Nessa ocasião, tomamos conhecimento sobre Congresso “Aviva Centro Oeste: Nova Serrana em Chamas”, realizado pela Assembleia de Deus. Esse evento constitui de seminários, encontros e shows, e o público-alvo, de modo especial, são os empresários da cidade (será detalhado mais adiante).

³ A origem da Assembleia de Deus no Brasil: “Daniel Berg e Gunnar Vingren chegaram a Belém, do Pará, em 1910 e iniciaram esta grande obra. Fundaram a Missão de Fé Apostólica em 18 de junho de 1911, que mais tarde, em 1918, ficou conhecida como Assembleia de Deus”. (ASSEMBLEIAS DE DEUS, 2015).

O primeiro contato exploratório foi importante para organizar a observação pontual em duas etapas, a saber:

A primeira teve como objetivo compreender a organização de Nova Serrana; a divisão dos espaços físicos, a distribuição das igrejas e das fábricas, especificamente, de calçados. Observamos a população e os espaços delineados, conforme pode ser observado no mapa da cidade, em anexo. Segundo Becker (1999), “os sociólogos usam esse método quando estão especialmente interessados em compreender uma organização específica ou um problema substantivo, em vez de demonstrar relações entre variáveis abstratamente definidas” (BECKER, 1999, p. 48). Com esse mesmo objetivo, empreendemos muitas outras visitas posteriormente.

Em outras oportunidades, visitamos os bairros que compõem a cidade: o bairro central, o bairro industrial e os demais bairros periféricos. A cidade é dividida por uma rodovia BR-262, que liga a Capital do Estado à região do Triângulo Mineiro. Nos bairros periféricos, localizados do lado oposto ao centro da cidade, separados pela referida BR-262, reside a maioria dos trabalhadores imigrantes.

Foto 6 - BR 262 – marco divisor da cidade e de seus habitantes



Fonte: Fotografia do autor.

Participamos também de vários eventos promovidos pelo poder público e de algumas atividades religiosas das igrejas cristãs, como a Católica e a Assembleia de Deus. Todas as visitas e observações nos ajudaram a entender melhor a organização espacial da cidade, as

relações de seus habitantes, autóctones e imigrantes, e a demarcação social urbana.

Em Nova Serrana, o grande desafio é entender o expressivo aumento da população com a chegada dos imigrantes e os novos modos de vida que passam a nortear os indivíduos. A cidade, outrora com características agrárias, se transformou em polo industrial e enfrenta os problemas característicos das grandes cidades, como a violência, que é noticiada nos periódicos da cidade, do acervo da Biblioteca Pública Municipal “Aurélio Camilo”, nos quais encontramos os dados apontados pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais (CRISP-UFMG)⁴. A violência de Nova Serrana é atestada nas ocorrências policiais que registram homicídios, roubos, tráfico de drogas, assaltos à mão armada, casos de pedofilia, etc. Esse tema também é aludido por muitos dos entrevistados e, muito embora seja relevante na cidade, não corresponde com o objetivo dessa tese, por isso, não será tratado com profundidade.

Em 2014, visitamos a Prefeitura Municipal, na qual tivemos o primeiro contato com o Secretário de Cultura. Visitamos também os seguintes Órgãos: CREAS; CRAS (onde entrevistamos duas imigrantes); SINE; SINDINOVA; Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); SITRICANS; e CAFO – mantido pela Igreja Católica em parceria com os Vicentinos.

As visitas às comunidades religiosas aconteceram nas três Paróquias Católicas – São Sebastião (central), São Geraldo Magela (bairro Romeu Duarte) e São João Bosco (bairro Planalto – do outro lado da BR-262). E também na Igreja da Assembleia de Deus, que fica no centro da cidade.

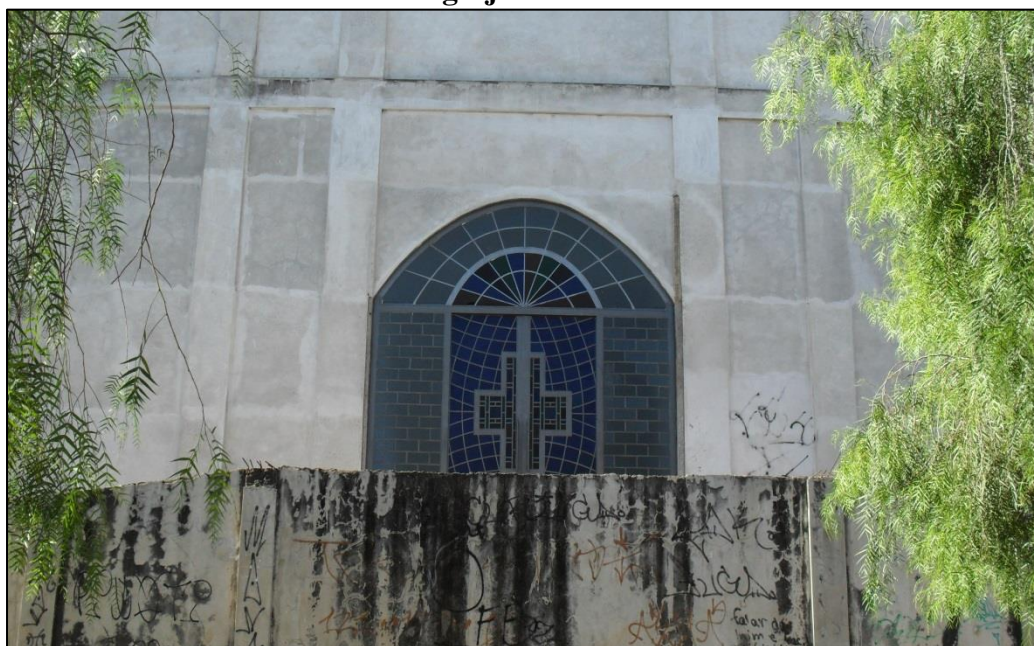
⁴ Nova Serrana é colocada em 18º lugar na classificação das cidades mais violentas do Estado de Minas Gerais, no ano de 2012. (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2012).

Foto 7 - Igreja São Geraldo Magela



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 8 - Igreja São João Bosco



Fonte: Fotografia do autor.

Identificamos e fotografamos muitas outras Igrejas Cristãs Evangélicas, principalmente, nos bairros periféricos que, registramos em anexo. Na região central encontramos algumas Igrejas Cristãs Evangélicas, além da Assembleia de Deus.

Foto 9 - Templo da Assembleia de Deus



Fonte: Fotografia do autor.

Elas geralmente estão próximas umas das outras, como exímias concorrentes no “mercado da fé”, no cenário das cidades.

Já na segunda etapa, optamos por observar o cotidiano das pessoas e as fronteiras simbólicas existentes entre a população nativa e os migrantes, as celebrações, rituais, a experiência religiosa, os cultos religiosos e as atividades que viabilizam as interações sociais. O exercício realizado nessa segunda etapa vai ao encontro do que ressalta Evaristo Moraes Filho, ao prefaciар o livro de Simmel (1983), “o que importa, porém, não é o espaço geográfico ou geométrico, e sim ‘as forças psicológicas’, os ‘fatores espirituais’, que aproximam, unem, distanciam ou separam as pessoas e os grupos”. (MORAES FILHO, 1983, p. 24).

Nas observações sobre o cotidiano, testemunhamos o movimento dos trabalhadores das indústrias de calçados, nos locais de residência, sua rotina de atravessar a rodovia para chegar ao trabalho, que é comum no período das 6h30 até as 6h50. Aproximadamente, milhares de trabalhadores atravessam a referida BR, utilizando motos, bicicletas ou a pé.

A travessia acontece em meio a um intenso trânsito de veículos que por ela trafegavam, provocando risco e perigo para os trabalhadores. Existe uma passarela antiga, porém insuficiente para o grande número de pedestres que atravessam a BR.

Foto 10 - Passarela antiga na BR 262



Fonte: Fotografia do autor.

Numa das visitas, em setembro de 2014, surpreendeu-nos as obras da duplicação da BR-262, em pleno eixo urbano. Constatamos a construção de seis passarelas, ao longo da área urbana da referida BR. Essas passarelas possibilitarão aos pedestres, em sua maioria trabalhadores das indústrias, maior segurança em seu deslocamento de casa para o trabalho e vice-versa.

Foto 11 - Construção de passarela na BR 262



Fonte: Fotografia do autor.

Tivemos a oportunidade de participar e observar algumas atividades culturais na cidade, como: a) a festa do trabalhador, de 2014 e de 2015, e a Festa do Migrante, ocorrida nos dias 13 e 14 de junho de 2015. Em todas as atividades, a Prefeitura Municipal esteve presente e, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e demais Secretarias Municipais, promoveu atividades culturais, esportivas e musicais, em parceria com o SINDINOVA. Todas as atividades foram abertas ao público, e a participação dos trabalhadores foi bastante expressiva.

Participamos também de algumas atividades religiosas, como: festa de Corpus Christi, em 2013; festa de São Sebastião, em 2015; Congresso “Aviva Centro Oeste”, 2013; festa do reinado de Nossa Senhora do Rosário, 2014 e culto na Assembleia de Deus, em 2015.

Durante esses rituais, observamos que alguns deles apresentaram maior participação dos imigrantes que outros, como exemplo, na Igreja Católica, as festas de Corpus Christi e do Reinado de Nossa Senhora do Rosário a participação dos imigrantes é mais intensa. Mesmo porque acontecem no período em que as empresas estão funcionando. Já na Festa de São Sebastião, de 20 de janeiro de cada ano – época em que as indústrias de calçados ainda encontram-se de férias – a participação dos imigrantes é muito pequena. O culto na Assembleia de Deus também foi observado durante o período de funcionamento das empresas, e o número de imigrantes é expressivo. Essas observações serão tratadas posteriormente.

Em maio de 2015, a Professora Regina Medeiros, orientadora desta tese, acompanhou-nos em uma das visitas à cidade de Nova Serrana. Nessa ocasião observamos um fato curioso, que nos causou certo estranhamento: um grande número de trabalhadores assentados no chão das calçadas das ruas, do lado de fora das indústrias de calçados, com sua marmita de comida em mão e, ali, no espaço público, em meio aos transeuntes e veículos, em coletivo, faziam as suas refeições, enquanto conversavam animadamente.

Foto 12 - Horário de almoço nas indústrias de calçados



Fonte: Fotografia do autor.

Nessa situação travamos conversas informais com eles, enquanto comiam. Entre os assuntos e narrativas, constatamos que comer na rua é uma saída dos empregados, já que o refeitório das empresas é pequeno e sem ventilação e fica em meio aos departamentos de trabalho, que exalam cheiro de cola de couro e intenso barulho das máquinas. Assim, a rua é mais agradável, além de aliviar a pressão sofrida durante o horário de trabalho dentro da empresa, os trabalhadores podem comer ao ar livre, trocar alimentos e interagir com os demais colegas. Nesse local e horário, é possível observar a sociabilidade, ajuda mútua, compartilhamento de ideias, diversão e estabelecer interações sociais.

Foto 13 - O horário de almoço é um momento de interação, mesmo na rua



Fonte: Fotografia do autor.

Em uma das entrevistas realizadas, quando indagamos sobre o horário de almoço, nosso informante Henrique declarou que almoçar sentado nas calçadas das ruas, com seus colegas de trabalho, é o momento no qual ele se sente mais à vontade, livre da pressão, da cobrança por produção em seu dia a dia.

2.2.3 A entrevista aberta temática

A técnica da entrevista aberta temática foi uma técnica utilizada para apreender as experiências dos nossos atores e para “elucidar suas condutas, na medida em que essas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações” (POUPART, 2008, p. 217), pois os indivíduos são os que estão em melhor posição para falar sobre a sua própria história.

Elaboramos, previamente, um roteiro temático, centrado nos objetivos desta pesquisa, como: entendimento da nova organização da vida do imigrante, da criação de laços afetivos, religiosos e sociais, da apropriação dos espaços de sociabilidade e como eles são incorporados aos sentidos e conceitos construídos no novo território escolhido para viver. Com todos os entrevistados combinamos que não registraríamos seus nomes verdadeiros, mas que utilizaríamos pseudônimos, para garantir o seu anonimato. Isso fez com que alguns deles se sentissem mais à vontade e disponíveis para participar da pesquisa.

Num primeiro momento, entrevistamos os trabalhadores na Empresa A. Para a escolha dos entrevistados, priorizamos os seguintes critérios: ser imigrante, possuir carteira de trabalho assinada; desejar e ter disponibilidade para participar da pesquisa e viver em Nova Serrana. Parte desses dados foi obtida pelas fichas dos empregados, disponibilizadas pela Empresa A. Apesar do acesso fácil, provocou-nos estranhamento, pois as fichas com informações dos empregados nos foram entregues, sem que eles tivessem dado autorização para isso. Dessa forma, obtivemos dados úteis para a seleção dos funcionários, como: gênero, idade, nível social, tempo que vive em Nova Serrana. Percebemos que a variedade das experiências dos trabalhadores nas indústrias de calçados e de outras modalidades de emprego, empregados e desempregados, contribuíram para que pudéssemos captar, na riqueza das narrativas, o modo de vida de muitos dos que optaram por viver na referida cidade.

Na Empresa A, foram entrevistados homens e mulheres com idades variadas, nível e formação profissional e escolar diferentes, vindos de diversos lugares do País. Alguns selecionados e, convidados, não aceitaram colaborar. Outros, porém, concordaram, mas apresentaram dificuldades na compreensão das perguntas e na elaboração das respostas. Talvez, pela formação escolar deficitária ou por timidez, foram monossilábicos, limitando-se a responder sim ou não, ou expressões curtas que deixavam no ar o entendimento. Nesses casos, limitamos o tempo da entrevista e, por isso, foram apuradas poucas informações.

A Empresa B é formalizada e se caracteriza como prestadora de serviço que terceiriza trabalhos das indústrias de calçados. Tem nove empregados. Todos possuem direitos trabalhistas regidos pela CLT e são imigrantes. Nessa empresa não há esteira de produção, mas o revezamento entre as funções ocorre da mesma forma como se existisse. Ou seja, o trabalho de um funcionário depende do trabalho do outro. A Empresária 2 facilitou o nosso acesso à sua empresa, e, como é também imigrante, concedeu-nos entrevista, bem como uma de suas funcionárias. Os demais funcionários não aceitaram participar do estudo.

Diante desses imprevistos, o número de entrevistados ficou reduzido. Muito embora seja uma pesquisa qualitativa, vimos por bem buscar novos depoimentos fora das Empresas A e B, a partir do quesito “trabalhador imigrante em Nova Serrana”. Esse empreendimento ajudou-nos na aquisição de mais dados que contribuíram para que pudéssemos compreender a realidade do imigrante. Alguns entrevistados, porém, declararam-se desempregados, mesmo assim suas narrativas foram consideradas, por retratarem uma realidade atípica e um contraponto ao processo de imigração em busca de inserção no mercado de trabalho.

A partir de então, encontramos imigrantes de várias idades e gêneros, trabalhadores nas indústrias de calçados, pequenos proprietários de empresas calçadistas, que funcionam como

as bancas ⁵ espalhadas pela cidade, ou em outras modalidades de emprego, como caminhoneiros, proprietários de pequenos estabelecimentos comerciais, pedreiros, autônomos ambulantes, profissionais de nível superior, como a secretária e a assistente social que trabalham no CRAS, balconista, membros voluntários ou não de igreja, proprietário de oficina de lanternagem e pintura de automóveis.

Foto 14 - Entrevista com um imigrante na calçada do bairro Planalto



Fonte: Fotografia de Regina Medeiros.

Algumas entrevistas foram consideradas informais, como:

A entrevistada Leontina, 52 anos, natural de Capelinha (MG), que não quis gravar entrevista, mas nos contou como passou a frequentar a Igreja Pentecostal Deus é Amor. O nosso encontro com a Leontina ocorreu na Praça da Matriz de São Sebastião, no dia de Corpus Christi do ano de 2013. Perguntamos o que ela fazia sentada ali na praça de frente à Igreja. Ela respondeu: “Sempre venho aqui. Às vezes, sinto saudades da Igreja Católica.” (Leontina)⁶.

Em 20 de janeiro de 2015, festa de São Sebastião, encontramos Margarida, 52 anos, natural de Montes Claros, que nunca frequentou escola, trabalhando em uma banca. Ela também se negou a gravar entrevista e recusou-se a posar para fotografias. Explica que quem poderia dar a “ordem” seria o seu patrão, e ele não estava ali naquele momento.

⁵ Segundo declaração da coordenadora do CREAS, “as ‘bancas’ são os lugares onde uma pessoa consegue instalar uma máquina de presponto e terceirizar os serviços das empresas formais. Aos poucos o trabalho aumenta, e novas máquinas passam a fazer parte da sala, quartos e até do quintal da residência daquela pessoa. Com o aumento da demanda para o presponto, aumentam também a contratação de mão de obra informal. Os contratados, geralmente, são imigrantes”. (Entrevista gravada no CREAS, 04 maio 2014).

⁶ Entrevista informal na Praça da Matriz, 30 maio 2013.

Foto 15 - Local de trabalho da Margarida: uma “banca” no bairro Planalto



Fonte: Fotografia do autor.

Na Praça da Igreja São João Bosco, do Bairro Planalto, conversamos com Maria, 55 anos, que estudou até a 2ª série do Ensino Fundamental, natural de Malacacheta (MG). Ela trabalha na referida praça como jardineira e não permitiu a gravação de nossa conversa.

Durante a festa do trabalhador em 1º/05/2015, conhecemos o casal Sandoval e Andressa, com os quais estabelecemos conversas, mas que não foi possível gravá-las.

Em outra visita à cidade, encontramos o Antônio, 60 anos, natural de Itororó (BA). O entrevistado estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Sua profissão é autônomo ambulante, conserta fogão, panela de pressão, desamassa e coloca cabos em painéis comuns. Sua entrevista aconteceu de maneira informal, numa sombra de árvore, numa das ruas do Bairro Planalto, enquanto ele consertava uma panela.

Foto 16 - Autônomo ambulante numa entrevista informal



Fonte: Fotografia de Regina Medeiros.

Conhecemos também Fernando, 43 anos, na Igreja Católica, no dia da festa de São Sebastião. Ele é natural da cidade de Crato, Ceará, já morou em várias cidades do Brasil, como São Paulo e Salvador. Resolveu migrar com a família para Nova Serrana, em busca de trabalho na indústria de calçados. Atualmente é pintor de paredes, porque o salário nas fábricas era baixo e não satisfaz às suas necessidades. Vive aí sozinho, porque sua família voltou para o Nordeste.

Todas as observações feitas nas entrevistas informais foram anotadas no diário de campo ou registradas por gravações, depois das conversas. Entendemos que uma gravação ou registro do discurso poderia colocar os entrevistados numa situação conflituosa em relação ao seu trabalho, rede de relações sociais, como também em relação à sua tendência religiosa.

Ressaltamos também que as entrevistas informais permitiram que os entrevistados se sentissem mais à vontade do que nas entrevistas formais, quando estas demonstraram, para alguns entrevistados, desconforto, principalmente por parte de um líder religioso da Igreja Católica – abordaremos essas questões a seguir.

Enfim, atestamos que informações obtidas não se limitaram aos funcionários da Empresa A nem da Empresa B, o que ampliou significativamente o universo de pesquisa.

Com os empregados da Empresa A, as entrevistas aconteceram no horário do almoço ou depois da jornada de trabalho. Foram realizadas em uma sala, na própria empresa. As que foram feitas após o expediente de trabalho, na sala da empresa, foram mais breves, pois o trabalhador apresentava sinais de cansaço e apressado para sair daquele local e voltar para sua

casa. Uma das entrevistas, na Empresa B, aconteceu durante o horário de almoço, em sua máquina de trabalho, já que a empresa não possuía outro lugar adequado disponível naquele momento.

Com os Empresários 1 e 2, aconteceram em suas respectivas salas. Foram observadas diferenças, especialmente nos aspectos físicos. Por exemplo, a sala do Empresário 1 é longe do barulho das máquinas, climatizada e muito bem organizada. Já a sala da empresária 2 fica dentro do processo de produção, separada por um biombo, pois a sua empresa funciona numa garagem, alugada, de um prédio.

As entrevistas com os líderes religiosos – um pastor da Igreja Assembleia de Deus e dois padres da Igreja Católica – teve como objetivo obter informação sobre a vida religiosa de seus fiéis, a sua percepção sobre os imigrantes em Nova Serrana, sobre os mecanismos religiosos para “convocar” novos integrantes à ideologia da determinada instituição religiosa, ligação das Igrejas com a política local e com os empresários. O Pastor foi escolhido pelo fato da Assembleia de Deus promover o “Aviva Centro Oeste”, que é um congresso, que tem como público-alvo os empresários da cidade.

A disponibilidade para a entrevista e a recepção que obtivemos do pastor foi surpreendente. Ele se mostrou receptivo, solícito, tranquilo e muito entusiasmado com a sua missão em Nova Serrana. Apresentou os trabalhos e ações de sua comunidade religiosa de maneira simples, porém, sem restrições, e relatou com certa coerência a situação do imigrante em Nova Serrana. Ele é natural de Crato no Ceará e veio, com sua esposa, para Belo Horizonte em busca de trabalho e declara que foi uma “aventura de jovens”. Ele conta que “fui designado para Nova Serrana há quatro anos, para assumir o cargo de Pastor Presidente da Assembleia de Deus nessa região”. (Pastor)⁷.

Entrevistamos também o padre da Paróquia de São Sebastião, que fica localizada na região central da Nova Serrana, a mais antiga da cidade, e seus adeptos são, em sua maioria, nativos e de classes sociais mais privilegiadas da cidade como também a maioria dos empresários e políticos da região.

A maioria das pessoas que compõe o Conselho Administrativo e que são conferencistas no Encontro de Casais com Cristo (ECC) da referida Paróquia são proprietárias das indústrias de calçados ou políticos da cidade.

O referido padre, apesar de ter-nos recebido, pelo que percebemos, não demonstrou uma disponibilidade para participar da pesquisa nem tampouco para elaborar as respostas de acordo

⁷ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

com as perguntas que lhe foram feitas. Muito embora aproveitamos parte de seu depoimento na escrita da tese.

Diante da dificuldade de obtermos mais informações do padre da Paróquia São Sebastião, optamos por entrevistar outro padre.

Escolhemos o pároco da Paróquia Dom Bosco, localizada no bairro Planalto, e que é uma das mais novas da cidade. O bairro abriga muitos trabalhadores imigrantes que participam do Conselho Administrativo. Ao apresentar a proposta da pesquisa, ele se manifestou aberto e receptivo. Recebeu-nos com solicitude e entusiasmo. Comentou o início do seu trabalho na cidade e, como o Pastor da Assembleia de Deus, não colocou restrições perante as indagações feitas.

Quanto à fidelização dos membros da Igreja, segundo informações do pároco, pela condição de imigrantes, muitos aproveitam os feriados prolongados com fins de semana, os períodos de festas ou suas férias para visitarem seus familiares em suas origens, o que segundo o padre, dificulta o seu trabalho pastoral que garante a fidelização, porque não dá continuidade às atividades programadas.

Os líderes católicos entrevistados e o Pastor são imigrantes, nascidos em outras cidades, vivem em Nova Serrana por determinação institucional, para o exercício das funções eclesiais⁸.

Podemos afirmar que no processo de pesquisa é importante a interação entre o pesquisador e o entrevistado. Nesse sentido, foi valorizado o ato da narrativa, pois, conforme ressalta Medeiros (2012), “o ato de narrar é então um processo que exige troca entre os sujeitos, o que só é possível na interação entre o narrador - atores protagonistas de suas histórias - e o receptor - pesquisador” (MEDEIROS, 2012, p. 67). A interação esperada aconteceu na maioria das entrevistas e, a partir do momento em que se estabelece um laço de confiança entre as duas partes, o diálogo se concretizou. A confiabilidade é um importante indicativo para o trabalho de campo.

Conforme Gaskell (2002), “toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca” (GASKELL, 2002, p. 73). A confiabilidade de ambas as partes, entrevistador e entrevistado, a segurança e, conseqüentemente, a abertura para que a entrevista possa fluir de maneira objetiva e natural, correspondem ao processo social e à interação. Para Poupart (2008), a entrevista é “um dos instrumentos de pesquisa tido como um dos mais frequentemente

⁸ O pastor da Assembleia de Deus é natural de Crato, no Ceará; um padre é natural de Itapeçerica (MG) e o outro padre é natural de Pará de Minas (MG).

empregados nas ciências sociais”, porém, segundo o autor, pode apresentar um resultado ambíguo, já que, por um lado, “as entrevistas constituem uma porta de acesso às realidades sociais apostando na capacidade de entrar em relação com as outras” (POUPART, 2008, p. 215). Por outro lado, “essas realidades sociais não se deixam facilmente apreender, sendo transmitidas através do jogo e das questões das interações sociais que a relação de entrevista necessariamente implica” (POUPART, 2008, p. 215).

Nesse processo, é fundamental aludir à constatação do cuidado, por parte do pesquisador, no que o método lhe impõe. É como trilhar por uma linha tênue, que lhe exige, enquanto entrevistador, “um exercício cuidadoso de argumentação e negociação para estimular a confiabilidade dos atores envolvidos” (MEDEIROS, 2012, p. 70), evitando o desconforto do afastamento ou fechamento dos entrevistados. Essa atitude, ainda segundo a autora, gera confiança e é “absolutamente necessária ao processo de aproximação, compartilhamento e disposição para o trabalho conjunto, característica fundante das pesquisas qualitativas” (MEDEIROS, 2012, p. 70). Ou seja, ajuda a obter melhores resultados que facilitam a análise, pois, parte do estímulo do entrevistador e do seu poder de argumentação e negociação proporciona ao entrevistado a confiança e a abertura na resposta.

Um fato interessante, digno desse registro, e que pode servir como exemplo do estudo empírico, do que aludiram os teóricos acima, aconteceu com um dos entrevistados no bairro Planalto. Encontramos o Ricardo, sentado numa calçada próxima à sua residência, paramos e conversamos um pouco com ele sobre o objetivo da abordagem. Ele aceitou conceder-nos a entrevista.

No primeiro momento, Ricardo, como alguns entrevistados, manifestou-se desconfiado e não entendendo muito bem o rumo da prosa. Aos poucos percebeu que era a história pessoal dele que estava sendo valorizada e se empolgou. Falou de tudo e de todos. Falou do trabalho, da religião, da família, dos seus pais, da primeira esposa, do filho que deixara com os seus pais – que vivem num sítio, próximo de Nova Serrana –, quando passou a viver com a atual mulher, entre outros assuntos.

Para nossa surpresa, ao final, o entrevistado nos convidou para tomar um café em sua casa que não ficava tão longe dali. Entrando num barraco nos fundos de uma casa, o entrevistado ligou a televisão 14’ que havia na sala e pediu para a mulher fazer um café para ele e seu amigo⁹.

⁹ O café foi servido, a conversa deu-se por encerrada, pois fora substituída por um programa de TV pela voz da Fátima Bernardes, em seu programa “Encontro”, da TV Globo, já que a imagem da televisão estava ruim.

Além da televisão ligada e do café servido num copo de massa de tomate “Elefante” – já que o rótulo ainda se encontrava nele –, a interação entre entrevistador e entrevistado aconteceu de maneira significativa. Entendemos, portanto, que a vida que buscávamos ser ouvida, por meio da história que pudesse ser narrada, revelou-se espontânea e humilde, como abertura de portas daquele barraco dos fundos e no estabelecimento de uma relação com o tão recente “amigo” que há pouco lhe interceptara para uma entrevista.

As entrevistas com os trabalhadores imigrantes foram divididas em três partes: A primeira foi subdividida em dois blocos: o primeiro teve como objetivo conhecer o perfil e a motivação do imigrante para viver em Nova Serrana. E, o segundo, o foco foi a chegada do imigrante em Nova Serrana.

A segunda parte, com apenas um bloco, tratou da rede de sociabilidade do trabalhador, em suas origens e no novo território.

A terceira parte, também com um bloco, tratou da religiosidade do entrevistado em Nova Serrana.

Com a liderança religiosa e empresários, foram elaborados roteiros diferentes e correspondentes ao objetivo de cada modalidade de entrevista.

Para os empresários, foi elaborado um roteiro, considerando alguns itens do roteiro dos imigrantes como: sobre o perfil do empresário, alguns elementos históricos da indústria de calçados em Nova Serrana e o desenvolvimento da cidade e sobre os imigrantes e sobre o trabalho em Nova Serrana. Para a empresária 2 ao roteiro foi acrescentada sua experiência enquanto imigrante em Nova Serrana.

Para os líderes religiosos, foi elaborado um roteiro, levando em consideração alguns temas que consideramos pertinentes como: visão dos líderes religiosos quanto à procura dos imigrantes por suas igrejas; trabalhos realizados pela comunidade religiosa direcionados aos imigrantes; ação social da referida comunidade; possibilidade de parcerias entre as Igrejas Cristãs para atender melhor os novos moradores imigrantes de Nova Serrana e o relacionamento da Igreja com outros setores sociais, como empresários e políticos da cidade.

Com os líderes religiosos católicos, além dos temas apresentados acima, acrescentamos perguntas sobre o aumento das Igrejas Evangélicas na cidade.

A maioria das entrevistas foi realizada entre os meses de janeiro e agosto de 2015. Salvo as exceções, com as pessoas que obtivemos contatos informais, no início do trabalho empírico, quando das visitas para a observação pontual, entre maio de 2013 e agosto de 2015. Entre todos os contatos com os imigrantes, algumas entrevistas foram gravadas, transcritas, organizadas a partir das categorias analíticas, e reportadas aos textos correspondentes, durante o

desenvolvimento da tese.

Além dos entrevistados que foram monossilábicos, ou não conseguiram dar a entrevista, conforme aludido anteriormente, encontramos aqueles que não quiseram gravar entrevista, que consideramos fontes informais da pesquisa de campo de extrema importância.

Por fim, cabe uma reflexão sobre o percurso empreendido, visto que podemos afirmar que a imersão no campo aconteceu e proporcionou-nos uma experimentação nova no campo das ciências sociais. Mesmo não sendo uma etnografia a proposta para este trabalho, o campo nos levou a entender que, na lógica construída, é fundamental que o indivíduo perceba o mundo nos significados que ele dá para sua própria vida. Essa experiência nos leva a interessarmos-nos por descortinar outros campos de conhecimento das ciências sociais, incluindo um estudo etnográfico futuro.

2.3 Perfil dos participantes da pesquisa

Identificamos os entrevistados, tanto os que nos permitiram gravar e registrar as entrevistas como aqueles que estavam de acordo com as gravações: os empresários, líderes religiosos e trabalhadores. Além das entrevistas formais, incluímos aqueles que encontramos nas ruas, praças e até mesmo numa “banca”, pois foram, igualmente, importantes para a pesquisa.

Os quadros abaixo apresentam o perfil dos atores sociais. Como mencionado acima, identificamos os entrevistados por pseudônimos.

2.3.1 Perfil dos empresários

Tabela 1- Perfil dos empresários

Nº	Nome	Idade	Origem	Escolaridade	Tempo de Estada Em Nova Serrana	Razão de Estar em Nova Serrana	Profissão	Religião
1	Empresário 1	40	Nova Serrana	Superior Completo	40 anos	Nativo	Empresário	Católica
2	Empresária 2	36	Malacacheta (MG)	8ª Série Ens. Fund.	22 anos	Trabalho	Empresária	Católica

Fonte: Elaborada pelo autor.

2.3.2 Perfil da Coordenadora do CREAS

Tabela 2 - Perfil da Coordenadora do CREAS

Nº	Nome	Idade	Origem	Escolaridade	Tempo De Estada em Nova Serrana	Razão de Estar em Nova Serrana	Profissão	Religião
01	Solange*	40	Nova Serrana	Sup. Compl.	40 anos	Nativa	Assistente Social	Católica

Fonte: Elaborada pelo autor.

2.3.3 Perfil dos líderes religiosos

Tabela 3 - Perfil dos líderes religiosos

Nº	Nome	Idade	Origem	Escolaridade	Tempo de Estada em Nova Serrana	Razão de Estar Em Nova Serrana	Profissão	Religião
1	Pároco da Par. S. Sebastião	62	Itapecerica (MG)	Superior Completo	7 anos	Trabalho	Padre	Católica
2	Pároco da Par. S. João Bosco	42	Pará de Minas (MG)	Superior Completo	2 anos	Trabalho	Padre	Católica
3	Pastor da Assembleia de Deus	50	Crato (CE)	Superior Completo	4 anos	Trabalho	Pastor	Evangélica

Fonte: Elaborada pelo autor.

2.3.4 Perfil dos imigrantes

Tabela 4 - Perfil dos imigrantes

Nº	Nome	Idade	Origem	Escolaridade	Tempo De Estada Em Nova Serrana	Razão De Estar Em Nova Serrana	Trabalho Exercido	Religião
01	Valter	54	Capelinha (MG)	3ª Série Ens.Fund.	2 Meses	Visitar família	Pedreiro	Evangélica
02	Júlio	23	Arapiraca (AL)	Ensino Médio Completo	4 Meses	Trabalho	Confeiteiro	Evangélica
03	Pedro	24	Girau (AL)	Ensino Médio Completo	6 Meses	Trabalho	Pizzaiolo	Evangélica
04	Marco	25	Divinópolis (MG)	1º ano Ens. Médio	20 anos	Trabalho	Apontador	Católica
05	Henrique	26	Carmópolis (MG)	6ª Série Ens. Fund.	16 anos	Trabalho	Operador de Injetora	Católica
06	Luiz	18	Itororó (BA)	8ª Série Ens. Fund.	1 ano e meio	Trabalho	Comerciário	Católica
07	Claudenir	21	Guaraci (BA)	1ª Série Ens. Médio	4 meses	Trabalho	Serviços Gerais	Católica
08	Geovani	19	Itororó (BA)	7ª Série Ens. Fund.	1 semana	Trabalho	Serviços Gerais	Evangélica
09	Jussara	16	Sto. Antônio das Missões (RS)	6ª Série Ens. Fund.	5 anos	Trabalho	Recepcionista	Católica
10	Cláudia	33	Martinho Campos (MG)	1ª Série Ens. Fund.	10 anos	Trabalho	Secretária	Católica
11	Matilde	35	Poté (MG)	Ensino Médio Completo	14 anos	Trabalho	Gerente	Católica
12	Fernanda	36	Pitangui (MG)	5ª Série Ens. Fund.	18 anos	Trabalho	Controladora de Estoque	Evangélica
13	Geraldo	46	Itororó (BA)	4ª Série Ens. Fund.	2 anos e meio	Trabalho	Motorista de Caminhão	Católica
14	Reginaldo	28	Pompéu (MG)	4ª Série Ens. Fund.	12 anos	Trabalho	Gerente	Evangélica
15	Maristela	39	Várzea da Palma (MG)	5ª Série Ens. Fund.	8 anos e 7 meses	Trabalho	Prespontadeira	Evangélica
16	Antônio	27	Caririaçu (RN)	8ª Série Ens. Fund.	10 anos	Trabalho	Aux. de Supervisor	Católica
17	José Teobaldo	24	Poté (MG)	Ensino Médio Completo	5 anos	Trabalho	Supervisor de Montagem	Católica
18	Ricardo	28	São Paulo (SP)	7ª Série Ens. Fund.	17 anos	Trabalho	Injetor	Católica
19	Vanilda	27	Malacacheta (MG)	Superior Completo	22 anos	Trabalho	Secretária	Católica
20	Lecimar	43	São Paulo (SP)	Superior Completo	23 anos	Trabalho	Assistente Social	Evangélica
21	Petrolina	21	Campinha Grande (PA)	4ª Série Ens. Fund.	3 anos	Trabalho	Serviços Gerais	Evangélica
22	Remilda	24	Água Boa (MG)	5ª Série Ens. Fund.	5 anos	Trabalho	Prespontadeira	Católica
23	Pedro Afonso	35	Poté (MG)	Superior Completo	16 anos	Trabalho	Gerente	Católica
24	Rinaldo	32	Cariaçu (CE)	8ª Série Ens. Fund.	4 anos e meio	Trabalho	Zelador	Católica
25	Vilma	36	Araújos (MG)	5ª Série Ens. Fund.	36 anos	Trabalho	Costureira	Evangélica
26	Francisco	48	Dores do Indaiá (MG)	8ª Série Ens. Fund.	29 anos	Trabalho	Comerciante	Evangélico
27	José Flavio	32	Cuiabá (MT)	Ensino Médio Completo	22 anos	Trabalho	Vigilante	Católica
28	Valdeílson	42	Capelinha (MG)	Ensino Médio Completo	13 anos	Trabalho	Secretário	Católica
29	André	26	Bom Despacho (MG)	Ensino Médio Completo	14 anos	Trabalho	Lanterneiro	Católica

Nº	Nome	Idade	Origem	Escolaridade	Tempo De Estada Em Nova Serrana	Razão De Estar Em Nova Serrana	Trabalho Exercido	Religião
30	Antônio*	60	Irororó (BA)	4ª Série Ens. Fund.	20 anos	Trabalho	Autônomo Ambulante.	Evangélica
31	Sandoval*	27	Irororó (BA)	4ª Série Ens. Fund.	14 anos	Trabalho	Gerente	Não tem. Prefere Evangélica
32	Andressa*	17	Irororó (BA)	3ª série Ens. Fund.	6 anos	Trabalho	Prespontadeira	Não tem. Prefere Evangélica
33	Maria*	55	Malacacheta (MG)	2ª Série Ens. Fund.	10 anos	Trabalho	Jardineira	Evangélica
34	Margarida*	52	Montes Claros (MG)	Analfabeta	10 anos	Trabalho	Serviços Gerais	Católica
35	Leontina*	52	Capelinha (MG)	Analfabeta	20 anos	Trabalho	Doméstica	Igreja Pentecostal Deus é Amor
36	Fernando*	43	Crato (CE)	4ª Série Ens. Fund.	2 anos	Trabalho	Pintor de Parede	Católico

Fonte: Elaborada pelo autor.

2.4 Procedimentos para análise do material coletado/produzido

Para fazer a análise das informações obtidas, recorreremos ao teórico John Scott, que sugere três níveis de interpretação de significado, ou seja, “primeiro, os significados que o autor pretendia produzir”, o sentido dado à situação, baseado nas palavras proferidas pelos entrevistados. “Segundo, os significados recebidos como são construídos pelo público em situações sociais diferenciadas e, terceiro, os significados internos nos quais os semióticos concentram-se exclusivamente” (SCOTT apud MAY, 2004, p. 215). Conforme o autor, é importante a análise do que, implicitamente, está contido no documento, ou na fala dos entrevistados. Em se tratando do material coletado, ratificamos a importância de todas as fontes documentais ou faladas, gravadas ou informais que pudemos obter em nossa investigação.

Para May (2004), “assim como os textos organizam, eles também são organizados pelas atividades locais, e quer apareçam em uma forma impressa ou eletrônica, argumenta-se que eles possuem a propriedade da replicabilidade infinita” (MAY, 2004, p. 215).

Para a análise das entrevistas, seguimos as orientações ressaltadas pelos autores Colognese e Mello (1998) e por Gaskell (2002). “inicialmente deve-se identificar, numerar e paginar as entrevistas, como forma de evitar a omissão e privilegiamento de algumas em detrimento das demais (COLOGNESE; MELO, 1998, p. 152). Nesse sentido, depois de selecionar as entrevistas, fizemos um quadro com algumas informações que poderiam nos ajudar na compilação das informações. A seguir, na identificação das categorias que norteariam a análise, elaboramos “uma matriz com os objetivos e finalidades da pesquisa colocados como temas no título das colunas, e o que cada entrevistado diz, como se fossem as linhas” (GASKELL, 2002, p. 85). Isso para ajudar a estruturar os dados e apresentar as narrativas de forma compreensível.

No quadro elaborado, ressaltamos os seguintes pontos: identificação: nome, origem, idade, grau de instrução, tempo de estada em Nova Serrana, rede de influência para emigrar, razão de estar em Nova Serrana, religião e observações. Na parte das observações, além das que fizemos, baseando-nos nas anotações do diário de campo, englobamos também o conteúdo das falas dos entrevistados identificando, num primeiro momento, alguns temas, como: família, religião, cidade de Nova Serrana, lazer, conversão, etc., o que também ajudou-nos, posteriormente, na identificação das categorias.

Também é importante entender, a partir da análise do material apurado, como nas observações pontuais, na análise documental e, mais especificamente, nas entrevistas com os diversos atores que colaboraram com a pesquisa: a percepção dos indivíduos a respeito da

cidade que os acolhe, das relações de trabalho que são tecidas e como eles encontram outras formas para a sua sobrevivência, além do trabalho nas indústrias de calçados, quando não são correspondidas suas expectativas profissionais. Há também a referência à falta de espaço na cidade para o lazer e as táticas utilizadas pelos indivíduos para supri-la.

Logo em seguida, subdividimos o quadro das observações, elaborando outros quadros para cada tema levantado. A separação dos temas ajudou-nos no embasamento das categorias identificadas a partir das hipóteses levantadas e que nortearam a tese.

2.4.1 Categorização do material apurado

Seguimos, nesse primeiro passo da compilação e análise do material coletado, levando em conta que “após a organização das informações é necessário elaborar categorias que permitam a leitura seletiva dos textos de entrevista”, que não pode ser aleatória, e sim “deve ser orientada pela problemática e pelas hipóteses da pesquisa” (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 153). Para a sintonia com a problemática e as hipóteses, na análise dos resultados das narrativas, mantivemos a ordem que, previamente, havia considerado – problemática e hipóteses – como norteadoras dos temas propostos nas entrevistas.

Para a organização dos resultados, elaboramos as seguintes categorias analíticas: trabalho, imigração, mobilidade, indústria de calçados, lazer, vulnerabilidade, sociabilidade, redes sociais, relações familiares, moradia, integração, inserção, sobrevivência, identidade, retorno às origens, religiosidade e conversão religiosa.

Para a identificação das categorias, elaboramos uma legenda com diversas cores, para facilitar a interpretação dos discursos dos entrevistados. Esse procedimento foi importante para nortear a compreensão sobre os aspectos coincidentes e divergentes nas narrativas dos entrevistados e apreender, em conjunto, as representações sociais.

Na elaboração da análise das informações consideramos também a observação pontual em rituais, nossa experiência em campo, anotações das conversas informais que serviram de inspiração e base para algumas das reflexões apresentadas.

Complementando, utilizamos as anotações efetuadas na observação pontual, parte de alguns depoimentos ressaltados nas entrevistas com os diversos atores que compõem a pesquisa que, juntos, no decorrer da escrita, auxiliaram-nos na leitura e no diálogo com a teoria.

3 A CIDADE DE NOVA SERRANA: UM LUGAR PARA SE TRABALHAR?

Nova Serrana é uma cidade localizada na região Centro-Oeste do Estado de Minas Gerais, a 112 km da Capital - Belo Horizonte.

Foto 17 - Chegada em Nova Serrana

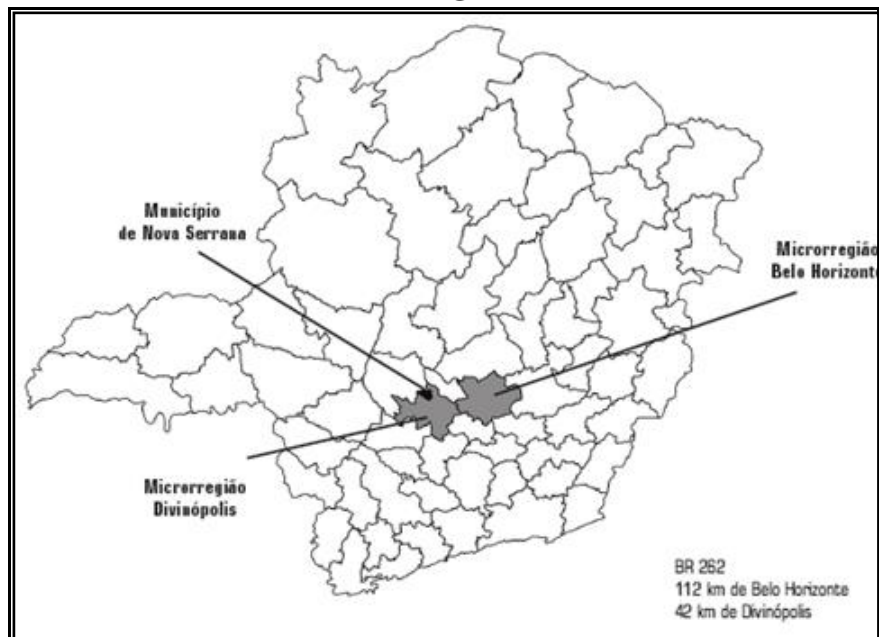


Fonte: Fotografia do autor.

Em Nova Serrana, tudo começou com uma paragem, que possuía apenas um curral e uma hospedaria para viajantes. Mais tarde, ao longo do século XIX, esse lugarejo se transformou em um arraial (SANTOS, 2009, p. 41), denominado, primeiramente de “Cercado”, Distrito do Município de Pitangui, definido pela Lei nº 1.622, de 05/11/1869¹⁰.

¹⁰ Foi “elevada à categoria de cidade com denominação de ‘Nova Serrana’ pela Lei Estadual nº 1.039, de 12/12/1953 e instalada em 01/01/1954” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010b).

Mapa 1 - Localização e região de influência da indústria de calçados de Nova Serrana, MG



Fonte: (SUZIGAN et al., 2005, p. 100).

De acordo com os dados do IBGE, no ano 2000, a população residente em Nova Serrana era de 37.447 pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010d), porém em 2010 o número passou para 73.719 pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010b). O crescimento constatado na população de Nova Serrana é, em grande parte, resultado do aumento do número de indústria de calçados na cidade.

Foto 18 - Vista da área central de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

O aumento demográfico, em Nova Serrana, MG, constatado na década de 2000, como apresenta o Censo de 2010, do IBGE (2010a), tem como um dos principais motivos o desenvolvimento da indústria de calçados que, conseqüentemente, atraiu milhares de pessoas vindas de várias partes do País para corresponder à demanda de mão de obra das centenas de empresas do ramo que se instalaram na cidade.

3.1 A importância do trabalho na vida humana

O trabalho tem um papel fundamental na vida dos indivíduos e na análise sobre a organização social, principalmente, “para as nossas sociedades ocidentais, industriais ou pós-industriais, pelo fato de se constituir uma dimensão essencial para a sociedade e, portanto, um caminho para se conhecer a própria sociedade, suas dinâmicas e crises”. (ALMEIDA, 2009, p. 50). A esfera da produção e a profissionalização, no entender da autora, sustentam a vida humana, pois “se converteram em um dos eixos da existência que, junto com a família, constitui um sistema de coordenadas que enquadram a existência do sujeito nesse período”. (ALMEIDA, 2009, p. 50).

Esse ideal se modifica quando “o homem é dominado pela geração de dinheiro, pela aquisição como propósito final da vida” (WEBER, 2012, p. 51). O cidadão passa a vislumbrar outros interesses, além da satisfação de suas necessidades materiais, principalmente, o consumo. Weber afirma que “essa inversão daquilo que chamamos de relação natural, tão irracional do ponto de vista ingênuo, é evidentemente um princípio guia do capitalismo, da mesma forma que soa estranha para todas as pessoas que não estão sob a influência capitalista”. (WEBER, 2012, p. 51). O que se entende dessa afirmação é que, sob a influência capitalista, o trabalho alcança outras dimensões, perdendo o caráter natural. À custa da satisfação das necessidades, os trabalhadores investiram grande parte de suas vidas nas organizações cujo modelo, tradicional, lhes garantia estabilidade, promoção de cargos e salários compatíveis às funções exercidas, participação na hierarquia empresarial, etc.

Durante um longo tempo, “as corporações aprenderam a arte da estabilidade, assegurando a longevidade dos negócios e aumentando o número de empregados” (SENNETT, 2006, p. 27). Para Durão e Marques (2001), o modelo tradicional das empresas apresenta-se como “lugar concentrado onde se detectam a alteridade e as ambivalências que destas derivam”. As autoras ressaltam ainda que “a cada nível hierárquico estão associadas competências, funções, expectativas, responsabilidades e níveis salariais diversos” (DURÃO; MARQUES, 2001, p. 49-50). Em contrapartida, contribuía para despertar o sentimento de pertença passando

o trabalhador a sentir-se parte integrante da empresa. Nessa perspectiva, a ideia de empregabilidade passa, como afirma Sorj (2000) “o emprego era, também, em geral, geograficamente concentrado nas grandes empresas”, que provocava a sensação de estar amparado e, ao mesmo tempo, conquistando um determinado status social. A autora ressalta ainda que até os anos 1970, nas sociedades avançadas, o chamado “emprego em tempo integral e para a vida toda era uma forte referência tanto no planejamento organizacional das empresas, como no horizonte existencial dos trabalhadores” (SORJ, 2000, p.31). O modelo tradicional de trabalho passou por transformações e, na atualidade, tem modificado tanto as organizações como também a própria vida dos trabalhadores.

Segundo Sennett (2006), “no trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo”, pois o modelo das organizações, na atualidade, não comporta mais “um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho” (SENNETT, 2012, p. 21). Diferentemente, as pessoas são contratadas com diversas experiências no mundo do trabalho, com capacidade para flexibilização e com contrato a “curto prazo” não garantindo a estabilidade. Esse fato é marcado a partir dos anos 1990, quando as empresas propõem contrato “sem garantia de regras trabalhistas previstas em lei (emprego de carteira assinada), seja pelo mecanismo de terceirização, seja pela relação de trabalho denominada como autônomo que trabalha para uma empresa, o PJ [Pessoa Jurídica]” (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, 2012, p. 70).

A realidade apresentada pelo DIEESE (2012) é observada nas indústrias de calçados em Nova Serrana, onde prevalece o índice de terceirização de contratos precários, sem garantia de continuidade e com salários às vezes fora da média.

3.2 Histórico e desenvolvimento de Nova Serrana como polo calçadista brasileiro.

Nova Serrana, ao longo de sua história, experimentou, entre diversas mudanças, a reestruturação nas relações da população nativa e, com isso, absorveu características da cidade grande, mesclando-as com a cultura rural e se transformando, como ressalta Wirth (1938): “em nenhum lugar do mundo a humanidade se afastou mais da natureza orgânica do que sob as condições de vida características das grandes cidades”. (WIRTH, 1938, p. 90). Como consequência, Nova Serrana teve um crescimento demográfico significativo, atraindo um grande número de pessoas de várias regiões do Brasil, que chegavam em busca de trabalho.

Numa entrevista realizada, o Empresário 1 remonta a história:

eu sou nascido e criado aqui na cidade e acompanhei o crescimento e desenvolvimento da cidade. Eu me lembro, quando criança, dos poucos bairros que havia na cidade, e a população era pequena. Lembro-me ainda das ruas esburacadas, dos campinhos de futebol. As ruas que tinham, né? Tinha a rua do meio, a rua de cima, a rua de baixo, a rua da várzea... E tinha a igreja matriz. Naquela época da minha infância e, até poucos anos atrás, como a cidade era pequena, tudo era muito mais fácil. Todo mundo conhecia todo mundo. O lazer era muito mais tranquilo. As crianças cresciam sem medo. Eu mesmo cresci brincando na rua, jogando bola na rua. Eu passava muito tempo na rua. A cidade era muito tranquila. Não tinha a violência que tem atualmente. Hoje é muito arriscado deixar as crianças na rua. Eu me lembro de que morava num bairro, comecei a estudar numa escola com seis anos e mudei para outro bairro e a escola que eu frequentava era muito longe da minha casa. Eu ia com meu irmão, eu com sete e, ele, com nove. E nós atravessávamos a cidade sozinhos. Sempre muito tranquilos. Às vezes, eu ia sozinho para escola, com sete anos. Hoje não temos mais o que tínhamos de uma cidade de interior que era muito pacata. (Empresário 1)¹¹.

Diferentemente da sociedade rural, que até pouco tempo existia, Nova Serrana apresenta identidade, ou seja, é uma cidade industrial. Segundo Wirth (1938) “é de se esperar que os traços pessoais, as ocupações, a vida cultural e as ideias dos membros de uma comunidade urbana poderão, por isso, variar entre polos mais amplamente separados do que aqueles de habitantes rurais” (WIRTH, 1938, p. 99).

Em Nova Serrana, como nas demais cidades que experimentaram e experimentam o crescimento, ocorre a suposta mudança do modo de vida dos indivíduos que a compõem, transformação e construção do modo de vida urbano. Ou seja, “descrito sociologicamente como consistindo na substituição de contatos primários por secundários”. O resultado se apresenta no “enfraquecimento dos laços de parentesco e no declínio do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social” (WIRTH, 1938, p. 109).

O que pode ser observado em Nova Serrana é que “a organização da produção de calçados como atividade industrial começou na década de 1950” (SUZIGAN et al., 2005, p. 102). Os autores afirmam ainda que, antes de 1950, a população dedicava-se às “atividades agrícolas e de pecuária leiteira, parece ter criado as condições iniciais para o surgimento da produção artesanal de artigos de couro e botinas rústicas” (SUZIGAN et al., 2005, p. 102), que eram vendidas para os tropeiros que passavam pela região. Muito bem representada na bandeira e em seu brasão, que trazem estampados arroz e milho, representando a atividade primária, tipicamente rural. Além disso, o couro, a sovela¹² e o martelo, também estampados nos

¹¹ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

¹² “Instrumento formado por uma espécie de agulha reta ou curva, com cabo, com que os sapateiros e correeiros furam o couro para o costurar.” (GRANDE..., 2012).

símbolos da cidade, representam a atividade de confecção de calçados.

Figura 1- Brasão de Nova Serrana



Fonte: Fotografia de Carlos Henrique Soares

3.3 A origem e desenvolvimento da indústria de calçados de Nova Serrana

O distrito de Pitangui, denominado “Cercado”, abrigou imigrantes portugueses que, na época do império, vinham em busca das pedras preciosas das Minas Gerais. Segundo Freitas e Fonseca (2002), o primeiro nome de Nova Serrana foi “Fazenda Barra Grande do Cercado, documentado em 1787. [...] No terceiro decênio do século XIX, tornara-se simplesmente Fazenda do Cercado, pertencente ao Senhor Custódio Martins Vieira” (FREITAS; FONSECA, 2002, p. 163).

Na Fazenda era explorada a cana-de-açúcar e, depois, o “plantio e transformação do algodão”. O algodão, segundo os historiadores, ganhou o nome de “ouro branco”, devido aos lucros obtidos com o aumento da produção, e, em pouco tempo, foi preciso fazer investimentos em maquinários para a transformação do algodão em tecidos. (FREITAS; FONSECA, 2002, p. 164).

Do algodão, a economia da região passou para o cultivo da mandioca e a fabricação de farinha e polvilho, que representou a base econômica do distrito. Na região do distrito de Cercado era cultivado também o arroz e o milho e, no Século XIX, já havia alguns produtores de sapatos de couro, porém, com pouco sucesso.

A primeira fábrica de sapatos do distrito de Cercado surgiu em 1938. O Sr. Geny José Ferreira (1923-2009) foi quem se aventurou e conseguiu montar o negócio, “a produção inicial da sapataria de Geny, registrada com o nome de Fábrica de Calçados Oeste, era pequena: cerca de vinte pares de botinas por dia” (FREITAS; FONSECA, 2002, p. 157). No jornal semanário *O Popular* (2011) foi registrado em uma matéria a história do primeiro sapateiro, o “Geny das Botinas”. (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2011b).

Freitas e Fonseca (2002) destacam o início do trabalho dos imigrantes como ajudantes na fábrica de calçados, “Geny contou, inicialmente, com o auxílio do “Sô Artur”, um pernambucano, “entendido de tudo”, talvez o primeiro modelista de Nova Serrana”. Aos poucos vieram outros considerados “aprendizes, auxiliares e futuros fabricantes das botinas rangedeiras” (FREITAS; FONSECA, 2002, p. 157).

A matéria-prima para a confecção dos calçados era produzida em curtumes¹³ que existiam na própria região. A partir da emancipação do distrito de Cercado para a cidade de Nova Serrana, a região passou a prosperar. Segundo Freitas e Fonseca (2002), dois acontecimentos, na década de 1960, serviram de alavanca para o desenvolvimento da cidade: “a geração e distribuição de energia elétrica pela então Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG) e a abertura da BR-262.” (FREITAS; FONSECA, 2002, p. 160). Esses empreendimentos foram significativos para que Nova Serrana expandisse a produção de calçados e se tornasse, rapidamente, conhecida como uma das maiores cidades produtoras de calçados do País.

O que se constata é que a produção de calçados constitui o fator preponderante para o crescimento de Nova Serrana.

3.4 O processo de desenvolvimento industrial de Nova Serrana na primeira década do século XXI

O crescimento da indústria brasileira, a partir dos incentivos tributários do governo federal, na primeira década do Século XXI, fomentou a ampliação do mercado consumidor, automaticamente, passou a gerar mais emprego, especialmente, de carteira assinada. Popularmente, trabalhar “fichado” representa a garantia dos direitos trabalhistas, principalmente para aqueles que têm pouca formação escolar e qualificação profissional.

¹³ Local onde são curtidos e processados os couros de animais.

Em pesquisas do DIEESE (2012) sobre o mercado de trabalho na década de 2000 a 2010, no Brasil, constata-se que “foram gerados um milhão de novos postos de trabalho com carteira assinada, segundo Relação Anual de Informação Social (RAIS) do Ministério do Trabalho”, decorrentes das políticas de emprego no País.

O que se experimentou, na primeira década do século XXI, no que tange ao mundo do trabalho, foi um tempo de “resgate”, ou recuperação do emprego industrial, que se estendeu até às cidades de pequeno porte, incluindo Nova Serrana que, nas últimas décadas, apresentou um crescimento bastante expressivo nas indústrias de calçados. Consequentemente, a absorção de mão de obra, o que o DIEESE (2012) denominou “nítida interiorização do emprego”. (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, 2012, p. 82).

Santos, Crocco e Simões (2002) ressaltam que “a indústria de calçados é disparadamente o setor industrial mais importante tanto em Nova Serrana quanto na microrregião a que ela pertence. A produção de calçados e as atividades relacionadas respondem por cerca de 80% da atividade municipal.” (SANTOS; CROCCO; SIMÕES, 2002, p. 9). Além da cidade de Nova Serrana, o setor industrial chegou à microrregião de Divinópolis: Araújos, Bom Despacho, Conceição do Pará, Divinópolis, Igaratinga, Leandro Ferreira, Onça do Pitangui, Pará de Minas, Perdigoão, Pitangui e São Gonçalo do Pará. (CROCCO, et al., 2003, p. 93).

Ao analisar os jornais impressos da cidade, e outros artigos e revistas nacionais, da década de 2000 a 2010, encontramos matérias sobre o crescimento industrial em Nova Serrana. Por exemplo, o programa da Rede Globo de Televisão, Pequenas Empresas, Grandes Negócios, de agosto de 2008, “como um dos 25 melhores municípios para receber investimentos de empreendedores brasileiros” (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2008b). Esse fato foi relatado pelo Empresário 1:

a indústria de calçados, no final da década de 1970, contava com cerca de 100 empreendimentos. Ao final da década de 1980, esse número praticamente dobrou. Ao final da década de 1990, esse número praticamente passou para cerca de 400 indústrias. Na década de 1990 até o ano 2000 teve um crescimento maior. A cidade chegou a um número de mais de 800 indústrias de calçados, formalizadas, ao final da década de 2000. Quando as indústrias calçadistas de Nova Serrana investiram em maquinário e, melhoraram a qualidade de seus produtos. (Empresário 1)¹⁴.

O entrevistado reconhece o resultado positivo do que fora ressaltado por Santos, et al. (2002), em se tratando da “troca de informações técnicas e de mercados, emergência de centros de prestação de serviços, treinamento da mão-de-obra, criação de consórcios diversos para

¹⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

compra e venda de bens e serviço”. Essas ações foram coordenadas pelo SINDINOVA, a partir da implantação do Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local (APL)¹⁵, correspondendo, segundo os autores, com “as características típicas de distritos industriais”. (SANTOS; CROCCO; SIMÕES, 2002, p. 3).

Marini e Silva (2012) destacam algumas características que são comuns ao APL, a saber:

são aglomerações geográficas e setoriais de empresas; são formados basicamente por pequenas e médias empresas; estão concentradas em um tecido socioprodutivo com instituições de apoio (universidades, centros de pesquisa, associações de classe, instituições públicas e órgãos governamentais, instituições financeiras); apresentam vínculos interativos entre seus agentes (atores locais); realizam práticas cooperativas; buscam ganhos de eficiência coletiva a partir das vantagens do processo aglomerativo (MARINI; SILVA, 2012, p. 119).

Os resultados das ações empreendidas pelo SINDINOVA a partir da implementação do referido Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Calçadista em Nova Serrana, segundo avaliação do Empresário 1,

foram surpreendentes, pois, além de dar mais segurança para os empresários, capacitando e orientando a administração das respectivas indústrias de calçados, possibilitou a aquisição de produtos em regime de cooperativa, reduzindo os custos. Com isso, tivemos mais capacidade de competição. Logo o aumento na produção” (Empresário 1).

Em 2009, Nova Serrana empregou mais de 1.500 novos trabalhadores no mês de fevereiro: “em meio à crise econômica, polo calçadista fica em segundo lugar no ranking de evolução de emprego” (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2009a). Em decorrência, alguns dos trabalhadores tiveram uma formação profissional, visando à melhoria de sua renda e melhores condições de trabalho. Em fevereiro de 2010, Nova Serrana se tornou líder na geração de empregos formais na região e se tornou a quarta cidade em todo o Estado na geração de empregos perdendo apenas para Belo Horizonte, Ipatinga e Uberaba (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2010c).

Segundo Santos e Romeiro Filho (2013), em 2010, o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), uma instituição do Sistema da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG), realizou uma pesquisa em 1.511 endereços de supostas empresas em Nova Serrana. De todos os endereços pesquisados,

385 empresas não foram encontradas nos endereços indicados, 439 empresas encontraram-se fechadas com atividades suspensas ou em processo de desativação,

¹⁵ Consiste na caracterização do Arranjo Produtivo Local (APL) e a promoção de ações para atingir determinados objetivos no referido setor. (PLANO..., 2015).

restando 687 empresas ativas do setor calçadista, incluindo as empresas de terceirização e prestação de serviços (IEL/FIEMG, apud SANTOS; ROMEIRO FILHO, 2013, p. 56).

Aos poucos, o investimento em novas tecnologias e as parcerias realizadas com outros produtores de calçados de vários países projetam a indústria calçadista de Nova Serrana no mercado internacional.

Em 2013 aumentou a demanda dos consumidores, que exigiu maior produtividade das empresas e, muitas vezes, faltando mão de obra para atender aos pedidos e cumprir os contratos nos prazos acordados. Nesse contexto, as empresas passaram a disputar funcionários, oferecendo vantagens salariais, horas extras pagas semanalmente, refeição para aqueles que trabalham aos sábados e aos domingos, etc. (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2010b). Como consequência, aumentou a rotatividade dos empregados.

Em julho de 2015, segundo relatos dos entrevistados, surgem as demissões devido à crise no setor calçadista, “a crise econômica nacional afetou a demanda comercial de calçados e, com isso, houve a redução na produção”. (Empresário 1).¹⁶

Em outubro, do mesmo ano, a cidade empregou 2.168 trabalhadores, chegando a ser, entre as 10 cidades do País, a que mais gerou emprego no ano, e alcançou o 1º lugar no Estado de Minas Gerais. (WELBERT, 2015).

O crescimento da indústria de calçados contribui para a transformação demográfica, geográfica, ecológica, social e econômica da cidade. Muito embora tenham surgido muitos outros desafios, comuns a uma cidade industrial, frutos da falta de investimento público na infraestrutura e saneamento básico, principalmente na zona periférica da cidade.

3.5 Processo de contratação na indústria calçadista

As indústrias de calçados em Nova Serrana, correspondendo com as demandas mercadológicas, investem no aprimoramento, produtividade, qualidade e tecnologias. Algumas vezes, mudam o foco do produto, como exemplo: a fabricação de calçados femininos em vez dos esportivos. Às vezes, contratam mão de obra não especializada, mesmo correndo o risco de queda na produção. Algumas empresas investem na mão de obra terceirizada das empresas informais, com vista à redução de custos de produção, para se manter no mercado.

¹⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

Diferentemente do processo de produção artesanal, encontrado no início da fabricação, “o setor calçadista, ao longo da história, vem utilizando técnicas de gerenciamento de organização de trabalho e de incrementos tecnológicos que impôs (e impõe) restrições ao trabalhador quanto ao conhecimento do processo total de produção” (LOURENÇO, 2010, p. 55). Do considerado primeiro sapateiro de Nova Serrana, o Sr. Geny José Ferreira, até os dias atuais, grandes transformações na arte de fabricação de calçados aconteceram.

O ofício de sapateiro, antes, era comum entre “pobres, pessoas humildes, ex-trabalhadores rurais que, por falta de condições de se ascenderem a outros ofícios, dedicavam-se ao conserto e fabricação de sapatos” (LOURENÇO, 2010, p. 56), que exigia um trabalho de curtir o couro, preparar a sola, entender de modelagem, de montagem, de costura e de outros serviços para que o produto pudesse ser oferecido e tivesse a sua marca.

Na atualidade, “as empresas calçadistas apresentam estruturas bastante heterogêneas, tanto na utilização de métodos, técnicas, ou sistemas que oscilam entre mais modernos e mais arcaicos” (LOURENÇO, 2010, p. 56), ou a conjugação do modo de produção arcaico com as novas tecnologias em Nova Serrana. De toda forma, apesar de manterem o modo de produção arcaico, elas sofrem influência das organizações internacionais e absorvem suas tecnologias como “o princípio taylorista-fordista” para o melhor aproveitamento de tempo, mesmo correndo o risco de estimular “a divisão do trabalho” (LOURENÇO, 2010, p. 58).

O modo de produção de calçados é realizado em distintas fases de produção: “modelagem, corte, presponto e colagem, montagem, solagem e acabamento”, possuem “importantes variações” (LOURENÇO, 2010, p. 55) que exigem qualificação ou não e colaboram para que a mão de obra não qualificada seja absorvida pelas indústrias.

Segundo depoimento do Empresário 1, no início do crescimento das indústrias de calçados, em Nova Serrana, “a maioria das pessoas que veio de fora, não tinha nenhuma qualificação” e, atualmente, não é exigido capacitação específica e nem experiência. Afirma,

isto não é problema, pois, na indústria calçadista é fácil a absorção dessa mão de obra não capacitada, pois temos muitos postos de trabalho que não exigem muito dos empregados, como: colar um solado, encaixotar sapatos, etc. Ou ainda a pessoa chega e começa numa área mais simples, como ajudante e vai aprendendo o processo...aprendendo... aprendendo... melhorando de posição, melhorando o cargo e consequentemente melhorando também o salário. (Empresário 1) .

Essa declaração é atestada nos depoimentos dos trabalhadores entrevistados. Cláudia trabalha na Empresa A, explica: “eu trabalho aqui na Empresa A no departamento de pessoal. Faço recrutamento de pessoas para trabalhar na empresa. Faço folha de pagamento e rescisões”.

(Cláudia)¹⁷. Ela declara que sua formação é o “ensino médio incompleto”, mesmo assim, no departamento de pessoal, às vezes substitui a psicóloga da empresa na seleção dos funcionários. “O departamento de Recursos Humanos da empresa é que faz o recrutamento. A Fabíola, psicóloga da empresa, é a responsável, mas quando ela está de férias ou de folga, eu faço no lugar dela”. (Cláudia) O processo para a avaliação e contratação do candidato, segundo a Cláudia, “é fácil” e acontece da seguinte forma: “a gente coloca a placa sobre quem está precisando. A pessoa faz a ficha. Depois a gente a entrevista e faz o teste. Se passar no teste, a pessoa é contratada”. A entrevista “é só uma ficha mesmo, para saber quem é a pessoa, de onde vem, se já tem experiência em fábrica de calçados”. (Cláudia). Já o teste, acontece da seguinte forma:

os supervisores colocam a pessoa para trabalhar dentro da profissão, na parte prática. Geralmente a pessoa trabalha meio período do dia e aí o supervisor dá o parecer se serve ou não. Aí dispensa ou contrata, combinando o salário. Tem que olhar os dois lados. Se a pessoa vai satisfazer a empresa e se vai gostar do trabalho. A gente combina o salário e, no outro dia, já vem com a carteira e os documentos para registrar. (Cláudia).

A indústria calçadista não exige muita capacitação, a pessoa ingressa no trabalho e, aos poucos, vai aprendendo a desempenhar determinadas funções. À medida que vai correspondendo às demandas da empresa, seu salário aumenta e as condições de trabalho melhoram.

Essa modalidade de aprendizagem é facilitada pela divisão das tarefas, como ressalta Lourenço (2010):

com a separação das tarefas, [...] a especialização, o sistema de máquinas, a disciplina da organização fabril, a linha de montagem, entre outros, transformaram o antigo artesão em trabalhador de alguma atividade parcelar menos exigente de formação profissional e escolarização. Funções como passar cola, lixar o solado, etc., associadas às normas de produção e gestão, aumentam a produtividade, padronizam e homogeneizam os produtos, porém, desvalorizam a força de trabalho” (LOURENÇO, 2010, p. 58).

Por isso, a contratação de mão de obra não especializada é, na atualidade, concebível, mesmo com o advento e absorção de novas tecnologias para o setor calçadista. Essas funções, consideradas simples pelo Empresário 1, admitem a contratação de mão de obra não especializada, e com efeito, com salários mais baixos.

¹⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

O modo de produção do calçado na Empresa A, segundo informação do entrevistado, é composto de três etapas. A primeira é a concepção do modelo, computadorizada e obedecendo à inovação do designer. A segunda etapa se constitui de presponto, corte e colagem é realizada por empresas terceirizadas. A terceira etapa, que se constitui da montagem do calçado e embalagem, é realizada na empresa, pela esteira de produção. Aos empregados regulares, que trabalham na esteira de produção final, é exigido apenas agregar as partes do calçado de que o seu setor necessita.

3.6 Parcerias das indústrias calçadistas no contexto de Nova Serrana

O modo de produção em série limita a capacidade da concepção do produto em sua totalidade por parte dos empregados e pode provocar desinteresse no aprimoramento profissional. Em razão disso, os empresários de Nova Serrana se preocupam com a formação de seus empregados, com o objetivo de pôr melhores produtos no mercado consumidor.

Os autores Santos e Romeiro Filho (2015) ressaltam que “a maioria dessas empresas não emprega métodos de gerenciamento e de administração de custos, e nem métodos de controle de qualidade atualizados e modernos”. Com isso, a competitividade torna-se “bastante afetada devido à baixa escolaridade de seus funcionários, sendo que 60% deles possuem apenas o ensino fundamental”. Os autores ressaltam ainda que “existem vários esforços locais para a melhoria da escolaridade com a implantação de cursos de qualificação e aperfeiçoamento da mão de obra voltada para o setor calçadista”. (SANTOS; ROMEIRO FILHO 2015, p. 17).

O investimento na formação profissional têm sido uma constante em Nova Serrana, não só para competir no mercado interno como para concorrer no mercado brasileiro e internacional.

As parcerias das indústrias de calçados de Nova Serrana, bem como das outras cidades, da microrregião de Divinópolis, por meio do SINDINOVA e SITRICANS, foram firmadas com os seguintes órgãos: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)¹⁸; Serviço Social da Indústria (SESI); Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG – Centro Oeste); Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-MG).

Isso possibilitou, além da contratação de “estilistas renomados” para a criação dos produtos “arrojados e modernos” (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2009b), a implantação de cursos para capacitação de mão de obra no setor, objetivando atender às demandas surgidas.

¹⁸ A unidade do SENAI em Nova Serrana recebeu o nome do primeiro sapateiro da cidade, Geny José Ferreira.

A abertura para as novas tecnologias, designers, capacitação de seus empregados, etc., nas indústrias de calçados em Nova Serrana levou os empresários a entender que todas essas ações constituíam agregação de valor em seus produtos.

O presidente do SINDINOVA, em 2009, Sr. Ramon Alves Amaral, ressaltou que “o objetivo é apresentar produtos inovadores com design arrojado para envolver os lojistas, que estão cada vez mais cautelosos na hora de negociar”. (BIBLIOTECA PÚBLICA NUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2009b). O presidente esclareceu que a “materioteca” - primeiro centro permanente de exposição de materiais do País – que funciona, permanentemente, na sede do SINDINOVA, é um espaço privilegiado para os empresários do ramo calçadista na cidade. Nesse espaço, além de várias outras atividades e exposições de matéria-prima, maquinário, etc., há possibilidade de conhecer novas tendências de automação e de moda do setor.

As parcerias do SENAI com os demais Órgãos, como SINDINOVA, SITRICANS, FIEMG, e SEBRAE/MG, garantem o oferecimento de várias modalidades de cursos para diversos públicos de trabalhadores ou não, na cidade. Por exemplo, o SENAI oferece cursos do ramo de calçados para jovens de 16 a 23 anos e cursos técnicos para a população em geral, para formar mão de obra, para atuar no setor de fabricação, administração, modelagem, costura, entre outros.

A vasta oferta de cursos de formação, que é divulgada nos jornais locais e em outros mecanismos de comunicação, possibilita também a geração de emprego. Atualmente, além de ocupar um dos primeiros lugares no ranking de polo calçadista do Brasil, a indústria de calçados de Nova Serrana tem investido no mercado internacional, buscando parcerias para seu aprimoramento e apresentando seus produtos para vários países.

Também o SITRICANS “oferece cursos de capacitação para os trabalhadores, associados ou não, com o objetivo de possibilitar aos inscritos maior capacitação para que eles se tornem mais valorizados no mercado de trabalho” (Gerente Administrativo)¹⁹. Além disso, o Sindicato oferece apoio jurídico ao trabalhador, na orientação de seus direitos e deveres, e o acesso a essas informações é pelo site do Sindicato (SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS CONFECÇÕES DE ROUPAS, ESTAMPARIAS E SIMILARES DE NOVA SERRANA - MG, 2015).

¹⁹ Entrevista gravada no SITRICANS em 10 maio 2015.

3.7 A indústria de Nova Serrana e sua relação com o mercado internacional

As inovações, da indústria calçadista de Nova Serrana têm sido diversificadas e, conseqüentemente, conquistado outros públicos consumidores que antes não manifestavam interesse nos calçados produzidos nas empresas da referida cidade.

Santos (2009) ressalta que:

a relação entre produtividade e flexibilidade, no que diz respeito às indústrias calçadistas de Nova Serrana, tornou-se realidade a partir do momento em que as mesmas começaram produzir calçados com *design* mais sofisticado também reposicionaram sua imagem no mercado. Anteriormente, a imagem dessas empresas era associada a produtos de baixíssima qualidade e produção de cópias de calçados produzidos por marcas de renome. (SANTOS, 2009, p. 50).

Argumenta Lourenço (2010) que: “a indústria de calçado tem buscado se adaptar às novas formas de gestão do trabalho, reduzindo custos da produção, evitando desperdícios, gerenciando o processo e buscando estratégias de ganhar novos mercados” (LOURENÇO, 2010, p. 79).

Uma iniciativa de destaque aconteceu em 2011 quando alguns empresários de Nova Serrana visitaram a Alemanha e a Espanha, “com o objetivo de conhecer e buscar novas estratégias com foco na sustentabilidade aplicáveis à indústria de calçados.” Considerada como *Calçadistas em missão na Europa*, a iniciativa foi promovida pela “Footwear Components by Brasil, Assintecial”, com o apoio da Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX – Brasil), entre outras entidades. A “missão” tinha como objetivo “o aumento da competitividade, o aprimoramento do setor e a inserção das empresas de componentes no mercado internacional.” (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2011a).

Outras iniciativas têm sido implementadas como a participação em congressos internacionais, como o “Word Footwer Congress” (Congresso Mundial do Calçado), realizado nos dias 7 e 8 de novembro de 2011, no Rio de Janeiro (RJ), que contou com as lideranças calçadistas de diferentes países, como o Brasil, a Itália, a Índia, o Vietnã, a China, Portugal, a Alemanha, a França, a Espanha, a Bélgica e os Estados Unidos, que discutiram sobre o mercado mundial, seus reflexos e expectativas para o setor.” (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2011c)

A presença no mercado internacional não somente apresenta parcerias que agregam valores à indústria e ao produto, como também surge como concorrência e exige que os

produtores de calçados se atualizem, por meio de maquinários modernos que atraem novo público-alvo. Para obter dos consumidores uma “opção pelo nacional”, em face da concorrência dos produtos importados da China, a saída foi investir mais em tecnologia e abrir o leque da oferta dos produtos optando pela linha de calçados femininos²⁰. Segundo Santos (2009), “além da grande competitividade com os países asiáticos, os calçados brasileiros ainda sofrem a concorrência dos calçados europeus, especialmente da Itália, da Espanha e de Portugal.” (SANTOS, 2009, p. 43). Por isso, a diversidade e o aprimoramento na produção se fazem necessários.

Outra alternativa dos empresários da cidade para enfrentarem a concorrência internacional foi buscar “no quintal dos concorrentes chineses, uma nova estratégia para competir com eles.” Os empresários de Nova Serrana, a partir de 2014, passaram a comprar “matérias-primas mais baratas, produzidas pelo próprio gigante asiático, para se fortalecer no mercado brasileiro.” O resultado é a redução em 30% de custos na produção e, conseqüentemente, a manutenção de preços competitivos dos produtos no mercado calçadista.

De acordo com o SINDINOVA, os empresários passaram à negociação com o mercado internacional, visando beneficiar os médios e pequenos empreendedores do ramo calçadista em Nova Serrana, com a proposta de viabilizar uma cooperativa para que sejam feitas as negociações. Apesar da competitividade que o mercado lhes impõe, há também a possibilidade de se fortalecer, pela cooperativa, para enfrentar os concorrentes internacionais. (SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE NOVA SERRANA, 2015).

O que pode ser observado é que o SINDINOVA tem um papel fundamental no controle das empresas em Nova Serrana e região, para que não haja produção clandestina. Mesmo com o trabalho assíduo do Sindicato, existem muitas empresas informais que, em alguns casos, falsificam marcas e repassam seus produtos ao mercado informal das grandes metrópoles.

3.8 A informalidade no cenário de Nova Serrana

Um dos grandes desafios para a indústria calçadista e, conseqüentemente, para a cidade de Nova Serrana, é ter que conviver com a informalidade e a clandestinidade presentes em muitas das pequenas indústrias de calçados ou nas “bancas” espalhadas pela cidade.

²⁰ Segundo dados do SINDINOVA, em 2012, os calçados femininos representaram 50% de 95 milhões de pares produzidos em Nova Serrana. (SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE NOVA SERRANA, 2015).

De acordo com os levantamentos previamente feitos sobre a realidade de trabalho em Nova Serrana, identificamos que essa situação pode ocorrer também em cidades de pequeno porte, onde as empresas informais funcionam nos fundos de quintais, quartos ou galpões improvisados nas residências familiares, como declara o Empresário que tem o cuidado de explicar o funcionamento delas: “Há muitas na cidade. Existem as empresas informais que são prestadoras de serviço e as empresas informais que são falsificadoras de marcas de calçados.” (Empresário 1)²¹.

As prestadoras de serviço são do tipo familiar, funcionam em residências ou garagens alugadas. Essas são as reconhecidas “bancas”. Elas prestam serviços para as indústrias formais e empregam grande parte dos trabalhadores da cidade. Essa modalidade é prevista pelo DIEESE (2012) e encontrada em Nova Serrana, e “a parcela de trabalhadores independentes que explora seu negócio ou com ajuda de familiares, os chamados trabalhadores por conta própria”. A contratação, por parte das empresas, de mão de obra informal, “revela a função da informalidade como expediente de flexibilização de força de trabalho, ou seja, ressalta a prática da ilegalidade no mercado de trabalho” (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, 2012, p. 168-170), reduzindo os custos da produção, já que é uma prática que dispensa os encargos trabalhistas e habilita o produto no mercado competitivo.

Muito embora tenha trabalhado cerca de 19 anos na indústria de calçados, Lecimar, ficou empregada sob o regime da CLT apenas três anos, porque logo em seguida, montou seu próprio negócio. Relata:

eu trabalhei na fábrica uns três anos e depois montei o que se chama aqui em Nova Serrana de banca de presponto, que é um trabalho terceirizado. Não sei se você conhece o serviço aqui. Com a banca, fui trabalhar para mim mesma. É um trabalho informal. E eu trabalhei o restante, até 2010, nessa banca de presponto. Tinha empregados comigo. Era eu mais... minha banca fazia em média 300 pares dia. Então, eram na verdade 10 funcionários. Todos trabalhando informalmente, quer dizer que não tinham carteira assinada. Ganhavam um salário a mais do que nas fábricas, porém não tinham benefício nenhum. (Lecimar)²².

A empresa da Lecimar era informal. Diferentemente da Empresa B que é também banca, porém formalizada. Para compensar a falta dos benefícios empregatícios, segundo a entrevistada, pagava-se um salário maior aos empregados. Ela afirma que “essa prática é comum nas empresas informais de Nova Serrana, pois mesmo pagando um salário maior aos

²¹ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

²² Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

empregados, saímos no lucro, porque os impostos, que uma empresa formal paga, são muito altos” (Lecimar)

De acordo com Georges (2011), os indivíduos inventam suas próprias atividades e, com isso, “o sentido atribuído pelos atores à sua atividade encontra-se no centro de uma compreensão das transformações mais gerais das formas de representação coletiva e de sua legitimidade.” (GEORGES, 2011, p. 136). Segundo o DIEESE (2012), existe uma diferença entre o trabalhador por conta própria e o assalariado. O primeiro tem controle das próprias atividades e dispõe dos instrumentos de trabalho e de seu domínio profissional, independentemente de ter que cumprir normas e horários nas empresas, esse tipo de trabalhador encontra sentido, a partir do seu trabalho, para projetar-se, com liberdade, e projetar a própria vida.

A informalidade, ou trabalho por conta própria, é a capacidade de o trabalhador criar e recrear, fazer escolha e desenvolver determinado tipo de trabalho, de acordo com suas capacidades e interesses. Por fim, a informalidade vai ganhando espaço expressivo no mercado de trabalho brasileiro, ainda que os direitos sociais e trabalhistas não sejam garantidos.

Para o Empresário 1, a empresa informal clandestina é aquela que

produz calçado pirata. Essas empresas trabalham com um tipo de produto que não é do mercado formal. Eles falsificam marcas e vendem para os camelôs. Nós não temos condições de localizar e identificar essas indústrias. A fiscalização, tanto da Receita Estadual, quanto do Ministério do Trabalho, tem trabalhado muito e isso tem diminuído. (Empresário 1)²³.

Embora Ferreira (2014) reconheça que as empresas clandestinas empreguem trabalhadores sem o vínculo empregatício e, por isso, “não existem dados que indiquem a quantidade exata de trabalhadores na indústria calçadista sem a carteira de trabalho assinada.” (FERREIRA, 2014, p. 29). Esse modelo absorve uma parcela da população com pouca escolaridade e capacitação profissional, remuneração abaixo da média, em ambientes de trabalho precários e jornadas de trabalho longas. Em visita à cidade foi observada essa realidade, até em uma das empresas não havia cadeiras, tendo os trabalhadores de passar longas horas do dia em pé. Existem exceções, especialmente, no que se refere aos salários. Explica uma entrevistada: “essas empresas não garantem os direitos trabalhistas e, por isso, em certos casos, podem pagar um salário maior que as empresas formalizadas, como forma de compensação dos direitos não garantidos” (Lecimar)²⁴. A clandestinidade em Nova Serrana é

²³ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

²⁴ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

uma realidade e, ao mesmo tempo é um desafio para o poder público, que está sempre fiscalizando e tentando extirpá-la.

3.9 A terceirização do trabalho nas novas organizações

Uma das formas de produção encontrada pelas organizações, que corresponde com o modelo de produção em redes, é a terceirização do trabalho. Segundo Rizek (2012), “o esvaziamento do fordismo é frequentemente identificado com a explosão da cidade, em um conjunto fragmentário de territórios que, justapostos, funcionariam mais como mosaico do que como um todo estruturado”. Em consequência, se estruturam novas relações trabalhistas que, em última análise, conservam o modelo tradicional das relações de trabalho “em domicílios ou que se assemelham a manufaturas rústicas, com baixo nível de mecanização”, de pouco investimento e, geralmente, incentivados e “legitimados por programas sociais e/ou por programas de geração de emprego e renda.” (RIZEK, 2012, p. 43). Na atualidade, essa modalidade tem outras propostas, ou seja, as empresas passaram a distribuir “muitas das tarefas que antes faziam permanentemente em suas instalações por pequenas firmas e indivíduos empregados por contratos de curto prazo.” (SENNETT, 2012, p. 22). Segundo afirma a entrevistada Lecimar,

para as empresas, sai muito mais barato o custo do produto, terceirizando parte dos serviços, e para as pequenas empresas que chamamos de “bancas” é garantia de renda, mesmo sendo na informalidade e sem previsão de duração de contrato. Hoje tem serviço, amanhã, pode não ter. Tudo depende das encomendas do mercado. (Lecimar)²⁵.

Segundo análises do DIEESE (2012), o trabalho no setor terceirizado corresponde a um “novo perfil dos trabalhadores que se inserem nos pequenos negócios comuns à economia popular das grandes cidades brasileiras – segmento em que, em geral, o saber fazer se sobrepõe aos diplomas – é a baixa escolaridade.” (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, 2012, p. 179).

Em Nova Serrana, essa situação pode ser observada, já que a terceirização é recorrente nas indústrias de calçado, que nem sempre significa corresponder ao cumprimento de atividades em situação de ilegalidade. Existem, as bancas formalizadas que, prestam serviços para as indústrias e empregam funcionários dentro do que estabelece a CLT e emitem Nota Fiscal de Serviço para suas contratantes.

²⁵ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

A origem da empresa prestadora de serviço, ou terceirizada, segundo o Empresário 1, é bastante familiar:

geralmente eles começam a fazer esse serviço em casa, ou numa garagem. Numa banca de presponto de autocostura, é a família que, geralmente, trabalha. Funciona como um prestador de serviço. É sempre um trabalho familiar. Eu acredito que a maior parte da informalidade é a prestadora de serviço. A indústria formal precisa de comprar material, emitir nota fiscal para a venda, então tem mais dificuldade do que um prestador de serviço. (Empresário 1)²⁶.

Apesar do reconhecimento dos benefícios de uma empresa informal como prestadora de serviços para as empresas formais, como forma de diminuir seus custos, o entrevistado ressalta ainda: “não tenho conhecimento de nenhuma empresa informal, se é grande ou se é pequena, mas que existe, existe”. (Empresário 1).

Segundo a Empresária 2, durante nove anos, adquiriu experiência na indústria de calçados e montou uma banca prestadora de serviços. Ela declara: “fiquei nove anos nas fábricas de calçados. E depois montei um negócio para mim. Eu faço uma prestação de serviço para outra empresa – tipo terceirizado”. (Empresária 2)²⁷. Conta que teve que fazer um curso de administração para conseguir dar continuidade ao seu empreendimento. Quanto ao retorno financeiro, garante: “antigamente compensava mais, agora, porém, não está compensando muito. A gente acaba ficando doente no serviço. Às vezes, me dá uns hematomas roxos de estresse, preocupação. Há mês que a gente ganha só para as despesas”. (Empresária 2). Mesmo sendo proprietária, administra sua empresa e trabalha com seus funcionários na produção: “eu trabalho com elas. Eu meto a cara com elas. Eu sou casada com meu serviço”. (Empresária 2). Porém, nem sempre é compensador:

porque a gente ganha o que produz. Como é terceirizado, você só ganha se você faz. Ai um exemplo: falta um funcionário, o serviço cai e eu tenho que manter todas as despesas do mês. Ai tem que tirar do meu bolso. Esse mês mesmo eu não ganhei. Mês que vem tenho que lutar para ganhar o dobro. Tudo isso eu faço sozinha. Eu tento cumprir isso. Mas é difícil. Porque eu já tenho a minha função. Como vou fazer a minha função, e a função do que faltou. Raramente a gente dá conta. A gente quase nunca dá conta. Os primeiros anos que eu montei aqui foi mais difícil. Eu tive que comprar tudo e as despesas eram grandes. (Empresária 2).

²⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

²⁷ Entrevista gravada na Empresa B, 12 ago. 2015.

Como explica a depoente, é difícil manter o seu próprio negócio.

3.10 O crescimento da cidade industrial e seus consequentes desafios

Nova Serrana apresenta-se, no cenário nacional, nos últimos anos, como uma das três maiores produtoras de calçados, ao lado de Novo Hamburgo (RS) e Franca (SP)²⁸. Inicialmente a ênfase era fabricação de calçado esportivo que perdurou até 2014, passando a produzir calçados femininos. Atualmente, a cidade conta com mais de 1000 indústrias de calçados. Apesar “de a indústria estar distribuída na microrregião de Divinópolis, a cidade de Nova Serrana concentra quase toda a totalidade do emprego do setor”. (CROCCO, 2003, p. 95). O que representa a garantia do crescimento da cidade.

Esse crescimento, em Nova Serrana, torna-se maior que as demais cidades da microrregião de Divinópolis e, com isso, pode-se constatar que “a cidade não é apenas uma unidade geográfica e ecológica; ao mesmo tempo é uma unidade econômica. A organização econômica da cidade baseia-se na divisão do trabalho” (PARK, 1916, p. 27) e num processo de reposicionamento da cidade no cenário brasileiro.

Os dados do Censo do IBGE (2016) apresentam que o total População Economicamente Ativa (PEA) da cidade é de 45.672²⁹ e o diretamente ligado à indústria de calçados é de 28.338³⁰. O número do PEA da indústria de calçados representa 62.04% do total encontrado em Nova Serrana.

Mesmo sendo considerada um dos maiores polos calçadistas do País, a cidade apresenta um déficit no que se refere aos recursos básicos de infraestrutura, para o acolhimento e bem-estar de sua população.

Os imigrantes, que chegaram e chegam à cidade, em sua maioria, encontram abrigo nas periferias da cidade e, mais precisamente, do outro lado da BR-262.

²⁸ O polo calçadista de Nova Serrana é o terceiro do País e o primeiro em vendas de calçados esportivos populares. O Arranjo Produtivo Local (APL) responde por 55% do total nacional de produção de tênis, liderado por Nova Serrana, que ostenta o título de Capital Nacional do Calçado Esportivo. Ali estão reunidos 37% dos estabelecimentos produtores de calçados de Minas Gerais, englobando mais de 50% do número de estabelecimentos do município no setor. Seguindo a tendência do Estado, que produz cerca de 107,30 milhões de pares de calçados por ano, os produtos do Arranjo destinam-se, sobretudo, ao mercado interno. (BRASIL, 2016).

²⁹ Conforme o IBGE (2016a), Tabela: 3593 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por seção de atividades (antiga classificação) do trabalho principal, segundo sexo e a seção de atividade do trabalho principal.

³⁰ Conforme o IBGE (2016b), Tabela: 3594 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo a seção, divisão e classe de atividade do trabalho principal.

Foto 19 - Bairro Planalto: Periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Segundo o Empresário 1, os imigrantes foram chegando e, indiscriminadamente, “houve crescimento de bairros mais populares, com pessoas que vinham pra cá sem condições nenhuma de morar”. Em princípio,

moravam com parentes e começavam a trabalhar, compravam um lote, ou ganhavam um lote da prefeitura, levantavam um barraco, passavam para dentro, às vezes nem cimento no chão tinha. Levantavam as paredes ali, com telhado de amianto, já passavam para dentro. Com o passar do tempo, iam melhorando o barraco. (Empresário 1)³¹.

O Empresário 1 declarou também que “o programa habitacional – Minha Casa Minha Vida – do Governo Federal tem proporcionado, à grande maioria da população de Nova Serrana, melhores condições de moradia. Além de ter melhorado as condições de vida da massa trabalhadora da cidade”. (Empresário 1).

Para Park (1973), “os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que a tocam, mas não se interpretam” (PARK, 1973, p. 62). Nesse sentido, observa-se que a segregação social em Nova Serrana não é só simbólica, mas também real.

³¹ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

Durante nossas observações de campo, foi possível perceber que, na rotina cotidiana, a maioria dos imigrantes que vive do outro lado da BR-262 corre risco de atropelamento e de morte ao deslocar-se para as indústrias de calçados que estão localizadas do lado oposto ao de suas moradias. Como exemplo, a nossa entrevistada Petrolina comenta: “eu atravesso a BR para vir trabalhar. Às vezes, venho de bicicleta, noutras, venho a pé. Eu acho muito perigoso atravessar a BR em meio ao movimento de carros, mas não tem outro jeito. Morar do lado de cá é mais caro”. A travessia da BR é sempre um desafio nas idas e vindas dos trabalhadores.

As consequências do crescimento desorganizado das cidades, de forma especial, de Nova Serrana, são notórias, como ressalta Park (1916):

gestos e convivências pessoais, interesses nacionais e econômicos tendem, infalivelmente a segregar e, por conseguinte a classificar as populações nas grandes cidades. Crescendo a cidade em população, as influências de simpatia, rivalidade e necessidade econômica, mais sutis, tendem a controlar a distribuição da população. [...] o que, a princípio, era simples expansão geográfica, converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua. (PARK, 1973, p. 29-30).

Aos poucos a cidade é tecida e a sua estrutura passa a ser mais complexa e as raízes, hábitos e costumes de seus habitantes se modificam.

O imigrante tem uma importância indiscutível na organização heterogênea da vida na cidade, como é ratificado pelos líderes religiosos, como se constata no depoimento do Padre da Paróquia de São Sebastião: “é a capital do sapato no Brasil. Porém, se não fossem os imigrantes, essas pessoas que vêm de fora, de várias partes do Brasil, não sei como ia ser. Tem muito trabalho e o trabalho é pesado. As pessoas daqui não dariam conta”. (Padre da Paróquia São Sebastião)³².

Por sua vez, o Pastor, da Assembleia de Deus, declara que “Nova Serrana é uma cidade só pra trabalhar... só para trabalhar... só para trabalhar. Se não fossem os imigrantes em Nova Serrana, a cidade não tinha o conhecimento como a capital do calçado esportivo”. (Pastor)³³.

Mesmo sendo de conhecimento público, o valor do imigrante na cidade, as condições de vida e de moradia são ainda muito precárias, como explica o depoente:

não se preocupou com a infraestrutura para acolher esses milhares de imigrantes, e inúmeros problemas vieram à tona. A cidade não teve condições de absorver esse crescimento que teve nesses anos. A dificuldade do poder público para conseguir oferecer saúde, segurança, educação e infraestrutura básica de esgoto, ruas pavimentadas, sempre foi enorme. Os problemas aumentam, cada vez mais, e a

³² Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

³³ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

prefeitura não consegue acompanhar. Mesmo hoje a prefeitura tem dificuldade de acompanhar esse crescimento. (Empresário 1)³⁴.

Muito do que se constata, como déficit do poder público, em relação às demandas da população de Nova Serrana é ainda, segundo o depoente:

fruto da centralização do poder executivo nas mãos de alguns, e da falta de capacitação dos gestores do município, para entender o crescimento da cidade. Pois, há sete mandatos, duas pessoas vêm se alternando no poder executivo. Um está concluindo no ano que vem (2016) seu quarto mandato. E o outro que saiu no final de 2012, havia completado três mandatos. Essa pequena alternância de pessoas, na direção do executivo, não é muito favorável para a cidade não. Reconheço que os dois deram sua contribuição e ajudaram no desenvolvimento do município. Eles fizeram muito pela cidade. Nos primeiros mandatos, transformaram a cidade. Porém, eles têm aqueles pontos não tão fortes para corresponder com a demanda atual da cidade. Por isso, acredito que precisa virar a página. Outra pessoa que entrasse com outra visão, poderia, talvez, olhar algum lado da cidade que ainda não foi visto, por esses dois que têm se mantido no poder. Penso que poderia ser uma gestão mais profissional, pois ainda temos uma administração com práticas antigas. (Empresário 1).

Quanto ao poder legislativo de Nova Serrana, o depoente ressalta:

a Câmara dos Vereadores reflete, na minha opinião, a câmara de vereadores de uma cidade de pequeno porte, não com uma realidade da cidade que temos hoje em Nova Serrana. Os vereadores não fazem muito pela cidade nem apresentam tantos projetos. Como os dois prefeitos citados sempre se revezam, parece que são profissionais da política. Em épocas de eleições, eles gastam muito dinheiro com propagandas, compra de votos e assim vai. (Empresário 1).

A representatividade deve buscar a satisfação e o uso comum da grande maioria representada, para isso, “deve ser feito um arranjo a fim de ajustar as facilidades e instituições às necessidades da média das pessoas, e não às de determinados indivíduos”. Ao representante cabe a responsabilidade de “subordinar um pouco de sua individualidade às exigências da comunidade maior e nessa medida fazer parte de movimentos coletivos” (WIRTH, 1938, p. 106). O que, segundo ressalta o Empresário 1, isso não acontece em Nova Serrana.

A questão política reflete no cotidiano da população como relata o líder religioso da Assembleia de Deus: “o déficit social em Nova Serrana é muito grande. Saúde aqui, se a pessoa precisa, tem que buscar em Divinópolis, até em Bom Despacho e, às vezes, até em Pitangui. E olha que nós aqui somos uma potência, e não temos uma assistência à saúde digna” (Pastor)³⁵. Para o líder religioso, a falta de infraestrutura para com o cuidado à saúde do cidadão em Nova Serrana é suprida também “com muita oração e confiança em Deus, porque dele vem a cura e

³⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

³⁵ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

a libertação dos males do corpo. Basta a pessoa se entregar. Cairão mil à sua direita, mas nenhum mal chegará perto de ti, diz a Palavra de Deus.” (Pastor).

O Pastor reproduz a ideologia da instituição e, com isso, garante a adesão e fidelização dos adeptos de sua Igreja que, em sua maioria, são os imigrantes que vieram para Nova Serrana.

Pode-se concluir que a administração pública não acompanhou o crescimento da cidade, gerando um déficit social muito grande, que interfere na qualidade de vida dos moradores.

3.11 Ser trabalhador em Nova Serrana

Durante toda a história da humanidade, a mobilidade das populações por entre regiões, ou países, tem sempre como objetivo a busca por melhores condições de vida e, na maioria das vezes, isso reflete no mercado de trabalho.

O trabalho é fonte inspiradora para uma vida digna e, na sua escassez, quer por condições climáticas, quer por outros motivos, como: falência de empresas, mudanças nos modos de produção, automação, que gera redução de mão de obra, falta de especialização do trabalhador etc., leva os indivíduos a sair de suas origens e a buscar outros lugares para garantir a sua sobrevivência.

No caso específico de Nova Serrana, há grande oferta de trabalho, principalmente, nas indústrias de calçados. São muitas as ocupações, para os que têm mão de obra qualificada ou não. Essas características desse tipo de contratação nas indústrias de calçados motivam os indivíduos a migrarem para a referida cidade. Explica o Empresário 1:

esse crescimento e a demanda gerada pela indústria calçadista incentivou a vinda de um grande número de pessoas de várias partes do Brasil, geralmente de lugares sem muitos recursos para trabalhar na indústria calçadista. Atendeu à necessidade industrial”. (Empresário 1)³⁶.

Atender à necessidade industrial é a preocupação das cidades que se rendem ao processo produtivo industrial.

Nas entrevistas com os imigrantes, é possível constatar que a principal motivação para a escolha de Nova Serrana é o trabalho. Grande parte vem das regiões do País castigadas pela seca e, em consequência, com pouca oferta de trabalho.

Mello, Fernandes e Amorim Filho (2012) afirmam que, de acordo com os dados do Censo 2010 do IBGE os imigrantes, em Nova Serrana, “são originários de 342 municípios

³⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

brasileiros, sendo os que mais contribuem com esse processo: Belo Horizonte (MG) (9,7%), Caririçu (CE) (7,2%), Capelinha (MG) (4,5%), Malacacheta (MG) (4,5%) e Poté (MG) (2,8%)”. (MELLO, FERNANDES, AMORIM FILHO, 2012, p. 11).

Ainda, segundo os autores,

do total de imigrantes que residiam em Nova Serrana, em 2010, (29.504 indivíduos), 27,1% declararam morar no município há menos de um ano. Desse total, 9,6% vieram de Caririçu (CE); 9,5%, de Belo Horizonte (MG); 4%, de Capelinha (MG); 3,8% de Poté (MG); e 2,9%, de Malacacheta (MG)” (MELLO; FERNANDES; AMORIM FILHO, 2012, p. 12).

A origem dos imigrantes entrevistados varia entre as cidades situadas no norte do Estado de Minas Gerais, como Água Boa, Capelinha, Malacacheta, Pavão e Poté. Outras pessoas vieram da região Nordeste do País, como Guaraci e Itororó, Estado da Bahia; Arapiraca e Girau – Alagoas; Crato e Caririçu – Ceará, Campina Grande – Paraíba. São procedentes também das cidades da microrregião de Divinópolis (MG), onde se situa Nova Serrana, e muitas pessoas se deslocam, diariamente, para trabalhar nas indústrias de calçados. As principais cidades são: Araújo, Carmópolis de Minas, Divinópolis, Pará de Minas, Martinho Campos e Pitangui.

É importante observar também que, em Nova Serrana, existem pessoas de outras regiões do País, além do Nordeste brasileiro e do Estado de Minas Gerais. Encontramos também entre os nossos entrevistados, pessoas procedentes de São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

A nossa entrevistada Petrolina declara: “Vim com meu marido para trabalhar em Nova Serrana. Porque nessa cidade o que não falta é emprego. Na minha terra não tem tanto trabalho”. (Petrolina)³⁷.

Depois de um ano desempregado, em sua terra, Claudenir, a convite de um amigo, resolveu migrar para Nova Serrana. O entrevistado afirma que, em sua terra, trabalhava numa indústria de calçados: “lá eu trabalhei na maior empresa de calçado da América Latina – Vulcabras Azaléia – uma das melhores empresas.” (Claudenir)³⁸. Segundo o entrevistado, a empresa que ele trabalhava fechou a filial e provocou o seu desemprego e de muitos outros. Afirma: “a minha saída da Vulcabras Azaléia foi devido ao fechamento de doze filiais. Doze polos industriais. Treze, com a matriz em Itapetinga, vizinha de Vitória da Conquista e Itambé.” (Claudenir).

Os imigrantes reconhecem a cidade como um polo industrial, onde o trabalho garante o que, muitas vezes, em suas origens não se têm conseguido, que é a condição para a

³⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

³⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

sobrevivência. Para Claudenir, Nova Serrana é como se fosse um ganhador da megassena da virada que todo mundo quer conhecer”. Ele completa: “conhecer para quê? Para trabalhar” (Claudenir).

Outra entrevistada, Matilde, veio para Nova Serrana, com sua família, e ressalta:

vim trabalhar. Porque no interior, ou você trabalharia de doméstica, ou lojinha para ganhar 30 reais por dia. Ou então, na prefeitura. Minha cidade é uma cidade que não gera emprego. Nem na roça, porque a seca é grande. Então, eu vim para cá, e meus parentes também vieram, à procura de trabalho mesmo” (Matilde)³⁹.

A realização de Matilde, depois de ter vindo para Nova Serrana, é explicitada em seu depoimento, pois em sua cidade, por mais que tivesse formação, não encontrou oportunidade para realizar-se profissionalmente. Ela declara:

eu particularmente sou uma pessoa que me sinto realizada aqui. A minha cidade, Poté, possui 14.000 habitantes, tinha na época, não sei hoje. Então eu vim pra cá. Tenho o segundo grau completo. Cheguei a trabalhar na rede municipal da minha terra como professora, mas ficava sem receber ou o salário atrasava muito. Aqui eu construí família, aqui eu construí casa. Eu acho que eu tenho aqui um padrão de vida que eu não conseguiria ter lá. E eu gosto. Eu acho uma cidade boa. Uma cidade acolhedora. Para quem quer é uma cidade boa. E que te dá oportunidade. Se você quer, você corre atrás e você consegue. Então eu acho uma cidade muito boa e acaba que ajuda mesmo o padrão de vida da gente. (Matilde).

Outros entrevistados também, como Fernanda, considera que Nova Serrana “é uma cidade muito boa para você trabalhar e crescer financeiramente. É uma cidade de oportunidades.”⁴⁰.

Por sua vez, José Teobaldo declarou que “antes de vir pra cá, o que eu mais escutava lá na minha terra é que Nova Serrana era bom para trabalhar. Ah... Nova Serrana é isso... Nova Serrana é bom demais... Você pode ir, que você, estando lá, você consegue emprego”. (José Teobaldo)⁴¹. Assim que chegou pôde constatar que é uma cidade que lhe oferece “oportunidade”.

Cláudia, ao se referir à cidade de Nova Serrana, declara: “para se trabalhar eu gosto muito”⁴², muito embora, segundo ela, tenha restrições quanto à infraestrutura da cidade, mais especialmente pela “falta de opções de lazer e de segurança”. (Cláudia) Isso compromete a sociabilidade e a liberdade dos trabalhadores na cidade.

³⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

⁴⁰ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

⁴¹ Entrevista gravada na Empresa A, 21 jul. 2015.

⁴² Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

A fama da cidade industrial é transmitida pela rede de amigos, vizinhos e parentes. E faz com que Nova Serrana seja, como declarou Claudenir, “um lugar que todos querem conhecer.”⁴³. A maioria dos migrantes em Nova Serrana, em suas origens, experimentou a situação da seca, da falta de emprego, do salário baixo e muitas vezes atrasado, como declarou Matilde.

Para a entrevistada Remilda, que já morou em São Paulo, Nova Serrana é um lugar “melhor de se viver”⁴⁴. Apesar da violência ser também motivo de preocupação, segundo ela, “São Paulo é mais violenta. Mais complicada”. A entrevistada define Nova Serrana como o lugar onde você garante a sua sobrevivência, pois “aqui é o ganha-pão. A gente está aqui trabalhando para tirar o nosso ganha-pão do dia”. Reconhece também o valor de se ter o trabalho como meio, e não fim: “Mas é bom. Você ter seu próprio trabalho, ser independente... Não depender dos outros para fazer as coisas”. (Remilda).

Valdeilson, ressalta que Nova Serrana é uma cidade “muito promissora. Principalmente para os jovens. É uma cidade promissora mesmo”⁴⁵. Comparando com sua cidade natal, o entrevistado alude: “eu tiro a base pela vida que eu tinha lá. Lá, às vezes, tem cinco pessoas em casa, uma família com cinco pessoas, em condições de trabalhar, em idade para trabalhar e não consegue um emprego. Aqui eles vão chegando e conseguem arrumar um trabalho”. (Valdeilson). O entrevistado reconhece que não é fácil viver em Nova Serrana, porém, segundo ele, “por mais que a vida aqui seja difícil, o custo de vida é alto, mas cinco pessoas lá, no interior, à toa, e cinco pessoas aqui trabalhando, apesar de difícil, é muito melhor. A condição de vida deles vai melhorar muito”. O entrevistado confirma que esta situação aconteceu em sua família: “lá em casa somos seis irmãos. Cinco homens e uma mulher. Nós todos estávamos desempregados. Não tinha serviço. Foi quando resolvemos vir para Nova Serrana. Ai tudo melhorou” (Valdeilson).

Em se tratando da acolhida da população nativa da cidade, “a maioria das pessoas da cidade, por já serem migrantes, acolhem bem os que chegam”. (Valdeilson). Declara que não é difícil uma pessoa se estabelecer na cidade: “Nova Serrana, se comparar com a minha cidade, apesar da dificuldade, devido às exigências do trabalho, não é uma cidade muito difícil de a gente morar. As pessoas são acolhedoras. A maioria é de fora”. O fato de ter história semelhante é fundamental para a identificação e ajuda mútua: “como elas chegaram e precisaram ser acolhidas, elas aprendem isso. Toda pessoa que chega é bem acolhida”. Na visão de Valdeilson

⁴³ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

⁴⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

⁴⁵ Entrevista gravada na Igreja Católica, 10 ago. 2015.

em relação ao acolhimento, pode-se perceber que, explicitamente, ele se refere aos outros migrantes que estão estabelecidos na cidade, e não às pessoas que são naturais da cidade.

Continuando a discussão sobre o motivo que traz a pessoa para Nova Serrana e como ela se sente nova cidade, Rinaldo, relata que Nova Serrana

é uma cidade que eu escolhi para viver e pretendo ficar muito tempo aqui. Cidade que estou gostando. Se continuar do jeito que tá, do jeito que estou gostando assim... de morar aqui, quero que seja minha cidade. Eu gosto mais daqui. Também a questão não é questão de vida. Aqui os amigos... Eu tenho um amigo que é irmão sabe. É irmão. Pra mim... Todo dia nós estamos se vendo. Toda hora eu estou lá. Fico conversando, a gente passa dois, três dias sem se ver, aí um já se preocupa, um liga pro outro pra ver o que está acontecendo. Então, é um lugar onde tenho uma amizade verdadeira, sabe. Igual lá na canção nova. O padre falou assim. Que o verdadeiro amigo é aquele que leva a Deus, né? Então, é o que ele está fazendo comigo. Então, o que está acontecendo comigo... se eu tenho esse serviço é por causa dos meus amigos. Não tenho só um, não. Tenho vários. (Rinaldo).⁴⁶

Segundo o entrevistado, “meus amigos é que o indicaram para trabalhar na Igreja”. (Rinaldo), e constituem a razão da sua satisfação por morar em Nova Serrana. Rinaldo termina dizendo que seus amigos são imigrantes, “todos são de outras cidades”. Os amigos que Rinaldo conquistou são os pertencentes ao grupo de RCC da Paróquia de São João Bosco, localizada no Bairro Planalto, região periférica da cidade. O que se percebe é que a religião, lhe garante a rede de sociabilidade e também torna-se o espaço para o seu trabalho, lazer e socialização na cidade.

Para a entrevistada Lecimar, no CRAS, Nova Serrana

é uma cidade boa. É um polo industrial, um polo assim... é um polo onde você consegue trabalhar. Quem vem para trabalhar e quer ter uma condição de vida, tem. Quando eu vim para cá, eu não tinha nada. Aos poucos, montei meu próprio negócio – a banca que te falei – e consegui fazer uma faculdade. Eu e minha irmã fizemos e pagamos, sem a ajuda de meu pai. Nós mesmas corremos atrás, batalhamos e estudamos. Aqui eu tive muitas oportunidades, além de estudar, eu consegui constituir uma família. Eu gosto daqui. Eu sinto orgulho da cidade. Eu creio que se eu estivesse em outra cidade, eu não teria a oportunidade que eu tive de estudar. De ter uma formação de nível superior. Às vezes, eu fico assim muito brava quando os outros falam mal daqui, apesar de eu não ser daqui. Existem pessoas que vêm trabalhar aqui e falam mal da cidade. Falam mal, porque só encontram trabalho. Eu não gosto que falem mal de Nova Serrana, porque acho que aqui, dá oportunidade para todo mundo. (Lecimar)⁴⁷.

⁴⁶ Entrevista gravada na Igreja Católica, 11 ago. 2015.

⁴⁷ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

A depoente também reconhece as limitações da cidade, quando declara:

claro que a gente tem muita privação. Por exemplo: aqui se trabalha muito. Então, para você ver... igreja, qualquer igreja, a maioria das pessoas que você perguntar, quase não tem tempo de ir à igreja, quase não tem tempo de ter uma vida social, porque a vida é muito corrida. Verdade seja dita: a vida aqui é corrida. (Lecimar).

Em seu depoimento, a entrevistada alude ao excesso de trabalho que impede com que as pessoas tenham uma vida social ativa. A entrevistada considera a comunidade religiosa como um lugar para se estabelecer um relacionamento social. Apesar de a cidade ser um polo industrial, com perspectivas para se ter melhores condições de vida, reconhece também que é um lugar onde o custo de vida é alto e que, se a pessoa não tiver uma moradia própria, por exemplo, poderá passar por dificuldades. Segundo ela:

o custo de vida aqui é muito alto. Para você ficar morando em Nova Serrana e conseguir alguma coisa, você tem que ter sua própria casa, porque aluguel aqui é muito caro. Quando minha família e eu viemos para cá, pagamos aluguel durante cinco anos. Foi muito difícil para nós no princípio, porque o dinheiro que gastávamos com aluguel, impedia-nos de adquirir muita coisa que era essencial para vivermos bem. Então, o que eu digo é que pagar aluguel em Nova Serrana torna a vida das pessoas muito difícil.. (Lecimar).

A depoente Wilma, também declara: “eu amo isso aqui”⁴⁸. E acrescenta:

quem faz o lugar é a gente. Às vezes as pessoas falam: “ah, Nova Serrana não tem isso, ou aquilo...” Mas a cidade é a gente é que faz. Também você quer que a cidade tenha muita coisa, às vezes ela não será boa como é. Ela supre as minhas necessidades. Supre a educação que eu preciso para meus filhos. O básico, né. Mas para mim eu vejo nela, hoje, boa por essas questões. Ela poderia ser melhor? Poderia. Mas junto com esse melhor, poderia vir coisas que não poderiam agradar também. Em muitas metrópoles, em muita cidade grande, as pessoas são influenciadas pelo tamanho e por tudo que têm, mas há as desvantagens. Eu vejo Nova Serrana muito boa em todos os aspectos. Basta você saber viver aqui. Você saber qual a cidade. Foi depois que eu me entendi por gente, foi o que eu fiz. Me adaptei à cidade. Aqui me dá esse respaldo... Aqui me fornece isso, me dá isso... Considero aqui ótimo. Não tenho nada que reclamar. Não gosto de alguém que fale mal daqui. Aprendi amar Nova Serrana. (Wilma).

Vilma, segundo seu relato, veio para Nova Serrana ainda bebê, com três meses de idade, isso contribui para que assuma a cidade como seu lugar, já que é quase uma nativa, porque que foi em Nova Serrana onde estabeleceu relações, estudou, cresceu e viveu. Com essa história, a identificação foi facilitada.

⁴⁸ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

Apesar das vantagens que o trabalho ofereceu, os entrevistados reconhecem o trabalho muito pesado e as exigências, por cumprimento de tarefas, também muito além da capacidade física dos trabalhadores.

O trabalho nas indústrias de calçados em Nova Serrana é cansativo e, às vezes, trabalha-se até depois do expediente, fazendo horas extras. Isso absorve todo o tempo dos trabalhadores, sobrando pouco para a convivência com a família. Alguns entrevistados declararam que não trabalham na indústria de calçados, como veremos a seguir, devido às exigências no processo de produção. A maioria, porém, permaneceu na indústria de calçados muito embora reconheça e sofra com as imposições desse ramo trabalhista.

A visão do entrevistado Claudenir, sobre Nova Serrana é um campo de guerra, pois,

aqui não é fácil. Eu é que digo. A vida da gente é uma guerra. E não pense que na guerra, eu ou tu vai com o violão debaixo de braço ou a bíblia. Iremos com a espada ou com a arma, porque iremos para matar, ou para morrer. Porque a guerra é isso. Aqui é uma guerra. Mas é uma guerra entre aspás, porque é uma guerra de trabalho. Não é uma guerra mortal. É uma guerra de trabalho. É isso que te falo. Nova Serrana é a guerra, porque todo dia você tem que lutar contra você mesmo, contra seu cansaço, contra tudo e contra todos. (Claudenir)⁴⁹.

A cidade encontrada pelo entrevistado é diferente da que sonhou, e a realidade constatada na cidade industrial vai ao encontro do que ressalta Bauman (2003) quando, ao se referir à comunidade sonhada, menciona as agonias de Tântalo e de Sísifo, personagens da mitologia grega que vislumbram o que sonham, porém, não lhes é concedido alcançar.

A comunidade existente “aumentará seus temores e insegurança, em vez de diluí-los ou deixa-los de lado. Exigirá vigilância 24 horas por dia e a afiação diária das espadas, para a luta, dia sim, dia não [...]” (BAUMAN, 2003, p. 22). O entrevistado Claudenir, primeiramente, compara Nova Serrana ao ganhador da “Megassena” que “todo mundo quer conhecer”. Porém, depois de conhecê-la, o indivíduo, no dizer de Claudenir, torna-se um batalhador, num campo de guerra. O trabalho constitui o atrativo para a vinda e se transforma em batalha física, contra os outros, contra o cansaço e contra o próprio indivíduo.

Segundo Jussara:

a gente trabalha o dia todo. E quando chega em casa já está cansada. Durmo muito. Só que durmo depois de fazer as obrigações lá de casa. Eu e minha mãe limpamos a casa, lavamos a roupa e fazemos a janta que dá para o almoço. Eu não trago marmitta porque vou com meu padraсто para casa almoçar. Mas a comida já fica pronta. É só esquentar. Outros dois irmãos meus levam marmitta. Eu só vejo eles no fim de semana. Porque quando eu saio, eles já saíram, e quando eles chegam, eu já estou dormindo. (Jussara)⁵⁰.

⁴⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

⁵⁰ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

A entrevistada ressalta ainda que nos fins de semana, às vezes, não consegue acompanhar a mãe à casa da avó, o que seria uma forma de lazer para a família. Ela declara: “minha mãe sempre vai para casa da minha vó. Às vezes, eu vou. Às vezes, eu fico em casa para dormir, porque durante a semana fico muito cansada.” (Jussara).

Assim como Jussara, outros entrevistados também falaram do trabalho pesado e exigente na indústria de calçados. Muitos declararam que Nova Serrana não lhes oferece nada, a não ser trabalhar. Conscientes disso, eles não se importam, porque, mesmo nessa situação, é melhor do que ficar sem emprego, ganhar um salário baixo ou ficar sem receber pelo trabalho, em seus lugares de origens.

3.12 Condições salariais e postos de trabalho em Nova Serrana

Nesse item apresentamos os depoimentos de alguns dos imigrantes entrevistados, sobre suas funções e salários, nas indústrias de calçados de Nova Serrana. Algumas das funções correspondem ao que ressaltou Lourenço (2010) sobre a produção em série e o não reconhecimento do trabalhador no produto final. Importante destacar que a maioria dos entrevistados que trabalha nas indústrias de calçados, mesmo os que não trabalham nas Empresas A e B, são trabalhadores formais, ou seja, possuem carteira de trabalho assinada.

O entrevistado Claudenir, declara: “eu trabalho na indústria de calçados. Aqui, atualmente, estou ganhando R\$ 1.017,00. Eu trabalho com tudo lá. Uma coisa aqui, outra coisa ali. É das 7h as 17h. São 10 horas de trabalho”. (Claudenir).

Jussara, trabalha como recepcionista na Empresa A. Seu salário é “de 910,00 por uma jornada de trabalho de mais ou menos nove horas por dia” (Jussara)⁵¹.

Geovani chegou a Nova Serrana há uma semana. Já está empregado na Empresa A. Ele declara: “trabalho de coisar o sapato” (Geovani)⁵². Apesar de não ter especialização para a tarefa que realiza, é absorvido na indústria de calçados, e receberá um salário mensal prometido, correspondente a “R\$ 910,00”. (Geovani).

Marco, que trabalha na Empresa A, declara: “Faço tênis. Calçado”. Quanto ao salário na indústria calçadista, o entrevistado ressalta que “depende muito da função que a pessoa faz. Se a pessoa monta o tênis, passa cola. Eu aponto sola e meu salário é R\$ 1.100,00 a R\$1.200,00, com alguma gratificação”. (Marco)⁵³. Quanto ao trabalho desempenhado na empresa, Marco

⁵¹ Entrevista gravada na Crômic, 04 maio 2015.

⁵² Entrevista gravada na Empresa A, 02 maio 2015.

⁵³ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

afirma que “não é difícil, mas exige muita atenção e eu não posso dar mole, porque o outro espera que eu faça a minha parte rápido para ele poder fazer a dele”.

O depoimento do entrevistado Marco nos remete ao que ressaltou Lourenço (2010), sobre o modo de produção utilizado pelas indústrias de calçados que, muitas vezes, utilizam o “princípio taylorista-fordista”, restringindo ao trabalhador a possibilidade da participação no processo de produção do calçado. No caso do Marco, conforme sua declaração, “aponta sola”, não o capacita a declarar “faço tênis”, muito embora, tenha dito.

Na verdade, fazer o tênis exigiria do trabalhador participar de todo o processo de produção, o que, no modelo da indústria calçadista da qual participa, isso não lhe é permitido. O entrevistado declara também que é preciso atenção, pois outro trabalhador, logo após ele, na esteira de produção, espera que sua tarefa esteja pronta rapidamente, para não atrasar o processo produtivo.

Por sua vez, o entrevistado Henrique, declara que é “operador de injetora” e que recebe um “salário mensal de R\$ 950,00 a R\$ 1.100,00, por uma jornada de oito horas de trabalho diárias”⁵⁴. Ele também não soube falar sobre as outras funções na empresa.

Petrolina trabalha na esteira de produção: “trabalho na esteira. Meu salário é R\$ 968,00. Esse é o salário da carteira. Tem os descontos. Fica em R\$ 900,00, eu acho, ou menos. Acho que fica uns R\$ 890,00 por aí”⁵⁵. Interessante observar que a entrevistada apresenta dificuldade até para o controle de seu próprio salário. Ela, segundo observamos, faz parte do grupo de imigrantes que chegou a Nova Serrana sem capacitação e que foi absorvida pela indústria calçadista, com baixos salários.

O entrevistado Antônio afirma que não estava conseguindo conciliar trabalho e estudo, quando morava no interior, e que preferiu optar por trabalhar com carteira assinada. Tem vontade estudar, mas ressalta que o tempo é “mais curto” e, com isso, não vê possibilidade de realizar o seu objetivo.

Atualmente, em Nova Serrana, Antônio está empregado na Empresa A. Sua função é de auxiliar de supervisor e seu salário é de R\$ 1.400,00 mensais. Há um complemento salarial, segundo o entrevistado, que: “ganho hora extra. A hora extra ajuda bastante. Chega no meio do mês você recebe um cheque de hora extra... é bom demais. Dá pra ajudar nas compras”. (Antônio)⁵⁶.

⁵⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

⁵⁵ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

⁵⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

No caso do José Teobaldo, que explica: “sou supervisor de montagem. Ganho R\$ 2.000,00 por mês”⁵⁷. José Teobaldo está há cinco anos em Nova Serrana e, trabalha na Empresa A, desde que chegou. Conta que também passou pelas várias etapas da produção de calçados, até chegar a supervisor de montagem. Quanto ao valor recebido avalia: “em vista dos outros que trabalham aqui, é bom” (José Teobaldo).

Outro entrevistado, José Flávio, trabalha na indústria de calçados, mas a sua profissão é vigilante. Ele trabalhou no serviço público, mas devido à mudança de partido nas últimas eleições, ele foi despedido. A solução foi procurar trabalho na indústria de calçados: “hoje trabalho em fabrica. Sou encarregado geral. Faço tudo. Meu trabalho era patrimônio público”⁵⁸.

O entrevistado relata que no “funcionalismo público de Nova Serrana fica empregado de acordo com a política da cidade”. (José Flávio). Enquanto aguarda um concurso público para retornar às suas atividades de vigilante no patrimônio público, José Flavio garante a sobrevivência com seu trabalho na indústria de calçados. Ele declara que é “encarregado numa empresa de um amigo e recebe um salário de R\$ 1.100,00 por mês”.

Outro depoente, Reginaldo trabalha na indústria de calçados, conforme declara: “trabalho com fábrica de calçado. Faço de tudo lá dentro. Passo cola. Ajudo os trem lá... Dá para tirar uns novecentos e pouco. Tem um ano e seis meses que trabalho lá. Tenho carteira assinada.”⁵⁹. Afirma ainda que, além do salário, a empresa “dá passagem e bonificação”.

A entrevistada Vilma trabalha na Empresa B que, conforme vimos, terceiriza trabalhos das indústrias de calçados. Vilma é prespontadeira e há seis anos trabalha nesta empresa. “Recebo um salário de R\$ 1.100,00 e trabalho de oito a dez horas por dia. Depende da quantidade de serviço que temos que entregar”⁶⁰.

Em seu depoimento, o entrevistado Sandoval, declara que nos últimos anos, em Nova Serrana, está trabalhando na empresa do seu tio. Ele afirma ser “coordenador de produção e recebo um salário de R\$ 1.250,00, por mês”⁶¹.

A esposa de Sandoval, também entrevistada, trabalha na mesma empresa que o marido e tem como função “trabalhar na esteira. Passo cola nos solados dos calçados e meu salário é de R\$ 980,00, por mês” (Andressa)⁶².

⁵⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 21 jul. 2015.

⁵⁸ Entrevista gravada na Praça Jardim do Lago, 10 ago. 2015.

⁵⁹ Entrevista gravada na Praça da Bíblia, 14 jul. 2015.

⁶⁰ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

⁶¹ Entrevista informal na Praça Jardim do Lago, 01 maio 2015.

⁶² Entrevista informal na Praça Jardim do Lago, 01 maio 2015.

A média dos salários dos empregados das indústrias de calçados em Nova Serrana, em 2015, “varia entre um a um salário e meio. Dependendo da capacitação do trabalhador e da função que ele exerce na empresa”. (Empresário 1)⁶³. Segundo o entrevistado, “há aqueles que chegam a ultrapassar essa faixa salarial, mas isso é quando o empregado passa a ocupar cargos de gerência nos setores de produção”.

No que se refere à rede de sociabilidade, alguns colegas de trabalho se tornam amigos do churrasquinho de fim de semana, padrinhos dos filhos, parceiros em uma partida de futebol.

Remilda, além do trabalho de cortadeira na Empresa A, declara-se atenta aos relacionamentos com os colegas de trabalho. Segundo ela:

eu corto... sou cortadeira. Aqui na fábrica todo o dia é o mesmo ambiente, você tem que saber lidar com as pessoas, para dar certo. Porque você fica aqui preso, todo dia é a mesma coisa. Pode fazer com que as pessoas se estranhem e digam coisas que ofendem as outras. Desse jeito o trabalho fica mais penoso. (Remilda)⁶⁴.

O que ressalta Remilda sobre os relacionamentos na “fábrica” coincide com Barreto e Heloani (2010) quando ressaltam que “o mundo da fábrica é o universo das relações sociais. É o espaço dos discursos e promessas, das seduções e conflitos. Das competições e exigências; da sujeição e servidão”. (BARRETO; HELOANI, 2010, p. 292).

A declaração de Remilda sobre o cuidado com o relacionamento para não ofender ou se indispor com algum colega de trabalho, já que a jornada é estressante e a pressão para que se produza é forte, pode ser comprovada também a partir da declaração de Maristela, que trabalhava em outra empresa e se indispôs com a encarregada. Ela ressalta:

eu trabalhava em outra fábrica. Trabalhei lá 8 anos. Lá era bom de trabalhar, mas eu já estava cansada da mesmice, tinha uma encarregada lá que era só Deus mesmo para ter misericórdia. Mas aí eu pedi conta... Eles acertaram minhas contas. Me chamaram e falou comigo que eu trabalhei muito tempo e que não ia deixar eu sair de mão vazia não. É Deus. Eu pedi conta. Se fosse uma outra ocasião que eu não tinha entregue minha vida para Deus, eles iam falar, ela que pediu conta, ela que vai perder. Eles me chamaram e fizeram um acordo... Aí me perguntaram se eu ia querer seguro, falei não. Fiquei quatro dias parada. (Maristela)⁶⁵.

Nesse caso, houve a interferência de Deus para garantir seus direitos, ou seja, na dificuldade de relação com os homens, a fé pode ser a solução.

⁶³ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

⁶⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

⁶⁵ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

Matilde que, ao falar de seu trabalho na empresa, ressalta:

eu sou gerente de desenvolvimento de produtos. Trabalho com a parte de modelagem. Desenvolvendo produtos. Desde uma foto, uma pesquisa, até o produto está sendo produzido na nossa produção. Hoje é essa a minha função. Mas comecei aqui há 16 anos, na produção mesmo, em 1999. Eu só trabalhei nessa empresa. Nunca trabalhei em outro lugar em Nova Serrana. Eu vim pra cá colocando papel bucha, embalando, fazendo atacado. Ai fui, fazendo curso, que a própria empresa na época me proporcionou. Hoje meu salário é de R\$ 2.100,00 por mês. (Matilde)⁶⁶.

A entrevistada, uma das mais antigas funcionárias da Empresa A, declara que o seu crescimento é fruto de seu interesse em fazer cursos profissionalizantes, custeados pela referida empresa.

O entrevistado Pedro Afonso conta que:

na empresa hoje, sou gerente de produção. Eu comecei como auxiliar de linha de produção. Ai um ano depois eu fui para o administrativo. Auxiliar administrativo. Trabalhei um bom tempo como auxiliar administrativo. Depois fiz um curso de Planejamento e controle de produção (PCP). Depois fui gerente administrativo e agora gerente de produção. Meu salário é de R\$ 2.500,00 por mês. (Pedro Afonso)⁶⁷.

Pedro Afonso, diferente dos demais entrevistados, conta que o trabalho não foi o único motivo que o trouxe a Nova Serrana. Ele declara:

um dos meus objetivos que eu fiquei em Nova Serrana, que eu vim para cá, é que eu queria muito fazer faculdade. Um ano depois que eu estava aqui eu me matriculei num curso de matemática. Licenciatura em matemática. Formei-me em 2005 e, em 2006, eu comecei a lecionar. Comecei a trabalhar com ensino médio, sempre no turno noturno na escola pública. Durante o dia na indústria de calçados e, à noite leciono na escola municipal. É cansativo, mas compensa. (Pedro Afonso).

A realidade apresentada por Pedro Afonso, sobre a sua jornada de trabalho, nos três turnos, não foi encontrada nos depoimentos dos demais entrevistados.

Pedro Afonso constitui um caso atípico dos imigrantes em Nova Serrana. Não foi somente o trabalho que o trouxe à cidade, mas também a sua vontade de estudar. Em nenhum outro depoimento, ouvi tamanha determinação em investir na própria formação.

3.13 Desafios e consequências da demanda nas indústrias de calçados em Nova Serrana.

Um dos desafios da indústria de calçados em Nova Serrana é a rotatividade dos seus

⁶⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

⁶⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

empregados. São poucos os trabalhadores que permanecem por muito tempo na mesma empresa.

Em seu depoimento, o Empresário 1 ressaltou que há uma rotatividade notável entre trabalhadores nas indústrias de calçados. Eles se revezam por entre as empresas, em busca de melhores salários:

os trabalhadores, depois de se especializarem numa determinada empresa, eles passam a buscar novas possibilidades de maiores rendimentos, empregando-se nas empresas que lhes paguem mais. Outros aproveitam do benefício do seguro desemprego, para serem desligados das empresas formais. Passam a prestar serviços nas empresas informais, sem carteira assinada, obtendo assim, dois rendimentos mensais, o salário informal e o seguro desemprego, mesmo que temporariamente. Outros ainda voltam para suas origens com um rendimento garantido, pelo referido seguro, por alguns meses. Os que realmente ficam desempregados na cidade são os que não estão dispostos a cumprirem as metas impostas pela indústria que os contrata. Porque quem não tem um propósito de vir para trabalhar, que tem esse pensamento essa vontade de trabalhar, também não fica aqui não”. (Empresário 1)⁶⁸.

Em sintonia com a declaração do Empresário 1, Laureano (2010), referindo-se à prática da produção na indústria calçadista, diz que “a monotonia, o tédio e, em consequência, a idiotização do serviço, fez com que muitos trabalhadores deixassem os seus postos de trabalho nas fábricas, buscando outros empregos, o que gerou a indesejável rotatividade excessiva nos postos de trabalho.” (LAUREANO, 2010, p. 434).

Uma situação interessante que encontramos em Nova Serrana, principalmente nos meses de junho e julho de 2015, foi a recessão na produção das indústrias de calçados. Geralmente, esses meses são considerados de baixa produção, devido a pouca demanda do mercado consumidor, e, a cada ano, as empresas demitem muitos empregados, promovem férias coletivas ou há redução de carga horária, que passam a ser computadas num banco de horas. Essas horas não trabalhadas, em algumas empresas, são descontadas em horas extras, mais precisamente, no final de cada ano, quando a demanda do mercado calçadista melhora.

O ano de 2015, segundo relatos dos entrevistados, foi um ano atípico para as indústrias de calçados e para os trabalhadores, pois o Brasil passava por uma crise econômica atingindo a produção e gerando demissões e desemprego.

Segundo a Empresária 2, “esse ano não foi um ano bom não. Aqui diminuiu muito o serviço. Nós fazíamos 650 pares por dia, hoje caiu muito. “Relativar” a 150 pares a menos eu acho muito. Mandeí três pessoas embora”⁶⁹. Com a queda da demanda, as empresas que

⁶⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

⁶⁹ Entrevista gravada na Empresa B, 12 ago. 2015.

terceirizam o trabalho se adaptam como podem. No caso da Empresa B, uma das ações empreendidas para se manter no mercado terceirizado foi a demissão de alguns funcionários. Outras ações, segundo a Empresária 2, têm sido a “redução da carga horária diária” e, quando diminui mais, “damos folga e anotamos no banco de horas”⁷⁰. No final do ano, quando o trabalho melhora, fazemos horas extras e descontamos no banco de horas”.

Em uma das visitas feitas, encontramos, no banco da Praça da Bíblia, um sujeito, Reginaldo, em pleno horário de trabalho. Em conversa com ele, esclareceu: “eu fui trabalhar, mas meu patrão dispensou todo mundo, porque tem pouco serviço. A gente está trabalhando pouco esses dias. Estou aqui esperando minha esposa porque a chave de casa fica com ela. Fiquei na rua esperando dar a hora”⁷¹. Sua esposa, segundo ele, também trabalha na indústria de calçados.

Continua Reginaldo:

eles mandam a gente embora mais cedo para não ter demissão. Ai a gente cai no banco de horas. Final do ano, quando precisar, desconta. Está meio fraco nas fábricas. Ai não tem muito serviço. Trabalhamos até uma hora e fomos embora. Esperar para amanhã para ver o que tem pra fazer. Se pego mais banco de hora. Depois paga as horas. Hora extra vai pagando. Setembro, se Deus quiser, melhora. Setembro melhora. (Reginaldo).

O entrevistado declara que, na empresa, “ficam só o encarregado e o presponto. A esteira mesmo não tem nada para fazer. O acabamento fica também. Os outros vão embora. Tem pouca encomenda das lojas”. (Reginaldo). Referindo-se à crise nas empresas, nos meses de junho e julho, Reginaldo ressalta que “todo ano é assim, mas esse ano está pior. Tá mais banco de hora. Esse ano pegou mais”.

Há, também, as empresas que preferem demitir os funcionários, como no caso da Empresa B, que demitiu três funcionários. No caso da Empresa B, por não ter “condições de manter empregados em ‘banco de horas’, porque aqui a gente ganha quando produz e, eu não tenho como pagar uma funcionária parada”. (Empresária 2)⁷².

Uma cena comum é ver pessoas assentadas na porta da casa nesse período do ano. Em conversa com um desses moradores, ele explicou: “eu fui mandado embora, né? E tô procurando serviço. (Ricardo)⁷³. Segundo ele, sua capacitação, na indústria de calçados, é com injetora. “Sempre trabalhei em fábrica. Mas já fiz outras coisas já... Mas tudo no meio de fábrica

⁷⁰ O chamado banco de horas é uma possibilidade admissível de compensação de horas, vigente a partir da Lei 9.601/1998. (GUIA TRABALHISTA, 2016).

⁷¹ Entrevista gravada na Praça da Bíblia, 14 jul. 2015.

⁷² Entrevista gravada na Empresa B, 12 ago. 2015.

⁷³ Entrevista gravada no bairro Planalto, 21 jul. 2015.

de calçados. Há sete anos trabalho com injetora, e meu salário era de R\$ 1.400,00”. (Ricardo)⁷⁴. Informa que sua demissão foi “por causa da crise. Falta de emprego. Uns patrões dispensam seus empregados, outros, fecham as empresas. Saí da empresa sexta-feira passada. Peguei as folhas. Já vou dar entrada nas folhas para o seguro desemprego”.

Ricardo, não chegou a usar o seguro desemprego, como pensava, pois em agosto de 2015, ao retornarmos à Nova Serrana, ele contou que foi contratado em outra indústria de calçados. No caso do Ricardo, dada a sua experiência de sete anos, não foi difícil retornar ao trabalho.

O desemprego ameaça a não realização dos objetivos de qualquer ser humano, sobretudo dos imigrantes que tem como objetivo trabalhar em Nova Serrana. Os motivos da perda de emprego são variados, como a falta de capacitação da mão de obra, crise econômica na indústria de calçados ou desacordo de interesses. Nesse caso, o empregado se vê à mercê da própria sorte. As consequências podem provocar a mobilidade dos imigrantes que, em alguns casos, retornam às suas origens ou partem para outras regiões do País que lhes proporcionem melhores condições de sobrevivência, há ainda aqueles que optam por novas possibilidades de trabalho em áreas diferentes da indústria de calçados. Como exemplo, o caso de Rinaldo “zelador da Igreja”. (Rinaldo)⁷⁵, com um ganho mensal de “um salário e meio”. Relata que já trabalhou em duas indústrias de calçados, porém: “eu não gostava de trabalhar de fábrica. Muita pressão. Muita exigência”. As cobranças por produtividade impostas fizeram com que Rinaldo preferisse ser zelador de Igreja. Apesar do trabalho ser mais tranquilo e não haver tanta cobrança, como nas indústrias de calçados, existem outros contratempos:

eu trabalho aqui, mas eu engulo sapo. Muitas vezes eu faço as coisas assim, porque eu não quero discórdia. Eu não quero que eles fiquem com raiva de mim, porque assim acabo perdendo meu emprego. Eu vejo que muitas pessoas que trabalham aqui não estão agindo certo. Não é certo a forma com que eles agem. Muitas vezes eu aceito, porque eu não quero chegar e mostrar a verdade. Mas vejo que nas atitudes as pessoas estão longe de tudo. Eu não vou falar muito porque você sabe. Eles, por exemplo, fazem festa na igreja e põe bebida. Na minha opinião, eu não acho correto. Fico quieto. Agora se eles vierem pedir minha opinião eu falo, não acho correto. Não acho correto fazer uma festa da Igreja, para o São João Bosco, Paróquia São João Bosco e por bebida alcoólica. Muitas vezes eu aceito, fico calado por causa disso. E também percebo que as pessoas não trabalham unidas. Um faz uma coisa, outro faz outra. Não concordo. Até eles mesmo falam. Se você é carismático da RCC não bate bem com os que não são. Há uma divisão muito grande na igreja. (Rinaldo).

⁷⁴ Entrevista gravada no bairro Planalto, 21 jul. 2015.

⁷⁵ Entrevista gravada na igreja católica, 11 ago. 2015.

Embora não concorde com algumas práticas de outros membros da Igreja Católica, Rinaldo prefere silenciar-se, para garantir seu emprego.

Passando o período de baixa produção, no segundo semestre do ano, a demanda do mercado aumenta com a preparação para as vendas no fim do ano as contratações se efetivam, e o quadro de empregos passa a ser visto positivamente. O mercado, nesse mesmo ano, reagiu em Nova Serrana, que foi considerada, como vimos, pelos dados apresentados pelo CAGED, entre as 10 cidades que mais contrataram no País e a primeira no Estado de Minas Gerais.

Embora a economia da cidade gire em torno das indústrias de calçados, existem várias alternativas de absorção da mão de obra, como as empresas que oferecem assistência técnica, matéria-prima e, diversos outros insumos para a manutenção das indústrias de calçados. Como nas indústrias de calçados, as referidas empresas também possuem características das empresas formais e das informais, garantindo ou não os direitos trabalhistas aos seus empregados. Há também os serviços públicos, o comércio, a construção civil e os prestados por profissionais liberais.

3.14 A diversidade de trabalho em Nova Serrana

No contexto de Nova Serrana, há várias possibilidades de trabalho, além das indústrias de calçados, que contribuem para a permanência do imigrante na cidade. É perceptível que alguns são absorvidos pelos setores público ou comerciais, especificamente, na produção, alimentação ou vestuário. Há também os profissionais liberais, ou os que trabalham na construção civil.

O nosso entrevistado Valter declara ser pedreiro e afirma: “nunca trabalhei numa fábrica de calçado. Aqui sempre que eu trabalhei foi de pedreiro. Às vezes, eu chego, tem uma pessoa que tem um servicinho pra fazer, eu pego e faço. Aquilo que eu sei fazer eu faço”⁷⁶. O entrevistado declara que “apesar de meus filhos trabalharem em fábrica de sapatos, eu não tenho esse interesse”.

Júlio explica que o trabalho na indústria de calçado não é interessante. Ele trabalha numa padaria e acredita que seu salário seja maior e “é porque eu não tenho experiência” O segundo motivo, de acordo com o Júlio, é a questão das horas de trabalho, comparando com o salário que as indústrias de calçados pagam a seus empregados:

⁷⁶ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

para mim, não compensa. Dez horas de trabalho por dia. Eu acredito que sim. Calçado é o seguinte. Quem vem de fora, vem mais visando em empresa de calçado e se torna particularmente um salário de 1.000 reais. Isso não dá para mim. Sou confeitiro numa padaria e ganho muito mais. (Júlio).

Como confeitiro experiente, tem um bom rendimento financeiro.

Pedro, irmão do Júlio, está há uma semana em Nova Serrana e também trabalha no setor de padaria. Foi para Nova Serrana com o intuito de trabalhar, mas não tem uma escolha determinada, podendo, até, entrar para o mercado de trabalho calçadista: “posso até entrar na indústria de calçados. Como estou chegando agora, novato”. (Pedro)⁷⁷. Porém, ao saber sobre a realidade dos empregados na indústria de calçados, ressalta:

a profissão de sapato hoje, para você viver aqui dentro, você não consegue viver de sapato não. Ganhar para pagar só o aluguel e comer. Isso não vai juntar nada. Vai viver mil anos aqui e não junta nada quando se trabalha com sapato. Sou profissional. Tenho profissão boa, que é uma profissão que dá dinheiro. E tem como me aprumar aqui sem precisar de calçado. Sou pizzaiolo. Trabalho como padeiro, e eu acho que faço mais coisas. Já vim com emprego garantido. (Pedro).

Como é recorrente, os imigrantes sofrem influência dos familiares e garantia de trabalho: “meu irmão que arrumou o emprego para mim”. (Pedro).

Para o entrevistado, a questão salarial é a que definirá sua permanência em Nova Serrana:

se não der certo, volto para Alagoas. Só que o salário lá é bem mais pouco. Lá você ganha mil e duzentos contos. Aqui você ganha mais. Dois, dois e quinhentos ou três mil reais, por mês. Se eu tiver um salário de 1.500, eu volto para casa. Lá eu ganhava isso e não tinha despesa. (Pedro).

Outro depoente, Luiz, declara: “trabalho no MAC – Um supermercado aqui da cidade. Eu nunca procurei serviço numa indústria de calçado assim não. Mas se tiver oportunidade [...]”⁷⁸. Declara Luiz, que sempre trabalhou no comércio e que este é seu segundo emprego. Antes, não tinha carteira assinada e isso contribuiu para optar por outro emprego: “antes eu estava trabalhando numa loja de celular, mas não era carteira assinada. Agora é carteira assinada, mas eu estou na experiência. Meu contrato vence no sábado e eles não vão me efetivar”. O motivo de sua saída é por ele não ter aguentado a pressão do trabalho:

eles exigem muito dos empregados. O gerente pressiona muito para que tudo saia do jeito que ele quer. Quando fazemos diferente, ele manda fazer de novo. Eu penso que

⁷⁷ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

⁷⁸ Entrevista gravada na Praça Jardim do Lago, 01 maio 2015.

não precisa pressionar tanto assim, não. Além do cansaço do serviço, sinto a mente cansada e sempre penso que estou fazendo alguma coisa errada. Não quero isso para minha vida. (Luiz).

A pressão sofrida pelo depoente no local de trabalho é também vivenciada por alguns trabalhadores das indústrias de calçados. O próprio Empresário 1 declara que muitos não aguentam a cobrança das empresas por estar baseada na produção e muitos deles se demitem: “eu pedi para sair” (Luiz).

Outros buscam outros serviços: “saí da firma e comprei meu caminhãozinho e estou trabalhando aqui para mim. Comprei o caminhão, montei um barzinho – bar e restaurante – e aí estou trabalhando para mim mesmo aqui. Montei o bar e restaurante Itororó”. (Geraldo)⁷⁹. Como motorista de caminhão, ele viaja para várias partes do Brasil, “faço mudança aqui em Nova Serrana. Na região. Vou para São Paulo. Bahia, que nem vou agora quinta- feira. Aí vou lá. Descarrego a mudança, deixo lá, e, volto, carrego de novo e levo de volta para Bahia”. (Geraldo).

Outra entrevistada, Marilda, apesar de ter feito faculdade de Direito, trabalha no CRAS: “aqui eu sou recepcionista. Eu fico aqui das 8h às 18h, todos os dias”⁸⁰. Ela sempre exerceu funções no serviço público da cidade, como declara: “vai fazer um ano agora que estou aqui, mas já trabalhei na Prefeitura também”. Segundo ela, seus empregos são garantidos “por processo seletivo”. (Marilda).

Outra entrevistada Lecimar, Assistente Social da Prefeitura de Nova Serrana, conta que logo que chegou com sua família a Nova Serrana, trabalhou em escritório de contabilidade:

quando eu cheguei aqui, eu tinha acabado de me formar, aí eu trabalhei um ano e meio mais ou menos num escritório de contabilidade... Eu fiz técnico de contabilidade... Não é muito meu perfil não, mas eu fiz, né? Um ano e meio e logo em seguida eu sai. (Lecimar)⁸¹.

O serviço em escritório de contabilidade não lhe agradava, por isso optou pela indústria de calçados, atraída também pelos melhores salários:

aí, a questão de dinheiro, a fábrica dava mais do que trabalhar em escritório na época quando eu vim. Aí, eu saí do escritório e comecei a trabalhar na fábrica de calçado. Eu fui ser prespontadeira, durante muitos anos. Uns dezenove anos mais ou menos... Mais ou menos uns dezenove anos. (Lecimar).

⁷⁹ Entrevista gravada na Praça da Bíblia, 14 jul. 2015.

⁸⁰ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

⁸¹ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

Atualmente, como Assistente Social da Prefeitura Municipal, elenca o número dos que sobrevivem na cidade industrial sem vínculo empregatício com as indústrias de calçados.

Em outra narrativa, é possível observar que o projeto é montar o próprio negócio: “trabalhei na indústria de calçado até uns anos atrás. Hoje montei um comércinho para mim. Um método de sobrevivência, para tentar levar a vida, né?” (Francisco)⁸². O comércio de Francisco, 49 anos, é de móveis usados e está localizado, estrategicamente, na entrada do Bairro Planalto – onde residem muitos imigrantes.

O comércio em Nova Serrana, “não está ruim, não. Está melhor do que trabalhar para outras pessoas”. (Francisco). Mesmo, em momentos difíceis, pois, segundo Francisco, “encontramos muitas dificuldades para nos manter vivos no mercado, Nova Serrana é uma cidade muito boa. Próspera”. Apesar de o comércio do Francisco ser ainda pequeno, ele garante que “tem muito movimento. Então, a gente equilibrando a economia, consegue sobreviver nesse pequeno comércio”.

Alguns dos informantes, como Valdeílson têm experiências diferentes. Declara que foi para Nova Serrana e trabalhou por um tempo na indústria de calçados. Logo em seguida, resolveu retomar a profissão que tinha em sua cidade de origem: “lá eu trabalhava de vidraceiro”⁸³. Logo em seguida, como tinha concluído o ensino médio, fez concurso público e, hoje “sou efetivado na Prefeitura como auxiliar de biblioteca”. No turno da manhã e à tarde, “trabalho na secretaria de Igreja Católica.”

O caso do André, que é lanterneiro, como o pai, encontrou trabalho em sua área e avalia: “se não tivesse o lanterneiro, o padeiro, o pedreiro, como ia ser essa cidade?”⁸⁴.

Como se percebe, em Nova Serrana, muitos se estabelecem profissionalmente fora da indústria calçadista. Alguns montam seu próprio negócio, como um comércio, a oficina de lanternagem, as bancas de presponto de calçados em suas residências, etc.

Outros, mesmo trabalhando nas indústrias, que lhes oferecem um salário baixo, constituem família e adquirem bens, como lotes, apartamentos, carro, moto, etc. À medida que os laços vão se solidificando, e os bens são adquiridos, as pessoas vão se considerando cidadãos da cidade, que os acolhe e, em muitos casos, não se consideram mais imigrantes ou “de fora”.

Na cidade, os laços, nas redes sociais, são estreitados, no churrasquinho, nos passeios e banhos no rio, com os amigos nos fins de semana para pescar ou nadar, nas partidas de futebol que são realizadas, a partir do incentivo das empresas nas quais trabalham, e também na

⁸² Entrevista gravada numa loja no bairro planalto, 10 ago. 2015.

⁸³ Entrevista gravada na Igreja Católica, 10 ago. 2015.

⁸⁴ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 11 ago. 2015.

comunidade religiosa, já frequentada pelo indivíduo, ou que ele passa a frequentar. Esses laços extrapolam os limites da empresa e ajudam o imigrante a se fixar em definitivo no novo território.

3.15 Nova Serrana é uma cidade industrial onde não há muitos espaços para o lazer

Nova Serrana é reconhecida por alguns dos entrevistados “como o lugar para se trabalhar” (Claudenir)⁸⁵, o “lugar de oportunidade” (José Teobaldo)⁸⁶, o “lugar da guerra” (Claudenir), o “lugar onde não cabe o lero-lero” (Empresária 2)⁸⁷, o “lugar onde se tem que vencer o cansaço” (Claudenir), o “lugar do qual me orgulho” (Lecimar)⁸⁸... Porém, há o reconhecimento, por parte da maioria dos entrevistados, de que a cidade não lhes oferece muitas opções para o lazer, como espaços culturais, esportivos, parques, etc.

Em nossas visitas à cidade, observamos que existem um cinema, vários campos de futebol e algumas áreas adaptadas para prática de esportes. Porém, pelo número de habitantes da cidade, os espaços oferecidos para o lazer e prática de esportes são considerados pelos atores dessa pesquisa inacessíveis ao trabalhador, como no caso do cinema, do clube destinado à elite da cidade, ou inseguros, como as pistas de caminhadas e as festas que acontecem nos fins de semana.

A depoente Maristela conta que “há um cinema na cidade. Já fui duas vezes. É bom. Mas não dá para ir sempre, porque pesa nas despesas, porque não dá para ir sozinha. Tenho que levar a família toda”⁸⁹.

Ricardo também em seu depoimento conta que “existe cinema na cidade. Porém, é só para os da “alta”, porque ninguém tem dinheiro para ficar indo ao cinema. Para começar, não dá para ir sozinho. Tenho minha mulher. Ela vai querer ir. Fica caro. Ai é mais difícil, né?”⁹⁰.

Essa atividade cultural só foi aludida por dois dos entrevistados e, ambos, declararam que o valor financeiro dispensado para tal é alto, já que há o costume do lazer com agregação de membros da família.

Segundo André, em Nova Serrana, “a administração pública não se preocupa com o lazer de quem vive aqui. Hoje em Nova Serrana o que falta muito é espaço para lazer da maioria

⁸⁵ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

⁸⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 21 jul. 2015.

⁸⁷ Entrevista gravada na Empresa B, 12 ago. 2015.

⁸⁸ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

⁸⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

⁹⁰ Entrevista gravada no bairro Planalto, 21 jul. 2015.

da população. Falta uma praça a que você sinta vontade de estar indo”⁹¹. O entrevistado compara as opções de lazer de outras cidades: “aqui não existe um ambiente gostoso para ir e para se divertir, como você pode ir a Belo Horizonte”. E, continua: “as próprias cidades de Divinópolis ou Bom Despacho. Nelas dá para perceber que eles se preocupam mais com o lazer. Aqui, a cidade só visa ao trabalho mesmo”. (André).

Claudenir também se refere às cidades próximas de Nova Serrana, que oferecem melhores condições para o lazer. Ele ressalta: “a não ser que você parta para Belo Horizonte, ou Divinópolis. Porque as únicas cidades que oferecem um lazer essencial, ou seja, espaços onde as pessoas possam desfrutar mais nos momentos de descanso e encontros com os amigos”. (Claudenir).

Segundo Reginaldo, “em Nova Serrana, não tem nada para se divertir. Aqui é só trabalho mesmo. Quando eu quero me divertir, eu vou para outra cidade, ou algum lugar... Aqui não tem nada não. Vou para Pompéu. Lá é melhor que aqui”⁹².

Conta André que,

há bem pouco tempo, foi inaugurado um clube para a população. O local onde funcionava o SESI, agora se transformou em Clube do Trabalhador, e as pessoas hoje têm acesso ao clube. Hoje, pelo menos 600 pessoas cabem nesse clube. Antes não tinha nada. (André).

Ainda que o clube receba muitos frequentadores, somente ele se referiu a esse espaço.

Como não podia ser diferente, a cultura brasileira tem o futebol como traço marcante; como explica Petrolina que gosta de acompanhar o marido para assistir a um futebol de campo em um dos poucos espaços existentes na cidade. Segundo ela, os “campos de futebol são vários. Tem no bairro São Geraldo, tem outro no Frei Ambrósio, que é mais perto da minha casa. Nesse, posso ir a pé”⁹³. Petrolina gosta de assistir a uma partida de futebol “às vezes eu vou para o futebol também. Quando as minhas amigas vão. Só que eu prefiro ir ao campo do bairro Frei Ambrósio, que é mais perto da minha casa.”

A entrevistada afirma ainda que muitas pessoas, nos fins de semana, vão jogar futebol em outras cidades, como exemplo, “esses dias eles foram jogar futebol lá perto de Pará de Minas. Eu fui também para acompanhar o meu marido” (Petrolina).

⁹¹ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 11 ago. 2015.

⁹² Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

⁹³ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

Marco também declara sua adesão ao futebol: “de vez em quando vou para a roça. Lá tem campo de futebol” (Marco)⁹⁴. Apesar de sua preferência ser de jogar em quadra. O jogo de futebol em quadra de esportes acontece “duas ou três vezes por semana, com os colegas de trabalho” (Marco).

A Empresa A, a única apontada pelos entrevistados, paga o aluguel da quadra: “a empresa paga um horário para os funcionários jogarem bola. Jogamos futsal”. (Antônio)⁹⁵. Relata que é uma atividade importante para “interagir com os colegas no futsal”, embora não frequente, “porque durante a semana não estou tendo muito tempo, mas fim de semana, sexta, sábado e domingo sempre vou”. (Antônio).

Além do futsal, Antônio procura outros meios para se divertir: “eu sempre gosto de ir para roça, rever meus parentes, passear e dar uma distraída”.. A declaração de Antônio está em sintonia com o que nos apresenta Gutierrez (2000), quando ressalta: “as visitas aos parentes [...] são referências usuais, misto de obrigação familiar e de ruptura do cotidiano, através da convivência com os primos, e as saídas para outros espaços que não os usuais”. (GUTIERREZ, 2000, p. 42). Ele procura lugares fora da cidade, seja em busca de lazer, seja para visitar parentes, como fazem outros moradores de Nova Serrana.

Na mesma situação, o depoente Ricardo conta que os pais moram num sítio, distante uns dez quilômetros de Nova Serrana, e que “a melhor diversão nos fins de semana é ficar em casa com a família, no sítio. Na cidade mesmo, não tem diversão”⁹⁶. Da mesma forma, a Empresária 2 declara: “eu vou para casa da minha mãe, que fica no interior, próximo a Nova Serrana”⁹⁷.

Além das residências de familiares, existem, próximo à cidade, cachoeiras que são procuradas pela população, nos fins de semana, bem como o rio. Muitos trabalhadores vão, com seus amigos, para uma pescaria, para nadar e para fazer um churrasco. Explica Geraldo: “Há muitos lugares para você ir. Tem rio para você ir. Tem aqui, tem na cidade de Conceição do Pará. Essa região toda aqui tem rio. Tipo uma prainha”. (Geraldo)⁹⁸.

José Teobaldo também utiliza o rio como forma de lazer, com seus amigos: “a gente vai tomar banho no rio. Não sei se é poluído. Só sei que a gente vai nadar lá. Fica depois de Manhurus. Uns vinte e poucos quilômetros de distância daqui. A gente forma uma turma e

⁹⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

⁹⁵ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

⁹⁶ Entrevista gravada no bairro Planalto, 21 jul. 2015.

⁹⁷ Entrevista gravada na Empresa B, 12 ago. 2015.

⁹⁸ Entrevista gravada na Praça da Bíblia, 14 jul. 2015.

vai”⁹⁹.

Observamos no depoimento de José Teobaldo que, na cidade, a violência pode dificultar a busca de outras alternativas de lazer. Ele afirma que a “única coisa que tem é festinha. Muitas vezes temos que tomar cuidado com a violência, pois, nessas festinhas, sempre temos que correr de briga. Isso torna o lugar, que seria para o divertimento, em lugar de medo e insegurança”. (José Teobaldo). O entrevistado declara: “ainda que em Nova Serrana exista um clube, nem todo mundo entra no clube, porque é para os mais ricos”. Na época da entrevista, o depoente não sabia da existência do Clube do Trabalhador na cidade.

Outra alternativa é reunir os amigos em casa: “para distrair, muitas vezes, eu fico em casa mesmo. Eu convido meus amigos para minha casa. Lá a gente conversa, assiste ao jogo, faz um churrasquinho. Um joguinho, clássico [...] Sou galo (torcedor do Clube Atlético Mineiro) [...] aí, já viu”. (José Teobaldo).

Durante as visitas à cidade, foi possível observar que é comum, nos fins de semana, as reuniões com amigos para um churrasco, feito na rua, em frente as suas casas, já que a maioria vive em pequenas moradias e sem espaço disponível, como varanda ou um quintal. Assim, a rua passa a ser o espaço para a socialização e reunião de colegas de trabalho, ou conterrâneos.

É possível observar que nessas reuniões na rua, especialmente nos dias de partida de futebol, eles colocam uma televisão para que todos possam compartilhar a partida que, em geral, é acompanhada de comida e bebida. Como ressalta Pedro Afonso: “queimar uma carninha e tomar “uma”. Aqui vamos muito para casa de amigos. Aqui a gente faz muito disso”. (Pedro Afonso)¹⁰⁰.

Em geral, segundo o depoente, alguém lança a ideia: “ah, vamos juntar e fazer um churrasco na casa de fulano, ou na casa de sicrano”. (Pedro Afonso). Ou, então, “sair com turminha de amigos para barzinhos na cidade”, ou “ir à lanchonete no fim de semana. Os que gostam de beber vão para o boteco”. (Marilda)¹⁰¹.

É possível afirmar que, na maior parte do tempo, o lazer gira em torno da casa, seja por falta de lugares na cidade, como também pelo custo e a possibilidade de criar ou fortalecer os laços sociais.

Ainda que nossos entrevistados sejam adultos, nem todos têm liberdade para decidir sobre todos os atos, como exemplo, Jussara declara que depende da autorização da mãe para sair com suas colegas, o que nem sempre é concedida porque “minha mãe é muito protetora, eu

⁹⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 21 jul. 2015.

¹⁰⁰ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

¹⁰¹ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

acho. Não deixa a gente sair para casa de colegas, não. A gente fica mais em casa mesmo. Quase não vou a festas. Vejo mais é televisão mesmo, quando não durmo.” (Jussara)¹⁰².

A falta de opção de lazer na cidade é sentida também pelas pessoas de faixa etária mais avançada, como explica o Sr. Francisco:

para minha faixa etária, a cidade não tem muito espaço de lazer para me oferecer. Eu gostaria que tivesse uma pista de caminhada com mais segurança, com mais fiscalização. Eu moro no bairro Frei Ambrósio, lá tem uma pista de caminhada, mas é perigoso. Existe muito assalto. Para gente que mexe com comércio, eu tenho medo de ficar rondando ali à noite, que é o horário que eu teria para fazer uma caminhada, ou de madrugada. (Francisco)¹⁰³.

Para o entrevistado, em se tratando de incentivo ao esporte, Nova Serrana tem progredido: “o investimento em futebol em Nova Serrana está excelente. Desde a base que é criança, aos jovens e veteranos”. (Francisco). Francisco declarou que uma de suas atividades de lazer é assistir a futebol: “e, com muito orgulho, sou até cruzeirense”.

A informação sobre o investimento em esporte, por parte do poder público, ou da iniciativa privada, foi ressaltada somente por este depoente.

A interpretação sobre o lazer varia, e o uso do tempo dedicado a ele também é diversificado. Ao ser indagada, Matilde declara que o seu lazer, na maioria das vezes, “se resume em ir ao salão de beleza. Além disso, não tem nada para fazer aqui. Nada. Eu só arrumo minha unha meu cabelo e faço caminhadas. Às vezes, vou para casa das minhas amigas, noutras, vou ao salão conversar. Só isso”. (Matilde)¹⁰⁴.

O reconhecimento da cidade operária que existe somente para exigir de seus trabalhadores a produção, perpassa a mentalidade da maioria dos entrevistados. Porém, nas horas de descanso, muitas pessoas elaboram suas táticas para a sociabilidade com seus pares. Conforme ressalta Gutierrez (2000):

há uma série de atividades de recreação, a cada dia mais diversificadas justamente em resposta à “rotinização” que ocupa grande parte das atividades do cotidiano em nossas sociedades. No futebol, na danceteria ou no cinema, os indivíduos, finalmente, podem experimentar um relativo des controle das suas emoções. (GUTIERREZ, 2000, p. 48).

O que percebemos é que os atores sociais de nossa pesquisa elaboram, cada um a seu modo, o que fazer para escapar da “rotinização” que lhes é imposta nas indústrias calçadistas.

¹⁰² Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁰³ Entrevista gravada numa loja no bairro planalto, 10 ago. 2015.

¹⁰⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

Alguns indivíduos, porém, reconhecem na comunidade religiosa, a correspondência para com o que poderia ser o seu espaço de socialização em Nova Serrana, bem como o de sua família.

Vilma, em seu depoimento, declara que, quase todas as noites, durante a semana, têm atividades em sua comunidade religiosa e afirma “como sou secretária do pastor, tenho sempre que estar presente”¹⁰⁵. Segundo a entrevistada, na sua Igreja, principalmente, às quartas-feiras, toda a família participa: “às quartas-feiras à noite, acontece a escola bíblica, e, apesar de morar a três quilômetros de distância da Igreja, eu, meu marido e meus filhos participamos da escola. Porque é oportunidade de aprender mais as coisas de Deus”. (Vilma) Ela declara ainda que, em sua rotina, tem “um fim de semana muito corrido”. Ela se ocupa muito da religião, além de atuante, é secretária do Pastor: “como eu lhe disse, eu não consigo viver sem falar de Deus”.(Vilma). Explica que os filhos “vão para lanchonete, pizzeria, porém, evangelizando e fazendo culto também. Nada fora da liturgia da Igreja”. Segundo a entrevistada, seus filhos estão ligados à comunidade religiosa e, mesmo aproveitando os lugares em que se encontram para evangelizar, “estão se divertindo também”.

O domingo da família, segundo Vilma, “é um pouco diferente dos domingos de outras famílias”. Porque a Igreja

decidiu deixar parte do domingo para a família passar junto, ou seja, desde o amanhecer até a hora do almoço. Por isso, domingo a gente ainda passa o dia em casa até ali por volta das quinze horas. A partir dessa hora, a gente começa a cultuar. A vida inteira cultuando a partir das 3 horas da tarde. E, à noite, a gente está na igreja para o culto”. (Vilma).

No depoimento de Vilma, observamos que a comunidade religiosa ocupa muitos dos espaços que poderiam ser utilizados para o descanso, o lazer e o entretenimento da família.

Rinaldo se dedica também à comunidade religiosa, pois, é tudo o que precisa para sua vida: “a única coisa com que me divirto aqui, em Nova Serrana, é estar com meus amigos. Lazer aqui não tem. Eu participo da RCC. Eu sou carismático. Na RCC tenho muitos amigos e sempre estamos juntos nas atividades da comunidade”¹⁰⁶. A semana de Rinaldo é organizada da seguinte forma:

segunda-feira temos estudo bíblico e adoração... às quartas-feiras, eu participo de uma comunidade que é de Divinópolis – Sacramento de Amor. Uma vez no mês tem reunião. Quinta-feira tem o terço aqui na Igreja. Na sexta-feira, na maioria das vezes, vamos fazer uma visita na casa de alguma família e lá rezamos o terço e cantamos os

¹⁰⁵ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

¹⁰⁶ Entrevista gravada na Igreja Católica, 11 ago. 2015.

hinos da RCC. No sábado sempre tem alguma atividade, mas para mim fica difícil participar, porque, trabalhando na igreja, tenho que estar aqui para abrir e limpar antes das missas. Mas se já estou aqui, estou perto de Deus e estou feliz. (Rinaldo).

Ainda, segundo o entrevistado, suas viagens também são com os amigos da RCC, para algum retiro, ou encontro religioso:

essa semana eu vim da Canção Nova, lá em São Paulo. Foi muito bom. A gente vem, mas sem vontade de vir. Lá é muito bom. É isso. É o que gosto muito mais aqui em Nova Serrana é isso: Estar com meus irmãos da RCC e louvar a Deus. Deus é tudo para mim. Ele me basta. Acho que lazer para mim nem faz falta. Festa para mim não faz falta não. (Rinaldo).

A comunidade religiosa, conforme o depoimento do entrevistado Rinaldo, é da RCC, cujo viés da evangelização é neopentecostal. Nessa linha de evangelização, as atividades oferecidas garantem a coesão e satisfazem a necessidade do entretenimento de seus adeptos, já que muitas de suas atividades tendem ao coletivo e ao apelo emocional, por meio da espetacularização, da música, das performances corporais. Esse fato é corroborado por André: “o lazer fora da comunidade religiosa é necessário” (André)¹⁰⁷.

Parece-nos pertinente encerrar esse item sobre o lazer na cidade de Nova Serrana com o que ressaltou o Pastor sobre a cidade: “está muito devedora. Não tem nada de lazer para os nossos jovens aqui... nada... a juventude de Nova Serrana, não tem onde se divertir. Jovem tem que se divertir. Aqui não tem”. (Pastor)¹⁰⁸. Continua o Pastor:

todo sábado, aqui [na igreja] geralmente tem um festival com os jovens. Onde vários jovens se encontram num local. Ouvem música, fazem um caldo, fazem uma galinhada. Onde eles se encontram. Onde a moça conhece o rapaz, o rapaz conhece a moça e eles começam a namorar e tal. (Pastor).

Ele atribui a responsabilidade de fazer alguma coisa em prol da criação de espaços de lazer, em Nova Serrana, à classe política da cidade: “quem poderia fazer, na realidade são os políticos. A prefeitura tinha que arrumar alguma coisa em prol disso aí”. (Pastor). O Pastor complementa:

na realidade, os imigrantes vem pra cá não é só para trabalhar, a pessoa tem que levar a vida normal. Ninguém aguenta só trabalhar... trabalhar... trabalhar...então teria que ter uma vida normal. Eles não se preocupam em criar isso para a população. Porque precisa ter isso aí. Porque a questão social em Nova Serrana está devendo muito. Tenho quatro anos de Nova Serrana, mas já deu para constatar essa realidade. (Pastor).

¹⁰⁷ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 11 ago. 2015.

¹⁰⁸ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

Em seu depoimento, o referido Pastor constata, exemplifica e aponta responsabilidades em face dos pontos críticos da cidade e chama a atenção para as atividades oferecidas pela Assembleia de Deus, que são momentos de encontro e lazer para os jovens. O Pastor ratifica que a comunidade religiosa pode proporcionar também um espaço da sociabilidade e garantir a coesão de seus membros.

Esse tipo de investimento é uma estratégia para fidelizar os adeptos e atrair novos membros ao mesmo tempo que o trabalho com os jovens é eficaz, pois é uma forma da coesão e manutenção dos preceitos e normas da comunidade religiosa, justificada pela falta do empreendimento público, no que tange ao lazer e o bem-estar da população de Nova Serrana. O resultado confirma o efeito do discurso na percepção de alguns entrevistados, eles não consideram a comunidade religiosa como o espaço para o seu lazer, ela está suprimindo o déficit do esporte e lazer na cidade, que deveria ser de responsabilidade dos governantes, que seriam os responsáveis por cuidar mais desses setores, para diminuir o índice de violência e o uso das drogas, que ameaçam a vida de muitos em Nova Serrana.

O depoimento da maioria dos atores dessa pesquisa responde à pergunta do título deste capítulo – Nova Serrana: uma cidade para o trabalho? Parece que eles vivem uma luta cotidiana para corresponder às exigências do trabalho, que foi motivo para sair de suas origens e buscar formas de garantir a sua sobrevivência e de sua família.

4 A DIMENSÃO MIGRATÓRIA: REALIDADES E EXPERIÊNCIAS DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS EM NOVA SERRANA.

A procura das populações por novas formas de vida ou por novas possibilidades de estar no mundo levou, ao longo da história, à mobilidade humana, motivada por razões econômicas, políticas ou sociais, entre outros fatores. Isso pode ser entendido como um fenômeno migratório. Machado e Silva (2014) definem migração como “processos de circulação de várias ordens, envolvendo pessoas, mercadorias, hábitos, capitais, entre muitas outras coisas”. (MACHADO; SILVA, 2014, p. 331).

Neste capítulo, será priorizado o processo de migração, com base nos teóricos, sobretudo no campo das ciências sociais, como exemplo Caggiano (2012), Jimenéz e Martín (2008), entre outros.

Além dessa abordagem, serão apresentados dados do IBGE sobre a imigração estrangeira no Brasil e parte das narrativas dos atores que participaram desta pesquisa.

4.1 Processo de migração e justificativa para a imigração

O processo de migração implica o afastamento de uma pessoa de suas origens e a fixação, ou não, em outro lugar. Segundo Frias (2008), “a migração que qualifica as pessoas em emigrantes ou imigrantes é aquela em que a transferência é realizada a partir de um país a outro ou de uma região a outra, o suficientemente, distantes e distintos”. (FRIAS, 2008, p. 55, tradução nossa)¹⁰⁹. Ou seja, ser imigrante significa o deslocamento de um determinado lugar e fixação em outro, mesmo não se reconhecendo como parte do novo território.

Para explicar a migração, Perlman (1977) se baseia em duas teorias: “de expulsão ou de atração para explicar o deslocamento dos habitantes pobres do interior” para centros urbanos, atraídos por oferta de trabalho, escassa em suas origens, garante-lhes a sobrevivência e a de seus familiares. A autora ressalta que a expulsão, nesses casos, pode ser compreendida pela “exaustão do solo, condições climáticas precárias (especialmente enchentes ou secas), divisões cada vez menores de terra para culturas de subsistência, e a pobreza opressiva das áreas mais remotas” (PERLMAN, 1977, p. 95). Nesse caso, a própria condição de vida em determinados territórios é uma fonte de expulsão.

¹⁰⁹ “La migración que califica a las personas en emigrantes o inmigrantes es aquélla en la cual es traslado se realiza de un país a otro o de una región a otra, lo suficientemente distante y distinta”.

A atração pode ser compreendida pela satisfação das necessidades, que é o principal fator que motiva a imigração (JIMENÉZ; MARTÍN, 2008, p. 39) e fortalece o indivíduo diante dos desafios que possam ser encontrados em seu novo contexto social.

Em nossa pesquisa de campo, em Nova Serrana, a história de duas pessoas são ilustrativas:

A primeira que merece destaque, a de Margarida, 52 anos, natural da zona rural de Montes Claros (MG), que nunca frequentou escola. Margarida trabalha em uma empresa informal – banca – existente na cidade de Nova Serrana. Seu local de trabalho é pequeno e não oferece condições de conforto, o telhado é baixo e de amianto, com capacidade notável de aquecimento e de ruído. Margarida e sua colega trabalhavam no dia 20 de janeiro de 2015, que era feriado municipal.

Segundo a entrevistada, que se declarou católica, agora sentia que “estava no céu”, porque, em sua terra,

trabalhava muito na lavoura, o dia inteiro em pé, no sol e a terra era dura. A enxada batia e voltava, como se tivesse batendo na pedra. Não tinha colheita, e meus filhos precisavam comer... Cheguei aqui há 10 anos sem nada. Só com Deus, meu marido e meus filhos. Hoje dois dos meus filhos trabalham em outra empresa do meu patrão, e meu marido varre rua. (Margarida)⁹⁷.

O que se percebe é que as condições da região de onde Margarida se deslocou foram determinantes para a “expulsão” da família. Observando a comparação feita dos ambientes de trabalho na zona rural e na banca, é possível observar que o trabalho atual seja precário em Nova Serrana, porém muito melhor do que sua experiência anterior.

O segundo caso é de Maria, que é procedente do norte de Minas Gerais e reside há 10 anos em Nova Serrana. Segundo Maria, sua luta foi na lavoura, onde tinha uma vida difícil: “sofri muito na vida, mas em Nova Serrana, graças ao bom Deus, o sofrimento melhorou, porque aqui a gente tem trabalho e salário. Lá na minha terra, tinha trabalho, mas o salário, quanto tinha, era pouco” (Maria)¹¹⁰. Resolveu, com a família, aventurar-se em Nova Serrana e é muito agradecida porque tudo deu certo. Nesse caso, o atrativo é a melhoria de condição de vida por meio do trabalho. Ela é funcionária da Prefeitura e cuida do jardim da praça. Sua família também encontrou trabalho na cidade e, atualmente, tem melhores condições para sobreviver.

¹¹⁰ Entrevista na Praça da Igreja Dom Bosco, bairro Planalto, 23 maio 2014.

Ao refletirmos sobre imigração, não podemos nos deter somente nas teorias de expulsão e atração, visto que nem todas as pessoas decidem migrar apenas por melhores condições de trabalho. Cavalcanti (2014) ressalta:

reduzir os movimentos migratórios exclusivamente a questões laborais implica reconhecer uma limitação analítica: as pessoas também migram por outros motivos (reuniões familiares, refúgio, asilo, entre outros fatores) que também são determinantes na mobilidade humana. (CAVALCANTI, 2014, p. 37).

Faz-se importante reconhecer também que “os motivos da mobilidade humana são múltiplos e variados. O fenômeno migratório é heterogêneo, multifacetado e marcado por dinâmicas que mudam constantemente. (CAVALCANTI, 2014, p. 46).

Porto (2004) afirma que os migrantes são “como seres exilados, sentem-se desabitados de si mesmos, sua pátria já não coincide com ela própria, deixando de ser a mesma para tornar-se outra”. (PORTO, 2004, p. 72). Essa afirmativa pode ser verificada nas entrevistas com os imigrantes em Nova Serrana: Antônio fala de suas origens:

terra da gente é sempre melhor. Mesmo com toda dificuldade é sempre bom a gente estar perto da família. Lá na terra da gente, chega o fim de semana, você tem uma hora de descansar, você vai à casa do pai, à casa de um irmão. Aqui não... Chega fim de semana, se quiser matar saudade da mãe, é só por telefone. Não tem como ver... É mais difícil”. (Antônio)¹¹¹.

Outro entrevistado, Valdeílson confirma: “tenho que ir à minha terra uma vez por ano. Tenho família lá. E, aqui, a gente não vive, trabalha apenas”¹¹². As raízes deixam marcas na história do sujeito, que busca reativá-las com os constantes retornos.

Ressalta Prat (2008) que a “identidade, como aquele princípio, categoria, atributo ou mecanismo de classificação social, que determina o lugar que ocupam os indivíduos e os grupos em seu universo global”. (PRAT, 2008, p.2, tradução nossa)¹¹³. Princípio que se encontra enraizado no seio da família e na localidade. A família, segundo o autor, é “aquela instituição que acolhe, protege e permite sobreviver a criança, também de outorgar-lhe um nome e de situá-la em uma rede de relações de parentesco, dando visibilidade social ao pequeno ser que chegou ao mundo” (PRAT, 2008, p. 3, tradução nossa)¹¹⁴. Em se tratando da localidade, como

¹¹¹ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

¹¹² Entrevista gravada na Igreja Católica, 10 ago. 2015.

¹¹³ “identidade como aquel principio, categoria o mecanismo de clasificación social, que determina el lugar que ocupam los individuos y los grupos en su universo global”.

¹¹⁴ “aquella institución que acoge, protege y permite sobrevivir al infants, además de otorgale um nombre próprio y de situarlo em uma red de relaciones de parentesco, dando visibilidade social al pequeno ser que há llegado al mundo”.

constatação do segundo enraizamento identitário do indivíduo, o autor ressalta:

a criatura humana nasce em um território específico – aldeia, lugarejo, bairro, cidade, etc. – e está destinada a compartilhar não só com seus familiares, mas também com seus vizinhos, que nasceram no mesmo lugar, um conjunto de recursos tão significativos como podem ser a mesma língua materna, uma história comum, uma tradição e uns códigos culturais e simbólicos relativamente homogêneos, tudo no qual tende a gerar um forte sentido de pertença que fundamenta o sentimento de identidade local. (PRAT, 2008, p. 4, tradução nossa)¹¹⁵.

Os “seres exilados”, longe de suas raízes, encontram-se desprovidos dos códigos culturais e simbólicos de suas origens, como bem explicou os nossos informantes, devem negociar outras identidades, como ressalta Dubar (2005):

no entanto, a identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo jamais a constrói sozinho. Ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e auto definições. A identidade é produto das sucessivas socializações. (DUBAR, 2005, p. 25).

São importantes as relações sociais para que, coletivamente, o indivíduo possa se reconhecer e construir sua identidade.

Nem toda migração tem bases nas teorias de expulsão e atração, pois a mobilidade de pessoas pode ser motivada pela busca de melhores oportunidades para desenvolver suas capacidades intelectuais, habilidades profissionais, ou por opção de vida, em outras regiões do país, ou fora dele. Mas, independentemente do motivo da migração, as pessoas que se deslocam de um lugar a outro passam a viver adaptando-se às novas formas de vida, o que exige abertura às novas experiências.

Muitas vezes, os migrantes fixam residência no novo território, em outras vezes, quando frustradas suas expectativas ou por outros interesses, voltam às suas origens, ou migram para outras cidades e, até mesmo, para outros países.

Na história do Brasil, pode-se constatar um constante movimento migratório das populações estrangeiras que, desde o seu descobrimento, vêm espontaneamente, ou por interesses variados, ou forçados, como os escravos.

¹¹⁵ “La cria humana nasce en un territorio específico – aldeã, Pueblo, barrio, ciudad, etc – y está destinado a compartir no sólo con sus familiares sino con sus vecinos, que han nacido en el mismo lugar, un conjunto de rasgos tan significativos como pueden ser la misma lengua materna, una historia común, una tradición y unos códigos culturales y simbólicos relativamente homogéneos; todo lo cual tiende a generar un fuerte sentido de pertenencia, que fundamenta el sentimiento de identidad local”.

4.2 O movimento migratório das populações estrangeiras para o Brasil

O movimento migratório no Brasil tem sua origem no descobrimento e atingiu seu ápice nos tempos da escravidão. Machado e Silva (2014) ressaltam que “desembarcaram no Brasil cerca de quatro milhões de africanos de diversas etnias, na forma de escravos; de certo, o maior fluxo de migração forçada que se tem registro.” A escravidão, entendida como fluxo populacional, e, segundo os autores, “como instituição”, deixou marcas profundas na sociedade brasileira, “dentre as quais podemos destacar o estabelecimento das hierarquias raciais, desigualdades sociais, econômicas e políticas acentuadas, a precarização das condições de trabalho, dentre outras” (MACHADO; SILVA, 2014, p. 334).

Em se tratando de outras nacionalidades, como o exemplo dos portugueses que vieram para o Brasil, considera-se que a atração foi pelas minas de ouro e outros metais preciosos, especialmente, nos séculos XVII e XVIII. Nesse período, aproximadamente, 600 milhões de portugueses desembarcaram em terras brasileiras. (MACHADO; SILVA, 2014, p. 334).

Com objetivos diversos como a proteção de suas divisas, no início do Século XIX, e até mesmo no início do século XX, com a preocupação de branquear a população, o governo brasileiro investiu em leis e concessões de incentivo para atrair imigrantes, sobretudo dos países de população branca.

Segundo Oliveira (2002), em “1808, foi promulgada uma lei que permitia aos estrangeiros a propriedade de terras no Brasil. O governo subvencionava a formação de núcleos coloniais de agricultores em suas terras devolutas e em sistema de pequena propriedade”. Nessa época, “começam a chegar imigrantes para suprir a carência de mão de obra nos cafezais paulistas, passando a ser empregados nessa monocultura de exportação”. (OLIVEIRA, 2002, p. 14). As subvenções de terras passaram a ser também de responsabilidade dos provinciais e da iniciativa privada e tiveram seu fim em meados do século XIX, quando a lei foi alterada, determinando que as pessoas só se tornariam proprietárias se comprassem as terras.

Muitos europeus, beneficiados pelos incentivos do governo brasileiro, contribuíram para a colonização, principalmente, do sul do País, marcando o início da migração dos europeus no Brasil. Em seus estudos, Seyferth (2002) resalta que, mesmo com o apoio das colônias da Região Sudeste na concessão de propriedades, “foram as províncias do Sul que, desde a década de 1840, investiram na vinda de imigrantes, apoiadas pelo governo imperial”. (SEYFERTH, 2002, p. 126). O interesse da Coroa era a proteção das suas divisas com os outros países, especialmente, com o Paraguai, o Uruguai e a Argentina, o que explica o apoio à colonização e a oferta de terras para estrangeiro nessa região.

No mesmo período, “a fundação da colônia de São Leopoldo por imigrantes alemães em 1824 marcou o início da ocupação das terras no sul do Brasil por colonos europeus” (SEYFERTH, 2011, p. 11). O governo brasileiro, além de motivado por proteger as referidas fronteiras, tinha interesse no cultivo da lavoura, impulsionando a economia, mais especificamente, nos moldes familiares. Como estímulo, fez “concessão de pequenos lotes de terra (o chamado “lote colonial”) para cultivo familiar no sistema de policultura”. Além da lavoura, os imigrantes europeus traziam as técnicas de fabricação de peças de artesanato, contribuindo para a economia doméstica. As pequenas propriedades concedidas não constituíam ameaças para as grandes já existentes, pois, segundo a autora, foram “implementadas, sobretudo, nas chamadas ‘terras devolutas’¹¹⁶, ou aquelas cuja definição legal aparece na Lei 601, a ‘Lei de Terras’, de 1850”. (SEYFERTH, 2011, p. 11).

Segundo a autora, o governo brasileiro se apoiava na referida lei para justificar a política da concessão de terras aos estrangeiros no início do século XX:

no ano de 1906, um dispositivo contido no artigo 35 da Lei 1.617 (que fixou a despesa geral da República para o ano de 1907) autorizou o Presidente a promover o povoamento do solo nacional, cujas bases regulamentares foram aprovadas pelo Decreto 6.455, de 19 de abril de 1907, incluindo a imigração e colonização. Pouco depois, o Decreto 6.479, de 16 de maio de 1907, criou a Diretoria Geral do Serviço de Povoamento, encarregada dos trabalhos concernentes à imigração e colonização promovidos ou auxiliados pelo Governo Federal. Sem grandes modificações, um novo regulamento do Serviço de Povoamento surgiu em 1911, subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Nos 26 capítulos e 277 artigos do Decreto 9.081, de 03 de novembro de 1911, a introdução de imigrantes, a organização e localização de núcleos coloniais e o funcionamento do Serviço são minuciosamente prescritos. (SEYFERTH, 2011, p. 11).

As famílias cultivavam, e o resultado da produção era parte para o seu sustento e outra para o abastecimento do mercado nas colônias, que começavam a se formar. As colônias eram compostas pelos imigrantes com melhor condição financeira e pelos intelectuais. Já as pequenas propriedades eram concedidas às famílias pobres e, geralmente, com baixa formação escolar.

Seyferth (2011) ressalta que o termo colono “abarcava um conjunto heterogêneo de indivíduos originários de diferentes camadas sociais (no país de origem), e isso tem relação com a polarização rural urbana inicial, num território onde dominava a natureza”. Regulamentado pela Legislação da República, o povoamento se deu em dois polos distintos: o primeiro era concedido aos imigrantes, já que residiam nas áreas rurais, sendo-lhes proibido “residir na área demarcada para a futura cidade, passando a integrar uma comunidade de

¹¹⁶ Devolutas eram “as terras não possuídas por sesmeiros, ou por posseiros legítimos, portanto pertenciam ao Estado, que decidiu povoá-las com colonos europeus”. (SEYFERTH, 2011, p. 11).

vizinhos da mesma linha”, e o segundo, concedido aos “imigrantes com capital cultural e/ou econômico, ou com formação profissional”. (SEYFERTH, 2011, p. 16). Esses podiam residir na área urbana demarcada.

As pessoas solteiras estavam excluídas desse processo, pois o projeto contemplava famílias, o fortalecimento da economia de subsistência e a manutenção do mercado na colônia. Muitos solteiros, porém, agregavam-se às famílias para conseguirem migrar para o Brasil, ou eram recrutados por colonizadores. Segundo Seyferth (2002), “na sua grande maioria, esses imigrantes vieram para o Brasil recrutados por agentes de empresas colonizadoras ou agentes nomeados pelo governo imperial, num sistema de imigração subsidiada em grande parte pelo Estado” (SEYFERTH, 2002, p. 121). Subsidiar terras, no sul do País, era vantajoso, visto que os imigrantes estrangeiros, instalados em pequenas porções de terras, garantiam a proteção das fronteiras do Brasil.

No sudeste, particularmente, de acordo com Oliveira (2002), a abolição da escravidão gradual proporcionou uma nova política de conservação de mão de obra nas lavouras de café, passando de escravocrata para assalariada: “a Lei do Ventre Livre, de 1871, tornava clara a necessidade de substituir aos poucos os negros escravos por trabalhadores brancos e livres”. Gradativamente, a demanda por mais mão de obra para as lavouras cresceu, principalmente para as de café, no estado de São Paulo, e os governos foram pressionados a cuidar da “imigração de trabalhadores europeus, cabendo assim ao Estado recrutar os trabalhadores, arcar com os custos da viagem e encaminhar essa mão de obra para as fazendas de café”. (OLIVEIRA, 2002, p. 16).

Além desses interesses, o branqueamento da população estava também em pauta, pois “a mestiçagem da população brasileira se colocava como um desafio, já que a ciência do final do século XIX considerava a mistura de raças como um mal”. (OLIVEIRA, 2002, p.09). Essa preocupação com o branqueamento, conforme ressalta Seyferth (2002), “está explícita no Decreto Real que autorizou o estabelecimento dos imigrantes suíços na região serrana do Rio de Janeiro aludindo à civilização”, no qual se criou uma “milícia de 150 suíços, capazes de empunhar armas, colaborando na manutenção dos regimentos portugueses de cor branca”. (SEYFERTH, 2002, p. 118).

O Brasil, que era em sua grande maioria habitado por índios e negros, passou a incorporar os brancos e, em decorrência a mestiçagem, explica Oliveira (2002):

para além do impasse de ter que lidar com uma população mestiça, foi construído um imaginário sobre o Brasil e os brasileiros que afirmava a capacidade plástica (de se moldar, se adaptar) a cordialidade (garantida pela proximidade, pela intimidade) e a

democracia racial (pela miscigenação) como ingredientes capazes de garantir a formação de uma grande nação nos trópicos. A hegemonia desse processo obviamente caberia ao português branco, latino e católico. (OLIVEIRA, 2002, p. 10).

No início do século XX, liderada por intelectuais brasileiros, surge, então, a “teoria do branqueamento”, como um “processo seletivo que, dentro de três ou quatro gerações, faria surgir uma população branca”. Desse modo, a vinda dos imigrantes brancos era vista como positiva para a nação brasileira, e a seleção era sempre a favor da população predominantemente de cor branca. “O imigrante, além de vir preencher uma demanda de braços para o trabalho, teria o papel de contribuir para o branqueamento da população, ao submergir na cultura brasileira por meio da assimilação” (OLIVEIRA, 2002, p. 10).

A “teoria do branqueamento” no território brasileiro não encontrou respaldo para sua continuidade, pois houve a explosão da saída das populações, de várias etnias, do velho para o novo mundo. Nesse caso em particular, a emigração é “um produto da escassez, já que foi o novo arranjo industrial na Europa, com grande concentração populacional nas cidades, que produziu uma população excedente, aquela que vai procurar condições de vida em outras terras”. O período de maior imigração foi de 1870 a 1930, época na qual “estima-se que 40 milhões tenham atravessado o Atlântico, migrando do velho para o novo mundo. Outras fontes falam em 31 milhões” (OLIVEIRA, 2002, p. 11). O que se constata é que as populações europeias, diante da escassez de recursos, são motivadas a buscar novas possibilidades e modos de vida.

Segundo Oliveira (2002), o Brasil recebeu em média 2,9 milhões de imigrantes vindos de diversas nações, como pode ser observado pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tabela 5 - Estatísticas do povoamento brasileiro de 1884 a 1933

Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177
Japoneses	-	-	11868	20398	110191
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650
Sírios e Turcos	96	7124	45803	20400	20400
Outros	66524	42820	109222	51493	164586
Total	883668	852110	1006617	503981	713132

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. p. 226).

No período apresentado, de 1884 a 1933, o número de imigrantes italianos, que se estabeleceram no Brasil, é muito mais expressivo que os das outras nacionalidades, exceto no último período de 1924 a 1933.

Após a Primeira Guerra Mundial, os imigrantes representavam uma ameaça à nação, especialmente para o mundo do trabalho, e houve uma tentativa de priorização da mão de obra brasileira por parte de movimentos nacionalistas. A autora ressalta ainda que “o pensamento de Alberto Torres ¹¹⁷ exerce um papel importante ao defender o trabalhador nacional que permanecia abandonado, enquanto os governos se ocupavam em garantir a vinda do trabalhador estrangeiro” (OLIVEIRA, 2002, p. 19).

Esse fato se repetiu, durante e também, após a Segunda Guerra Mundial e provocou efeitos desastrosos para os imigrantes europeus, pois muitos deles tiveram seus bens confiscados e sofreram perseguições. Como consequência, houve uma notável redução do índice de imigração de estrangeiros no Brasil, no período de 1945 a 1949, retomando o crescimento entre 1950 e 1954 e, novamente a redução entre 1955 e 1959. Observa-se que, nesse período, o número de imigrantes japoneses, ao contrário das outras nacionalidades, aumenta consideravelmente, como apresentado na Tabela 6, a seguir:

¹¹⁷ “Alberto Torres foi abolicionista e republicano convicto desde os tempos de juventude. Mais tarde, seus ideais concentraram-se no pacifismo internacional, voltando-se, finalmente, para uma concepção nacionalista da história, despertada, durante sua segunda legislatura federal, quando da discussão de projetos sobre seguros e remessa de lucros para o exterior. [...] Seus pensamentos – principalmente no que se refere ao elogio da miscigenação - influenciariam um grupo de escritores que, despontando com o Modernismo, mais tarde se filiariam ao Integralismo. Em seu último livro, *As fontes da vida no Brasil*, de 1915, Alberto Torres reafirmou a defesa do nacionalismo étnico-social”. (TORRES, 2016).

Tabela 6 - Estatísticas do povoamento brasileiro de 1945 a 1959

Períodos	Alemães	Espanhóis	Italianos	Portugueses	Japoneses	Outros
1945-1949	5188	4092	15312	26268	12	29552
1950-1954	12204	53357	59785	123082	5447	84851
1955-1959	4633	38819	31263	96811	28819	47599

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000, p. 226).

Os séculos XIX e XX foram, por excelência, os berços da imigração estrangeira no Brasil, cujos indivíduos, em sua maioria, vítimas da escassez dos recursos em suas origens, buscavam, no País, melhores condições de vida.

Um movimento migratório contrário pôde ser constatado a partir da década de 1980. Segundo Machado e Silva (2014), “com a continuidade de uma crise econômica, níveis de inflação estratosféricos e desemprego em alta, brasileiros começaram a emigrar para o exterior.” (MACHADO; SILVA, 2014, p. 341). Calcula-se, segundo os autores, que 1.500.000 a 3.000.000 de pessoas emigraram do Brasil.

Já no século XXI, o perfil do imigrante é diferente dos que chegavam ao Brasil até os anos 1960. Para Machado e Silva (2014), a facilidade de transporte e a capacitação das pessoas possibilitam uma “migração temporária”.

Muitos dos imigrantes estrangeiros, na atualidade, são os donos de empresas “e técnicos de multinacionais que participaram do processo de privatização de empresas brasileiras” (OLIVEIRA, 2002, p. 22).

Há também os profissionais liberais que elencam o número dos que chegam, mostrando, segundo Cavalcanti (2014), que “esses novos fluxos imigratórios colocam o Brasil no contexto do crescente fluxo formado por imigrantes qualificados”, muito embora nem sempre as ocupações auferidas não correspondam à qualificação do imigrante. O autor alude ainda que “os imigrantes contam com uma formação profissional superior, mas, no momento de incorporação no mercado de trabalho, muitos imigrantes descendem na escala laboral e, portanto, social” (CAVALCANTI, 2014, p. 27),

Existe também um número expressivo de brasileiros retornando às suas origens. Cavalcanti (2014) ressalta:

a crise econômica iniciada no ano de 2007 nos Estados Unidos, a qual também afetou de forma substancial a Europa e o Japão, introduz uma maior complexidade nos eixos de deslocamentos das migrações sul-americanas, especialmente no Brasil. Além

disso, o desenvolvimento econômico e social do país e o seu reposicionamento geopolítico nos últimos anos têm tornado a migração muito mais diversa. Na atualidade, o Brasil conjuga diferentes cenários migratórios: continua havendo emigração; ao mesmo tempo em que o país passa a receber novos e diversificados fluxos de imigrantes; além de projetos migratórios de retorno. (CAVALCANTI, 2014, p. 24).

A partir daí, “a emigração internacional perdeu importância relativa com o avanço econômico do país” (MACHADO; SILVA, 2014, p. 340), motivando, assim, o retorno às suas origens de um número expressivo de brasileiros, conforme dados apresentados pelo IBGE, 2012¹¹⁸.

Com a nova modalidade dos imigrantes estrangeiros, o retorno de brasileiros e a crescente mobilidade interna das populações contribuíram para modificar o cenário nacional da imigração, na atualidade.

4.3 A imigração interna brasileira

Historicamente, o deslocamento interno das populações do Brasil obedece, em grande parte, à lógica ressaltada por Perlman (1977). Ou seja, os indivíduos emigram das regiões cujas situações não são favoráveis à sua sobrevivência para aquelas que podem suprir suas necessidades, oferecendo-lhes melhores condições de vida.

Da região Sudeste, o Estado de São Paulo é o que mais recebeu migrantes, das diversas regiões do País. No Estado de Minas Gerais, até os anos de 1970, os fluxos migratórios, especialmente nordestinos, se concentravam nas cidades de Pirapora e Montes Claros, pelo fato de essas cidades serem “grandes centros aglutinadores desses fluxos, tanto dos trens quanto dos caminhões”. (RIGAMONTE, 2001, p. 51). O que facilitava a mobilidade territorial.

Na capital mineira, Belo Horizonte, concentram-se, na atualidade, inúmeras pessoas vindas de várias partes do País, em sua maioria do norte do Estado de Minas Gerais, mais precisamente das regiões dos vales do Jequitinhonha e do Mucuri. Nessas regiões, as condições climáticas colaboraram com a escassez de recursos para o trabalho e, com isso, não têm favorecido uma vida digna para muitos de seus habitantes, criando, assim, condições para a

¹¹⁸ O número de imigrantes internacionais do Brasil passou de 143 mil entre 1995 e 2000 para 268 mil entre 2005 e 2010. Entre os imigrantes internacionais que chegaram ao Brasil entre 1995 e 2000, 61% eram brasileiros, ou seja, imigrantes internacionais de retorno, enquanto entre 2005 e 2010 o percentual de brasileiros alcançou 65,5% dos imigrantes. Dos 51.933 imigrantes provenientes dos Estados Unidos, 84,2% eram brasileiros. Entre os 41.417 imigrantes provenientes do Japão, 89,1% eram brasileiros. Já entre os 15.753 imigrantes provenientes da Bolívia, apenas 25% eram brasileiros. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012).

mobilidade de suas populações.

Mesmo partindo para regiões distantes, o imigrante não se desvincula, na totalidade, de suas origens, onde construiu sua história individual em um contexto social. Assim, o vínculo é mantido, pela memória, laços familiares e de vizinhança, rituais e trocas simbólicas, em sua terra natal. Tomando a migração como um movimento de ir e vir, é possível afirmar que os vínculos de origens, em maior ou menor grau, são conservados. Um dos nossos entrevistados em Nova Serrana, o Antônio, em seu depoimento, falou da lembrança que tem da comida de sua mãe:

comidinha da mãe não tem preço e não acha no mundo. Esses dias mesmo ela veio passear aqui ai eu falei: a senhora veio passear, mas vai ter que ir para o fogão. Quero comer uma comida da senhora. Ela disse: Mas os temperos daqui são diferentes, não vou cozinhar, não. Eu falei: É diferente, mas a mão para cozinhar também é diferente. Ela fez uma comida que Nossa Senhora! Comida de mãe é gostosa demais! (Antônio)¹¹⁹.

Com o tempero, está o gesto e o amor da mãe que dá sabor à comida e que “não tem preço” (Antônio). Nesse caso, o vínculo é mantido e renovado, quando sua mãe vem a Nova Serrana, ou quando o Antônio vai de férias a sua terra natal.

O entrevistado, geralmente, ao fim de cada ano, volta a casa, diferente de outros nordestinos que voltam para cuidar da roça, no tempo da chuva. O Antônio volta, de carro próprio, com a família, em tempos de festas, para rever seus parentes e amigos, e não para trabalhar.

É recorrente observar que os objetos simbólicos são conservados e reverenciados como o ponto de ligação com os que permaneceram no local. Desses, destacam-se os “retratos de família, imagens religiosas, tapetes, objetos de decoração, tudo aquilo que possa fazer lembrar o lugar de origem” (OLIVEIRA, 2002, p. 12). Eles funcionam como um “elo” com o que ficou, reforça o sonho da volta e são reprodutores das tradições.

Além disso, os rituais são lembrados, pois são marcadores da vida dos indivíduos, como exemplo, o rito da saída – decisão, programação e despedidas; o rito da chegada – encontros, planejamentos, festa, novos relacionamentos, etc. A volta da pessoa que emigra é pensada em uma condição diferente, muitas vezes, pode ser traduzido em ascensão social, considerada vitória. Ser vitorioso se torna visível nos presentes enviados à família, nas roupas novas que são exibidas ou no que se conseguiu adquirir e que, orgulhosamente, é mostrado na volta.

¹¹⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

Podemos considerar que dois tempos marcam, significativamente, o retorno, temporário, às suas origens: o tempo da chuva, para os que deixaram mulher e filhos cuidando da lavoura, faz com que voltem, para arar e plantar a terra, e o tempo da festa, que é o tempo de rever e ser visto.

4.4 A chuva é um dos marcos que motivam a volta de muitos imigrantes

O imigrante, que volta nos períodos chuvosos, pode ser caracterizado como chefe da família que rumo para os grandes centros em busca de emprego nas indústrias, enquanto a mulher cuida dos filhos, da casa e das tarefas da plantação. Ele, possivelmente, regressa a seu ponto de partida, suspendendo ou rompendo com a rede de relacionamento na cidade receptora, para dar continuidade ao plantio da lavoura.

Em seus estudos, Rigamonte (2001) afirma que os fatores determinantes da ida e volta do nordestino são a seca e a chuva: “apesar de seus integrantes estarem inscritos em um processo produtivo, adequado ao mercado de trabalho urbano industrial, o fator que dita qual é o tempo de trabalho na cidade é o tempo de seca no sertão”. (RIGAMONTE, 2001, p. 163). A comunidade, nas primeiras chuvas, quando é possível preparar a terra, plantar e colher seus frutos, espera aqueles que emigraram, como registra bem a letra da música de Luiz Gonzaga, “Asa Branca”, apontada como epígrafe desta tese.

A promessa da volta ilustra o fluxo migratório sustentado pela estiagem e abundância de chuva, no caso específico do nordeste brasileiro, “o tempo da chuva é o momento de trabalho no sertão e os fatores determinantes desse tempo têm uma lógica independente do tempo da cidade”. (RIGAMONTE, 2001, p. 163). Ou seja, os fatores ecológicos podem ser determinantes e marcadores simbólicos do tempo de ida e de volta.

O retorno à terra, ao cheiro da vida deixada, ao aconchego da mulher, ao abraço dos filhos e às histórias dos últimos acontecimentos enquanto estava fora é o que espera o nordestino. É como retornar a si mesmo, ao aconchego, ao sonho, às brincadeiras de criança, ao nome de família.

Segundo Rigamonte (2001), “depois de organizados e conhecidos os mecanismos de inserção na metrópole e no seu mercado de trabalho, não há mais muitas dificuldades para reiniciar o processo” e a mobilidade torna-se uma prática costumeira. “É possível estar no sertão quando necessário, e também retornar à metrópole no momento do trabalho” (RIGAMONTE, 2001, p. 139). Esse processo de ida e vinda é o que caracteriza a migração, como explica nosso entrevistado Valter: “por enquanto, não quero morar definitivamente em Nova Serrana, porque

eu tenho a minha moradia, a minha rocinha que eu mexo. Só venho para ficar mais os meninos uns tempos e, no tempo das águas, eu volto, porque lá tenho minha rocinha” (Valter)¹²⁰. O entrevistado se refere às chuvas como “tempo das águas”.

Outro caso que merece destaque é o do Fernando, pois ele não conseguiu ficar trabalhando na indústria de calçados. Segundo o entrevistado, “o salário que ganhava, não dava para sustentar a mulher e os três filhos” (Fernando)¹²¹. O entrevistado viu por bem enviar a família de volta às origens:

consegui um empréstimo com os familiares e comprei a passagem todos retornarem para nossa terra. Lá, pelo menos, eles terão onde morar, pois temos nossa casinha, e o que comer, já que os parentes poderão ajudar. Tem, também, a roça, que a mulher e os meninos podem lidar. No tempo da chuva, eu vou para lá. (Fernando).

O entrevistado afirma que “a terra é boa. É só chover que tudo que planta dá com fartura, graças a Deus” (Fernando). A esperança de Fernando é voltar a se unir aos seus filhos e esposa no tempo da chuva.

Atualmente, Fernando se demitiu da indústria de calçados e trabalha como pintor de parede, pois “trabalhar por conta própria deu mais certo, e o dinheiro para ajudar a família que retornou às origens é garantido”.

Os demais imigrantes entrevistados não declararam que voltam para suas origens em tempos de chuva. A maioria ressaltou que volta em suas origens, para as festas de final de ano. Época, na qual, as empresas, em Nova Serrana, dão férias coletivas para seus trabalhadores.

Outros componentes importantes para justificar a volta do imigrante às suas origens são os eventos festivos. As festas, como de “São João”, no nordeste do País, ou do Padroeiro, em outras cidades; o batizado ou o casamento de algum membro da família, ou de amigos, é motivo para justificar o seu retorno. Para desfrutar dessas comemorações, o imigrante aproveita, muitas vezes, o tempo de suas férias, ou feriados prolongados em Nova Serrana.

4.5 Festa e ritual: a produção de símbolos de identidade

As festividades e o seu papel na vida dos indivíduos e um conjunto de atividades coletivas remetem à comunidade, ou ao grupo social, pois festa implica necessariamente outras pessoas, para que o evento aconteça e torne o marco da transgressão do próprio tempo. A festa

¹²⁰ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

¹²¹ Entrevista informal, realizada na Igreja de São Sebastião, 20 maio 2015.

é a alteração do cotidiano, elemento importante para assegurar, criar e recriar o lúdico, o sentimento de livre expressão, a sociabilidade e revigorar e fortalecer as relações sociais.

A festa, em si, promove a inclusão e a sociabilidade, mesmo quando acontece em momentos de conflitos. Ela é vista, segundo Leonel (2010), como “forma capaz de plasmar conteúdos diversos e é destinada à promoção de laços de sociabilidade, mesmo que conflitantes”. Os vínculos sociais “seriam gerados na celebração e na estetização da vida” os quais, em outras circunstâncias, ainda que traduzisse a realidade, não seriam promovidos. Ainda segundo o autor, “o jogo, a arte, a religião ou as festas, nessa perspectiva, são mais que um simples faz de conta, são uma forma de estar junto – nem sempre em harmonia” (LEONEL, 2010, p. 35-37).

Nos eventos festivos, as diferenças sociais são minimizadas e o estar junto é garantido pela pretensa harmonia que, supostamente, sustenta a sociabilidade. Além disso, na festa, em geral, tem a inversão de valores, os quais, muitas vezes, são, no cotidiano, inaceitáveis. Um exemplo é o carnaval, na sociedade brasileira, os homens se vestem de mulher ou de animais, ricos assistem a desfiles, em que os pobres se apresentam como reis e rainhas, etc. No cotidiano, a desigualdade social promove o afastamento e as diferenças, enquanto na festa, é possível observar o contrário, mesmo que temporariamente. Nas festividades, os indivíduos podem experimentar certa transgressão na “hierarquia e a todos os papéis do mundo profano”. (MARTINS, 2002, p. 3). O desvincular do cotidiano, garante alento para reiniciar o novo tempo que surge ou para revigorar e enfrentar de maneira diferente os desafios encontrados quer consigo mesmo, ou com seus pares, no trabalho, ou em outras instâncias da vida.

Segundo Amaral (1998), “a festa deixa de ser “inútil” e passa a ter uma “função”, pois ao fim de cada cerimônia os indivíduos voltariam à “vida séria” com mais coragem e disposição”. Isto é, restabelecidas as energias, a coletividade retorna ao seu cotidiano, encorajada, para dar continuidade à vida, às normas e às regras sociais. A autora ressalta ainda que “a festa exagera o real. Ela se apossa da rotina, mas não a rompe; excede a lógica, e é nesse ponto que ela concede às pessoas o breve ofício ritual da transgressão”. (AMARAL, 1998, p. 28; 56). Esse, ganha característica protocolar que deve ser seguida e “é coisa séria e pode ser entendido, até mesmo como a segunda finalidade do trabalho, vindo, logo após a necessidade de sobrevivência” (AMARAL, 1998, p. 27).

Para Leonel (2010) “a festa é, necessariamente, desordem, no sentido de transgressão das interdições e das barreiras usuais, mas não significa, obrigatoriamente, ausência completa da ordem, pois define quase sempre protocolos a serem seguidos” (LEONEL, 2010, p. 38) e que sustentam e organizam a transgressão da ordem cotidiana.

Em seus estudos sobre festa e ritual, Martins (2002) ressalta que “as festas representam a transição, expressando as mudanças das sociedades da qual é reflexo. Quando a sociedade promove algum tipo de mudança, aí existe a festa” (MARTINS, 2002, p. 3). Ou seja, são acontecimentos marcadores da vida social e podem inaugurar um novo tempo, extrapolando ou rompendo com as rotinas cotidianas.

Para o autor, “na vivência prática, percebemos o tempo como uma sucessão de trabalho e festa e, neste suceder, uma diferenciação e mudança de atitude das pessoas entre um tempo e outro” (MARTINS, 2002, p. 3). É o tempo cotidiano, do trabalho, revezando-se com o tempo da informalidade.

O próprio calendário, lembrado pelo autor, separa o trabalho, o descanso e a festa. “A festa contrapõe o espaço/tempo lúdicos ao espaço/tempo trabalho. O tempo consagrado ao trabalho ocupa, em nossa vida, um lugar central, em torno do qual se organizam todos os outros tempos” (MARTINS, 2002, p. 4). Nesse sistema, o tempo se torna mercadoria e requer a justificativa do indivíduo. A partir de sua produção, a festa torna-se o tempo da inutilidade útil, que rompe com as formalidades produtivas, resgata valores, perpassa o passado e marca o presente, com vista ao futuro que desponta como nova possibilidade.

Em Nova Serrana, nas narrativas de muitos imigrantes, é possível observar que são recorrentes as celebrações com seus familiares, na maioria das vezes, em sua terra natal, obedecendo aos costumes locais. Segundo o depoimento de Valdeilson, nos dias festivos “a maioria das pessoas não fica em Nova Serrana. Eles têm saudade da terra deles”¹²². Por isso, “emendar os feriados, com o fim de semana, já é cultura das empresas, na cidade, pois os empresários reconhecem a necessidade dos imigrantes voltarem para suas origens”. (Valdeilson). Para o entrevistado,

criou-se aqui em Nova Serrana uma cultura de emendar os feriados com os fins de semana. Então as fábricas já trabalham assim. Vamos pegar uma quinta-feira santa, e, no Corpus Christi, que sempre dá na quinta-feira. As fábricas já pegaram a cultura de trabalhar no sábado anterior para pagar a sexta-feira e aí as pessoas viajam na quarta à noite ou na quinta de manhã. Para retornar no domingo. (Valdeilson).

Apesar dessa organização das empresas, muitos trabalhadores entrevistados relataram que, devido a distância entre Nova Serrana e os locais de origens, bem como as dificuldades financeiras, só é possível fazer viagens nas férias, ou no fim de cada ano. Nesse tempo, participar das celebrações de Natal e ano-novo tem o significado de reforçar os laços familiares.

¹²² Entrevista gravada na Igreja Católica, 10 ago. 2015.

Alguns deles, como a Maristela, declara: “vou lá todo Natal”¹²³. O Antônio afirma que: “todo fim de ano vou lá passear”¹²⁴. Na fala dos entrevistados, a festa marca a volta, renova as energias e fortalece o indivíduo para a continuidade no novo ciclo de trabalho e suas consequências.

A festa também apresenta-se como o movimento tático de resistência que une e fortalece o grupo. Amaral (1998) ressalta que “quanto mais festas um dado grupo ou sociedade realizam, maiores seriam as forças na direção do rompimento social às quais elas resistem”. Para a autora, “as festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social” (AMARAL, 1998, p. 26). Ou seja, é um mecanismo de fortalecimento de laços.

As festas, como rituais, são manifestações espetaculares, teatrais, onde se explora a sensualidade, o cheiro, o som, a cor, sensação que vai da angústia à alegria, do prazer à dor, do peso à elevação, do sagrado ao profano, da ordem à desordem (LEONEL, 2010). Nesses eventos, o encantamento e compartilhamento dos grupos, mesmo na diversidade, “com a variedade de coisas, inventando hierarquias às avessas, concomitantemente ao fornecimento do cenário para os conflitos, dissimulações, negociações e hierarquizações um tanto mais normais” (LEONEL, 2010, p. 41).

O autor continua: “simples reprodução ou inversão de sentidos [...] possibilidades de produção do inédito e de novas formas de se estar em sociedade”. (LEONEL, 2010, p. 42). Nas festas da ordem, particularmente religiosas, como exemplo no catolicismo popular, os fiéis comungam do mesmo ideal de devoção, nas procissões, romarias, rezas, novenas onde atos e gestos coletivos se intercalam e produzem o sentido ao contexto histórico de determinada comunidade.

O rito, na perspectiva de Turner (1999), ao citar aspectos do ritual Ndembu: “entendo por ritual uma conduta formal prescrita em ocasiões não dominadas pela rotina tecnológica, e relacionada com a crença em seres ou forças místicas” (TURNER, 1999, p. 21, tradução nossa)¹²⁵. Ou seja, são “momentos especiais construídos pela sociedade e só no seu contexto é possível sua compreensão, representam aspectos das relações da sociedade”. (MARTINS, 2002, p. 5).

O rito em si comporta os símbolos, que formam as unidades que o integram. O símbolo, segundo Turner (1999), “é a menor unidade do ritual que ainda conserva as propriedades

¹²³ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

¹²⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

¹²⁵ “Entiendo por ritual una conducta formal prescrita en ocasiones no dominadas por la rutina tecnológica, y relacionada con la creencia en seres o fuerzas místicas”

específicas da conduta ritual; é a unidade última da estrutura específica num contexto ritual”¹²⁶ (TURNER, 1999, p. 5, tradução nossa). Os símbolos devem ser compreendidos em um contexto social e têm a função de ser uma força positiva de junção e também a manutenção dos vínculos dos seres humanos. Ainda, segundo o autor, “o símbolo vem a associar-se aos interesses humanos, propósitos, fins, meios, tanto se estes estão explicitamente formulados, como se tem de inferir-se a partir da conduta observada” (TURNER, 1999, p. 21-22, tradução nossa)¹²⁷. O dinamismo do símbolo, em um universo específico, garante a realização dos anseios da sociedade, que remete à possibilidade das múltiplas manifestações sociais, quer as profanas, quer as religiosas.

Em sua leitura sobre a análise antropológica dos rituais, Peirano (2002) ressalta que o rito ultrapassa a esfera religiosa, podendo ser de maneira mais abrangente e aí “passa a dar lugar à abordagem que privilegia eventos que, mantendo o reconhecimento que lhes é dado socialmente, como fenômenos especiais, diferem dos rituais clássicos nos elementos de caráter probabilísticos que lhes são próprios” (PEIRANO, 2002, p. 17). Com isso, entendemos também como momentos rituais os que se eternizam e se repetem no ir e vir dos indivíduos. No caso de Nova Serrana, ir e vir de sua terra natal, em diferentes períodos do ano.

No cotidiano dos imigrantes, em Nova Serrana, a festa, muitas vezes, acontece no encontro com conterrâneos e mesmo com outros imigrantes nos fins de semana, em determinados lugares da cidade. Em meio aos encontros, os instrumentos musicais, a cantoria, as danças e as comidas típicas, a maneira de se vestir, etc., o imigrante reproduz e resgata a lembrança das tradições, sustenta a esperança de dias melhores ou, pelo menos, mantém a memória de suas origens.

Embora sejam comuns as viagens para a celebração das festas, nem todos residentes em Nova Serrana têm a oportunidade de realizá-las. Porém, quem fica na cidade, não deixa de festejar, ainda que seja de outra forma, conforme ressalta Caggiano (2012) “para os imigrantes, são fundamentais tanto as festas realizadas nos locais do destino quanto aquelas celebradas no local de origem” (CAGGIANO, 2012, p. 14), pois ambas reforçam a sua rede de relacionamentos e criam novas redes de relacionamento na cidade receptora.

Em seus estudos sobre o impacto do desenvolvimento industrial nas relações culturais em Nova Serrana, Silva (2007) ressalta algumas festas que são mantidas na cidade que, em sua

¹²⁶ “El símbolo es la más pequeña unidad del ritual que todavía conserva las propiedades específicas de la conducta ritual; es la unidad última de estructura específica en un contexto ritual”.

¹²⁷ “El símbolo viene a asociarse a los humanos intereses, propósitos, fines, médios, tanto si éstos están explicitamente formulados como si han de inferirse a partir de la conducta observada”.

maioria, são festas religiosas, como a “Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário” cuja origem data de 1930, sendo retomada e consolidada em 1985. Esta festa do “reinado” remonta ao tempo da escravidão, com cantos, trajes e danças dos “congadeiros”, e constitui um acontecimento que reúne aspectos religiosos católicos e mercadológicos. É uma festa, atualmente, apoiada pela Igreja Católica e pela Secretaria de Cultura da cidade.

Em uma de nossas visitas à cidade, em outubro de 2014, participamos das comemorações da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, quando o município recebe grupos de congados de várias cidades vizinhas. A cidade se colore com os uniformes dos congadeiros, que trazem seus batuques, cantos e danças característicos de seu grupo em honra a Nossa Senhora do Rosário. Trata-se de uma festa popular, que atrai mais os imigrantes que residem na cidade, do que a festa do padroeiro São Sebastião. Pode ser que a atração se dê pelo seu caráter menos institucional, festivo, ainda que tenha apoio da Igreja Católica, ou também porque ela acontece em outubro, mês em que as indústrias de calçados estão em pleno funcionamento e produtividade, e os funcionários estão na cidade. Diferentemente da festa de São Sebastião, que é celebrada no dia 20 de janeiro, quando as indústrias de calçados reiniciam suas atividades, depois do recesso e das férias de fim de ano, que, para os católicos, é a mais esperada.

Em Nova Serrana, outros cultos aos santos católicos são celebrados, como a Folia de Reis; a “Festa de Cruz”; a Festa de São José e também alguns cultos marianos, como as coroações no mês de maio, a Festa de Nossa Senhora do Carmo e a Festa de Nossa Senhora das Vitórias. Nessas festividades, o sagrado e profano se misturam e proporcionam, no universo cultural da cidade industrial, novas formas de sociabilidade.

Em 20 de janeiro de 2015, participamos da Festa de São Sebastião. É o padroeiro da cidade e é considerado, na religiosidade popular, como protetor do campo, do gado, da galinha e do galo. Documentos da imprensa encontrados na Biblioteca Pública Municipal mostram que, nas festas de outrora, havia leilões de gado, danças e shows, pareciam mais envolventes e participativas. A cidade, atualmente, mesmo crescida e industrializada, conserva algumas características das festas de outrora, porém, com menos intensidade, se limitam às missas celebradas durante a novena que precede ao dia da festa, a procissão e a missa solene para o seu encerramento.

Silva (2007) apresenta também algumas festividades de cunho evangélico. Segundo o autor, a festa denominada: “Celebrando Jesus” é realizada de dois em dois anos, recebe o apoio da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Cultura. No evento são apresentados cantos, pregações e louvores a Deus. Esse evento atrai muitas pessoas – evangélicas ou não – de Nova

Serrana e também de cidades vizinhas. (NOVA SERRANA, 2014).

A Assembleia de Deus promove o “Aviva Centro-Oeste”. Este evento se constitui de seminários, encontros e shows, tendo como público-alvo, de modo especial, os empresários da cidade.

A Prefeitura Municipal, pela Secretaria de Cultura, promove a Festa do Trabalhador no dia 1º de maio. Em 2015, tivemos a oportunidade de participar desse evento. Como atividade, houve a corrida rústica entre os trabalhadores, shows, parque de diversão com brinquedos para as crianças, pipocas, algodão-doce, etc.

As diversas festas culturais e religiosas de Nova Serrana correspondem às tradições da região e constituem, como em todas as atividades festivas, o lugar do encontro e do festejar, de ver e de ser visto.

4.5.1 Ver e ser visto: o retorno do imigrante às suas origens

Na nossa pesquisa de campo, percebemos que, apesar de as festas que acontecem em Nova Serrana, a vida seria muito difícil para o imigrante, se não fosse o esperar pelas festas que são celebradas na sua cidade natal. O imigrante, ao retornar às origens, no Natal, como explica Caggiano (2012), “têm a oportunidade de exibir a si mesmos, as suas famílias e seus bens e, por assim dizer, de dar conta de sua capacidade de gastos”. (CAGGIANO, 2012, p. 15). Nessa ocasião, é comum a volta da maioria dos que emigraram e é quando, além de rever a família e amigos, no mostrar o que conquistou e se mostrar, por meio de roupas finas, de relógios, de pulseiras e de cordões dependurados e visíveis. Além disso, o sucesso do investimento da migração é marcado pelos presentes enviados ou levados como prenda à família, que também é considerada bem-sucedida aos olhos dos vizinhos. Assim, enviar fogão, geladeira, televisão ou qualquer outro eletrodoméstico, em particular para a família, comprova o sucesso do indivíduo, seu status social diferenciado, alcançado pelo nível econômico que o trabalho em Nova Serrana lhe garantiu.

Nos estudos de Rigamonte (2001), a prosperidade do imigrante se refletirá na reforma da casa da família, nos presentes (eletrodomésticos, em geral), roupas novas e de marca e até pelo possível carro ou moto que, no retorno à terra natal são apresentados. No caso dos atores, os retornos se dão, em geral, em épocas de chuva, férias ou festas, quando é exibida a prosperidade.

Foto 20 - O retorno dos imigrantes de Nova Serrana, para as festas de final de ano em suas origens



Fonte: Fotografia do autor.

Nas entrevistas em Nova Serrana, encontramos alguns testemunhos que explicam esse ritual, como exemplo o da informante, Coordenadora do CREAS:

muitos imigrantes, quando vão de férias para suas origens – fenômeno que acontece, para a maioria, nas festas de fim de ano –, levam partes dos bens adquiridos, como motos, bicicletas, etc., e as respectivas fotos, para que os parentes possam ver o seu sucesso. As peças dos veículos são levadas, porque eles não cabem no bagageiro do ônibus e, quando é moto, por exemplo, muitas vezes, a pessoa ainda não tem carteira de habilitação para pilotar. (Coordenadora do CREAS)¹²⁸.

Nesses casos, a peça do veículo, a foto da bicicleta ou moto são importantes como prova de sua prosperidade.

¹²⁸ Entrevista informal realizada no CREAS, 04 maio 2014.

Foto 21 - A moto do imigrante de Nova Serrana como bagagem no ônibus



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 22 - As motos são acomodadas juntamente com as malas no bagageiro do ônibus



Fonte: Fotografia do autor.

Pedro reconhece que, por ser homem, já vivenciou muitas aventuras. Quando chega a Arapiraca, cidade que já viveu e onde tem muitos conhecidos, com seu carro, consegue arranjar mulheres. E os pais das mulheres que arranja, muitas vezes, aprovam o relacionamento, quando veem o carro. Segundo Pedro: “lá você segura a mulher, o pai dela não se incomoda. Sabendo que você chega lá no carrinho... chegado... sonzinho ligado. As mulheres caem em cima. Meu

carro tem som e gosto dele alto.”¹²⁹

Interessante observar que, ao se referir às suas idas em sua cidade natal, Pedro afirma que muda de comportamento, mesmo em relação ao som do carro: “quando eu vou à cidade do meu pai eu não ligo o som do meu carro alto, não. Porque lá todo mundo me conhece. Sou o Pedro do Raimundo. Meu pai, sendo pastor, a gente não pode desautorizar ele.” (Pedro). A mudança de comportamento do entrevistado, quando retorna às suas origens, acontece para manter a aparência de que o filho do pastor possui comportamento exemplar. Nesse caso, sua identidade está vinculada à família, ao seu nome e ao lugar social que ocupa em sua cidade, mesmo que em outras cidades seja diferente.

No caso do Pedro, seu carro o ajuda a conquistar as mulheres que almeja e a se justificar perante os pais delas, pois estes julgam os pretendentes de suas filhas, segundo suas posses.

Em se tratando de presentes, Claudenir disse que:

é importante o presente. Então eu levei o presente para simbolizar que eu estou me lembrando deles não só com o presente, mas com a presença. Não importa se você tem quarenta anos que não vê sua mãe e levar um presente pequeno. Tamanho não é documento, mas o amor que você leva com o presente é que vai prevalecer, não é o presente. (Claudenir)¹³⁰.

O presente significa, para Claudenir, muito mais do que o simples objeto, mas o sentimento que representa. O sentimento agregado no gesto de presentear.

¹²⁹ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

¹³⁰ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

Foto 23 - As bagagens dos imigrantes quando voltam às origens em época de festas



Fonte: Fotografia do autor.

O entrevistado Antônio declara que se sente bem em levar alguma coisa para as pessoas mais próximas:

quando não estou muito apertado, eu gosto de levar presente para o pessoal mais de perto: irmão, sobrinho, meus pais. Sempre gosto de levar. Para meu pai, sempre, todo ano, levo um presente que ele vai gostar mais. Ele é flamenguista, e aí eu levo uma camisa do flamengo para ele. Aí todo ano ele já fica na expectativa esperando a camisa que eu vou levar. Aí, eu sempre gosto de levar uma diferente da que ele tem. Sempre procuro algo diferente, ou da torcida organizada, ou comemorativa... que é diferente... aí sempre já fica esperando. Porque ele sabe que vai vestir e todo mundo vai ficar olhando, porque lá ninguém vai ter, e já fica na expectativa... Quando eu gosto da camisa, eu compro duas, uma pra mim e outra pra ele. (Antônio)¹³¹.

Um dado interessante na fala do Antônio é que seu pai sempre espera o presente, que é a camisa de seu time de futebol e, melhor ainda, se for um modelo inédito na cidade, para que também, o pai, possa ser visto e ser diferenciado dos demais habitantes da cidade.

Outro entrevistado, o Rinaldo, afirma:

eu gosto de levar presentes para minha família. Ah, mais é sapato, roupa, tipo de coisa assim. Eu tenho uma irmã lá que ela é apaixonada por plantas – rosa. Se eu for mandar um presente para ela, se eu mandar um pé de rosa, ela prefere. Eu já mandei muito. Mando por alguém, um conhecido, ou então, alguém que... Tem um moço de lá que tem um carro, e ele faz linha de lá para cá. Aí eu mando por ele. Eu pago e ele leva. (Rinaldo)¹³².

¹³¹ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

¹³² Entrevista gravada na igreja católica, 11 ago. 2015.

A terra natal de Henrique, não é distante de Nova Serrana, por isso ele não tem dificuldade de estar sempre em contato com seus familiares, diferentemente da esposa. Sua família mora em uma cidade localizada em outra região do Estado, distante de Nova Serrana. Ela, raramente, mantém os contatos com sua família, mas ainda assim, quando vai visitá-los, aproveita para “levar sapatos e sandálias de presente”. (Henrique)¹³³.

Essa movimentação para o reencontro e o cumprimento das promessas de presentes oferecidos são elementos importantes para os rituais da festa e justifica o sentido de querer festejar.

Em seu ir e vir, em meio às festas em suas origens e o trabalho na cidade industrial, o nome de família e o cartão de ponto, a calma da comunidade e a correria urbana, o indivíduo se apoia nas redes de sociabilidades. Essas funcionam como uma espécie de base para os indivíduos, que se referem às necessidades básicas, à busca pelos direitos e ajuda mútua, ao encorajamento, entre outros. Não raro essas redes são constituídas, além dos laços familiares, no contexto de trabalho, da religião ou por conterrâneos.

A relação estabelecida entre o imigrante e os elementos de sua rede de relações pode variar de acordo com a cultura. É nessa perspectiva que Jimenéz e Martín (2008) entendem que “falar de imigração é falar de relações intergrupais, trata-se de refletir sobre a natureza, causa e consequências das representações dos indivíduos, das relações entre seu grupo e outros grupos”. (JIMENÉS; MARTÍN, 2008, p. 40, tradução nossa)¹³⁴.

Entre as redes de sociabilidades onde se originam, são conservados e, às vezes se desfazem os vínculos identitários, a família é sempre considerada a principal rede na vida dos indivíduos. Em seus depoimentos, os imigrantes de Nova Serrana, sempre se lembram de suas famílias e de seus amigos. Muitos deles falam dos vínculos mantidos com a família, das visitas realizadas em suas origens, para rever seus familiares e amigos. Outros, porém, trouxeram suas famílias para viverem juntos em Nova Serrana.

Nas trajetórias analisadas, é possível afirmar que, conforme ressaltado pelos autores Rigamonte (2001) e Caggiano (2012), as redes de relacionamentos, muitas vezes, influenciam na sua decisão de migrar.

¹³³ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹³⁴ “hablar de inmigración es hablar de relaciones intergrupales, se trata de reflexionar sobre la naturaleza, causa y consecuencias de las representaciones de los individuos de las relaciones entre su grupo y otros grupos”

4.6 O movimento migratório como um processo coletivo. A experiência em Nova Serrana

O processo migratório não implica simplesmente no ato de ir e vir, diferentemente, ele mobiliza distintos fatores na vida de uma sociedade, tanto a receptora como a de origem. Alguns estudos ressaltam que as novas e melhores condições de emprego, climáticas entre outras, são as motivadoras para emigrar, mas esse processo resulta no enfrentamento de diferenças culturais, que pode provocar sucessos, mas também frustrações. Jimenéz e Martín (2008) esclarecem que “a imigração coloca as pessoas em risco psicossocial ao ter que reajustar-se em quase todos os âmbitos de sua vida: familiar, social, educativo, trabalho, cultural” (JIMENÉZ; MARTÍN, 2008, p. 39, tradução nossa)¹³⁵.

Para Rigamonte (2001), “trabalhar na cidade, enfrentar o processo de adaptação, incorporar um ritmo de vida “alucinante”, concorrer a uma vaga num mercado de trabalho saturado”, (RIGAMONTE, 2001, p. 95) podem ser considerados grandes desafios que o imigrante tem que enfrentar.

Os riscos e desafios aludidos pelos autores, de certa forma, incidem também sobre o grupo familiar de quem migra, já que este participa na decisão do indivíduo de migrar, na ausência dele na educação dos filhos e ainda na opinião da vizinhança e demais familiares.

Como observamos, o movimento migratório não pode ser considerado um ato isolado na vida do indivíduo, pois, em muitos casos, depois de avaliar as possibilidades, com a família ou com outras redes de relacionamento, sua decisão de sair de suas origens pode ser tomada ou não. Pereira (2008) afirma que a decisão de migrar não é um ato impensado por parte do indivíduo, mas sim, em muitos casos, uma decisão a partir de uma tomada de consciência da sua realidade e a tentativa de encontrar novas possibilidades que venham ao encontro do seu desejo, sonho, por influência de outros ou para suprir as necessidades básicas de melhoria de vida:

ao contrário do que muitos pensam, a decisão de emigrar não é um ato impulsivo ou imprudente, quaisquer que sejam suas razões (falta de desenvolvimento, direitos democráticos ou pressão demográfica). A grande maioria dos imigrantes realiza uma análise detalhada dos cenários alternativos que são oferecidos e sua decisão é o resultado de um processo racional de tomada de decisão que envolve diferentes tipos de variáveis - e variáveis de tipo diferente - que concluiu com a adoção de uma revolução sobre se deve ou não migrar. (PEREIRA, 2008, p. 117, tradução nossa)¹³⁶.

¹³⁵ “la inmigración coloca as personas em riesgo psicossocial al tener que reajustarse en casi todos los âmbitos de su vida: familiar, social, educativo, laboral, cultural”

¹³⁶ “La diferencia de lo que muchos piensan, la decisión de emigrar no es un acto ni impulsivo, ni irreflexivo, cualquiera que sea su motivación (falta de desarrollo, de derechos democráticos o presión demográfica). La

Um dos nossos entrevistados, Geovani ilustra a afirmativa do autor: “meu amigo me convidou para vir para Nova Serrana. Eu pedi minha mãe, e ela deixou”¹³⁷. A decisão não foi individual, pois contou com o convite do amigo e com a concordância da mãe. Esse fato é comum entre os relatos de alguns dos imigrantes entrevistados em Nova Serrana.

O sonho por melhoria em sua vida é, muitas vezes, fundamentado em experiências vivenciadas por amigos ou parentes, que acabam por influenciar, apoiar e servir como referência para aqueles que resolvem emigrar.

Geovani relata ainda que a motivação, além da situação de desemprego, é que já tinha um serviço garantido, em Nova Serrana: “meu amigo já me trouxe com serviço arrumado. Trabalho aqui na fábrica de sapato. Prometeram que vão assinar minha carteira de trabalho. Para mim, trabalhar fichado é muito bom. Minha mãe falou que se eu me fichar aqui, é o que vale”.

Outro entrevistado, o Antônio, considera que o salário e condições mais cômodas foram que lhe impulsionaram a emigrar para Nova Serrana:

mais é serviço né. Lá na minha cidade tem trabalho. Só que o salário é baixo e é mais serviço pesado. Serviço de fazenda. Não tem descanso. Trabalha direto. A gente trabalha muito e ganha pouco. Aqui eu acho melhor porque a gente trabalha na sombra, o salário é melhor e você pode descansar mais. Além do trabalho ser melhor que o da roça. Se trabalha depois do horário ou no fim de semana, recebe uma hora extra. Eu gosto disso”. (Antônio)¹³⁸.

O tipo de trabalho não dava oportunidade para estudar. Explica:

eu ia continuar estudando, mas aí quando eu fui fazer a matrícula, era pra estudar na cidade... tinha que estudar à noite, porque eu trabalhava durante o dia, só que não tinha vaga para noite. O diretor falou para continuar estudando que ele arrumava vaga para mim, mas comecei a estudar e nada de ele arrumar a vaga... Aí eu vi o pessoal da cidade estudando à noite... a gente que é do sítio, precisa trabalhar, como é que a gente vai estudar durante o dia? Não tem como, não. Ele disse: vou arrumar. Aí não arrumou. Então, eu saí. Eu preciso trabalhar. Se eu não ganhar o dinheiro, quem vai me dar? Em roça é assim, você tem que trabalhar o dia todo. Como você vai trabalhar numa fazenda com tanto trabalho, sair durante o dia e voltar para casa pra estudar. Aí não tem jeito, não. Ou estudava ou trabalhava. Para mim parar de trabalhar para estudar, não dava. Preferi trabalhar com carteira assinada. Alguma coisa mais confiada. Para mim parar de trabalhar, e estudar, melhor trabalhar na roça, ia ter futuro. Aí, pensei bem e falei, vou viajar... Viajei para cá. Tenho vontade de estudar. Só que o tempo é mais curto, né? E aqui tenho sempre que ficar depois do horário

inmensa mayoría de los inmigrantes realizan un análisis detallado de los escenarios alternativos que se le ofrecen y su decisión es el resultado de un proceso racional de toma de decisiones en el que intervienen diversos tipos de variables – y variables de diverso tipo - que concluye con la adopción de una revolución acerca de la conveniencia o no de migrar”.

¹³⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 02 maio 2015.

¹³⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

para arrumar alguma coisa, para adiantar algum serviço. Aí não dá... é muito puxado. (Antônio).

Assim como o Antônio, milhares de outros indivíduos encontraram em Nova Serrana o lugar para venderem sua força de trabalho, mesmo sem ter oportunidade de continuar os estudos.

Os entrevistados Júlio e Pedro são irmãos. Júlio conta que conheceu Nova Serrana por meio de um parente que reside numa cidade próxima: “eu tenho um parente que mora aqui próximo de Perdigoão¹³⁹. Vim conhecer Nova Serrana e gostei demais. Achei aqui melhor que a minha terra.” (Júlio)¹⁴⁰.

Júlio está há quatro meses na referida cidade e influenciou o irmão Pedro a emigrar, também de suas origens. Os dois irmãos não vivem com a família há muito tempo. Pedro declara:

nunca gostei de morar com meu pai. Sempre gostei de morar sozinho. A gente já saiu de casa porque não gosta de morar com o nosso pai. Na casa do pai, você não pode fazer nada. Você não pode sair nada. Tem que ter hora marcada. Tem que ter tudo agendado. E a gente não. A gente é homem e tem que sair e se divertir. (Pedro)¹⁴¹.

O pai é pastor da Assembleia de Deus e exige dos filhos comportamentos que não o desabonem perante a comunidade local. Isso influenciou a saída da casa.

A família de Rinaldo veio para Nova Serrana, influenciada por uma de suas irmãs que já residia na cidade. Logo em seguida, Rinaldo também veio. Segundo ele: “meus pais vieram morar aqui, e eles falaram que aqui era bom, e eu vim também. A minha irmã já morava aqui”¹⁴². Declara: “tenho sete irmãos. Duas irmãs e dois irmãos estão aqui. Um, que chegou há dois meses, está desempregado. Ele nunca trabalhou em fábrica de calçados”. (Rinaldo).

A entrevistada Matilde conta que sua vinda para Nova Serrana aconteceu há 14 anos, com apoio de familiares: “eu tenho uma tia que mora aqui. Ela já tinha vindo para cá há cinco anos. Depois de mim, vieram mais três tios e duas irmãs, e todos trabalham na indústria de calçados”¹⁴³. Segundo Matilde, alguns familiares continuaram em sua terra: “lá eu tenho minha mãe, meus irmãos – uma irmã e um irmão”.

Fernanda veio com toda sua família para Nova Serrana: “viemos todos. Eu vim primeiro. Depois vieram todos. Eu sou a filha mais velha. Alugamos uma casa e viemos morar aqui.

¹³⁹ Cidade próxima à Nova Serrana, que faz parte da Micro região de Divinópolis, MG.

¹⁴⁰ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

¹⁴¹ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

¹⁴² Entrevista gravada na igreja católica, 11 ago. 2015.

¹⁴³ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

Porque em Pitangui não tem oportunidade de emprego”¹⁴⁴.

O informante Geraldo conta que, muito embora tenha vivido em várias cidades, sua vinda para Nova Serrana teve influência de seu filho que já residia na cidade:

meu filho veio primeiro. Meu filho veio tem seis anos que ele mora aqui. Tá empregado aqui. Falou: oh, pai, vem para cá que é melhor para serviço. Vieram comigo, eu a mulher e os dois filhos. E aí estamos aqui empurrando a vida. Todos trabalham. Aqui estamos bem melhor. Estamos bem melhor. Graças a Deus”.(Geraldo)¹⁴⁵.

Henrique conta: “meu pai e minha mãe vieram para cá em busca de trabalho”¹⁴⁶. Como muitos habitantes das cidades vizinhas de Nova Serrana, a família do Henrique foi uma referência importante para o ato de migrar. Henrique ressalta que “meu pai faleceu, e minha mãe voltou para Carmópolis (MG)” e, atualmente, ele vive com a esposa em Nova Serrana.

Durante o trabalho de campo, ao participar das comemorações do Dia do Trabalhador, 1º/05/2015, promovidas pela Prefeitura Municipal de Nova Serrana, conhecemos o casal, Andressa e Sandoval. Andressa tem 17 anos, estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental, estava grávida. É natural de Itororó (BA) e se casou pela primeira vez aos 11 anos. Ela explica que, na sua terra, “a moça que perde a virgindade tem que se casar com quem a desvirginou”¹⁴⁷. Foi o que ocorreu com ela. O casal viveu junto durante seis anos e, há dois anos, eles vieram para Nova Serrana, em busca de trabalho. Nesse caso, a decisão foi do casal, e, por meio do apoio de um e de outro, emigrou.

O companheiro de Andressa, Sandoval, veio para Nova Serrana há 14 anos, incentivado pelos tios, que já moravam na cidade e foi trabalhar na mesma empresa em que o tio trabalhava. Logo depois, conseguiu trazer os seus pais e o tio, que montou uma pequena indústria, informal, de calçados, e Sandoval foi trabalhar com ele. Hoje a empresa é registrada e, segundo o entrevistado: “tenho carteira assinada. Hoje a vida está muito melhor, porque no interior a vida é muito pior, não tendo emprego, a gente passa falta das coisas em casa”. (Sandoval)¹⁴⁸.

A informante Vilma veio com sua família para Nova Serrana ainda quando criança. Explica: “meu pai na época pensou que precisava arranjar um lugar melhor para a família e Nova Serrana era um lugar bom para se trabalhar”¹⁴⁹.

¹⁴⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

¹⁴⁵ Entrevista gravada na Praça da Bíblia, 14 jul. 2015.

¹⁴⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁴⁷ Entrevista informal na Praça Jardim do Lago, 01 maio 2015.

¹⁴⁸ Entrevista informal na Praça Jardim do Lago, 01 maio 2015.

¹⁴⁹ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

O entrevistado André veio para Nova Serrana incentivado pelo pai. “Depois de ter tentado a vida em outras cidades, meu pai viu que, em Nova Serrana, poderia ter serviço suficiente para manter a família. E aí viemos para cá. Há quatorze anos, estamos em Nova Serrana. Posso lhe dizer que aqui não falta serviço”¹⁵⁰.

O informante Ricardo veio com sua família para Nova Serrana em busca de trabalho: “meu pai tinha um bar em São Paulo, mas, devido à violência, preferiu vender tudo e se mudar para cá. Ele já tinha parentes aqui, que falavam que aqui era melhor para se viver e trabalhar”¹⁵¹.

José Flávio, veio de Cuiabá (MT) e se estabeleceu em Nova Serrana, trabalhando como guarda municipal e, atualmente, trabalha na indústria de calçados. Segundo o entrevistado, “meus amigos decidiram vir para Nova Serrana e, como eu já tinha um tio que morava aqui, eu resolvi vir também”¹⁵².

A informante Jussara veio para Nova Serrana, aos 11 anos, acompanhada da família. Ela é natural de Santo Antônio das Missões (RS). Sua avó já residia na cidade e influenciou a mãe a vir também.

A proximidade de outras pessoas, quer por parentesco, quer por vizinhança, pode ser considerada como redes mantidas “mediante uma estrutura peculiar, através de arranjos e padrões próprios” (RIGAMONTE, 2001, p. 115). As redes sustentam e fomentam o sonho e encorajam os indivíduos ao tomar a decisão de emigrar e, de certa forma, oferecem apoio material, por exemplo: moradia, trabalho, ajuda na locomoção, o lazer, etc.

No caso de seus estudos com os imigrantes bolivianos e nordestinos que vivem em São Paulo, Rigamonte (2001) explica que existe uma praça onde o grupo se encontra periodicamente e mantém as tradições nordestinas e reconfiguram sua identidade. Os contatos com os conterrâneos, as notícias que chegam e que são enviadas para a terra natal, ou o compartilhar da história com quem vive a mesma situação, mesmo que não seja do seu grupo de relacionamento, alivia a saudade dos familiares e conterrâneos, embala o sonho da volta em outra condição social e contribui para conservar a identidade.

Em Nova Serrana, os encontros acontecem nas residências dos amigos, nos passeios programados nos fins de semana, nas eventuais comemorações promovidas pela Prefeitura e também nas comunidades religiosas.

¹⁵⁰ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 11 ago. 2015.

¹⁵¹ Entrevista gravada no bairro Planalto, 21 jul. 2015.

¹⁵² Entrevista gravada na Praça Jardim do Lago, 10 ago. 2015.

4.7 Os vínculos familiares

Nas entrevistas realizadas, com os imigrantes em Nova Serrana, constatamos uma ligação muito forte dos entrevistados com seus familiares, no que se refere ao apoio e à presença em sua vida.

O vínculo de origem continua sendo mantido, por contatos assíduos, pelas redes sociais e visitas esporádicas à terra natal. Geralmente, as visitas às famílias ocorrem nas épocas das festas de fim de ano, ou em alguma oportunidade de um feriado prolongado, como no carnaval e Semana Santa, etc. Explica Geovani: “toda minha família ficou na minha cidade. Tenho quatro irmãos e todos ficaram”¹⁵³. Os irmãos do Geovani são mais novos que ele. O entrevistado mantém o sonho de poder um dia trazer sua família para junto de si, já que, apesar de estar somente há uma semana em Nova Serrana: “estou sentindo muita falta lá de casa. Eu nunca tinha saído de casa. Minha mãe, quando eu liguei, ela chorou. Aí, eu também chorei”. O contato com os irmãos é feito pelas redes sociais: “eu converso pelo whatsapp com meus irmãos”. (Geovani).

Claudenir foi criado pelos avós e os tem como seus pais: “fui criado com minha vó desde sete dias de nascido. Por isso tenho um amor imenso. O amor de vó é melhor que o de mãe”¹⁵⁴. Quanto à sua saída de casa, ele ressalta:

eu te falo que é uma experiência, tipo quando você tem o primeiro filho. Aquele amor que você tem da mãe, mas que você tem que deixá-la, por uma causa justa. Porque você não pode ficar agarrado na barra da saia dela até os seus 40 anos. Porque nós temos que voar com as próprias asas, não com as asas dos outros. (Claudenir).

A distância não o separa totalmente da família, já que o vínculo é mantido por meio de telefone: “eu de oito em oito dias, eu ligo para lá”. (Claudenir).

Remilda conta: “minha mãe, meu irmão mais velho e meu irmão mais novo” ficaram em sua terra. Eles não precisaram vir, porque a situação de vida deles, segundo a entrevistada, é estabilizada. Ela ressalta: “eles ficaram porque meu irmão tem a casa dele lá. Ele trabalha com construção. Minha mãe tem a casa dela lá e vive com meu pai. Meu irmão mais novo estuda ainda”. O contato da informante com os familiares é por meio do telefone e visitas: “Vou lá todo ano”¹⁵⁵. Em Nova Serrana, Remilda mora numa casa alugada com suas irmãs:

¹⁵³ Entrevista gravada na Empresa A, 02 maio 2015.

¹⁵⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁵⁵ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

eu gostaria que todas minhas irmãs morassem sempre comigo. Sim. Se elas não tiverem outro lugar... Porque quase todas estão comprando seu próprio negócio. Uma está indo se casar... Mas se eu pudesse levar, eu levaria sim... Mas é que cada um constrói sua vida também, né? Conhece as pessoas, casa... Desse jeito. Não tem como levar todas para morar todo mundo junto. Cada um vai crescendo e tendo seu próprio meio de vida. (Remilda).

Remilda deixa clara a prosperidade na vida das irmãs e a sua também: “estou tirando carteira de moto, porque quero comprar uma, para vir para o serviço”.

Pedro Afonso se casou em Nova Serrana. Conta que o contato com a família que ficou em suas origens acontece à medida de suas possibilidades: “meu pai, minha mãe e meu irmão estão lá ainda. Volto sempre que posso para ver meus pais”. (Pedro Afonso)¹⁵⁶.

José Teobaldo conta: “tenho dois irmãos e uma irmã. Todos moram em Poté. Meu irmão mais velho trabalha com meu pai ainda, minha irmã trabalha numa loja e meu irmão mais novo trabalha para uma empresa que presta serviço para a CEMIG. Todo fim de ano vou lá”¹⁵⁷. Ele conta que é casado e que a sua companheira é também da sua terra: “sou casado. Casado não, juntei-me. Minha esposa é lá da minha terra. Depois de dois meses que eu estava aqui, ela veio. Tinha um ano e meio que a gente namorava. Ela já veio morar comigo. Minha esposa trabalha numa fábrica de calçados”. (José Teobaldo).

É muito comum encontrar casais que vivem juntos e não são casados. Alguns contraem casamento no civil, como no caso do Pedro Afonso, outros apenas se “juntam”, como declarou o José Teobaldo.

Valdeílson reside com sua esposa em Nova Serrana. Explica que: “vou na minha terra todo ano. Tenho pai e mãe lá. Mesmo não podendo, eu dou meu jeito e vou. É muito importante a gente manter o contato com a família”¹⁵⁸.

Mesmo no caso em que a relação familiar seja conflitiva, a família é importante na vida das pessoas, vejamos:

porque minha mãe é daquelas pessoas que exigem que as visitas marquem hora para visitá-la. Nós, filhos, não podemos levar um amigo lá em casa sem ela esperar, não. E eu sinto ruim, porque, às vezes, eu nem posso levar meus amigos lá. O meu sobrinho leva os amigos dele, e ela fica xingando. Ela fala: “Vocês não ajudam e ficam trazendo gente aqui”. Aí eu penso em ter uma casa que eu possa levar meus amigos, e na hora que chegar lá ser bem-vindo e poder entrar sem nenhum problema. Ainda não tenho a minha casa, por causa da situação financeira mesmo. O pior de eu morar na casa da minha mãe é isso. (Rinaldo)¹⁵⁹.

¹⁵⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

¹⁵⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 21 jul. 2015.

¹⁵⁸ Entrevista gravada na Igreja Católica, 10 ago. 2015.

¹⁵⁹ Entrevista gravada na igreja católica, 11 ago. 2015.

Continua Rinaldo: “família é muito importante na vida da gente. Eu não sei o que seria de mim, se não fosse minha família”. Apesar de conservar a vontade de ter sua própria casa, Rinaldo mantém estreito relacionamento com sua família, a ponto de não saber o que seria de sua vida, se não fosse sua família.

Reginaldo declara que sua “família mora aqui também. Bem precioso que não vale a pena trocar por outra coisa. Tenho dez anos de casado. Os meus amigos falam que arranjam outra. Eu não quero outra mulher. A gente já tem a da gente, compensa não”.

Antônio mantém uma relação bem próxima com sua família. Ele ressalta que “em Nova Serrana mora só eu, minha esposa e meu filho”¹⁶⁰.

Dois outros entrevistados, Júlio e Pedro, são de família ainda jovem: “minha mãe tem 44 anos e meu pai tem 47 anos. Minha mãe se casou com 14 anos” (Pedro)¹⁶¹. De acordo com o depoimento de Pedro, o pai, com quem ele se relaciona frequentemente, é quem comanda a vida familiar, até de sua esposa:

quem ganha mais é minha mãe. Minha mãe ganha uns R\$ 3.500,00. Minha mãe ensina em dois horários. Duas escolas. Duas faculdades que ela ensina. Dinheiro da minha mãe é na mão do meu pai. Meu pai é que cuida dela. A compra, meu pai compra... Ela não sai sozinha. Minha mãe só sai com meu pai. Ela não sai nem com a gente. Ela pede meu pai, diz que está precisando de uma roupa, e ele vai com ela, e ele compra. Ela tem o salário dela mesmo, mas ela depende do meu pai. Ela entrega o salário dela na mão dele e pede a ele para comprar para ela o que ela precisar. Se ela precisar de roupa, ela vai, mais ele, e compra. Ele paga. Ele sempre faz as compras. Minha mãe fica só estudando e trabalhando. Meu pai é que resolve o dinheiro da família. Mesmo minha irmã, meu pai é que cuida. Meu pai é pra tudo. Minha mãe trabalha também, mas o meu pai que comanda em casa. (Pedro).

Pedro concorda com a relação que é estabelecida pelo seu pai em sua casa e admite que,

a mulher tem que viver é debaixo da ordem do marido, se ela quiser viver um casamento digno. Casamento bom, casamento feliz. Tem que acompanhar o marido. Mesmo que o marido seja ruim. Ela pode falar. Tem que ter opinião própria, mas tem que entrar no acordo. Porque a gente, sendo homem, tem que ser ouvido no casamento. Os dois vão permanecer. Não adianta a mulher querer desobedecer ao marido. Vai que o marido quer fazer uma coisa que ela não queira. Tem que permanecer mesmo é o marido. Que o marido tem que ser o homem da casa. (Pedro).

A reprodução do relacionamento machista, explicitado na vida de sua família, é tida como normal para o entrevistado. Ao mesmo tempo, podemos perceber que, mesmo em outros lugares, tempos e religião, o que prevalece é a normativa familiar, com seus efeitos que também influenciam o processo de migração dos irmãos para Nova Serrana.

¹⁶⁰ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

¹⁶¹ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

Na entrevista com a Empresária 2, há uma situação diferenciada com contato com a família. Ela declara “minha família veio toda para cá. Então não precisei voltar na minha terra”¹⁶². A relação com a família é frequente, porque, atualmente, seus pais moram próximos de Nova Serrana, e todos os irmãos se juntam, conforme ressalta: “porque a gente da minha família vai para casa da minha mãe no fim de semana, fazer um churrasquinho e beber cerveja”. (Empresária 2). Em Nova Serrana, a referida Empresária se casou e teve uma filha. Com o tempo, separou-se do marido e vive com a filha de 12 anos.

A entrevistada Matilde, que deixou em suas origens, mãe e outros familiares, construiu sua própria família, é casada e tem dois filhos: “uma menina de nove anos e um menino de dois e meio e sou gestante. Todo ano gosto de visitar meus parentes na minha terra”¹⁶³.

O nosso informante Francisco declara:

eu perdi meu pai aqui há 8 anos. Minha mãe mora aqui em Nova Serrana. Minha mãe mora só. A gente visita. Tem um irmão que dorme uma vez por semana com ela. Há vizinhos que cuidam para gente. A gente tem família e fica difícil ficar cuidando de família e ter que ir na casa dela todo dia. Se fosse mais perto, seria melhor. (Francisco)¹⁶⁴.

A entrevistada Cláudia veio para Nova Serrana por influência do namorado que se tornou seu marido. Atualmente, estão separados. Ela declara: “morava com meu ex-marido. A gente se separou, agora moro com minhas duas crianças. Tenho uma menina de oito anos e um menino de seis anos”. Os familiares de Cláudia ainda residem em Martinho Campos e, por ser uma cidade perto de Nova Serrana: “vou para a minha cidade quase todo fim de semana”.

Ricardo conta que seus pais compraram um sítio a uns 10 km de Nova Serrana e resolveram morar lá: “eles não são aposentados, mas meu pai tem uns aluguéis aqui na cidade. Eles não gostam do movimento da cidade, por isso foram morar na roça”¹⁶⁵.

O entrevistado declara ainda que morava com seus pais no referido sítio e, “todos os dias vinha trabalhar em Nova Serrana. Agora, eu moro com uma pessoa. Não sou casado, mas sou amigado com uma mulher. Tenho um filho de quatro anos, com outra mulher. Ele mora com meus pais lá na roça” (Ricardo). O contato com seus pais e com seu filho acontece todo fim de semana, quando Ricardo os visita: “meu lazer é ir todo fim de semana para a casa de meus pais. Lá eu fico com eles e com meu filho”.

¹⁶² Entrevista gravada na Empresa B, 12 ago. 2015.

¹⁶³ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁶⁴ Entrevista gravada numa loja no bairro planalto, 10 ago. 2015.

¹⁶⁵ Entrevista gravada no bairro Planalto, 21 jul. 2015.

Para Jussara, o contato com sua família, com quem reside em Nova Serrana, é importante: “minha mãe já é separada do meu pai e mora com meu padrasto”¹⁶⁶. Jussara tem mais três irmãos: “eles são filhos do meu padrasto com minha mãe, mas todos convivemos muito bem. Eu amo eles”. A convivência de Jussara com a família é dificultada pelos horários de trabalho e estudo dos seus irmãos. Porém, isso não impede que ela declare seu amor por todos e os vínculos com a família.

Enfim, os vínculos dos trabalhadores com seus familiares são mantidos, apesar da distância e da falta de tempo.

4.8 O imigrante em Nova Serrana e a sua moradia

Em muitas das entrevistas realizadas com os imigrantes em Nova Serrana, a questão da moradia é fator de preocupação entre eles. Muitos declararam morar com a suas famílias ou com amigos, dividindo as despesas, para reduzir os custos. Outros, porém, declararam que preferem viver sozinhos. A maioria paga aluguel, e poucos já conseguiram comprar sua casa própria. Há os que optaram por adquirir um lote, geralmente, em regiões distantes do centro da cidade, de acordo com suas condições financeiras, e há também os que pensam em fazê-lo.

Em geral, os imigrantes ao chegarem a Nova Serrana, passam a residir nas periferias da cidade, especialmente, do lado da BR-262, que é o oposto da maioria das indústrias de calçados.

Foto 24 - As moradias dos imigrantes nas periferias de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

¹⁶⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

Para muitos dos entrevistados que não possuem casa própria, o aluguel pesa no orçamento familiar: “o aluguel aqui em Nova Serrana é bem caro. A nossa casa não é tão boa, nem é pintada por fora, e o aluguel é R\$ 800,00. Muito caro, eu acho”. (Jussara)¹⁶⁷. O aluguel caro, consequência da exploração imobiliária, pode ser um obstáculo na vida da família e impedi-la de realizar outros projetos de vida na cidade industrial.

Claudenir, por exemplo, reside no bairro Santa Sara, localizado do outro lado da BR-262. Segundo ele: “quando vim para Nova Serrana, morei com os amigos que vieram comigo, mas agora moro sozinho, e Deus, em uma casa alugada”¹⁶⁸. Geralmente, em um primeiro momento, os imigrantes são acolhidos nas casas de amigos ou parentes, até que organizam sua vida na cidade.

No campo de pesquisa, observamos que há também os que vêm para Nova Serrana com moradia garantida, como no caso do entrevistado Luiz, que veio com sua mãe para Nova Serrana. Seu irmão mais velho veio primeiro e já havia arranjado lugar para eles morarem, no bairro Frei Ambrósio, que fica na periferia da cidade. Moram em uma casa alugada e pagam R\$ 550,00 mensais. Luiz conta que “em sua cidade natal era tudo muito difícil. Passávamos muita necessidade. Chegou um dia que comemos farinha com café. Foi. Farinha com café.” (Luiz)¹⁶⁹. Foram morar em uma casa na periferia da cidade, sem muita infraestrutura, mas explica o entrevistado: “ah, muito melhor! Porque lá não tinha recurso de trabalho. Ficava parado lá, aí não tinha nem como ter as coisas direito. Não tinha comida, porque não tinha dinheiro. Entendeu?”.

José Teobaldo mora com sua esposa em um dos bairros que compõem a zona periférica da cidade. O entrevistado declara: “Só moram eu e ela. Em uma casa alugada. Pago R\$ 380,00, por mês, de aluguel, no Bairro Novo Horizonte, que fica do outro lado da BR”¹⁷⁰. O entrevistado não se preocupa por estar morando de aluguel nem por morar na periferia, porque, no momento, o seu sonho é montar uma pequena fábrica de sapatos.

Devido à especulação imobiliária e à consequente dificuldade para manter o pagamento do aluguel, muitas famílias optam por adquirir um lote para, aos poucos, construir sua casa própria. Essa foi a alternativa da nossa informante Petrolina que, mesmo com a dificuldade do marido para conseguir trabalho em Nova Serrana e ter que trabalhar em outra cidade, no caminhão de lixo, “compramos um lote. Aqui perto, só que é ... Não é aqui mesmo não... é lá

¹⁶⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁶⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁶⁹ Entrevista gravada na Praça Jardim do Lago, 01 maio 2015.

¹⁷⁰ Entrevista gravada na Empresa A, 21 jul. 2015.

em Areias. Estamos ainda terminando de pagar, né? Aí, quando terminar, vamos ver se construímos ou não”. (Petrolina)¹⁷¹.

A declaração de Petrolina corresponde à realidade de muitos imigrantes que, para fugirem do aluguel, adquirem terrenos em lugares longe da cidade, mesmo sem infraestrutura, para, aos poucos, construírem suas moradias e ter a sua própria casa, que é o sonho dos imigrantes, ainda que seja em regiões afastadas onde podem conseguir, já que o preço é mais barato:

a gente pensa em ter uma casa própria. Pensar a gente pensa. Mas ainda não tem como juntar dinheiro. Não deu ainda, porque meu irmão mais velho vai se casar, e ele mora com a gente, e não está dando dinheiro, porque tem que comprar as coisas para a casa dele, né? Aí é menos um para contribuir. Mas minha mãe falou que vai ver um lote afastado, que é mais barato. (Jussara)¹⁷².

O importante de ter casa própria, além da redução das despesas, é garantir segurança e proteção.

Na entrevista com a Empresária 2, que conseguiu adquirir uma casa própria, é possível perceber isso: “por enquanto moro em casa alugada. Mas, eu comprei uma casinha. Estou reformando para eu mudar com minha menina para lá. Graças a Deus. Sou muito esforçada, e nada melhor que ter a casa da gente”. (Empresária 2)¹⁷³.

Outra informante, a Maristela, que também conseguiu adquirir sua casa própria:

minha casa é lá no bairro Concesso Elias. Fica lá do outro lado da BR. Eu comprei no valor de R\$ 110.000,00, hoje está mais de R\$ 130.000,00. É uma bênção. Meu marido queria comprar um terreno para termos uma roça. Eu falei: Deixa mais para frente, depois que quitarmos o apartamento, porque, eu sempre quis morar onde moro. No meu apartamento, tem terraço coberto. É bom. O terraço é só meu. São quatro apartamentos, dois embaixo e dois em cima, dois terraços. Um é meu, e o outro é do vizinho ao lado, e são duas vagas de garagem de um lado e duas de outro. Não precisa melhor. (Maristela)¹⁷⁴.

Maristela, em seu depoimento, não manifestou a preocupação em estar morando na periferia, pois o importante para ela é a realização do sonho de ter sua propriedade. Ela considera sua residência como uma bênção e mostra que o imóvel já valorizou. Mesmo já possuindo o apartamento que sonhara, pensa em um dia satisfazer a vontade do marido, que é ter um terreno na roça.

¹⁷¹ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

¹⁷² Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁷³ Entrevista gravada na Empresa B, 12 ago. 2015.

¹⁷⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

A entrevistada Lecimar também declara que possui casa própria e considera esse fato uma vitória:

depois que eu me casei e saí da casa do meu pai, meu marido e eu pagamos aluguel por um período. Hoje moro em casa própria no bairro São Geraldo. Aqui em Nova Serrana, eu construí muita coisa boa, talvez se eu tivesse na cidade onde morávamos antes, que é Bom Sucesso, no sul de Minas, talvez eu não conseguiria chegar aonde cheguei. Porque lá não oferecem condições de trabalho para o crescimento da pessoa. (Lecimar)¹⁷⁵.

Lecimar, quando veio com sua família para Nova Serrana, pagou aluguel durante algum tempo e isso, para ela, “adicionado ao alto custo de vida na cidade, torna muito difícil viver na cidade. Não importa o lugar aqui na cidade, o importante é você ter a sua própria casinha”.

Outra informante, Vilma, conta que possui casa própria na periferia, em um bairro próximo do seu trabalho, que é no bairro Planalto. O ponto positivo para a entrevistada é morar perto da empresa que trabalha e, com isso, não correr o risco da travessia da BR-262, como a maioria dos imigrantes.

Matilde conta que conseguiu adquirir sua residência em um bairro da periferia da cidade: “tenho casa própria no bairro Maria Luiza. Fica próximo ao SENAI. Não atravesso a BR para vir trabalhar porque fica do lado de cá. Fica perto do Batalhão da Polícia Militar”¹⁷⁶. Assim como a Matilde, muitos outros trabalhadores veem como ponto positivo o fato de residir no mesmo lado da empresa que trabalha, evitando a travessia da referida BR-262, além dos gastos com transporte e tempo de deslocamento.

Encontramos também alguns entrevistados que, para fugirem do alto custo de vida na cidade, dividem o aluguel da moradia com outros familiares, como é o caso do José Flávio. Ele declara ser casado e mora com sua sogra, com a mulher e um filho. Para ajudar no orçamento doméstico, “minha esposa tem uma banca. Ela faz trabalho terceirizado. Ela e a mãe dela. Tenho um filho de seis anos. Aqui em casa vivemos muito bem. É mais fácil morar junto, porque elas já trabalham juntas e as despesas ficam menores” (José Flávio)¹⁷⁷.

Antônio declarou: “moro no bairro São Geraldo, que fica do lado de cá da BR. Moro em casa alugada e pago R\$ 500,00 por mês de aluguel. Lá em casa moram eu e minha mulher, meu cunhado e a esposa dele. Mora tudo junto. Aí eles ajudam a pagar também”. (Antônio)¹⁷⁸.

¹⁷⁵ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

¹⁷⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁷⁷ Entrevista gravada na Praça Jardim do Lago, 10 ago. 2015.

¹⁷⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

Constatamos nos depoimentos de muitos dos informantes, e também na observação pontual, que a maioria dos imigrantes residentes em Nova Serrana em casa própria ou alugada moram na periferia ou em regiões distantes do centro da cidade industrial, de acordo com suas posses.

Por sua vez, constatamos também que muitos imigrantes não encontram o que vieram buscar em Nova Serrana e, por isso, não fixam morada na cidade industrial. Quando não correspondidas as suas expectativas, eles dão prosseguimento à sua busca, quer pelo retorno às suas origens, quer pela busca de novas possibilidades de sobrevivência na cidade receptora, quer pela partida para outros territórios. É o que trataremos a seguir.

4.9 Idas e vindas: os imigrantes, de Nova Serrana, em busca de sobrevivência

O imigrante que deixa, ainda que temporariamente, sua origem em busca da realização de seus objetivos em outras regiões, cidade e até países encontra diferentes desafios, especialmente aqueles relacionados à identidade, redes de sociabilidade e culturas diferentes. Muitos conseguem vencer os desafios da cidade industrial e se tornam modelo e incentivo para os futuros emigrantes, enquanto outros “não conseguem realizá-lo” (OLIVEIRA, 2002, p. 12), ou seja, relata o entrevistado: “muitos não encontram em Nova Serrana a realização de seus interesses, ou não se adaptam às exigências que a vida da cidade industrial lhes impõe” (Empresário 1)¹⁷⁹. Nesse caso, encontram três possibilidades: o retorno definitivo ou temporário para o lugar de origem; a insistência em se adaptar aos modos de vida, ainda que precários, na cidade receptora, buscando novas alternativas para sua sobrevivência, diferentes do trabalho nas indústrias calçadistas; ou o deslocamento, em busca da realização de seus projetos em outros territórios.

Quanto ao retorno ao lugar de origem, os indivíduos que regressam o fazem, muitas vezes, por vontade de estar perto dos familiares que lá residem, ou pelo desejo de retomar a vida e a identidade que a sua terra lhe confere.

Há também os que encontram na cidade receptora novas formas de adaptação aos modos de vida. No caso de Nova Serrana, mesmo que não seja o trabalho na indústria calçadista, pode-se buscar novas possibilidades de serviço, para se manter na cidade industrial, por exemplo na construção civil.

¹⁷⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

Em se tratando do deslocamento para outras cidades ou retorno às origens, muitas são as razões, entre elas, Nova Serrana é um polo industrial. Há pessoas, por exemplo, que residiram nos Estados Unidos e, devido à crise econômica e a baixa do dólar em relação ao real, na década passada, optaram pelo retorno à procura de emprego em uma cidade diferente da de sua origem, porém, não tão distante, facilitando o contato com as suas redes de relacionamento e optaram por viver em Nova Serrana.

Esses podem ser considerados também como imigrantes “aventureiros”, que Bernd (2004) trata quando explica os dois grandes mitos de Ulisses e Jasão. O primeiro sonha em voltar ao país natal, à sua terra, “e por vias de consequência, denota os sentimentos de fidelidade à pátria, apego à família e, sobretudo, de uma grande nostalgia do passado, isto é, do tempo anterior às longas viagens”. (BERND, 2004, p. 97). O segundo, porém, prefere o desejo da “errância e da vagabundagem”. Segundo a autora, “os deslocamentos fazem figura de ambivalência, pois a motivação principal dos viajantes – que é entrar em contato com a diferença a fim de encontrar respostas a suas questões – não se realiza inteiramente, nem no momento da partida, nem no da chegada”. Pois o que se considera é a “travessia, no entre dois, que eles fazem suas experiências transculturais”. (BERND, 2004, p. 103).

Para o antropólogo catalão muitos indivíduos encontram sentido “em um território indefinido e sem marcas claras, que é o que se imagina, estendendo-se entre o lugar da partida e o lugar a que se dirige e ao que nunca acaba de chegar” (DELGADO, 2012, p. 16, Tradução nossa)¹⁸⁰. Em Nova Serrana, encontramos os que sentem vontade de voltar às suas origens e são os que podemos identificar com o mito de Ulisses, como também os que podem ser identificados como aqueles que possuem o desejo de Jasão, pois, mesmo encontrando emprego, preferem partir, dando continuidade à sua busca, indo para outras cidades, diferentes das de suas origens. São os considerados amantes muito mais da travessia que da partida ou da chegada e que confirmam o que ressalta Delgado (2012), ou seja, eles nunca acabam de chegar.

A vida do Geraldo, um motorista de caminhão, como a de outros imigrantes em Nova Serrana, revela:

morei muitos anos em Salvador, aí fui embora para São Paulo. Morei 16 anos em São Paulo. Em São Paulo, eu trabalhava de motorista também. Foi um tempo bom. Mas cidade grande é muito difícil. Tudo é muito caro. Depois fui embora para Bahia e lá fiquei nove anos. Em Itororó. Eu trabalhava com meu caminhão lá. O caminhão se acabou com a estrada de chão. Não tive condições de mandar consertar. Foi quando vim para Nova Serrana. (Geraldo)¹⁸¹.

¹⁸⁰ “en un territorio indefinido y sin marcas claras, que es el que se imagina extendiéndose entre el lugar del que partió y el lugar al que se dirige y al que nunca acaba de llegar”.

¹⁸¹ Entrevista gravada na Praça da Bíblia, 14 jul. 2015.

Geraldo viveu em vários lugares do país, como declara, atualmente, em seu caminhão, leva três ou quatro mudanças, por semana, de pessoas que voltam às suas origens. Pela sua experiência de ir e vir, entende que “são famílias que retornam à sua terra natal devido à crise do desemprego em Nova Serrana. Eu sei como é porque já passei por isso”. (Geraldo). As mudanças são, na maioria das vezes, para a região do norte de Minas Gerais.

Em outra visita à cidade, encontramos o Sebastião, 60 anos. O entrevistado estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Sua profissão é autônomo ambulante. Ele conserta fogão, panela de pressão, desamassa e coloca cabos em panelas comuns. Sebastião declarou: “minha família está em Nova Serrana há 20 anos, mas eu não gosto de morar em um lugar só”¹⁸². Ele prefere viver de cidade em cidade, por isso adquiriu um carro e, com ele, percorre a região, oferecendo seus serviços aos moradores das cidades por onde passa. O informante é separado de sua esposa e tem dois filhos que são pastores evangélicos.

A busca pela sobrevivência, para muitos imigrantes, é o que justifica a chamada “errância”, como no caso de outro informante, Antônio, que, em seu depoimento, conta as experiências que teve, em outros Estados do Brasil, em especial na colheita de café e de cana-de-açúcar:

o café é no Espírito Santo, vem muita gente do Nordeste para cá. E o corte de cana é em Goiás... Sempre tem gente onde tem serviço. Já viu, né? A seca é difícil e precisamos comer... aí os homens vêm, e as mulheres, quando têm filho, sempre ficam. Já vim uma vez com meu irmão para colher café. A gente trabalha muito. E eles não acolhem a gente direito. Fica igual boi num curral. É muito difícil. As camas, os colchões são ruins. O lugar é meio sem janela. E dorme todo mundo que você nem conhece, junto. Temos que ter cuidado com as nossas coisas. Porque tem gente que pode roubar. Eu não quero aquilo para mim, não. Deus me livre. (Antônio)¹⁸³.

Muitos indivíduos, como o Antônio, também sujeitam-se a trabalhos temporários, longe de sua terra natal e em condições precárias de alojamento, enquanto vendem sua força de trabalho, na luta pela sobrevivência.

Alguns vão para outros lugares, por causa do desemprego, ou, quando não estão dispostos a cumprir as metas das empresas, conforme declarou o Empresário 1.

Muitos deles recebem ajuda da Igreja Católica que, em parceria com o CAFO, adquire passagens para quem quer voltar as origens ou ir para outras cidades e não têm condições financeiras para viajar: “compramos passagens quando eles precisam e os acompanhamos no embarque. Geralmente, eles não voltam para o mesmo lugar. São passantes. Vêm aqui porque

¹⁸² Entrevista informal, na Praça Dom Bosco, bairro Planalto, 01 maio 2015.

¹⁸³ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

ficam sabendo que tem trabalho. Mas, às vezes, não encaram o trabalho”. (Padre da Paróquia São Sebastião)¹⁸⁴.

O importante, para muitos deles, é o deslocamento, o fluxo, não importando muito o objetivo, pois, muitas vezes, é uma viagem para dentro de si mesmo. A paisagem, às vezes tosca, corresponde ao que nela se projeta, e o sonho inacessível e, sempre reformulado, torna-se longo, como a estrada de asfalto ou de terra batida, cujo fim não é reconhecido, pois se trata da busca incessante, e não de encontro definitivo.

Em nossas entrevistas percebemos também o sonho embalado nos depoimentos de cada migrante trabalhador em Nova Serrana, como: a melhoria de vida, a conquista da casa própria, a possibilidade de reunir a família para morar junto, a conquista de uma indústria de calçados, etc. Em todos os informantes, o sonho faz com que a continuidade encontre sentido e seja fortalecida a esperança por dias melhores.

4.10 O sonho do imigrante em Nova Serrana

Na nossa pesquisa percebemos que todo o projeto migratório tem muitas dificuldades e desafios a serem superados e sonhos a serem realizados que se expressam nas esperanças relatadas por alguns de nossos protagonistas em Nova Serrana. Sobretudo aqueles que residem do lado oposto à cidade e vivem, cotidianamente, o perigo da travessia da BR-262, além do som do apito das fábricas, do barulho das máquinas, do cheiro de cola (cola de sapateiro)¹⁸⁵, de borracha e de couro, da produção em série de sapatos, do trabalho formal e informal, das marmitas, muitas vezes frias e quase vazias, e também da refeição nas calçadas das ruas próximas às fábricas de calçados.

O sonho do imigrante por dias melhores em melhores condições de vida ou pela volta às origens, “que não há de tardar”, é embalado e sustentado e o faz suportar dificuldades e seguir o seu objetivo.

Para o nosso entrevistado Claudenir, migrar para Nova Serrana foi um grande aprendizado. Ele reconhece os benefícios, como também observa o quanto difícil é viver aí, quando ressalta:

aprendi e hoje eu falo que Nova Serrana me preparou para ir para qualquer estado dentro do território brasileiro. Aqui é uma cidade com o custo de vida muito alto. O

¹⁸⁴ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

¹⁸⁵ “atualmente, a cola usada para a fabricação de sapatos não é tóxica, mas ainda tem cheiro forte”. (Empresário 1, entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015).

cara para viver aqui com a família, ou sem família, tem que ser muito centrado. Gastar pouco. Reduzir gastos porque aqui não é fácil. Aqui para rir você paga. (Claudenir)¹⁸⁶.

Segundo ele, “o cara que nasceu no calor da batalha, nunca vai desistir de estar trabalhando dia após dia, sol a sol, para ter o que é seu, sem construir escada em cima do outros”. (Claudenir). O entrevistado afirma ainda que não está em Nova Serrana por acaso, e sim por um sonho:

estou em Nova Serrana para deixar marcas. Que marcas são essas? Construir uma família, construir uma casa, ter o meu carro, ter o meu dinheiro e ter a minha liberdade. É isso que eu quero e estou almejando a cada dia. Só não sei se Deus vai querer que eu chegue até lá. (Claudenir).

O sonho de Claudenir é similar ao de muitos que buscam em Nova Serrana a sua realização. A falta de trabalho em suas origens e, conseqüentemente, as privações sofridas, fazem com que muitos outros encontrem em Nova Serrana condições para a sobrevivência, vendendo sua força de trabalho para as indústrias de calçados e para outros segmentos produtivos. Apesar de ter claro os sonhos, atribui à vontade de Deus a conquista, ou não, de seus objetivos.

Para Geovani, o sonho de poder reunir sua família: “um dia vou trazer meus irmãos para cá. É só eu arranjar um emprego e ganhar um pouco mais que trago todos. Há também a fogueira santa¹⁸⁷ que pode me ajudar”¹⁸⁸. O informante também recorre à sua fé na “fogueira santa”, para a obtenção do que seria necessário para a sua realização.

¹⁸⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

¹⁸⁷ A Fogueira Santa surgiu para aqueles que creem que nada é impossível; que creem nas promessas de Deus, e por isso lutam para ser um vencedor neste mundo. A Igreja Universal do Reino de Deus realiza esse propósito especial, geralmente duas vezes ao ano, com o objetivo de fazer as pessoas terem a vida transformada em todas as áreas da vida. Bispos e pastores do mundo todo reúnem os pedidos feitos pelo povo e os levam a lugares sagrados, cenários bíblicos das grandes manifestações do poder do Altíssimo na vida do povo de Israel. Os pedidos, queimados – daí o nome de Fogueira Santa –, serão apresentados a Deus. Porque assim, como no passado, Israel alcançou Suas grandes maravilhas, o mesmo tem ocorrido nos dias atuais na vida de todos os que creem, por meio da Fogueira Santa de Israel. Esse propósito de fé não se trata de uma mudança ou uma melhora de vida, apenas, mas uma transformação radical em todos os sentidos. Isso porque a pessoa pode chegar aonde jamais imaginou e alcançar a tão esperada realização dos sonhos por meio da fé, determinação e sacrifício. Durante o período da campanha, quem participa concretiza a fé, aplicando toda a força em oferecer a Deus um excelente sacrifício – tanto espiritual como material –, para que, da mesma forma, haja a manifestação das promessas Divinas em sua vida. Assim como alguém se sacrifica para ser um profissional bem-sucedido, quem almeja fazer a diferença em todas as áreas da vida também deve sacrificar-se. A Fogueira Santa é para as pessoas dispostas a fazer o verdadeiro sacrifício, entregando a Deus a vida por inteiro. É uma troca. Deus nos dá a Sua plenitude, e nós O entregamos tudo o que somos. Em outras palavras, somos o próprio sacrifício. Se você não aceita continuar vivendo da mesma forma há anos, sem nenhum sinal de mudança, mas quer tomar uma atitude em relação ao momento em que está vivendo, requerendo as promessas que Ele promete em Sua Palavra, então a Fogueira Santa é para você. Independentemente de sua religião ou credo, manifeste a fé no Único que é z de transformar a sua vida por inteiro. (MONTE SINAI, 2016).

¹⁸⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 02 maio 2015.

Petrolina relata: “eu tenho um sonho de ter a casa própria, de comprar um carro. Que meu marido se estabeleça na profissão dele, se Deus quiser eu vou conseguir”¹⁸⁹.

O sonho de José Teobaldo, aos poucos, está se realizando. Ele se prepara para montar uma pequena indústria de calçados em sua casa e “algumas máquinas já foram compradas – a de presponto e a furadeira”¹⁹⁰. O entrevistado já elaborou a planilha de custos e sabe quanto tem que produzir para obter um lucro suficiente para sua sobrevivência em Nova Serrana: “eu pretendo justamente montar uns 20 pares por dia. Vou começar do Zero. Eu sei fazer o sapato. Para começar eu sei. Mas não é só saber não. É muita coisa. Sozinho eu não faço 20 pares de sapatos por dia, não. Nem se eu quisesse virar a noite trabalhando”. (José Teobaldo). O entrevistado declara ainda: “a princípio, não vou sair do emprego, porque posso trabalhar, em casa, à noite e nos fins de semana e a renda daqui, com a de lá, vai melhorar bem a minha vida”. O que José Teobaldo pretende é o que fazem muitos imigrantes trabalhadores em Nova Serrana. Eles complementam o rendimento que conseguem nas indústrias de calçados com os serviços prestados nas bancas que montam em suas residências.

O sonho de Pedro Afonso é “ter mais um filho. Futuramente uma casa. Se Deus quiser”¹⁹¹. O entrevistado reforça que a vontade de Deus é que sustentará a realização do seu sonho, para o próximo ano, que é ter mais um filho. A casa própria não é um sonho a curto prazo, mesmo com o desafio dos alugueis altos em Nova Serrana, conforme declarada por muitos imigrantes, mas é projetado para o futuro, pois, também esse, a Deus pertence.

Para muitos entrevistados, o sonho não está desvinculado da realização profissional e, conseqüentemente, da retribuição que, de certa forma, poderá ser oferecida à família que lhe apoiou na saída de suas origens.

Outro aspecto que podemos considerar como sonho é o alimentar-se da expectativa: o novo trabalho, os novos relacionamentos profissionais ou não, aprendizados e as especializações e, com isso, a exigência da própria situação de vida por adaptações e ajustes em relação aos novos hábitos cotidianos. Esse quadro pode variar de acordo com a história pessoal, os traços culturais, como alimentação, vestuário, seus relacionamentos, a forma de organização familiar e a sua religião.

¹⁸⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015

¹⁹⁰ Entrevista gravada na Empresa A, 21 jul. 2015.

¹⁹¹ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

5 O CAMPO RELIGIOSO E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS MIGRANTES EM NOVA SERRANA

Neste capítulo sobre a religião do trabalhador imigrante em Nova Serrana (MG), cabe entender a noção de campo religioso, bem como sua importância, como considerada também rede de sociabilidade. É importante compreender também a concepção da religião na atualidade, mais especificamente, a religião cristã e a vertente da evangelização neopentecostal que, a partir de uma abordagem ideológica da retribuição e da prosperidade, tem cativado milhares de pessoas. Esse fenômeno religioso tem seu fundamento nas práticas de persuasão, que, na atualidade, os profissionais da religião empreendem, e na prática da coerção impetrada aos seus seguidores, por parte das comunidades religiosas. Para tal, serão utilizados dados empíricos, documental e referências teóricas.

5.1 Entendendo a religião

O campo religioso e o campo político são semelhantes, no entender de Weber (2006). Isto é, o poder nas instituições religiosas legitima sua ação centrada na autoridade administrativa com regulamentos e funções, regidos pelo carisma de um determinado indivíduo e, usa de mecanismos equivalentes ao poder profano.

A função específica do campo religioso é “satisfazer um tipo particular de interesse”, ou conduzir os leigos a depositar sua confiança em “certas categorias de agentes que realizam ações mágicas ou religiosas, a fim de que tudo corra bem para ti e para que vivas muito tempo na terra” (BOURDIEU, 2009, p. 84). A visão dessa prática, mesmo que a partir de práticas mundanas, vai ao encontro da visão apresentada por Weber (2006) sobre o intuito da religião como possibilidade da satisfação do indivíduo em sua vida na terra, e não no além.

No entendimento de Weber (2006), “onde existe um deus local político, a primazia vai frequentemente parar às suas mãos, como é natural”. O deus político, muitas vezes, sobrevive ou muda de lugar, de acordo com o soberano que o mantém. Ele aparece e desaparece “com a mudança da residência do soberano ou a sua eventual queda”. (WEBER, 2006, p. 61).

Em se tratando da religião cristã, romana, Weber (2006) ressalta que, entendendo ser o cumprimento da vontade divina, para preservar a capital do mundo de qualquer erro, criou “o magistério infalível de seu bispo”¹⁹² (WEBER, 2006, p. 118), para que, por sua inspiração,

¹⁹² “A importância do Concílio do Vaticano I é enorme para a Igreja. A definição da infalibilidade papal era a conclusão lógica de premissas contidas na própria Escritura (Mt 16,16-19; Lc 22,31; Jo 21, 15-17) e

fosse tomada decisões sobre a doutrina da Igreja, mantendo assim sua coesão e livrando-a das ameaças da diversidade de interpretações ou posturas contrárias à instituição.

Entende-se, portanto, que a manutenção da coesão da instituição religiosa, segundo o autor, encontra no clero a possibilidade da sistematização do “conteúdo da profecia ou das tradições sagradas no sentido de uma articulação casuística e racional e de uma adaptação de hábitos de pensamento e de vida da sua própria camada social e dos leigos por ele dominados”. (WEBER, 2006, p. 114).

A religião, principalmente no mundo ocidental, passa a ser interpretada a partir da concepção cristã romanizada e oficializada como “católica” a partir do Séc. IV d.C.. Pois foi no ano 313 d.C. que o Imperador Romano Constantino instituiu o cristianismo como religião oficial do Estado.

Sob a égide da redenção de Jesus Cristo na cruz, a instituição católica imperou durante, praticamente, vinte séculos no ocidente, como detentora dos mistérios sagrados, pelos quais os indivíduos deveriam passar, para obterem a salvação. Sustentaram-se, assim, institucionalizadas, as relações das crenças e práticas religiosas, no ocidente, onde o poder divino passou a ser manipulado a partir dos interesses e práticas humanas.

A religião, portanto, independentemente do aparato institucional católico, está presente na vida humana, e sua expressão de fé é incentivada à prática que ultrapassa o cotidiano, representando o “sagrado” como sentido pleno do existir humano. O componente integrador que dá sentido à religião é a comunidade, onde os indivíduos se reúnem, a partir de um ponto comum, apoiam-se nas crenças e nas práticas religiosas (DURKHEIM, 2008, p.79) confirmando o entendimento e, muitas vezes, justificando-se na irmandade por meio de uma rede de sociabilidade.

A religião colabora com o indivíduo atribuindo sentido para sua vida e orientando seu comportamento e suas atitudes. Na religião o indivíduo entra em contato com o mundo sagrado e esta experiência o capacita à identificação do campo da religião (SANCHIS, 2008, p. 77). Em sintonia com a definição de religião de Durkheim (2008), enquanto sistema solidário de crenças, Sanchis (2008) afirma que a religião é “que organiza essa experiência coletiva: delinea e define

desenvolvidas através dos tempos; principalmente por ocasião dos litígios que afetavam a Igreja, foi emergindo na consciência dos cristãos a preeminência do magistério dos sucessores de Pedro. Precisamente as tendências galicanas e febronianas dos séculos XVII/XVIII serviram para aguçar essa tomada de consciência de modo mais vivo; humanamente falando, os católicos podiam ter optado pelo nacionalismo eclesial, mas o desenrolar dos embates e a ação do Espírito Santo levaram a igreja como tal a reafirmar a antiga verdade do primado papal tanto em matéria de jurisdição quanto em matéria de doutrina. Numa época de descrença, a fé se afirmava de maneira corajosa. A própria Igreja aparecia como algo de transcendente ou como um Sacramento, que o homem recebe de Deus, a diferença de outras sociedades e instituições.” (IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, 2015).

um universo simbólico polarizado pela oposição sagrado/profano, instaura em torno desse universo uma comunidade (Igreja), celebra-o num conjunto ritual”. (SANCHIS, 2008, p. 77). O ritual é um meio para a manutenção da sociabilidade, instaurada pela comunidade religiosa.

A religião como uma possível forma de sociabilidade, ressalta Simmel (1983), “significa que os indivíduos se encontram vinculados uns aos outros por força da influência mútua e da determinação recíproca que exercem uns sobre os outros”. Isso pode parecer benéfico, na medida em que se concebe a sociedade como algo funcional, à qual “os indivíduos fazem e suportam ao mesmo tempo”. (SIMMEL, 1983, p. 83).

Simmel (1983) fala ainda que “interesses e necessidades específicas, certamente, fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilha de bandidos”. Ele acrescenta que “esses interesses quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou temporários, formam a base das sociedades humanas”. (SIMMEL, 1983, p. 166; 168). O que se entende é que a satisfação de interesses pessoais é que justifica a vida do indivíduo em sociedade, ao mesmo tempo que o justifica como ser distinto dos demais. Essa afirmação encontra ressonância ao que nos apresentou Bourdieu (2009), sobre o campo religioso, como a possibilidade de satisfação de interesses particulares, já que este campo é também uma forma de associação.

Nesse cenário, a reciprocidade é o que constitui a vida em sociedade, e as relações “resultam em ações e reações momentâneas, se materializam em modos concretos: ofícios e leis, estatutos e propriedades, linguagem e outros meios de comunicação”. (SIMMEL, 2010, p. 34). A vida em sociedade é que caracteriza o indivíduo, ou melhor, “a individualidade do ser e do fazer crescer, em geral, na medida em que se amplia o círculo social em torno do indivíduo”. (SIMMEL, 1986, p. 742, tradução nossa.)¹⁹³. O indivíduo se diferencia dos demais e, ao mesmo tempo, se assemelha às tendências do grupo ao qual passa a pertencer.

Ao fenômeno religioso, especificamente em sua essência, Simmel (2010) considera como vida, desde que seja “pura e livre de toda coisa empírica. Seus processos psíquicos apresentam um ritmo, uma tonalidade, um arranjo e uma proporção de energias psíquicas que são claramente distintos daqueles do homem teórico, artístico ou prático.” A vida e os sentimentos religiosos do indivíduo proporcionam o surgimento de “construções singulares pelas quais o processo de religião ganha corpo ou encontra um objeto em si.” (SIMMEL, 2010, p. 27).

¹⁹³ “La individualidade del ser y del hacer crece en general, en la medida en que se amplía el círculo social en torno al individuo”.

Ao experimentar a religiosidade, a natureza humana, socialmente justificada, faz emergir a religião. Pois, “tal como o conhecimento não cria a causalidade, mas é a causalidade que cria o conhecimento, da mesma forma a religião não cria a religiosidade, mas é a religiosidade que cria a religião.” (SIMMEL, 2010, p. 29).

E, assim, “a religião no estado de sua plena completude [...] se apresenta mais como a forma absoluta e unificada dos sentimentos e impulsos que a vida social.” Seu desenvolvimento acontece “como uma espécie de ensaio, na medida em que a vida social é religiosamente orientada, enquanto ânimo e função” (SIMMEL, 2010, p. 33), regulando relacionamentos e posturas da vida social dos indivíduos.

Em seus estudos, o antropólogo brasileiro Damata (1986) entende que na religião estão contidas “a ideia do laço, aliança, pacto, contrato e relação que deve nortear os elos entre deuses e homens e, por isso mesmo, dos homens entre si.” (DAMATTA, 1986, p. 71). A religião, nesse caso, passa a ser um intermediário entre homem mortal e Deus, capaz de protegê-lo e iluminá-lo no seu empreendimento de vida.

A adesão do indivíduo à instituição religiosa proporciona-lhe a condição de sociabilidade, ao mesmo tempo, lhe impõe determinadas regras para o controle de suas ações. A humanidade e a sociabilidade para Berger e Luckmann (1999) “estão entrelaçadas de maneira inextricável.” Para os autores, “os homens em conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade das suas formações socioculturais e psicológicas.” (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 63). E, assim, a atividade humana, em conjunto, passa a produzir a ordem social e a servir como referência para tomadas de decisão.

A sociabilidade é construída por normas oriundas da atividade humana e, conseqüentemente, se institucionaliza. Segundo Berger e Luckmann (1999), “as instituições, pelo simples fato de existirem, também controlam a conduta humana, estabelecendo padrões de conduta predefinidos, que a canalizam numa direção por antítese às muitas outras direções possíveis da teoria.” Esses mecanismos funcionam como sistema de controle social e atestam ser “evidente que existem em muitas instituições e em todos os aglomerados de instituições que chamamos sociedades” (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 66). Na comunidade religiosa não é diferente.

A religião é considerada por Berger (1985) como um

empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Algo que salta para fora das rotinas normais do dia a dia, como algo de extraordinário e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas. (BERGER, 1985, p. 38-39).

Nesse caso, a religião é cultuada por meio de rituais que interrompem temporariamente a rotina cotidiana.

Mesmo sendo considerada como empreendimento humano ligado às instâncias sagradas, a religião não deixa de ser uma instituição fundamentada e legitimada na atividade humana objetivada. A religião e “todas as instituições aparecem da mesma maneira como dadas, inalteráveis e auto evidentes.” (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 71). Ou, “a ordem institucional, em expansão, cria uma correspondente armação de legitimações, sobre a qual estende cobertura protetora de interpretações cognitivas e normativas” que são repassadas para as novas gerações, “durante o processo que as socializa na ordem institucional.” (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 73).

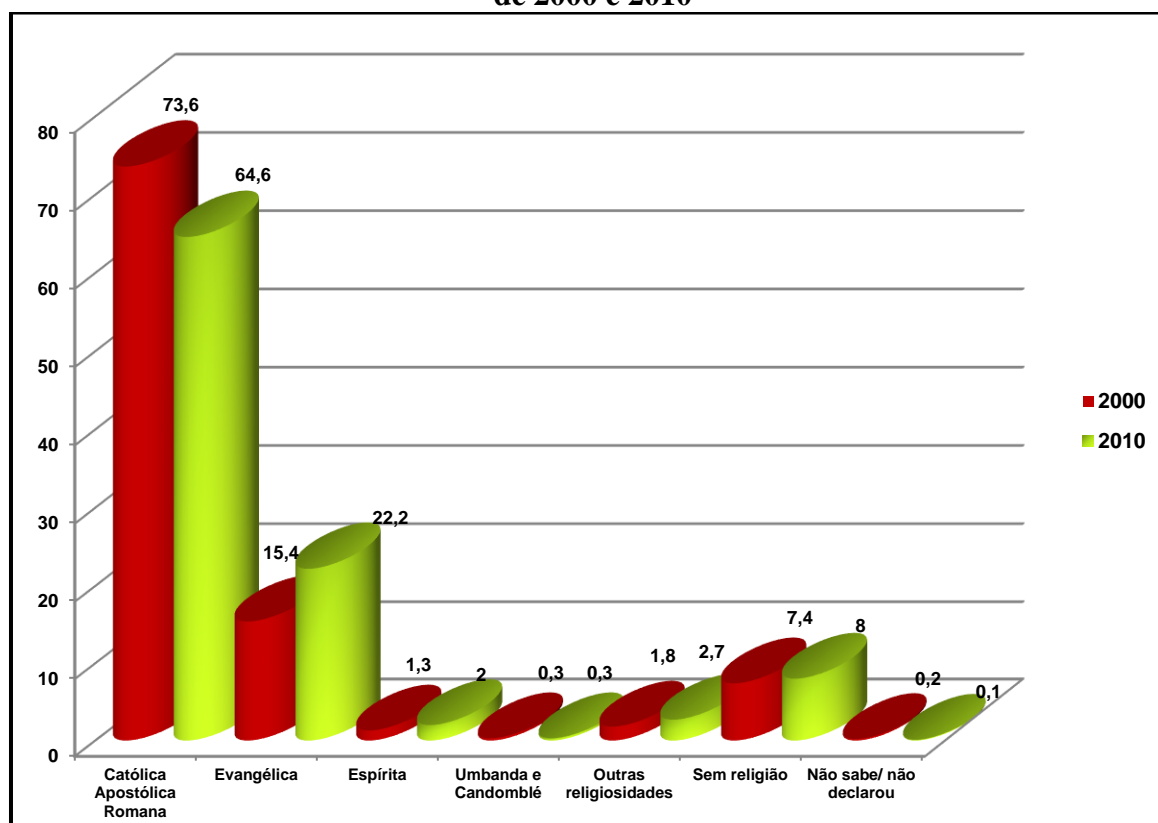
As legitimações constituem a base da influência da rede de sociabilidade na opção do indivíduo que, muitas vezes, recebe influências para sua pertença a uma determinada comunidade religiosa.

5.2 A diversidade religiosa e o desenvolvimento urbano

Com o crescimento das cidades, cresce também o número de comunidades religiosas, com suas respectivas propostas para corresponder aos interesses da coletividade. Independentemente do contexto social, o sujeito atribui à religião um lugar sagrado para a solução de problemas e desconforto social. Esse fato é observado em Nova Serrana, que tem uma concentração da diversidade cultural e heterogeneidade social, decorrente do processo de imigração e de diferentes culturas e modos de vida religiosos.

No Brasil, o resultado do Censo 2010, do IBGE, apresentou índices que indicam o crescimento das Igrejas Evangélicas. Como consequência, a diminuição dos adeptos da Igreja Católica e o aumento do número de outras pessoas que se declararam sem religião. O Gráfico, a seguir, elaborado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mostra os percentuais dos grupos religiosos e os declarados sem religião, no Brasil, referentes à década de 2000 a 2010. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010c).

Gráfico 1 - Classificação percentual dos grupos religiosos e comparação com os Censos de 2000 e 2010



Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010c)

A RCC, como movimento neopentecostal na Igreja, é uma forma de divulgação da ideologia católica da atualidade. Em especial, essa ideologia é a volta da centralização do poder, que se sustenta na ação do Espírito Santo, justificando-se na vontade de Deus e propagando uma fé individualista e da retribuição. Observamos, conforme o quadro acima, que, ainda que a Igreja Católica, pela RCC, tenha adotado o modelo de evangelização neopentecostal, teve uma perda de fiéis, bastante expressiva, na última década.

Em face desse desafio em Nova Serrana, a Igreja Católica, principalmente a Paróquia de São Sebastião, que se localiza na região central da cidade e que possui em seu corpo administrativo e em seu ministério leigo alguns políticos e empresários, investe na RCC. Segundo depoimento do Pároco, “o grupo da RCC é bastante atuante e mantém uma escola bíblica – Escola Paulo Apóstolo – para os seus participantes”. (Padre da Paróquia de São Sebastião)¹⁹⁴. As atividades do grupo correspondem, além da escola bíblica, “de encontros semanais para oração e louvor, em que também são ministradas palestras por convidados, geralmente, carismáticos de outras cidades”. (Padre da Paróquia de São Sebastião).

¹⁹⁴ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

Os autores Passos, Zorzin e Rocha (2011) ressaltam que “a inserção das populações rurais, com seus hábitos, costumes e tradições no meio urbano é dinâmica e provoca mudanças na prática religiosa” dos moradores da cidade e das práticas religiosas, independentemente da tendência, da igreja ou das formas de experimentar e de “se praticar uma religião, tanto no catolicismo quanto nas diversas denominações evangélicas e umbandistas, por exemplo”. (PASSOS; ZORZIN; ROCHA, 2011, p. 692). Para os autores, o que é determinante é a maneira de significar e vivenciar as crenças.

Segundo Durkheim, as religiões, assim como as condições de vida, são determinadas e determinam a verdade. Explica que “não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana”. (DURKHEIM, 2008, p. 31).

Cada grupo social escolhe, por diferentes motivos, práticas religiosas de acordo com o sentido a elas atribuído. Ou seja, como ressalta o antropólogo catalão Vallverdú (2008), “os discursos de ofertas e de competências simbólicas afetam tanto as instituições hegemônicas como os grupos minoritários, no contexto de sua relação e implicação [...] dentro do campo religioso, ou bem dentro de um mesmo subcampo religioso”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 43, tradução nossa)¹⁹⁵.

Referindo-se às diversas manifestações religiosas protestantes, na contemporaneidade, Vallverdú (2008) ressalta que “o universo protestante está formado, em efeito, por uma quantidade considerável de sociedades religiosas, normalmente chamadas “denominações” ou “igrejas”, que diferem enormemente em suas ênfases doutrinárias e em suas práticas religiosas”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 47, tradução nossa)¹⁹⁶. Observa-se que, no contexto brasileiro contemporâneo, a crença religiosa é diversificada e a Igreja Católica deixou de ser detentora do poder nesse campo. Constata-se um declínio do número de católicos, conforme dados do IBGE (2010c).

Diante da diversidade das práticas religiosas das populações, Sanchis (2007) ressalta “a necessidade de conviver com uma diversidade religiosa que não para de se desdobrar e de multiplicar instituições, correntes, espiritualidades grupais, experiências coletivas e individuais muito além do tradicional monopólio da católica”. (SANCHIS, 2007, p. 20). Essa é uma

¹⁹⁵ “Los discursos de ofertas y de competencia simbólica afectan tanto las instituciones hegemónicas como a los grupos minoritarios, en el contexto de su relación e implicación [...] dentro del campo religioso, o bien dentro de un mismo subcampo religioso”.

¹⁹⁶ El universo protestante está formado, en efecto, por una cantidad considerable de sociedades religiosas, normalmente llamadas “denominaciones” o “iglesias”, que diferem enormemente en sus énfasis doctrinales y en sus prácticas religiosas”

realidade na qual o indivíduo, na atualidade, sente-se inserido e com a qual deve conviver em seu dia a dia.

Em Nova Serrana esse desafio é uma constante, visto que a maioria dos habitantes autóctones é católica e se sente incomodada com a diversidade dos oferecimentos religiosos, absorvidos, muitas vezes, pelos imigrantes que chegam à cidade para trabalhar nas indústrias de calçados.

Segundo Passos, Zorzin e Rocha (2011) “o mundo urbano coloca a religião no mesmo nível das outras instituições. Assim, surgem novos desafios, novas oportunidades e novas opções religiosas” (PASSOS; ZORZIN; ROCHA, 2011, p. 694), mesclando as religiões tradicionais e incitando à mudança e ao aprimoramento de suas técnicas num empreendimento de conquista e fidelização de novos adeptos.

Ainda, segundo os autores, a situação da Igreja Católica, no momento atual, tem um grande desafio, que é “reformular suas estruturas, métodos e formas de ação, acreditar na maioria de seus membros, como sujeitos históricos, capazes de fazer história”. (PASSOS, ZORZIN; ROCHA, 2011, p. 696).

Os autores aludem que algumas ações no campo do catolicismo são implementadas para tentar não perder adeptos, como: “construção de grandes igrejas, programas de rádio e televisão, missas de cura, promessas de milagres, comércio de bens religiosos, expansão de movimentos tradicionalistas” (PASSOS; ZORZIN; ROCHA, 2011, p. 705), porém, a emancipação dos leigos católicos é fator primordial que não está sendo levado em conta pela instituição. Esse fato é importante, pois os seguidores católicos buscam outras alternativas religiosas mais adequadas ao cenário contemporâneo.

Na atualidade, existe a oferta de várias correntes religiosas, de técnicas para a captação e a fidelização de adeptos. Igualmente existe, por parte das correntes religiosas, propostas de enfrentamento dos desafios do contexto urbano, da liberdade de ideias e escolhas, substituindo as formas e as fórmulas tradicionais de se viver a religião pelas frequentes conversões no universo religioso.

5.3 O novo modelo de evangelização e a disputa pela fidelização de seus adeptos

A sociedade contemporânea, com suas implicações políticas, sociais e ideológicas, encontra desafios também no campo religioso. De maneira particular, nesse campo, os desafios são em face do novo modelo de evangelização com ênfase ao modelo neopentecostal. Essa ênfase é fundamentada no Livro dos Atos dos Apóstolos, Capítulo 2, 1-11, em que é narrada a

vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos.

Para Vallverdú (2008), “o movimento pentecostal busca recriar a época dinâmica dessa primeira cristandade, demonstrando que o poder de fazer milagres também pode ser invocado pela igreja moderna”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 90, tradução nossa)¹⁹⁷. Com isso, suas práticas retomam àquelas dos primeiros cristãos, fundamentadas nos relatos bíblicos. Ainda, segundo o autor, “a prática religiosa pentecostal sempre se tem apoiado e legitimado na certeza das escrituras e na santificação que implicavam os dons espirituais, especialmente a inspiração para falar em línguas desconhecidas, consideradas uma prova irrefutável da presença do Espírito Santo” (VALLVERDÚ, 2008, p. 92, tradução nossa)¹⁹⁸, constitui também a base para a nova prática religiosa.

Nesses movimentos neopentecostais, como nos pentecostais da primeira metade do século XX – denominado pentecostalismo histórico – as práticas da igreja primitiva voltam à tona e é muito comum encontrar pessoas que se consideram portadoras do Espírito Santo falando em línguas – glossolalia – e afirmando serem portadoras do dom da cura, ou da profecia.

Além de conservar elementos do pentecostalismo histórico, como a glossolalia – falar em línguas – e a cura, a nova evangelização passa, com o tempo, a valer-se do exorcismo, que é o livramento da ação do demônio e a propagar a retribuição e a prosperidade de bens tangíveis, em troca da adesão e comprometimento, muitas vezes, financeiro de seus adeptos.

Na leitura de Barrera (2005) encontramos que a glossolalia é “algo incompreensível à razão. É um fato de emoção sem apelo ao intelecto”. O autor acrescenta que “é preciso liberar a razão para que ela permita que o campo emocional se abra e dê fluência às emoções. A glossolalia não possui lógica nem estrutura e está longe de ser um sermão, ou uma mensagem que alguém possa entender”. (BARRERA, 2005, p. 96).

A evangelização neopentecostal surgiu a partir da década de 1970 e, enfatiza, além das práticas do pentecostalismo histórico, a retribuição por parte de Deus e a prosperidade a quem lhe for fiel. Diversas igrejas e seitas cristãs adotaram essa nova modalidade de evangelização, até as tradicionais, como a Igreja Católica, pela RCC¹⁹⁹. A nova tendência tem sido, em grande

¹⁹⁷ “El movimiento pentecostal busca recrear la época dinámica de esa primera cristandade, demonstrando que el poder de hacer milagros también puede ser invocado por la iglesia moderna”

¹⁹⁸ “La practica religiosa pentecostal siempre se há apoyado y legitimado en la certeza de las Escrituras e en la santificación que implicaban los dones espirituales, especialmente la inspiración para hablar en lenguas desconocidas, consideradas una prueba irrefutable de la presencia del Espirito Santo”

¹⁹⁹ A RCC é um movimento considerado neopentecostal, que surge na Igreja Católica como a nova possibilidade de ser cristão, na “unção do Espírito Santo”. Sua origem se deu em 1967. Segundo Lima (1987), a RCC teve início com os estudos da obra “A Cruz e o Punhal”, pelos professores e jovens estudantes de Pittsburgh, nos Estados Unidos” (LIMA, 1987, p.37), que aproveitaram a abertura da Igreja, contemplada pelo CVII para iniciarem um movimento católico, impulsionado pelo Espírito Santo. A RCC, como as Igrejas Evangélicas Pentecostais, tem seu fundamento na narrativa bíblica do livro Atos dos Apóstolos do dia de Pentecostes. (At.

parte, a motivação para as pessoas mudarem de igrejas ou assumirem uma nova postura de pertença na comunidade religiosa de origem.

Em sua leitura, Vallverdú (2008) ressalta que “o pentecostalismo é um movimento cristão que põe ênfase na relação pessoal entre o indivíduo e o Espírito Santo. [...] A busca fervorosa do poder divino ou dos chamados dons do Espírito o distingue do cristianismo convencional”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 89, tradução nossa)²⁰⁰.

Nas celebrações das comunidades religiosas, em que a evangelização é neopentecostal, explora-se o espaço e expressões corporais possíveis, como: pulos, movimentos do corpo, danças, abraços, levantam-se as mãos para o céu, etc. e ganha novas proporções estéticas ou performáticas. É como uma sessão de relaxamento. O corpo ganha status de veículo para manifestação do Espírito Santo (KLEIN, 2006, p. 177) e marca a diferença do cristianismo convencional.

Conforme ressalta Vallverdú (2008), “seu ritual emocionalista e suas práticas religiosas comprometidas, os convertem no melhor expoente católico para o recrutamento de novos fiéis atraídos por uma experiência religiosa de transformação pessoal”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 59, tradução nossa)²⁰¹. Na Igreja Católica, pela RCC, essas práticas são também admitidas e, nesse ponto, colocam-na em pé de igualdade com as Igrejas Evangélicas. Com efeito, a Igreja Católica tenta evitar a perda de seus adeptos para as outras Igrejas.

Na RCC, segundo Vallverdú (2008), “seu pouco interesse pelos assuntos sociais e o ativismo político fazem que se considere os renovados carismáticos uma espécie de polo oposto aos seguidores da teologia da libertação²⁰²”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 59, tradução nossa)²⁰³. Ou seja, o sentido está na perspectiva do vir a ser, como realização de tudo o que se tem como

2, 1-13). Os cristãos rezavam: “Vinde Espírito Santo e renove a face da terra!” Os adeptos do movimento se consideram “renovados”. O estudo sobre a RCC foi apresentado na Dissertação de Mestrado: “Midiatização do campo religioso: a recepção do Padre Fábio de Melo por seus fãs devotos. PUC Minas (SENNA, 2011).

²⁰⁰ “El pentecostalismo es un movimiento cristiano que pone énfasis en la relación personal entre el individuo y el Espíritu Santo. [...] La búsqueda fervorosa del poder divino o de los llamados dones del Espíritu lo distingue del cristianismo convencional”

²⁰¹ “Su ritual emocionalista y sus prácticas religiosas comprometidas los convierten en el mejor exponente católico para el reclutamiento de nuevos fieles atraídos por una experiencia religiosa de transformación personal”

²⁰² “A Teologia da Libertação é uma tentativa de interpretar a Escritura por meio do sofrimento dos pobres. É em grande parte uma doutrina humanista. Tudo começou na América do Sul, na turbulenta década de 1950, quando o marxismo estava fazendo grandes ganhos entre os pobres por causa de sua ênfase na redistribuição da riqueza, permitindo que os camponeses pobres participassem da riqueza da elite colonial e, assim, melhorasse a sua situação econômica na vida. Como uma teologia, tem raízes católicas romanas muito fortes. A Teologia da Libertação foi reforçada em 1968 na Segunda Conferência dos Bispos da América Latina, a qual se reuniu em Medellín, na Colômbia. [...] a Teologia da Libertação, como praticada pelos bispos e sacerdotes da América do Sul, foi criticada em 1980 pela hierarquia católica, do Papa João Paulo pra baixo. A hierarquia mais alta da Igreja Católica acusou os teólogos da libertação de apoiar revoluções violentas e luta de classes definitivamente marxista.” (O QUE ..., 2015).

²⁰³ “Su poco interés por los asuntos sociales y el activismo político hacen que se considere a los renovados carismáticos una especie de polo opuesto a los seguidores de la teología de la liberación”

ideal – bênçãos convertidas em bens, curas, libertações, unção no Espírito, dons diversos, até mesmo o céu, conquistado na terra, que nada mais é do que a realização plena da totalidade, sem a consciência crítica da realidade.

No modelo de evangelização neopentecostal, independentemente de ser católico ou protestante, o adepto é levado a acreditar na ação do diabo ou naquele que provoca sofrimento, violência e desordem no mundo. Isso pode ser ilustrado nas entrevistas realizadas com os atores sociais dessa pesquisa:

eu tenho certeza de que o diabo existe, ele é feio e ele é igual a um leão assim que quer destruir mesmo. Qualquer pessoa. Hoje o que está acontecendo aí. Os jovens drogados, essa forma que está vivendo hoje aí, é a influência dele. Acho que ele existe como qualquer um, igual eu aqui. Existe e é real. O foco dele é destruir a família. Porque ele sabe que um dia, na volta de Jesus, ele vai ser destruído. Então ele está furioso, porque quanto mais levar as pessoas para o inferno, mais o mal que ele está querendo vai vingar. O foco dele é esse. Para mim, ele existe. Se Jesus tivesse destruído o diabo não existiria o que está acontecendo no mundo. Agora que o diabo está agindo mesmo. (Rinaldo)²⁰⁴.

O informante coloca em questão o discurso de outros padres que, não pertencem à RCC:

na Canção Nova mesmo, os padres falam que o diabo existe e que existe mesmo. Alguns sacerdotes falam que o diabo não existe. Eles falam que o diabo é a mentira. Afirmam que são as más atitudes humanas. Eu discordo. Se o diabo não existisse – parece que há cinquenta passagens na Bíblia que falam sobre a existência do diabo. Maria quando desceu para os três pastorzinhos em Fátima, a primeira coisa que ela mostrou foi o inferno para eles. Então, o inferno não existe? Se não existe, vamos fugir de que? Se só tem o céu, não precisamos pedir a Deus para nos livrar do mal! (Rinaldo).

Em sua leitura, Hervieu-Léger (2008) ressalta que, como no caso do Rinaldo, “acreditar no diabo é uma maneira de exteriorizar o sentimento de impotência identificando, para além do mal-estar pessoal a ação de um poder maléfico que manipula e possui”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 49). E, muitas vezes, é mais fácil acreditar em alguma manifestação externa, para se isentar da responsabilidade de seus maus-feitos em relação à vida institucional, em sociedade e, mesmo, perante a sua própria existência.

Em seu depoimento, Rinaldo ressalta também que crê na volta de Jesus Cristo. A referida crença conforta o informante, pois, “ao voltar, Jesus Cristo vai derrotar o poder do diabo” (Rinaldo) e, assim, será aniquilado o objeto de seu pavor.

²⁰⁴ Entrevista gravada na igreja católica, 11 ago. 2015.

Segundo Vallverdú (2008),

idealmente, o crente pentecostal deve apartar-se do mundo (considerado pecaminoso e satânico) e ter a certeza do iminente retorno de Cristo. No presente, o crente pentecostal vive com a expectativa messiânica da segunda vinda de Cristo e trabalha para ela, para as ditas que lhe oferecerá essa esperança escatológica futura, mais do que para transformar ou mudar a sua realidade empírica. (VALLVERDÚ, 2008, p. 99, tradução nossa)²⁰⁵.

A religião neopentecostal também tem o papel de resgatar no indivíduo o status de “vencedor” que ele havia perdido por motivos independentes de sua vontade. Há uma perspectiva de salvação, a partir da “negociação” de fidelidade, muitas vezes, expressada em objetos, cultos e devoções espirituais, sem passar pelas vias da realidade social. Neste ponto se encontra a tendência mercadológica, do cumprimento do contrato da aliança com Jesus, que traz consigo o apelo à doação para Ele, para se conseguir, ou em agradecimento, por ter atingido seu objetivo. O que é alcançado é considerado, pelo adepto, sinal de aliança com Jesus. Geralmente, o referido “contrato” é, simbolicamente, realizado entre o fiel e a comunidade religiosa neopentecostal, impulsionada pela palavra do pastor e pela invocação de Jesus.

Segundo Martino, “para a conquista do campo religioso, as instituições oferecem bens simbólicos, recebendo em troca bens materiais que permitem sua existência.” O autor afirma que “os bens em jogo, para o cumprimento do contrato, são simbólicos e materiais. Simbólicos enquanto satisfação mental-espiritual e materiais enquanto resposta do fiel, em doação, da qual depende o funcionamento da instituição religiosa”. (MARTINO, 2003, p. 12). O autor ressalta ainda: “a doença, o desemprego, o alcoolismo, as drogas, a morte de familiares, enfim, todos os tipos de rupturas nas expectativas de comportamento, levam o indivíduo a procurar um novo elo de sua corrente de atividades sociais da religião” (MARTINO, 2003, p. 35), na esperança de ser conformado.

O que se constata na evangelização neopentecostal é que há um oferecimento de uma gama de bens simbólicos, a partir de intenções e preferências individualistas, fomentando a chamada teologia da retribuição, sem se preocupar com a formação da consciência de seus adeptos.

Segundo Bittencourt Filho (2005), “estamos perante um autêntico ‘supermercado religioso’ no qual bens e objetos são expostos e oferecidos para suscitar e satisfazer os anseios

²⁰⁵ “Idealmente, el creyente pentecostal deve apartarse del mundo (considerado pecaminoso y satânico) y tener la certeza del inminente retorno de Cristo. En el presente, el creyente pentecostal vive con la expectación messiánica de la segunda venida de Cristo y trabaja para ella, para las dichas que le ofrecerá esa esperanza escatológica futura, más que para transformar o cambiar a realidad empírica”

dos consumidores”. (BITTENCOURT FILHO, 2005. p. 36). O investimento é no coletivismo, aos moldes de uma cultura de consumo do mercado global.

Na RCC, na Igreja Católica de Nova Serrana, segundo o Padre da Paróquia São Sebastião: “muitos indivíduos, até muitos imigrantes, encontram um lugar para louvar a Deus e, com isso, não migram para as igrejas evangélicas, porque o que buscam e o que querem encontram também aqui”. (Padre da Paróquia de São Sebastião)²⁰⁶. O grupo religioso carismático católico contribui para que a pessoa encontre sentido para sua existência ao lhe fornecer os bens simbólicos almejados. Conforme ressalta Sodré (2006) “experimentar sensações de totalidade”. (SODRÉ, 2006, p. 141). Aqui a religião passa a ser ponte. Ela faz reconhecer o estado de precariedade do ser solitário, limitado e temporal, e o leva para a concepção de que o sentido não está na realidade constatada.

Indagado sobre o conteúdo da busca dos adeptos à RCC, o Padre ressalta:

é o que todos querem: uma satisfação para suas angústias e sofrimentos. São sofrimentos emocionais pela falta de dinheiro, por estar longe de sua terra, perda de um parente ou coisas assim. A partir das pregações dos líderes carismáticos, muitos encontram a resposta e até mesmo a força para continuar esperando. Afinal, a esperança é a última que morre. (Pároco da Paróquia São Sebastião).

O líder religioso não manifestou, em sua declaração, preocupação com a demanda dos indivíduos, principalmente, dos imigrantes que participam da RCC, de satisfação de suas angústias, solidão e sofrimentos. Nos rituais, segundo o Padre, é “como se fosse uma Igreja Evangélica, dentro da Igreja Católica. Eles louvam, balançam as mãos e batem palmas. As pregações são pregações do catecismo da Igreja Católica e também pregam sobre passagens da Bíblia”. (Padre da Paróquia de São Sebastião).

Durante nossas observações em campo, em missas nas três paróquias católicas de Nova Serrana, percebemos que a evangelização neopentecostal na Igreja Católica, de Nova Serrana, é muito forte. A liturgia, muito embora preserve, em determinados momentos, a tradição do rito da Igreja Católica, a centralidade e poder, os instrumentos musicais, as músicas, os gestos nos momentos de louvores são parecidos com os usados nas igrejas evangélicas neopentecostais.

Nas narrativas, o religioso católico ressalta que os grupos de RCC “são muito organizados. Na Paróquia São Sebastião, por exemplo, todos os anos eles apresentam uma programação das atividades e sempre cumprem. A única coisa que precisava mudar é o

²⁰⁶ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

radicalismo deles na interpretação da Bíblia”. (Padre da Paróquia de São Sebastião).

O modelo de evangelização neopentecostal é fundamentalista ao interpretar os relatos bíblicos, e não os atualiza de acordo com a realidade, diferentemente, tenta responder aos desafios da atualidade com mensagens bíblicas.

Ressalta o sacerdote que os componentes da RCC, “estão presentes em quase todas as atividades da paróquia, e uma boa parte deles é composta de empresários da cidade, ou de suas esposas”. Um fato que merece destaque é que “o grupo dos carismáticos é um grupo muito coeso. Os membros do grupo se consideram como uma família. Chegam a ser um pouco fechados entre eles. Há solidariedade entre os membros”. (Padre da Paróquia de São Sebastião). Ou seja, formam uma rede de solidariedade visando ao acolhimento e à segurança, como uma só família.

Essas e outras estratégias neopentecostais, católica e evangélica, visam à captação e fidelização de seus adeptos.

5.3.1 As comunidades religiosas neopentecostais: Recrutamento e fidelização dos fiéis

As estratégias para a captação de novos seguidores, na evangelização neopentecostal, são diversas e, muitas vezes, usam de elementos culturais, como: “símbolos, referências, imagens, benzimentos, pequenas magias a que os candidatos à conversão estão efetivamente habituados”. (PRANDI, 2008, p. 162). As práticas são dirigidas à satisfação dos interesses individuais e ao crescimento das instituições religiosas que compõem o cenário contemporâneo.

Além disso, as Igrejas que adotam as propostas neopentecostais usam técnicas de persuasão, para a conversão dos indivíduos. A título de exemplo, “mudam a concepção a respeito do dinheiro e dos bens materiais, propõem-se a resolver problemas individuais de toda sorte, criam uma oferta de serviços religiosos (e mágicos) jamais imaginada no âmbito protestante, em seu percurso desencantado”. (PRANDI, 2008, p. 164).

Nesse campo é observada a frequente competição institucional com apelos variados e cada qual “como se mergulhados até o pescoço numa inadiável e urgentíssima disputa por mais resultados e oportunidades, por mais eficiência em propaganda e marketing, noutras palavras, por mais seguidores contribuintes”. (PIERUCCI, 2008, p. 15).

Para atingir seu objetivo, alguns privilegiam “cerimônias públicas, com muita visibilidade e o uso dos média eletrônicos para disseminar a religião [...] ilustram algumas das formas utilizadas pelas diversas confissões religiosas para a ampliação de sua influência”. (SILVA, 2014, p. 424). Os meios eletrônicos citados por Silva (2014) correspondem à TV, ao

rádio, às redes sociais da internet, etc. que, em grande escala, correspondem à espetacularização, característica da evangelização neopentecostal.

São observadas também ações que correspondem à tendência midiática da evangelização e alguns ícones religiosos midiáticos são produzidos no intuito de responder aos apelos neopentecostais da contemporaneidade. Martino (2003), em sua leitura sobre mídia e poder simbólico, ressalta que o “Padre Marcelo Rossi, analisado do ponto de vista sociológico, é um fenômeno urbano, fruto da expansão evangélica e da luta da Igreja Católica para garantir sua hegemonia no campo religioso”. (MARTINO, 2003, p. 123).

Na mesma intencionalidade, surgiram, no decorrer dos anos 2000 a 2010, outros como: Fábio de Melo²⁰⁷, Reginaldo Manzotti²⁰⁸, Cristian Shankar, entre outros.

As Igrejas Evangélicas também produzem seus ícones religiosos, como os pastores Márcio Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte - MG; RR Soares, da Igreja Internacional da Graça²⁰⁹; Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)²¹⁰; Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus²¹¹, etc.

Os cultos e as celebrações neopentecostais, até na RCC, absorvem as características do protestantismo americano do século XIX, com manifestações emotivas e de êxtase, incentivadas pelos líderes religiosos. A teologia, naquela época, sedia lugar à emoção e há “grandes reuniões para fazer despertar o fervor religioso que funcionavam como cultos religiosos, e os fiéis eram tomados por ataques de catalepsia, convulsões, visões, acessos incontrolláveis de riso, súbitas explosões de cantorias [...]” (GABLER, 1999, p. 30).

Como outra estratégia de sedução ao fiel, muitas Igrejas Neopentecostais funcionam 24 horas, possibilitando acesso e uso do espaço de convivência, acolhendo os interessados e dando liberdade aos fiéis de programar suas atividades religiosas conforme sua disponibilidade de tempo. De toda forma, os bens simbólicos oferecidos pelas diversas denominações religiosas neopentecostais, inclusive na RCC, (bênçãos, curas, passagem pela fogueira santa) são

²⁰⁷ Objeto de estudo da minha dissertação de Mestrado: Midiatização do campo religioso – A recepção do Padre Fábio de Melo por seus fãs/devotos. (SENNA, 2011).

²⁰⁸ Em 2008 atraiu 40 mil fiéis em um show de fé, na cidade de Nova Serrana (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO, 2008a)

²⁰⁹ A Igreja Internacional da Graça de Deus é Igreja evangélica neopentecostal com sede em São Paulo, embora tenha sua origem na cidade do Rio de Janeiro, quando foi fundada em 1980 por Romildo Ribeiro Soares, popularmente conhecido como Missionário RR Soares. (SILVA, 2016).

²¹⁰ A IURD é uma denominação cristã, evangélica neopentecostal, com sede no Templo de Salomão, na cidade de São Paulo, Brasil. Fundada em 9 de julho de 1977 por Edir Macedo e seu cunhado Romildo Ribeiro Soares, tornou-se um dos maiores grupos neopentecostais brasileiros. (IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, 2016).

²¹¹ A Igreja Mundial do Poder de Deus foi fundada em 1998 na cidade de Sorocaba pelo ex-bispo da Igreja Universal, Apóstolo Valdemiro Santiago. Hoje a Igreja Mundial é uma das maiores denominações neopentecostais do Brasil e está presente em outros países. (IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS, 2016).

destacados e considerados importantes para compor o cenário e dar ideia de modernidade.

Segundo Pierucci e Mariano (2010), o movimento neopentecostal, “recruta seus adeptos majoritariamente nas camadas sociais mais carentes”. (PIERUCCI; MARIANO, 2010, p. 284). Como eles, alguns autores, como Abumansur (2005), Carozzi (1994) e Lima (1987), afirmam o interesse das igrejas neopentecostais em captar adeptos das camadas populares da sociedade, carentes de bens materiais, que, vulneráveis, podem aderir mais facilmente às propostas da Igreja.

A título de ilustração, o Pastor de Nova Serrana declara:

a maioria, claro, sempre é da classe média para a classe baixa. Porque geralmente quem procura mais a palavra de Deus são as pessoas que têm uma necessidade maior. As pessoas que têm uma condição financeira melhor, geralmente, não preocupam muito com o lado espiritual, não. Acho que a necessidade faz com que as pessoas se aproximem mais da palavra. (Pastor)²¹².

O testemunho do líder religioso foi comprovado durante a observação pontual, em campo, quando participamos de um culto na Assembleia de Deus e em outras comunidades religiosas de Nova Serrana. Percebemos que os adeptos, em sua maioria, eram pessoas da classe baixa, pela forma de vestir, comportar-se e locomover-se.

Por sua vez, é importante ressaltar que há um investimento das igrejas neopentecostais para atingir as classes sociais mais elevadas. Como exemplo, podemos citar a própria Assembleia de Deus, que, há muito, vem promovendo atividades voltadas para os empresários, a fim de captá-los e fidelizá-los em suas igrejas. Lima (1987) ressalta que a Assembleia de Deus “vê com interesse a penetração de sua doutrina no meio mais burguês, especialmente no setor empresarial, entre a classe média alta, de forma a ir perdendo a característica de grupo religioso preferido apenas pelas pessoas de baixa renda”. (LIMA, 1987, p. 30).

No caso específico da cidade de Nova Serrana, a Assembleia de Deus promove atividades direcionadas aos empresários, sendo a mais reconhecida um congresso intitulado *Aviva Centro-Oeste – Nova Serrana em Chamas* – que acontece a cada dois anos (AVIVA CENTRO-OESTE, 2015). No referido congresso, são promovidos shows de músicas religiosas, palestras, e várias outras atividades, com o objetivo é captar e fidelizar os outros segmentos sociais. Vejamos:

o maior objetivo do Aviva Centro-Oeste é nós pregarmos a palavra de Deus para as pessoas que ainda não conhecem. Chamar a atenção dessas pessoas por meio de cantores bem conhecidos no Brasil inteiro, pregadores, para que eles possam ir ao

²¹² Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

encontro da palavra de Deus. É por intermédio da palavra de Deus que essas pessoas são mudadas, são transformadas e o objetivo do Aviva é chamar a atenção dessas pessoas para o evangelho, para eles serem alcançados e serem transformados naquilo que é necessário. (Pastor)²¹³.

Em geral, as palestras são proferidas por empresários evangélicos, reconhecidos nacionalmente, e os shows são de artistas evangélicos, visando atrair um público específico. O Pastor declara ainda:

nosso trabalho é voltado para todas as classes. Geralmente as pessoas das classes mais altas, financeiramente falando, eles sempre procuram estar na igreja sede, onde é mais central. Então, nós temos pessoas em nossa Igreja que têm trabalhado com pessoas que são empresárias. Sempre trabalham para trazer os empresários para conhecerem a Igreja. Os próprios profissionais liberais, que congregam na Assembleia, têm trabalhado com seus colegas para poderem trazer essas pessoas para conhecer a palavra de Deus. Às vezes, é feito um trabalho no local da pessoa, uma indústria de calçado, por exemplo, quando é convidado ou é chamado para fazer uma visita ou uma oração. Geralmente, os pastores vão e dizem uma palavra de Deus para eles. Assim vamos trabalhando também na alta sociedade. Porque as pessoas antigamente tinham a ideia de que os crentes, os membros da Assembleia de Deus, eram pessoas de baixa renda, de classe baixa, mas hoje é diversificado. Hoje nós temos pessoas de todos os níveis sociais. Temos advogados, temos médicos, temos administradores, professores, diretores de escola, pedreiros, serventes de pedreiros, dentistas, ou seja, de todas as áreas temos membros em nossa Igreja. (Pastor)²¹⁴.

Como parte das estratégias utilizadas, no depoimento do Pastor, estão claras as visitas às indústrias de calçados em Nova Serrana.

O interesse pela captação e fidelização das classes mais altas pode ser percebido também nas outras Igrejas Evangélicas e na Igreja Católica, que lança mão especialmente da RCC que, igualmente, fazem visitas às indústrias de calçados em Nova Serrana. A exemplo, o Padre Cristian Shankar faz palestras para as empresas de Divinópolis e cidades da região, até Nova Serrana, e divulga em seu site particular: “motivação e sucesso; construção da felicidade e relacionamento interpessoal” (SHANKAR, 2015).

Percebemos que o oferecimento do referido Padre é uma atividade profissional e que ele recebe financeiramente para realizar esse trabalho, ou seja, não se caracteriza uma missão evangelizadora da Igreja Católica, mas sim uma abordagem profissional de um religioso palestrante.

As pessoas que aderem à nova proposta de evangelização, de acordo com a ideologia de cada comunidade religiosa, adotam posturas e expressões que justificam a sua entrega à ação do Espírito Santo de Deus em suas vidas, confiantes na promessa da retribuição e da

²¹³ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

²¹⁴ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

prosperidade.

Assim, é comum encontrar, entre os adeptos do neopentecostalismo a reprodução do reconhecimento dos favores concedidos por Deus a quem lhe é fiel: “a igreja inverte os termos da fidelidade religiosa e garante: Deus é fiel” (PRANDI, 2008, p. 169). São destacados também “Deus me honrou concedendo-me esse benefício”; “Deus me curou”; “Deus cumpriu sua promessa”, entre outras. Existe uma expressão bastante representativa, fixada nos carros particulares que circulam no Brasil: “Presente de Deus”, que ilustra esse fenômeno.

Considerar os valores sagrados com retribuições materiais pode ser uma forma de justificar o consumo, característico da sociedade contemporânea, apoiado em novos modelos de comportamentos globalizados.

A escolha do carro, a efetivação da compra e o seu uso são individuais, mas ele é considerado o ganho/presente de Deus. Segundo Vallverdú (2008),

a prosperidade do crente, acrescenta, não resulta da economia, nem do esforço humano, mas sim das bênçãos divinas. Esta interpretação, logicamente, deve ser entendida no contexto dos significados que os fiéis têm interiorizado para explicar sua nova situação, a partir da pertença ao grupo pentecostal e ao compromisso (ideológico e simbólico) que com ele mantém”. (VALLVERDU, 2008, p. 73, tradução nossa)²¹⁵.

Em entrevista com um trabalhador imigrante em Nova Serrana, o nosso entrevistado Geovani ressalta a sua crença na providência divina, sob as formas de bênçãos tangíveis, por exemplo, obtenção da casa própria, independentemente do seu esforço.

Geovani, filho de uma adepta da IURD, deseja conseguir realizar os seus sonhos e reconhece que isso está diretamente relacionado ao batismo ou a oficialização de sua entrada para a referida religião: “quero ser batizado um dia, porque meu amigo foi batizado e logo conseguiu uma casa para a mãe dele”²¹⁶.

Geovani estava desempregado em sua cidade natal, recebeu a visita de um amigo que trabalha em Nova Serrana, que o convidou a vir tentar a vida nesta cidade. Apesar da ajuda e influência do amigo, reconhece que: “eu penso que Deus é que me trouxe para Nova Serrana. O meu amigo que me convidou foi instrumento dele, no dizer de minha mãe. Eu agora tenho que fazer a minha parte.” (Geovani). Uma das partes que precisa fazer, segundo seu testemunho, é procurar uma IURD, ser batizado, passar pela “fogueira santa” e fazer doação,

²¹⁵ “La prosperidade del creyente, anade, no resulta del ahorro ni del esfuerzo humano, sino de las bendiciones divinas: esta interpretación, logicamente, debe entenderse en el contexto de los significados que los fieles han interiorizado para explicar su nueva situación a partir de la pertenencia al grupo pentecostal y al compromiso (ideológico y simbólico) que con el mantiene”

²¹⁶ Entrevista gravada na Crômic, 02 maio 2015.

pois:

eu quero uma família para mim. Quero uma casa e ficar perto da minha família que eu deixei na Bahia. Um dia Deus vai me ajudar a conseguir isso. Vou procurar saber quando tem fogueira santa e vou lá na IURD. Fogueira Santa é uma reza que tem lá. A pessoa vai vários dias e passa pela fogueira santa e faz o pedido. O pedido se realiza porque Deus vê o coração de cada um e faz acontecer o que a pessoa quer. (Geovani).

A “fogueira santa” é um meio para alcançar um fim, ou o objetivo primeiro. Mas não é necessário somente a fé, é preciso:

vou levar dinheiro. Levar quanto puder. Se eu puder eu levo, se não, não levo. Quando eu tiver aí eu levo. Deus ajuda sempre quem leva nem que seja pouco, sabe? Deus não deixa desamparado, eu creio nisso. Minha mãe sempre fala para gente levar. Não vou quebrar a corrente do que minha mãe falou. E, com fé em Deus, ele vai me honrar. (Geovani).

A doação que Geovani pretende fazer, mesmo sendo quanto puder, além de estar contida no universo da retribuição, ratificada pela instituição, traz consigo a interferência da rede de sociabilidade e de influência, em seu caso, de sua mãe, garantindo-lhe que Deus o honrará e não o deixará desamparado.

A noção de prosperidade propagada pela evangelização neopentecostal é confirmada pelo pastor da Assembleia de Deus: “hoje em dia nós sabemos que a situação não está muito fácil, em todos os aspectos. No aspecto moral, na economia, em tudo está difícil a situação e onde o evangelho chega, chega a prosperidade junto.” (Pastor)²¹⁷.

Ainda, segundo o pastor,

a realidade é a seguinte: A nossa igreja não é voltada para pregar sobre prosperidade, não. Nosso objetivo maior é pregar sobre salvação de alma e sobre a transformação da vida. Mas a própria Bíblia diz que quando isso acontece, acontece também a prosperidade. Porque a Bíblia diz, buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e as demais coisas vos serão acrescentadas. E as demais coisas que estão no contexto do versículo é vestir bem, alimentar bem, ter uma moradia digna, ter um plano de saúde e muito mais. Então, as demais coisas estão todas inclusas na vida social e financeira da pessoa. (Pastor).

Nesse depoimento, o personagem reproduz narrativas contidas na Escritura Sagrada para justificar a teologia da prosperidade adotada na evangelização neopentecostal. Afirma o Pastor:

²¹⁷ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

geralmente as pessoas quando chegam à igreja, chegam derrotadas. Não têm onde morar, não têm o que comer, não têm condições de dar uma escola para as crianças, não têm o que vestir, às vezes chega completamente nu. Uma situação difícil. Mas quando chega na igreja e entrega sua vida à Palavra, Deus abençoa. A pessoa arranja um bom emprego, a família começa a trabalhar e as coisas mudam. Mudam porque é a promessa de Deus. Buscar o reino de Deus e as demais coisas vos serão acrescentadas. (Pastor).

Um dos exemplos de prosperidade, segundo nosso entrevistado, para quem entrega sua vida e deposita sua confiança em Deus, “pode ser o meu mesmo”. (Pastor). O Pastor migrou do Ceará para Belo Horizonte, com sua esposa, como muitos imigrantes, em busca de melhores condições de vida. Na Capital Mineira, “muito embora tenha vindo convertido, dediquei-me mais à religião, e Deus me abençoou capacitando-me a ser Pastor na Assembleia de Deus”. (Pastor).

Em sua leitura, Hervieu-Léger (2008) ressalta que “autoridades religiosas reconhecidas [...] definem as regras, que são para os indivíduos, os sinais estáveis da conformidade da crença e da prática”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 160). A autora ressalta também que os relatos de histórias de vida dos líderes religiosos, muitas vezes são usados para conquistar e fidelizar novos adeptos às determinadas correntes religiosas na atualidade. E ainda “o sucesso das “personalidades carismáticas” está relacionado, sobretudo nas sociedades governadas pela cultura do indivíduo, ao fato de elas representarem uma experiência pessoal original”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 165). A história de vida convence, causa emoção, admiração, disponibilidade e modelo a ser seguido.

Apesar das iniciativas e táticas para a captação das instituições religiosas, existem grandes desafios para a fidelização de seus adeptos, entre eles o distanciamento da vida de fé, na prática de seus líderes. Para Hervieu-Léger (2008), “a ruptura entre crença e prática constitui o primeiro índice do enfraquecimento do papel das instituições guardiãs das regras da fé”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 42). A título de exemplo, tomamos o relato de Petrolina:

na minha cidade eu não vou à Igreja Católica. Porque o padre se casou com a minha prima. No dia da lua de mel, ele fugiu, foi embora, deixou ela lá. Depois, ele assumiu um relacionamento gay. Ele bebe e fuma. Também tem o caso da Igreja. Lá o nome da Igreja era São Pedro. Ai ele, depois de uma briga com uma mulher, abriu uma outra igreja com o nome de Santa Paulina²¹⁸. Sendo que eu nunca vi esse nome dessa santa. Ele continua celebrando missa, casamento, batizados. Aí ele vem falar da embriaguez do vinho, não sei. O que sei é o que na bíblia tem sobre o vinho, mas é coisa santa.

²¹⁸ Imigrante italiana radicada no Brasil desde os nove anos de idade, Santa Paulina adotou o Brasil como sua pátria e os brasileiros como irmãos. Santa Paulina morre aos 76 anos, na Casa Geral em São Paulo, dia 9 de julho de 1942, com fama de santidade; pois viveu em grau heroico as virtudes de FÉ, ESPERANÇA e CARIDADE e demais virtudes. Aos 19 de maio de 2002, Madre Paulina é Canonizada, na Praça de São Pedro, e passa a ser chamada de Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus.

Não é coisa do pecado, né? Aí eu não concordo. Aí eu não vou. (Petrolina)²¹⁹.

A entrevistada faz uma crítica ao comportamento do líder religioso, não só pelo casamento, mentira e abandono, mas sim por causa de seu comportamento sexual não esperado e desejado para um padre, já que prega preceitos de celibato e fidelidade religiosa.

Em outros depoimentos, contrariando o que ressaltou Hervieu-Léger (2008) e diferentemente do que declarou Petrolina, alguns entrevistados aludiram ao fato de que a sua pertença a uma comunidade religiosa não depende dos exemplos dos líderes institucionalizados:

é o seguinte, erros têm. Todas têm. Somos humanos. Somos humanos, somos falhos, somos pecadores. Mas temos que firmar na rocha que é Deus. Não é isso? Vós conhecereis a verdade, a verdade vos libertará, não é assim? Então. A gente tem que andar pela verdade. Pela Bíblia. Se for por erros da igreja, a gente para de frequentar. Não vai mais. Porque tem. A gente tem que seguir a Bíblia. Como ela nos ensina, porque lá está toda a verdade. (Júlio)²²⁰.

O entrevistado reconhece que existem erros, porque os líderes são pessoas humanas e como tal são pecadores. O importante é firmar-se em Deus e não se prender nas contradições da instituição.

Para o entrevistado Claudenir, existe uma diferença entre a religião e os líderes religiosos:

eu acho assim. Eu não acredito nos religiosos, mas sim na religião. Todos os religiosos são falhos. Católicos, evangélicos, espírita, budista... todos religiosos em si, porque não existe ninguém infalível. Todos nós somos falíveis. A mesma coisa eu falo das religiões. Eu acredito na religião, não nos religiosos. Tem pastor falho, tem padre falho, tem budista falho, tem espírita falho... Todas as pessoas das religiões são falhas, então, nós apenas temos que respeitar e é o que sugiro é isso. Eu acredito nas religiões, mas nos religiosos, não. Porque não adianta você acreditar nos religiosos e ver que estão pecando. (Claudenir)²²¹.

As posições dos entrevistados mostram que, mesmo no exercício da liberdade de opinião e a construção de um arquétipo para a vivência da fé, esses indivíduos se baseiam nos ensinamentos das instituições religiosas para formar sua ideia ou opinião. Porém, essas instituições podem variar de acordo com a satisfação dos interesses particulares e, consequentemente, suas ideias e opiniões também passarão por transformações de acordo com a ideologia que lhes for repassada pela nova comunidade religiosa, geralmente, neopentecostal.

²¹⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

²²⁰ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

²²¹ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

Além das táticas e empreendimentos das correntes neopentecostais, na atualidade, para a captação e fidelização dos indivíduos, as redes de relacionamento ocupam um lugar importante na decisão e manutenção do vínculo dos indivíduos com suas comunidades religiosas, ao mesmo tempo os indivíduos usam de sua liberdade para fazer suas escolhas.

5.4 A liberdade de escolha e a proposta mercadológica das comunidades religiosas

A satisfação do interesse de muitos que, livremente, aderem à proposta da religiosidade neopentecostal, tem como uma de suas características a salvação da alma, muitas vezes, manifestada nas bênçãos recebidas já na terra e que se materializam, proporcionado ao indivíduo a prosperidade.

A redenção, entendida como salvação, propagada pelos cristãos católicos, durante muitos séculos, constituiu um produto arquitetado pelas classes privilegiadas e, na maioria das vezes, assumida enquanto postura de fidelização pelas classes de menor prestígio na sociedade. Ou seja, segundo Weber (2006), redenção “pode muito bem ter a sua origem no seio das camadas socialmente privilegiadas”. Porém, a concepção de redenção está

normalmente ligada a um determinado mínimo de cultura intelectual que não cultivava o intelectualismo como forma específica, nem a título profissional e, mais ainda, ao chegar àquelas camadas negativamente privilegiadas, para as quais o intelectualismo é econômica e socialmente inacessível [...] quanto mais se vai descendo na escala social, tanto mais a necessidade do salvador, uma vez aparecida, costuma assumir formas mais radicais. (WEBER, 2006, p. 146-147).

A reflexão apresentada por Weber (2006) mostra a garantia herdada das convenções sociais culturalmente arraigadas e das relações que nortearam a história da humanidade. Os indivíduos, principalmente de escala social mais baixa, encontram nesse campo específico – o religioso – o sentido simbólico para a manutenção da busca, do status adquirido, pertença a um grupo e da conformação e a busca por redenção de uma situação da vida.

Encontramos nas igrejas tradicionais a figura do “praticante regular” que, segundo Hervieu-Léger (2008) “corresponde a um período típico do catolicismo, marcado pela extrema centralidade do poder clerical e pela forte territorialidade das pertenças comunitárias”. Essa figura ainda pode ser encontrada tanto na Igreja Católica como nas outras Igrejas Cristãs Evangélicas. Para a autora, “além do catolicismo, a figura do praticante está, na verdade, associada à existência de identidades religiosas fortemente constituídas, que definem grupos de crentes socialmente identificados como comunidades”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 82;84).

Muitos dos adeptos desses grupos são os considerados “fiéis” que reconhecem a ação de Deus na prosperidade de suas vidas e, por isso, perseveram na comunidade. Muitos permanecem por devoção e reconhecimento, outros, porém, por medo do castigo de Deus, caso venham a abandonar o caminho iniciado.

Existem, de modo especial entre os católicos, os que se consideram praticantes e os que se reconhecem não praticantes. A título de exemplo, um dos moradores de Nova Serrana entrevistado, André, conta que, depois de uma experiência com o Espírito Santo, na Igreja Católica, pela RCC, se tornou um “católico praticante” e passou a se identificar com a vida na comunidade: “participo da comunidade São João Bosco. Participo de um grupo de jovens chamado São Francisco de Assis. Sou Catequista também. Então, assim, estou bem empenhado na religião.” (André)²²².

Muitos dos entrevistados se declararam católicos e, diferentemente do André, não são praticantes. Ricardo declara: “muito difícil eu ir à missa. Mas faço minhas orações em casa, na hora de dormir e na hora de levantar.” (Ricardo)²²³.

José Teobaldo afirma:

participo muito pouco. Eu fui à missa umas quatro ou cinco vezes, nesses cinco anos que estou aqui. Eu sinto falta. Quando eu vou à missa é outra coisa. Termina a semana bem, começo a semana bem. Minha esposa também é católica. É muito importante. É um... qualquer sofrimento que você tem, a primeira coisa que você vai falar é com Deus. (José Teobaldo)²²⁴.

Em seu depoimento, Antônio, que se declara católico, conta que em Nova Serrana se considera praticante:

lá eu ia menos do que aqui, porque eu trabalhava em fazenda. Aí, o tempo era pouco. Eu era jovem. A pessoa quando é jovem não tem muita participação com a Igreja. Eu participei do grupo de jovens. Todo fim de semana, tinha um coral que cantava na capela. Lá na roça. Trabalhando em fazenda, como eu trabalhava, você tem hora só para começar a trabalhar, que é de madrugada, mas para parar não tem não. Sempre quando tinha missa lá perto eu ia. Eu gostava de ir mais no domingo. Porém, na roça a missa era uma vez por mês só. Nos outros domingos, tinha celebração. Mas eu cansado já, era muito difícil eu ir. Depois que eu vim pra cá, eu posso dizer que sou católico praticante. Todo fim de semana eu vou. Eu gosto de ir à Igreja do centro. São Sebastião. Ai de mim se não fosse a Igreja. Lá eu me sinto muito bem e consigo ter força para ficar aqui na cidade. Sempre me apego em Deus. Ele é tudo que consiste na hora de aflição. A primeira coisa que vem na cabeça. É pegar com Deus. Quem crê nele, sempre consegue ajuda dele. Mesmo tendo um pouco de trabalho, demorando um pouco, a gente consegue. Sempre tem que pegar com Ele. Com fé a gente consegue. (Antônio)²²⁵.

²²² Entrevista gravada na Praça da Matriz, 11 ago. 2015.

²²³ Entrevista gravada no bairro Planalto, 21 jul. 2015.

²²⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 21 jul. 2015.

²²⁵ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

Em seu depoimento, o entrevistado deixa claro que a sua vida religiosa ajuda a suportar a vida em Nova Serrana. Concluiu afirmando que Deus sempre ajuda, às vezes demora, mas não falha.

Outro entrevistado, o Pedro Afonso, também ressalta em seu depoimento: “Não sou praticante hoje, mas já fui muito à missa, quando era mais novo”. (Pedro Afonso)²²⁶.

Vilma é evangélica e, em sua concepção, o católico praticante é aquele que vai à missa. Apesar de ter-se convertido há 25 anos, a depoente conserva na memória as práticas e terminologias católicas, ao se referir à religião da família, destaca que sua irmã, “a mais velha é católica, só que também não é praticante, pois não vai à missa aos domingos”. (Vilma)²²⁷.

Algumas pessoas entrevistadas que se declaram católicas não praticantes, mas são portadores da fé – quer por tradição familiar, quer por afeição pessoal – em determinados santos da Igreja e a eles confiam seus momentos de aflição, doença ou necessidade financeira.

Diferentemente da Igreja Católica, nas Igrejas Evangélicas a devoção aos santos não existe e é vista como idolatria. No entender do Pastor, um fator que dificulta uma parceria, ou uma participação mais ecumênica entre as igrejas, é o culto aos santos, além da falta de interesse. O Pastor declara que:

geralmente isso é muito difícil acontecer. Porque os padres nunca procuram os pastores para um contato e vice-versa. Não existe esse relacionamento entre pastores e padres. Existe um relacionamento entre os pastores evangélicos. Temos um relacionamento muito bom com pastores de outras igrejas: quadrangular, batista, metodista, presbiteriana. Mas contato de padre e pastor só quando se está em um culto ecumênico, ou evento que o prefeito convida o padre e o pastor. Já participei várias vezes em Nova Serrana, em que me é dada a palavra, logo em seguida, é dada a palavra ao padre. Somente isso. Na parte social poderíamos ter uma parceria. Mas na parte referente à religião não. Porque nós, a nossa ideologia, é bem diferente da igreja católica. Para fazermos uma parceria nisso aí, eu teria que concordar com a ideologia deles. A ideologia do catolicismo é na realidade idolatria. Os católicos creem em santos. Eles adoram os santos. Prestam culto à Maria. Prestam culto a João, a Pedro. Exemplo: Pedro, para os católicos, tem a chave do céu. Pedro é que manda chuva. Isso tudo é antibíblico. Nós sabemos que a Bíblia não fala que é Pedro que manda chuva. Quem manda a chuva é Deus. Deus é que manda chuva. A Bíblia diz o seguinte: não há mediador entre Deus e o homem, a não ser Jesus Cristo. E a igreja católica prega que quem realmente é mediador entre nós e Deus é Maria e isso não é verdade. A Bíblia explica que só há um mediador entre Deus e os homens: Cristo Jesus. Então eles oferecem culto aos santos, a quem já morreu. Sabemos que Maria foi a mãe de Jesus, foi uma mulher santa, mas ela morreu. Morreu e está esperando o próprio Cristo buscar a igreja para ela ressuscitar. Então ela não está no céu, ela está no paraíso. A própria Bíblia diz que só subiu ao céu quem desceu. Quem desceu foi Cristo. Cristo desceu e subiu. Quem morreu salvo, está no paraíso, esperando Cristo voltar para poder ressuscitar. Então, tem uma diferença muito grande entre católico e evangélico. (Pastor)²²⁸.

²²⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

²²⁷ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

²²⁸ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 14 jul. 2015.

Na evangelização neopentecostal, tanto para os evangélicos quanto para os católicos, não existe entrave, pois, ambos, primam pela centralidade da fé em Cristo, como único mediador entre Deus e o indivíduo. Isso interfere nas conversões à Igreja Evangélica, narradas pelos imigrantes entrevistados, que tiveram como fundamento a cura ou a prosperidade atribuídas à ação de Jesus Cristo na vida deles. Essas benesses de Deus aconteceram sem a intercessão dos santos e, muitas vezes, independentemente da mediação institucional de determinada instituição religiosa. A cura e a prosperidade, o livramento dos males do corpo e da alma, a condução da vida para o bem são sempre atestados por aqueles que permanecem fiéis a Jesus. Em seu depoimento, o líder religioso evangélico ressalta que “tanto a prosperidade como a cura que conquistamos são promessas do próprio Jesus, a quem lhe busca sinceramente”. (Pastor).

A ideologia neopentecostal perpassa todos os discursos e considerações das igrejas que adotaram a determinada linha em seu processo de evangelização. Não diferente do que afirmou o Pastor, em seu depoimento, a imigrante entrevistada Maristela, que participa da Igreja Evangélica Graça e Paz, reconhece a ação de Deus a favor de quem lhe é fiel, livrando-o de todo mal e, até mesmo, concedendo-lhe bênçãos em forma de casa própria. Em um primeiro momento, a entrevistada nos narrou o milagre que Deus realizou em favor de seu irmão, vítima de uma descarga elétrica em uma siderúrgica onde trabalha:

meu irmão, deve ter uns 20 dias, sofreu um acidente na siderúrgica onde ele trabalha. Ele mora em Curitiba e trabalha num forno de uma indústria. Foram 8.000 Watts de choque que meu irmão tomou. O médico falou para ele, você está vivo é por milagre. Porque já houve caso parecido com o dele, que a pessoa não resistiu. Ele disse que sentia o coração bater na garganta. O choque, segundo ele, entrou pela mão direita e saiu pela mão esquerda. Se ele não tivesse com o sapato apropriado, o choque tinha descido para os pés. A descarga andou o corpo dele todinho. Esse é um dos maiores milagres né. Por Deus ter dado uma segunda chance para meu irmão de estar na terra. (Maristela)²²⁹.

A declaração de Maristela constitui também a sua profissão de fé na ação de Deus na vida de quem lhe deposita a sua confiança. Ela usa a terminologia “opera”, como reprodução da terminologia usada pela sua comunidade de fé, ao declarar os bons feitos atribuídos a Deus: “e como opera! Sem Ele, não tem nem como explicar, nem como agradecer.” (Maristela).

Para Hervieu-Léger (2008), no protestantismo, a afirmação da fé é pessoal e interiorizada e, com isso, “faz parte apenas, secundariamente, da observância cultural. A figura do praticante fica ofuscada, parcialmente, por detrás da do “protestante engajado” que frequenta

²²⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

as associações e sustenta as obras.” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 26). Vejamos o depoimento de Maristela, autorreconhecida “obreira”:

a obreira ajuda o pastor, recebe os visitantes, as pessoas que chegam pela primeira vez. Leva os pastores para sentar lá na frente, no púlpito. Serve água para os pastores que estão lá na frente. E ajuda, quando os pastores estão orando, a olhar as pessoas. (Maristela).

Caso semelhante acontece com a Vilma, na Igreja do Tabernáculo Evangélico de Jesus²³⁰: “sou secretária do pastor. Sou evangelista, que é um cargo assim... Pessoa mais dinâmica de evangelizar... De ter mais contato com as pessoas, de ter mais diálogo assim... Recepcionar bem as pessoas... Deixar as pessoas à vontade.” (Vilma)²³¹.

A semelhança entre as imigrantes Maristela e Vilma, em Nova Serrana, é o engajamento declarado na participação em sua comunidade religiosa. Porém, hierarquicamente, podemos constatar a diferença entre as entrevistadas. Vilma concluiu apenas a 5ª série do Ensino Fundamental, é secretária do pastor, e, nesse posto, tem acesso direto à contabilidade da Igreja e detém informações de sua comunidade: “como sou secretária, eu tenho esse cálculo aí. Hoje nós estamos com cento e cinco membros. Consideramos membros os dizimistas.” (Vilma). Por sua vez, Maristela, ainda que seja, simplesmente, obreira – aquela que auxilia o pastor –, tem orgulho de ocupar esse lugar.

De forma diferente de Maristela e Vilma, Francisco declara:

eu sou membro mesmo. Só membro. Não tenho nenhuma chamada ministerial e nenhuma chamada para fazer uma coisa dentro da igreja. Nenhuma chamada. Eu sou membro, mas tento pregar, e prego, aquilo que eu vivo. A Bíblia que é a verdade. Isso ... é o que todo membro deveria fazer essa função. Se não prega dentro da igreja, deve levar ao conhecimento das pessoas a verdade que Jesus salva, Jesus liberta. Jesus transforma a vida das pessoas. (Francisco)²³².

O fato de sentir-se membro já o habilita a ser pregador da palavra em seu dia a dia, mesmo não tendo nenhuma chamada ministerial. A declaração de Francisco corresponde ao modelo de religiosidade, que, na atualidade, está desvinculado da hegemonia católica e apresenta-se de várias maneiras, possibilitando a liberdade de escolha, da crença e da fé, diferentemente de outrora. A terminologia “católico praticante”, na nova evangelização, dá

²³⁰ “A Igreja do Tabernáculo Evangélico de Jesus, fundada em 09 de junho de 1964 pelo Apóstolo Doriel Wlandimir de Oliveira e Missionária Ruth Brunelli de Oliveira, adota como única regra de fé e prática às Escrituras Sagradas do Antigo e Novo Testamento, pentecostal, rege-se pelo presente estatuto, é uma organização religiosa, Pessoa Jurídica de Direito Privado, com fins não econômicos”. (ESTATUTO DA IGREJA TABERNÁCULO EVANGÉLICO DE JESUS, 2015).

²³¹ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

²³² Entrevista gravada numa loja no bairro planalto, 10 ago. 2015.

lugar ao reconhecimento do “protestante engajado”.

O informante Valter também se declarou pertencente à Assembleia de Deus, a convite de um amigo. Ele não possui cargo ministerial nos departamentos da congregação, porém dá continuidade à missão de captar novos adeptos para sua comunidade religiosa, reiterando a promessa da mudança de vida, que poderá acontecer dos que se encontram, às vezes, perdidos, ou caídos pelo caminho:

nós temos que pregar a palavra, né? Se eu vir um irmão que está precisando de ouvir, tenho que pregar a palavra. Se a pessoa ouvir, bem... se não ouvir, Deus está vendo que estou fazendo minha parte. Então, a gente tem que ser unido para isso. Onde a gente passar, se eu tive um livramento, e se eu vir o outro naquilo que eu usava no caso, eu chego nele e falo: oh, meu filho, vamos para a Igreja, vamos lá fazer uma visita. Você está aí, você vai ver o alívio que você vai ter. Hoje você está desse jeito, amanhã você vai ver. Você vai lá e escuta e, amanhã, você vai ver a diferença. É muito grande a diferença. Muito grande. (Valter)²³³.

É interessante observar a responsabilidade dos membros das igrejas evangélicas entrevistados, mesmo não tendo o “chamado ministerial” para a captação de novos adeptos à comunidade à qual pertencem.

Indagado sobre o trabalho dos que se consideram membros, porém sem o chamado ministerial, o Pastor contesta:

isso nós chamamos de primeiro amor. O primeiro amor é quando a pessoa conhece a Cristo, e ela sente a transformação na vida dela. O desejo dela é comunicar isso para as demais pessoas. O desejo dela é falar para as outras pessoas. Olha como minha vida mudou, estou me sentindo bem, estou mais alegre. Estou mais feliz com minha família, estou me sentindo mais alegria, mais liberdade e, então, isso influencia e faz com que eles venham influenciar as outras pessoas. Geralmente quando a pessoa aceita Cristo é que ele vê uma pessoa em dificuldade, ele geralmente faz isso. Ele vai lá e diz: eu também estava assim, e conheci a palavra de Deus, conheci a Jesus e minha vida mudou. E minha vida que está hoje é o que você está vendo. E essa pessoa que ouve se interessa em vir na Igreja, assistir a um culto, ouvir uma palavra, um louvor, e geralmente quando vem realmente Deus fala no coração das pessoas. (Pastor)²³⁴.

Na visão do Pastor, o testemunho do primeiro amor torna-se a mola propulsora da evangelização que é adotada por quem se converte. Para o entrevistado, o anúncio pode vir das pessoas que se sentiram tocadas e, conseqüentemente, mudaram de vida, mas ratifica: “a obra é de Deus. Deus é quem fala no coração das pessoas”. (Pastor).

Na nova modalidade de fé, segundo Hervieu-Léger (2008), “a linguagem dos que creem funciona como referência legitimadora da crença. E ela é, igualmente, um princípio de

²³³ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

²³⁴ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

identificação social; externa, porque ela os separa daqueles que não pertencem a ela”. Para a autora, “uma ‘religião’, nessa perspectiva, é um dispositivo ideológico, prático e simbólico pelo qual se constitui, se mantém, se desenvolve e é controlado o sentimento individual e coletivo de pertença a uma linhagem particular de crentes”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 27). Nessa perspectiva, o trabalho do Francisco e do Valter pode ser considerado como a legitimação da crença, apoiada pelo Pastor de sua comunidade religiosa.

Para Hervieu-Léger (2008),

na modernidade, a tradição religiosa não constitui mais um código de sentido que se impõe a todos. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosas são “assunto de opção pessoal”: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer se seja. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 34).

Isso pode ser observado em Nova Serrana, quando o entrevistado Geraldo ressalta:

gosto das duas religiões. Gosto da minha, que sou católico, e gosto da evangélica, que também eu vou. Eu frequento as duas. Faz bem. Faz muito bem. Você sai de lá com a cabeça limpa, sabe? Sai muito bem. Sai ótimo para empurrar a semana que entra. Eu não sei se aguentaria levar a semana, se não fosse a religião. Eu gosto das palavras que escuto lá. Elas acalmam meu coração e me fazem ver o quanto Jesus sofreu por nós e, o que eu passo no meu dia a dia, não chega nem aos pés do sofrimento dele. (Geraldo)²³⁵.

O que se percebe é que, no uso da liberdade, para buscar religião como a possibilidade de alcance de bens tangíveis que venham suprir suas necessidades, independentemente da comunidade religiosa a que pertença. Percebemos também na fala do entrevistado que a fé independe de Igreja. Ela, por intermédio da instituição, funciona como novo alento que o impulsiona a enfrentar, com melhor disposição, o seu cotidiano, visto que há uma comparação dos seus sofrimentos diários aos de Cristo, que serve como conformação.

Independentemente da instituição religiosa, é previsto um compromisso financeiro, a título de “contribuição”, “dízimo”, que é estipulado de acordo com a lógica de cada Igreja.

Fernanda reconhece os benefícios que Deus opera na vida do crente e explica a importância da contribuição/dízimo:

que você tem tudo de Deus, quando você dá tudo da sua vida para Ele. Na verdade Deus não precisa de nós. Somos nós que somos dependentes dele. Se hoje eu falar assim, eu não vou servir mais a Deus, Deus vai continuar sendo Deus, quem vai sair perdendo sou eu. Porque eu acho que a vida física é aquilo que você vive no seu espiritual. A partir do momento que você não tem vida espiritual com Deus, que sua

²³⁵ Entrevista gravada na Praça da Bíblia, 14 jul. 2015.

vida espiritual está mal, a sua vida física também não está bem. Eu acho que se todo mundo pensasse dessa forma e buscasse viver um pouquinho mais próximo de Deus, talvez a sociedade estivesse melhor. Talvez não tivessem tantos jovens nas drogas, talvez nós não teríamos tantas crianças aliciadas, tanta gente passando fome... eu acho que o mal da sociedade hoje é a falta de Deus. Não que Deus tenha a obrigação de nos dar nada, mas a bíblia fala que Ele é “galegalador” daquele que busca. Então, nós temos que buscar. Nossa busca está na nossa oração, na vida voltada para Deus e no nosso reconhecimento de que a obra dele não pode parar. O nosso dízimo é muito importante por isso. (Fernanda)²³⁶.

Observamos que Fernanda fala da independência divina em relação à dependência humana de professar e viver a sua fé. “Deus vai continuar sendo Deus.” (Fernanda). Para ela, “a vida física só encontra sentido e equilíbrio se estiver em sintonia com o seu lado espiritual. O dízimo é o reconhecimento dos feitos de Deus, em favor da vida de quem o busca” (Fernanda), e é uma forma de pagar, individualmente, pelos benefícios recebidos e o seu lugar no reino divino.

O aspecto individual na religião é explicado por Hervieu-Léger (2008), “como em tudo o mais na vida social, o desenvolvimento do processo de pulverização individualista produz, paradoxalmente, a multiplicação de pequenas comunidades fundadas nas afinidades sociais, culturais e espirituais de seus membros”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 51). Os indivíduos, então, passam a fazer parte e a chamar de “minha”, “minha família”, “meu trabalho” a comunidade da qual se tornam membros, doando seus pertences em formas de dízimos ou doações diversas, muitas vezes, amparados pelos seus pares confessionais.

A autora ressalta ainda que “as pertenças confessionais continuam, assim, determinando redes diferentes de sociabilidade, mesmo quando a fundamentação propriamente religiosa dessas diferenças não cessa de perder sua consistência”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 52). Porém, há que se levar em conta que a pertença e a observância das regulamentações religiosas partem, exclusivamente, dos indivíduos: “a comunidade é importante para dar apoio ao indivíduo e incitá-lo à fidelidade, mas nem a comunidade, como também a instituição, lhe permitem situar-se, não podem, no fim das contas, prescrever nada ao fiel”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 86). Trata-se de uma construção de uma narrativa pessoal, a partir da identificação dos indivíduos durante sua trajetória de busca por conforto, acolhimento, realização, etc., que são de caráter subjetivo.

Francisco, em seu depoimento, relata o seu processo de conversão pessoal e declara o quanto que a palavra de Deus contribui para essa decisão individual:

²³⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

eu fui 26 anos católico e nunca peguei um incentivo para ler a bíblia todo o dia. Porque quem lê a bíblia conhece a verdade de Deus, porque a verdade de Deus é diferente da verdade do homem. Todo mundo tem uma verdade para viver, o homem. Mas a verdade de Deus ela é espiritual, ela liberta o homem, principalmente nesse âmbito que é a violência. Então sou um homem pacífico, hoje... eu tenho uma mudança extraordinária que Deus fez na minha vida. Pelo Evangelho de Cristo, não foi uma lavagem cerebral, não foi um pastor, não foi um sacerdote que me falou para me mudar. Eu mudei sozinho, porque eu dei crédito na mudança que Deus tinha e tem para todos uma promessa para aqueles que verdadeiramente nele crê. Então, eu sirvo a Deus com alegria, a minha família, no meu trabalho eu busco a Deus para me proteger e guardar. Eu não sei viver sem Deus. (Francisco)²³⁷.

A identidade religiosa acontece quando a construção biográfica subjetiva se encontra com a objetividade de uma linhagem de crença, encarnada em uma comunidade, na qual o indivíduo se reconhece. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89). O entrevistado, a partir da adesão à comunidade religiosa, considera-se um servidor de Deus, e não sabe viver sem a fé nEle.

O depoimento do Valdeilson, sobre a sua religião, remete ao estado interior, à identificação, à subjetividade e ao contexto familiar:

sempre fui católico. Minha família é católica. Meu avô materno, depois de certa idade, passou a ser da Congregação Cristã do Brasil. Agora minha família toda é católica. Recentemente uma irmã minha passou a ser evangélica. Mas é que, às vezes, a pessoa quer buscar, muitas vezes a pessoa não faz a parte dela, então ele vai buscar em outro lugar, mas muitas vezes a coisa está nela. No meu caso, eu estou bem na Igreja Católica. Ela me satisfaz e me faz sentir o que eu quero: a presença de Deus em minha vida. (Valdeilson)²³⁸.

A consciência de que a decisão religiosa está no plano individual, e não na instituição, assim como é a conversão religiosa, transparece no depoimento da Empresária 2, que diz:

no caso da minha religião, eu penso assim. Para eu ter fé e confiar em Deus, eu não preciso mudar de religião. Eu não preciso de uma pessoa toda hora falando no meu ouvido de religião, não. Se eu quiser procurar uma resposta, eu procuro um padre, eu leio a bíblia. Minha bíblia fica aqui. Eu não preciso de pessoas para isso. A pessoa que passa para crente, ou ela não acredita no Deus que tem dentro dela ou ela é fraca na fé. Eu tenho muita fé... demais, demais... demais. Eu não sou assim. Eu nunca vou mudar. Eu sou do jeito que sou. Se tiver a religião para levar para o céu ou para o inferno, eu não sei, porque eu nunca mudo. A minha fé é no meu Deus. A fé que eu tenho no Deus vivo é inabalável. É ruim demais mudar de religião. É muito difícil. Eu acho que mesmo o mundo ser desse tamanho todo, Deus conhece o coração de cada um, então... Se você faz bondade, ou maldade, não precisa de ninguém falar nada, eu sei o que é e o que não é. Entendeu? Então, assim... Eu não quero mudar, não. Estou satisfeita na minha religião. Ai de mim se não fosse Deus. Você sabe de uma coisa? Sem religião, aqui nessa cidade, eu não sei como ia ser. O Deus que eu conheço, para mim, é que sustenta a gente nessa luta que temos que lutar dia após dia. E esse Deus eu conheci na Igreja Católica, quando eu passei a entender as coisas da religião. Antes a gente é criança e não entende tanto. Agora não, eu sei do que eu estou falando, quando falo de Deus e da Igreja de que gosto. (Empresária 2)²³⁹.

²³⁷ Entrevista gravada numa loja no bairro planalto, 10 ago. 2015.

²³⁸ Entrevista gravada na Igreja Católica, 10 ago. 2015.

²³⁹ Entrevista gravada na Empresa B, 12 ago. 2015.

A Empresária 2 não se vê dependente da opinião das pessoas. Sobre o que elas possam dizer para se manter na sua fé. Encontra satisfação na religião que escolheu. Reconhece que a sua fé é o meio para superar as dificuldades encontradas.

Francisco, nosso interlocutor, tem mãe católica, segundo ele, por mais que os filhos tivessem sugerido para ela mudar de religião, ela se manteve católica: “ela é católica. Tradicional. Difícil de ouvir a gente, que é filho. Todos os filhos aceitaram Jesus. Mas ela arraigou ali e ainda não teve um coração voltado para mudança. Continua tradicional”. (Francisco)²⁴⁰.

A postura da mãe de Francisco revela a construção individual da narrativa e do exercício da liberdade de sua opção, e não aceita os conselhos para se converter. Segundo Vallverdú (2008), “a conversão é uma condição prévia indispensável para o ingresso em uma comunidade pentecostal. Sua premissa teológica é aceitar a Jesus Cristo como salvador”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 131, tradução nossa)²⁴¹.

Na atualidade, dada a valorização da liberdade de escolha do sujeito contemporâneo, até opção religiosa, a adesão às instituições pode ser superficial e momentânea, sem a interiorização e aprofundamento da fé.

Das entrevistas realizadas em Nova Serrana, Marilda se declara católica, muito embora tenha frequentado a igreja evangélica batista: “já fui à igreja batista com uma amiga minha. Até frequentei um tempo quando eu era menor. Tinha uns 18 a 19 anos, eu fui e gostei.” (Marilda)²⁴². Segundo a entrevistada, ela voltou para a Igreja Católica devido à tradição de sua família, que é católica.

A diversidade de ofertas de evangelização no modelo neopentecostal e, no uso de sua liberdade, as pessoas podem “abandonar normalmente a identidade religiosa que lhes foi dada como herança, seja para adotar outra que elas mesmas venham a escolher, seja para juntar-se à crescente população daqueles que se definem sem religião”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 72).

Para ilustrar, vejamos a declaração de nossa entrevistada:

hoje sou da Igreja Missão Transcultural²⁴³. Nessa igreja tem mais ou menos um sete

²⁴⁰ Entrevista gravada numa loja no bairro planalto, 10 ago. 2015.

²⁴¹ “La conversión es una condición previa indispensable para el engreso en una comunidade pentecostal. Su premissa teológica es aceptar a Jesucristo como salvador”.

²⁴² Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

²⁴³ “Missão Transcultural é uma empresa de organizações religiosas localizada no Estado de Minas Gerais. A organização encontra-se na Rua Padre Liberio 261. Em Nova Serrana, MG. Esta empresa de capital privado foi fundada no ano de 2002 (12 anos atrás). Missão Transcultural encontra-se em funcionamento por um período considerado normal para uma empresa desse ramo de atividade no Brasil, e a menos de 4 anos da expectativa média de vida para uma empresa do segmento de organizações religiosas.” (MISSÃO TRANSCULTURAL, 2002).

anos que estou nela. Antes, eu era da Igreja Betel. Mas hoje, minha comunidade religiosa é como se fosse minha família. Eu não conseguiria viver, atualmente, se não fosse a Igreja Missão Transcultural. Porque lá recebemos todas as informações para vivermos melhor a nossa vida e isso também ajuda a dar conta do trabalho que fazemos aqui na fábrica. Acalma, entende? Deus opera no coração de quem lhe é fiel, e eu percebo isso aqui no trabalho e em minha residência. (Fernanda)²⁴⁴.

Os pais da entrevistada, assim como Fernanda, embora evangélicos, congregam numa terceira comunidade religiosa, desde que saíram da Igreja Católica: “hoje meus pais são da Igreja Deus é amor. Minha mãe fala que agora encontrou o lugar certo. Ela se sente em família.” (Fernanda). O que percebemos no depoimento da Fernanda é que ela se refere à igreja como a sua família, indispensável e acolhedora.

A aceitação e a vivência na diversidade religiosa é hoje um fato decorrente da liberdade e autonomia do sujeito contemporâneo. A diversidade se dá até intrafamiliar, como declara Fernanda:

nós nunca frequentamos a Igreja Católica. Mas eu e meus irmãos fomos batizados na Igreja católica ainda recém-nascidos. Só minha irmã caçula que foi batizada com oito anos, porque ela pediu. Meu pai já era evangélico, mas nós a batizamos na Igreja Católica assim mesmo. Era o desejo dela, nós respeitamos. Nós vemos assim: não importa se você é católico, se é evangélico. Isso não importa. Você tem é que ter Deus. Igual, eu sou evangélica, a minha mãe e ao meu pai, e eu tenho um irmão que não é de nenhuma igreja, e minha irmã foi batizada na igreja católica por escolha própria e hoje é evangélica. (Fernanda).

Um relato interessante que merece ser registrado é o da Lecimar. Ela, no exercício de liberdade de escolha, ao se sentir pressionada pelas regras da instituição à qual pertencia, optou por “abandonar, por um tempo” a sua comunidade religiosa e “viver as coisas do mundo” (Lecimar)²⁴⁵ e que não correspondiam aos seus interesses particulares e temporal. Explica:

sou da Igreja Assembleia de Deus. Sou evangélica desde criança. Desde os meus sete anos que meus pais são evangélicos. Claro que tem uma determinada época que a gente fica meio rebelde, né? Então, teve uma determinada época que eu saí da Igreja. Fiquei um tempo fora, mas depois voltei a praticar mesmo a religião. Eu fiquei um tempo fora, mas eu sempre sentia a necessidade de voltar. Porque é assim... Quando você é criado numa igreja, seja qualquer uma, você tem normas a serem cumpridas... E tinha coisas na Assembleia de Deus que, às vezes, naquela época, eu que era adolescente, não podia fazer... Então, aquilo ficava me martelando, sabe? E com o tempo fui crescendo, então eu saí para viver aquilo que lá eu não podia viver... Por exemplo, na minha igreja a gente não podia ir a um baile, ou a um barzinho... Esse tipo de coisa, que, naquela época para mim, eu achava o máximo, então eu tinha que viver tudo aquilo. Eu saí e fiquei um bom tempo fora. Tudo que a igreja proibia, fora dela, eu vivi. Vivi momentos bons e ruins. Mas eu quis viver, eu quis conhecer. Com o tempo percebi, por mim mesma, que estava na hora de voltar. Mas enquanto estive

²⁴⁴ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

²⁴⁵ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

fora, por exemplo, eu queria farrear. Quando digo farrear, é fazer coisa de adolescente, coisa de jovem. Eu queria curtir, ir a um baile, a uma festa no fim de semana, sair com amigos, tudo isso eu fiz quando estive afastada da igreja. Com o tempo, eu vi que aquela vida não estava me trazendo vantagem. Eu senti falta da minha religião. Eu gosto da minha religião. Quando estava fora, achava que fazendo tudo aquilo eu era feliz. Mas eu não encontrei a felicidade que eu achava que eu ia encontrar. Eu até que demorei um bom tempo para voltar para a igreja. Eu voltei tinha 25 anos. Quando estava fora da igreja, eu sentia sempre um vazio dentro de mim. Na Assembleia de Deus, eu sou feliz. Agora tenho Deus e, sem ele, não sou nada. (Lecimar).

O depoimento de Lecimar encontra sintonia com o que ressalta Bauman (2003) “a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado”. (BAUMAN, 2003, p. 24). A liberdade da entrevistada não era suficiente para se situar no mundo, é necessário algo mais para dar sentido à vida. No caso da entrevistada, é a comunidade religiosa.

Em entrevista, o José Flávio, nosso interlocutor, que se declara católico, mas não é praticante:

sou católico, mas há muitos anos que não vou à igreja. Sou batizado. Tem uma igreja aqui do lado. Mas eu só tenho, no momento, fé em Deus mesmo e sigo a vida. Deus para mim é Jesus Cristo mesmo, só tenho fé nele e pra mim basta já. Sou desvinculado da Igreja Católica (José Flavio)²⁴⁶.

No caso do José Flávio, ele é desvinculado ou não estabelece vínculo com a instituição, mas com Deus, por meio da fé.

A entrevistada Petrolina tem uma trajetória de fluxo entre as igrejas e conta que em sua terra natal pertencia a uma igreja, mas foi convertida: “lá eu era da batista. Aqui eu frequento a Assembleia. Às vezes, quando vou. Tem uma também que é “Águas que curam”, às vezes, eu vou... É lá perto de casa...” (Petrolina)²⁴⁷. A diversidade religiosa vivida por Petrolina é justificada com razões coerentes com sua história de vida:

quando eu estava com uns 12 anos, fui trabalhar na casa de uma mulher. Lá eu aceitei de novo, eu me batizei porque meu batismo não tinha sido válido, porque eu não sabia o significado, não tinha tido estudo nem nada, eu me batizei de novo e fiquei até os 16 na Igreja Batista. Aí saí e, com pouco tempo, aí fui casei. (Petrolina).

Continua:

eu fui a uma igreja evangélica e, lá, a doutrina é muito forte. Eu creio que aquela doutrina, hoje em dia, não existe mais. Porque teve a renovação. Teve o novo e o velho testamento... Eu fui lá... Lá não podia pintar cabelo, não podia depilar, não podia fazer sobrancelhas... E tipo assim, Deus não está vendo isso. O que penso é que para Deus o que importa mesmo é o coração. Tem que ter a doutrina, senão vira bagunça...

²⁴⁶ Entrevista gravada na Praça Jardim do Lago, 10 ago. 2015.

²⁴⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

mas, o coração das pessoas deve ser valorizado. (Petrolina).

Nesse caso, os princípios morais podem ser determinantes para a adesão a uma determinada doutrina religiosa. Embora reconheça que são necessárias determinadas normas para garantir a ordem e a organização social. Porém, a prescrição de comportamento, vestimentas e costumes podem, em vez de atrair, afastar as pessoas. Vejamos:

tipo assim. Que cada igreja tem uma forma de trabalhar. Há igrejas que não aceitam saia até certo limite, que não pode cortar o cabelo. Há uma que não sei o nome que não pode cortar o cabelo, não pode fazer sobrancelhas, não podia fazer depilação nas axilas, nas pernas. Não podia vestir vestido de saia acima do joelho – não podia. (Petrolina).

As determinações da comunidade religiosa, para a entrevistada, eram muito pesadas e fora dos preceitos bíblicos: “eu acho errado, porque na Bíblia não tinha isso. Eu vivo de acordo com o que tem na Bíblia. Se eu nunca vi isso na Bíblia, se ninguém nunca pregou disso pra mim, então para mim não é válido”. (Petrolina). A informante ainda não se definiu por uma determinada Igreja, mas está sempre em busca de realização, em alguma comunidade religiosa. A proximidade da Igreja Águas que Curam da residência de Petrolina pode ser vista como um fator que contribui para com a sua participação na referida comunidade religiosa, mesmo que, “às vezes”, conforme afirma a entrevistada.

De acordo com o Censo do IBGE, é grande o número de católicos que mudam, ou se convertem para as Igrejas Evangélicas, mas não raro a conversão pode ser também ao contrário: “já fui à Igreja Evangélica quando morava em São Paulo, aqui em Nova Serrana, sou católica.” (Remilda)²⁴⁸. Ao ser indagada porque mudou para a Igreja Católica, a entrevistada ressaltou que foi por “um convite de uma amiga para participar do grupo de RCC, da Igreja São Sebastião.” (Remilda). Observa:

o grupo da RCC, da Igreja Católica não tem muita diferença da igreja que eu frequentava. Então, acabei ficando, porque me senti acolhida por todos e hoje considero todos como meus irmãos. Eu me sinto bem, porque no grupo da RCC encontro sentido para minha vida e vi que Jesus está presente no meu coração e me dá forças para viver aqui. Sem Ele eu não conseguiria viver. (Remilda).

A declaração da entrevistada alude ao fato da influência da rede de sociabilidade nas opções por determinadas comunidades religiosas que, em seu caso, foi pelo convite de uma amiga. Ela encontrou na RCC elementos correspondentes à igreja que participava

²⁴⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

anteriormente. Nesse sentido, o acolhimento experimentado pela entrevistada fez com que ela se fidelizasse naquela comunidade religiosa, reforçando sua caminhada religiosa “pelo apoio e testemunhos dos que agora considero irmãos em Cristo” (Remilda) e, por isso, se sente pertencente.

Segundo Vallverdú (2008), nos momentos de crise ou quando os mecanismos sociais que apoiam os indivíduos se deterioram, “aparecem novas crenças religiosas ou variantes das religiões estabelecidas para satisfazer as necessidades dos indivíduos e conservar certa coesão social” (VALLVERDÚ, 2008, p. 97, tradução nossa)²⁴⁹, principalmente no contexto urbano, industrializado, em que Nova Serrana está inserida.

Os períodos de crise, a falta de segurança e o enfrentamento de novos ambientes, comumente observado entre os imigrantes, levam o sujeito a se apegar a Deus e buscar um ponto de referência para se apoiar, como relata Francisco: “a gente sabe que a segurança em Nova Serrana é boa, mas não tem como vigiar em todos os cantos, a gente trabalha aí com a proteção de Deus.” (Francisco)²⁵⁰ Nesse caso, a busca de proteção de Deus, e não à polícia.

Para Hervieu-Léger (2008), quanto “mais a incerteza do porvir é grande, mais a pressão da mudança se intensifica e mais as crenças proliferam, diversificando-se e disseminando-se ao infinito”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 41). Seguramente, haverá outras motivações, mas as mais recorrentes são essas.

É provável afirmar que, ainda que exista liberdade de escolha, a influência da família e o processo de socialização são elementos importantes para as escolhas religiosas. Explica Ricardo:

sou católico por causa da minha mãe, que é muito católica e me levou à católica. O que eu acho esquisito é aquela folhinha. Sempre é aquela mesma folhinha. Entra ano e sai ano, sempre a mesma coisa, a mesma coisa, a mesma reza. É muito raro eles abrirem e lerem a bíblia. Apesar de que tá na folhinha, a maioria tem na bíblia. Mas é muito raro eles abrirem a bíblia e ler o que tá na bíblia. (Ricardo)²⁵¹.

Ainda que Ricardo tenha críticas sobre a forma de conduzir a celebração na Igreja Católica e tenha experimentado participar de outras Igrejas, ele se mantém aí por causa da mãe.

Explica Ricardo:

já fui à igreja evangélica, porque arrumei uma namorada lá. E ela me chamava, acabei indo. Indo... Indo... Indo Na Evangélica, parece que as pessoas, para eles, se não forem

²⁴⁹ “aparecen nuevas creencias religiosas o variantes de las religiones establecidas para satisfacer las necesidades de los individuos y conservar cierta cohesión social”

²⁵⁰ Entrevista gravada numa loja no bairro planalto, 10 ago. 2015.

²⁵¹ Entrevista gravada no bairro Planalto, 21 jul. 2015.

crentes, está no mundo, não tem mais jeito... tem que tá lá dentro da igreja. Uma coisa que eu acho assim meio esquisito. (Ricardo).

Ricardo frequentou também o espiritismo: “uma vez uma colega minha, que é espírita, me convidou. Fui uma vez só também. Achei interessante também. Eu achei que é a religião que chega mais perto da realidade”. E acrescenta:

eu fui lá e fiquei com medo, pensei que era uma coisa ruim. Quando a gente escuta falar em espiritismo já fica assim, “arreceoso”, de estar indo para o caminho errado. Chegando lá, a única coisa que eu ouvi é que a gente tem que fazer o bem. É tipo uma palestra. Eles não falam mal de ninguém. É tipo um curso. Você vai lá, e eles falam que a gente tem que fazer o bem pra receber o bem. O que você planta é o que você vai colher. Se você fizer o mal, você vai colher o mal. Você vai pagar por aquilo que você fez. Eu achei isso muito interessante. Tenho muita vontade de voltar. Só fui uma vez. Eu fiquei apaixonado. O lugar é pequenininho, mas o pessoal faz bazar pra arrecadar dinheiro para alguma entidade carente. Eles fazem essas coisas. Eu gostei. As palavras são bem reconfortantes. Lá, ninguém pergunta para que você veio, ou de onde você é. Vai muito dentista, vai muito médico, sabe? Muito professor. Eles gostam muito. Pessoal tudo de branquinho. Acho que eles saem do trabalho e vão para lá. Todos com a roupa do trabalho. Todos de branco. Sapatinho branco. Eu achei engraçado que isso é uma coisa que chamou a atenção também. Na hora do passe, você se senta, uma música bem baixinha, uma luz bem fraca. É um ambiente relaxante. Tem gente que dorme. Ai chegou a hora. A primeira vez que eu fui, era dia de passe. Eu fiquei nervoso demais. Eu falei: meu Deus do céu, acho que vou cair aqui. Vou estrebuchar no chão. Ai eu fiquei... até arrepio quando me lembro... Cheguei para tomar o passe, um senhor com a voz bem calma falou assim... “calma, meu filho, você está muito estressado, está muito nervoso, não tem nada dessas coisas que você estava pensando aqui...” Eu não sei como ele adivinhou que eu estava daquele jeito. Ai eu me acalmei. A gente não escuta o que é o passe, não, né? Não sei se ele fala alguma coisa, com a mão voltada pra cabeça da gente. Chega lá, você senta numa cadeira, e eles começam a falar das coisas do mundo, eles acreditam muito em vida após a morte, né? Único diferencial deles é que eles acreditam muito nisso... Que quando morre não acaba. (Ricardo).

A experiência do Ricardo em um Centro Espírita em Nova Serrana é rica em detalhes e mostra o quanto o nosso entrevistado soube observar e sentir o momento que, para ele, causa arrepio ao lembrá-lo. Porém, a ideia da reencarnação não soou bem aos ouvidos do Ricardo e outras explicações não foram convincentes: “não volto no espiritismo é porque as pessoas têm muito muito preconceito. Minha mãe, se ela souber que eu fui lá, acho que ela dá um infarto. Porque tudo dela é Padre Cícero, Padre Libério. Eu não acredito nessas coisas. Mas cada um tem sua escolha, né.” (Ricardo).

As experiências proporcionaram a Ricardo uma postura crítica e, ao mesmo tempo, confundiu seus pensamentos. Segundo Hervieu-Léger (2008), “essa religiosidade peregrina individual, portanto, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora ao mesmo tempo que pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 90). Talvez, no caso do Ricardo, a incerteza da pertença,

por mais crítica que seja sua posição, em face das comunidades religiosas que tenha participado, tenha como causa o medo de contrariar a família. Mesmo na incerteza da pertença, Ricardo apresentou, a seu modo, o rito de cada comunidade religiosa e o que mais lhe atraiu foi o espiritismo.

O depoente Ricardo afirma ainda que para todas as suas experiências com as comunidades religiosas sofreu algum tipo de influência, quer de familiares, quer da namorada, quer de amigos. A influência da rede de sociabilidade é comum no processo de mudança de comunidade religiosa.

5.5 A rede de sociabilidade e sua influência na religiosidade do indivíduo

A rede de sociabilidade religiosa, amparada pelos interesses e necessidades específicas de cada indivíduo, ressaltada por Bourdieu (2009) e por Simmel (1983), muitas vezes é que influencia determinados indivíduos e, no caso desse estudo, em suas opções religiosas.

Segundo Hervieu-Léger (2008), “em uma sociedade em que a religião tornou-se assunto provado e matéria de opção, a conversão assume, antes de tudo, a dimensão de uma escolha individual, na qual se manifesta, por excelência, a autonomia do sujeito ‘crente’”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 108).

Ainda que a conversão seja de caráter individual, pode ocorrer influência externa, sobretudo de familiares e da comunidade: “o encontro de uma testemunha que se torna um guia na fé, por um lado, e o apoio da comunidade, por outro, são elementos decisivos de um processo de integração sócio religioso que se confunde com o percurso da transformação pessoal”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 121). A autora afirma ainda que “no seio do grupo dos convertidos, é a intensidade do engajamento por cada um que valida, para os demais, as crenças partilhadas”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 161).

Vejamos o caso da interlocutora Vilma:

na época que a minha mãe foi para a religião evangélica, foi para o cristianismo, ela foi convidada por uma vizinha nossa, muito amiga dela, porque, lá em casa, meu pai e minha mãe bebiam muito. Eles já moravam em Nova Serrana. Na hora do almoço, era uma garrafa de cachaça mesmo. A gente costuma dizer, canjibrina... não sei se você conhece esse soar assim. E eles, quando bêbados, brigavam muito. Era uma briga atrás da outra. Meu pai violentava minha mãe, a ponto de pegar foice para matá-la. Alguma coisa assim. Depois que minha mãe foi para o cristianismo, tudo mudou. Agora é só paz lá em casa. (Vilma)²⁵².

²⁵² Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

O engajamento de um, a mãe, por influência da vizinha, teve um efeito positivo para a vida familiar com uma nova maneira de viver.

Além da paz instaurada na família, em seu depoimento, a entrevista ressalta ainda que “meu irmão foi curado, logo depois que minha mãe fez opção por ser do cristianismo e, com ela, toda a família”. (Vilma). A cura do irmão é vista pela entrevistada como provação: “eu creio que Deus quis usar a fé dela ali. Então, por meio desse ato dela, ou seja, do ato de Deus por intermédio da cura, realizando o milagre ali, então ela começou a ser praticante. Aí foi toda a família.” (Vilma).

Outros convertidos às Igrejas Evangélicas, que foram entrevistados, ressaltam a importância da influência de amigos, parentes, namorados, vizinhança, etc., em seu processo de mudança de religião, ou de pertença a uma comunidade religiosa.

Em seu depoimento, a entrevistada Leontina afirmou que pertence, há um ano, à Igreja Pentecostal Deus é Amor²⁵³ e contou-nos que era católica e que pertencia ao movimento do Apostolado da Oração, em Nova Serrana. Certa vez, ficou muito doente e foi internada na Santa Casa de Misericórdia em Belo Horizonte. Para sua surpresa, somente uma vizinha, que era evangélica, da Igreja Pentecostal Deus é Amor, é que foi a Belo Horizonte visitá-la. Leontina exclamou, agradecida: “e eu nem paguei a passagem para ela. Ela pagou do bolso dela!”. Ao receber alta hospitalar, a mesma vizinha prestou-lhe toda a assistência que precisava, enquanto se recuperava. O pastor da Igreja que a vizinha frequentava foi orar em sua casa.

Leontina sentiu a falta das pessoas da sua comunidade religiosa: “ninguém da Igreja Católica veio me visitar.” Quando se recuperou, sentiu vontade visitar a Igreja da vizinha. Foi tão bem recebida que nunca mais quis abandonar a referida comunidade religiosa: “minha família agora é minha Igreja. Estou feliz lá. Todos me acolhem bem e me ajudam quando preciso de alguma coisa.”

No depoimento de Leontina, podemos constatar o que ressaltou Simmel (1983), onde interesses e necessidades específicas fazem com que as pessoas passem a conviver solidariamente. A necessidade de Leontina, quando esteve enferma, foi sanada pela visita da vizinha que era evangélica, muito embora a entrevistada fosse católica. Atualmente, como membro dessa comunidade religiosa, tem uma rede de amigos que foi responsável pela sua conversão.

²⁵³ “A Igreja Pentecostal Deus é Amor foi fundada no dia 03 de Junho de 1962, pelo Missionário David Martins Miranda, conforme orientação do Senhor, segundo os seus santos propósitos. Hoje, a IPDA já está com mais de 22 mil igrejas espalhadas pelo Brasil e mais em 136 países em todo o mundo.” (IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR, 2015).

Segundo Legros et al. (2007), religião é “um tipo particular de atividade simbólica, que consiste, de maneira geral, a dar sentido aos elementos já significantes. O sentido adicionado corresponde, aqui, a uma transcendência”. (LEGROS et al., 2007, p. 218). Ou seja, os autores entendem que religião dá sentido aos elementos já significantes e é uma maneira de extrapolar as instâncias terrenas e palpáveis e se encontrar, mesmo quando estão presos na efemeridade da existência biológica e temporal, com o transcendente e ilimitado.

Muitas pessoas, com as quais conversamos, experimentam, em Nova Serrana, o acolhimento da comunidade religiosa evangélica, especialmente aqueles que chegam sem os seus familiares, sozinhos e carentes de acolhimento. Nas entrevistas com alguns líderes religiosos, em Nova Serrana, o Pastor, em seu depoimento, deixa claro que,

na realidade as pessoas chegam a Nova Serrana, a maioria sem família, sem pessoas conhecidas... e, então, geralmente, eles ficam ociosos, sem o que fazer e sem com quem conversar para aliviar a saudade. Então, falam, vou à Igreja. Vêm à igreja, muitas vezes, até por meio de colegas do trabalho que são crentes e que convidam e que chamam para virem à igreja. Eles vêm, e a Igreja se torna o lugar onde ele passa a conhecer pessoas e encontrar forças para morar em Nova Serrana e para até, progredir na vida. Porque a Palavra está aí, e eu sempre repito: Tudo vos será acrescentado. Até as forças, para aguentarem viver aqui. (Pastor)²⁵⁴.

No depoimento do pastor, observamos que a procura pela comunidade religiosa, como lugar para o exercício da sociabilidade, é prática comum entre os imigrantes em Nova Serrana. Essa procura pode ser influenciada pelos colegas de trabalho, amigos, parentes ou vizinhos, sobretudo por aqueles que vivenciaram as dificuldades de inserção na nova sociedade. Nas Igrejas encontram alternativas para a solução dos problemas e carências e, por meio da ajuda mútua, acabam se inserindo na rede social.

Por parte da Igreja, a proposta de acolhimento, muitas vezes, é de cunho mercadológico sobre salvação e fidelidade, veiculada pela ideologia da nova evangelização.

A ideologia, que é repassada aos indivíduos pelas comunidades religiosas, garante ao indivíduo muito mais do que, supostamente, ele foi buscar. Ou seja, mais que relacionamentos humanos, serão as bênçãos em forma de prosperidade, para quem permanecer fiel. A fidelidade é cerceada em forma de coesão entre os membros, regidos pelas normas e preceitos da comunidade religiosa.

²⁵⁴ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 14 jul. 2015.

5.6 O controle da instituição religiosa

A existência do controle institucional nas comunidades religiosas, bem como as sanções impostas àqueles que não se adaptam aos preceitos da igreja, é uma realidade independentemente da igreja, de acordo com as narrativas dos participantes desta pesquisa.

O controle entendido como de socialização, observado nos rituais de iniciação e de passagem, que, segundo Prat (2008): “o peso da ideologia eclesiástica é – em muitos casos ainda é – fundamental na administração dos ritos de passagem, transmutados nos sacramentos: o batismo, a primeira comunhão, a confirmação, o matrimônio e os funerais que pautam a totalidade do ciclo vital.” (PRAT, 2008, p. 17, tradução nossa)²⁵⁵.

Segundo a informante Fernanda, na comunidade religiosa que frequenta, “todos são livres, mas se fazem parte da Igreja, têm por obrigação corresponder com o que lhes é pedido”. Ainda, segundo a entrevistada, existem atividades para todas as faixas etárias, como exemplo, sua filha de 13 anos exerce um ministério na Igreja, participa da equipe de louvor – essa equipe promove a animação com cantos e hinos, durante os cultos – e é ministra da formação de crianças. O ministério da filha de Fernanda consiste em ler e pregar a palavra de Deus para as crianças, como ressalta a entrevistada:

minha filha faz parte do louvor, cuida dos adolescentes e dos menores. Ministra para os menores. Este fim de semana tem a Escola Bíblica de Férias (EBF), sábado o dia todo. Vai ter pipoca, cachorro-quente, algodão-doce, pula-pula... dentro da igreja. Aí ela chama as crianças evangélicas, as que não são evangélicas, as católicas, as que não têm igrejas, os que não tiver carro, nós vai na casa e busca e leva para onde vai ser ministrada a palavra de Deus para as crianças. Ali elas aprendem a honrar pai e mãe. Ali elas vão aprender a palavra de Deus e se divertir também. Elas estão de férias, né? (Fernanda).

No depoimento da Fernanda, são várias atividades, incluindo as de lazer. Essas atividades ajudam a manter a coesão de seus membros e formar outros, no caso específico, as crianças e os adolescentes.

Parece que a prática de doutrinação independe da Igreja. A nossa entrevistada Lecimar, que se declara, atualmente, membro da Assembleia de Deus, fala das sanções, muitas vezes, bem rígidas e controladas, que foram causas de seu afastamento, por um bom tempo, como vimos, de sua comunidade religiosa:

²⁵⁵ “[...] el peso de la ideología eclesiástica es – en muchos casos todavía es – fundamental en la administración de los ritos de paso, transmutados en los sacramentos: el bautismo, la primera comunión, la confirmación, el matrimonio y los funerales que pautan la totalidad del ciclo vital”.

a igreja proíbe, por exemplo, ir a uma festa. Você não pode ir a um baile. Ninguém vigia. Não tem ninguém pra vigiar. Claro que as pessoas veem. Se a gente for, vão chamar nossa atenção. Geralmente, quem é responsável vai chamar para conversar. Nesse caso pode ser um pastor ou a pessoa que é coordenadora. Por exemplo, assim, quando é jovem, tem sempre uma pessoa que coordena os jovens. Essa pessoa fica responsável por conversar. (Lecimar)²⁵⁶.

O aprendizado religioso por meio de regras e normas é passado para o adepto, de forma a limitar suas ações. E quando há a infração das normas, a pessoa, no dizer da entrevistada, é chamada para uma conversa. Nesse caso, sobretudo, as sanções encomendadas impedem a liberdade de escolha do indivíduo, a ponto de ele preferir se afastar da Igreja e livrar-se da culpa que, supostamente, pode tornar-se insuportável.

Segundo Berger e Luckmann (1999), “as instituições devem ter, e de fato exigem, autoridade sobre o indivíduo, não importa que significados subjetivos este possa atribuir a qualquer situação particular”. E quanto à coesão das novas gerações, os autores ressaltam ainda que “as crianças devem aprender a comportar-se e, uma vez ensinadas, devem ser mantidas na linha”. A institucionalização da conduta “previsível e controlada” é priorizada para garantir a legitimidade da Igreja, que entende que “quanto mais a conduta é tida como garantida ao nível dos significados, tanto mais reduzidas ficarão as possíveis alternativas aos ‘programas’ institucionais, e mais previsível e controlada será a conduta”. (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 73).

O acompanhamento dos adolescentes visa à obediência às prescrições da referida comunidade. A missionária monitora os adolescentes em todos os setores de suas vidas, “ela vai à escola para ver como eles estão se comportando. Ela também vai às casas dos adolescentes, para ver com suas famílias como está o comportamento deles. Ela acompanha o adolescente de pertinho”. (Fernanda)²⁵⁷. Caso seja constatada alguma infração, eles sofrem punições, “porque eles querem participar de tudo que há na igreja. Querem subir no altar, querem louvar. Mas, para fazer isso, eles têm que ter uma vida santa. Senão a missionária não deixa”. (Fernanda).

As sanções fazem parte do aprendizado que tem como fim uma “vida santa”, controlada e submissa, que são “inalteráveis e muito evidentes”. (BERGER; LUCKMANN, 1999, p.71). Ou seja, adequadas à ordem institucional. Em se tratando de adolescentes, é explicado pelo “a nova geração levanta o problema da obediência e a sua socialização dentro da ordem institucional exige o estabelecimento de sanções” (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 73), que recaem mais sobre o comportamento do que nas ideias ou pensamentos.

²⁵⁶ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

²⁵⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

Para esse seguimento especial, são realizadas atividades fora dos muros das Igrejas, como: louvores, escola bíblica, cultos, pregações em praça pública, promovidas pelos grupos específicos de cada ministério, nas diferentes comunidades religiosas evangélicas, com controle de presença, de participação e atuação, feito pelos responsáveis pelos ministérios²⁵⁸. São feitos ainda rituais de música, de pregação, de dança, de louvor, aconselhamentos, oficinas e formação, etc., acompanhados pelos membros da Igreja.

Constatamos que, na Igreja Católica, são realizadas atividades semelhantes às das Igrejas Evangélicas citadas, como os grupos de jovens, RCC, movimentos como: apostolado da oração, mãe rainha, cursilho de cristandade, Encontro de Casais com Cristo, Vicentinos, etc., que também cumprem o papel da manutenção da coesão de seus membros.

Ao indagar sobre a formação religiosa, o Pastor contesta:

nós temos o departamento infantil. Que é o que toma conta das nossas crianças. Ele faz um trabalho com nossas crianças. Domingo de manhã nós temos uma escola bíblica dominical, onde nós temos classes para crianças de 01 a 03 anos, de 04 a 06 anos, de 07 a 10 anos, de 10 a 12, de 12 a 15 anos. Toda essa faixa etária, um assunto direcionado a essa faixa etária. E temos o departamento de jovens, que cuida dos adolescentes e dos jovens, que têm a escola bíblica e todo mês temos um culto deles, direcionado para eles. Eles que fazem, eles que dirigem, eles que programam o trabalho. E todos os departamentos têm um líder que cuida deles. (Pastor)²⁵⁹.

Nessa declaração, é possível observar que a Assembleia de Deus preza pela formação e controle dos membros, como a Igreja da Missão Transcultural e outras instituições religiosas, desde os primeiros anos de vida. Isso pode ser visto como uma forma de “adestramento” religioso controlado, vigiado e em forma de uma cartilha de comportamento.

Também em outros relatos observamos a sutileza do controle institucional, homologado pelos pais das crianças, em sua comunidade de fé. Em seu depoimento, a entrevistada Vilma, da Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus, fala:

os meus filhos, eles passam mais tempo na Igreja do que em casa. Eu não acho ruim. De preferência, eles na igreja do que na rua. A rotina de sábado mesmo. A de 13 anos vem para a igreja 7 horas da manhã para ensaiar, e tem outro ensaio às 9 horas. Essa aqui (referindo à criança que estava do seu lado – sua filha de 9 anos) vem para o ensaio às 3 horas. Quem vem para o ensaio cedo já fica para o culto à noite, dos jovens, que eu não proíbo eles. Também ai já fica pra o culto à noite. Eles vão para lanchonete, pizzeria, mas evangelizando e fazendo culto também. Nada fora da “liturgia” da Igreja. (Vilma)²⁶⁰.

²⁵⁸ Ministérios são os serviços realizados pelos leigos nas diversas comunidades religiosas, em sintonia com a organização e orientação de cada igreja. Geralmente esse serviço é voluntário.

²⁵⁹ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 14 jul. 2015.

²⁶⁰ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

A Igreja se responsabiliza em ocupar integralmente o tempo das crianças direcionando-as à doutrinação religiosa. Em troca, na afirmativa da mãe, desvia o filho da rua e, de certa forma, da convivência familiar.

Os mecanismos impostos pelas instituições religiosas servem para a manutenção do sistema de controle de seus adeptos, reconhecida como “fidelização”. Não é uma nova modalidade de doutrinação do sujeito, diferentemente, existe nas igrejas tradicionais que disponibilizam diversos empreendimentos para manter a coesão dos seus fiéis. Esses mecanismos chegam até às escolhas afetivas dos sujeitos. Como exemplo, em seu depoimento, a entrevistada Fernanda ressalta que em sua comunidade religiosa há uma regra para escolher o namorado. Geralmente, os jovens são atraídos pelos próprios membros da Igreja e

o namoro tem que ser em santidade. Ou seja, se os dois estão interessados um no outro, não há beijos nem abraços. Eles vão orar juntos, para ver se Deus aprova a união. Orei junto com meu marido por nove meses. Antes, porém, já haviaorado com outro jovem, mas Deus não quis que eu me casasse com ele. Orar somente, sem o contato físico com o namorado, é muito difícil, mas não é impossível, a gente aguenta. (Fernanda)²⁶¹.

Esse controle é também observado na Igreja Assembleia de Deus, quando os jovens se sentem atraídos sentimentalmente. Segundo Lecimar,

o meu namoro durou pouco tempo, porque não foi fácil aguentar ficar do lado dele somente rezando. Namorei por três meses, porque, tanto eu e meu namorado já tínhamos tido uma experiência sexual antes e estava difícil de aguentar ficar sem relação sexual. No meu caso, eu experimentei o sexo durante o período em que vivi afastada da comunidade religiosa, porque quis experimentar as coisas do mundo. (Lecimar)²⁶².

Na Igreja Católica, tradicional, não há controle sobre o namoro de seus fiéis, muito embora há a prescrição legal de que o sexo só deve ser praticado depois do casamento (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, 1995). Já na ala da Igreja Católica, cuja evangelização tem o viés neopentecostal, pela RCC, o controle da vida afetiva e sexual de seus adeptos é mais rígido e, em muitos casos, segue as mesmas orientações das demais igrejas neopentecostais, como no caso da comunidade Gospa Mira²⁶³ em Belo Horizonte.

Em ambos os casos, tradicional ou pela RCC, na Igreja Católica, o casamento é precedido de um curso de noivos, que se constitui de palestras, orações e partilhas de

²⁶¹ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

²⁶² Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

²⁶³ A Gospa Mira é uma comunidade religiosa Católica, com viés da evangelização neopentecostal, que mantém um programa de rádio cujo tema é “namoro santo”. Também possui uma página no facebook que apresenta um projeto com o mesmo nome. (PROJETO NAMORO SANTO, 2016).

experiências de vida em conjunto com outros casais, conforme declarou o padre da Paróquia de São Sebastião:

todo namorado que vai ficar noivo e que pretende se casar tem que fazer um curso de noivos. Esse curso vai orientá-los sobre o casamento, sobre a vida sexual, como é o relacionamento conjugal, como é uma administração do lar, tudo isso é importante e ensinado antes de eles se casarem. Nós só agendamos casamento na nossa Igreja se participar do curso de noivos. Esse curso demora três meses, todos os sábados. (Pastor)²⁶⁴.

As instituições religiosas mantêm o controle de seus adeptos e, nesses considerados cursos, tanto o cotidiano como a prática sexual é ensinada por supostos especialistas, que são casais exemplares.

A coesão ratifica a religião oficial, institucionalizada por meio de manipulação simbólica, garante leis e princípios reguladores, impedindo ou dificultando outras manifestações que, por ventura, venham a apresentar de maneira diferente ao magistério constituído.

Essa prerrogativa é também observada ao longo da história, em que as diversas manifestações religiosas, em diferentes partes do mundo, são consideradas populares. Elas rompem com o controle institucional e são constituídas por práticas de determinados grupos independentes. Elas suscitam da religião oficial o diálogo e a atenção para com a sua diversidade, seus valores culturais que justificam sua resistência e enfrentamento.

5.7 Religiosidade popular: um diálogo possível com a religião oficial?

A religiosidade popular pode ser compreendida como aquela que extrapola as normativas da religião oficial, “vem do povo, que pode evocar manifestações ligadas ao sagrado, suas práticas de cura, devoção a santos ou festas de rua, por oposições ao que é oficial, ao que vem da Igreja”. (NASCIMENTO, 2009, p. 119). Nessa perspectiva, entre os traços culturais, a religiosidade é uma herança cultural do coletivo e é mantida e reproduzida nas relações interpessoais, especialmente nas celebrações festivas.

Até o século XIX, as festas religiosas “foram os acontecimentos mais importantes das cidades brasileiras, fonte de lazer coletivo e de presença no espaço público”. (LEONEL, 2010, p. 39). No decorrer do tempo, algumas festividades dessa natureza foram se distanciando das cerimônias institucionalizadas, tomando um caráter popular “marcado por sua exterioridade e

²⁶⁴ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 14 jul. 2015.

pela diluição de fronteiras entre o sagrado e o profano, o público e o privado, mais orientada para o concreto e para o mundano do que para abstrações de cunho institucional”. (LEONEL, 2010, p. 40). Os rituais religiosos, nesse caso, são organizados para festejar a memória, a partir da experiência vivenciada, mesmo que este evento seja por devoção a um santo da Igreja Católica, como aqueles cultuados pelos escravos no tempo da escravidão.

Para Nascimento (2009), “os santos têm, na religiosidade brasileira, importância capital: eles demarcam territórios, identificam profissões, nomeiam escolas, ruas, logradouros públicos e, sobretudo, serviram (e ainda servem) de instrumento de agrupamento étnico”. (NASCIMENTO, 2009, p. 126). Os santos, na compreensão da autora, constituem um marco na experiência coletiva, ao mesmo tempo que são considerados intercessores entre os homens e Deus, a quem se devem os milagres e favores concedidos à vida humana.

Há que se levar em conta também que na religiosidade popular existem os santos que são especialistas em se tratando de cura das partes do corpo, ou situações de vida das pessoas. Como exemplo pode-se citar: Nossa Senhora das cabeças, indicada para as dores de cabeça; São Brás, para tratar incômodos de garganta ou algum engasgo; Nossa Senhora do Bom Parto, ajuda a mãe na hora do nascimento de sua criança; Santa Luzia, para curar os males das vistas; Santo Antônio, para arranjar às solteiras um bom casamento; Nossa Senhora do Desterro, para resolver pendências em algum tipo de relacionamento; São Judas, para causas impossíveis; Santa Rita, para causas impossíveis; São Francisco, protetor dos animais. São Sebastião, protetor da lavoura e dos animais do campo; Santo Expedito, para as causas imediatas e, assim, muitos outros santos ocupam o papel de provedores das necessidades humanas, no imaginário religioso popular.

Na pesquisa de campo, foi possível observar que, em Nova Serrana, essa modalidade religiosa é presente entre os moradores da cidade. Como explica o entrevistado Claudenir: “lá na Bahia, o santo popular é Bom Jesus da Lapa, e eu tenho devoção a ele”²⁶⁵. Bom Jesus da Lapa nomeou uma cidade, lugar de peregrinação de milhares de pessoas, especialmente nordestinas. Outro entrevistado, Pedro Afonso: “gosto da Igreja Católica, eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida”²⁶⁶, e Antônio fala de seus santos prediletos: “meus santos de devoção são: São Pedro e Santo Antônio. Porque é o santo que tem o meu nome. E eu me apego mais a ele. São Pedro é porque é padroeiro da minha cidade. Costumo me apegar a esses santos mais próximos que a gente costumava ver desde criança”²⁶⁷.

²⁶⁵ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

²⁶⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

²⁶⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 06 maio 2015.

Também a entrevistada Cláudia ressalta:

tenho devoção a Nossa Senhora. Minha mãe é devota, ora todas as noites e todas as manhãs, mas ir a igreja, ela não vai muito não. Na hora do meu sufoco, eu recorro a Nossa Senhora. Ela nunca me desampara. No momento de angústia sempre peço a Nossa Senhora Aparecida para interceder por mim. Ela nunca me deixou na mão. Às vezes, sinto saudade da família, indecisões nos relacionamentos, sempre peço para ela interceder por mim a Jesus. Eu rezo e oro todas as noites. Não vou muito à igreja, mas sempre estou rezando em casa. (Cláudia)²⁶⁸.

Observamos no depoimento de Cláudia que sua devoção é, como se fosse, herança familiar. A mãe dela é devota, e a ela esse fervor.

Para Rinaldo, a devoção é para com todos os santos. Ele já participou da irmandade de Nossa Senhora do Carmo e agora, por trabalhar na Igreja de São João Bosco, passou a manifestar-lhe a sua devoção:

devoção!!! Acho que com todos, sabe? Assim, eu já participei da irmandade de Nossa Senhora do Carmo. Até pouco tempo eu participava de reunião, eu usava escapulário... Essas coisas assim. Aí, depois que eu vim para cá. Aqui agora é São João Bosco, é, eu fui não tem aqui, e aí eu afastei mais. Mas eu usava até escapulário e participava de reunião da fraternidade de Nossa Senhora do Carmo. (Rinaldo)²⁶⁹.

Apesar de se declarar carismático, católico, o entrevistado é devoto de todos os santos, contrariando a perspectiva da evangelização neopentecostal, que deposita sua fé somente em Jesus Cristo.

Nascimento (2009) ressalta que “podemos inferir que as práticas culturais, as crenças e as vivências religiosas extrapolam as fronteiras sociais e inviabilizam a dicotomia religião oficial versus religião popular, ou cultura erudita versus popular”. (NASCIMENTO, 2009, p. 128). Nem sempre esse é um processo harmonioso, diferentemente, podem ser marcados por conflitos entre o popular e o oficial. Esses conflitos, muitas vezes, são superados quando se organizam movimentos de resistência, que podem ser expressos por meio de gestos, louvores, procissões, cumprimento de promessas e de cultos independentes.

Para Amaral (1998), “o mito do Cristo, dos santos, dos mártires, dos patronos, dos mediadores da potência “numinal” ou mágica são representações que fascinam, atraem, exaltam, reúnem pessoas “alucinadas” em intermináveis dias de celebrações representadas”. (AMARAL, 1998, p. 49). Essas representações indicam como deveria ser a vida, ou seja, uma vida libertada dos aparatos de hierarquias econômicas e sociais, onde a igualdade e a

²⁶⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

²⁶⁹ Entrevista gravada na Paróquia São João Bosco, 05 maio 2015.

fraternidade se juntam para fazer valer os ideais de um utópico mundo promissor para todos.

No Brasil, “a práxis religiosa instalou-se sobre o signo da moral da violenta evangelização. Nem sempre os encontros e diálogos entre catolicismo oficial e religiosidades populares ocorreram num nível de harmonia e de fecundidade recíproca” (LEONEL, 2010, p. 44), muito embora possa ser vislumbrado um possível diálogo entre catolicismo oficial e religiosidades populares, mais especificamente após o Concílio Ecumênico Vaticano II (CVII)²⁷⁰.

Porém, com o modelo de evangelização neopentecostal, iniciado pelas Igrejas Evangélicas e assumido por parte das Igrejas tradicionais, como a Católica, a partir dos anos de 1980, constatamos, novamente, as práticas desarmonizadas que, muitas vezes, impossibilitam o diálogo e o respeito dos adeptos do modelo neopentecostal, até do catolicismo oficial, perante as diversas manifestações religiosas populares.

No Brasil, são várias as notícias que, na atualidade, reportam os abusos e as violências praticadas contra indivíduos ou grupos de religiosos, cuja característica não corresponde ao novo padrão de evangelização. Muitos são considerados “possuídos”, ou que possuem pactos com o “diabo”, pelos neopentecostais.

Mesmo com o advento de outras igrejas e da evangelização neopentecostal que, muitas vezes, impedem as manifestações da religiosidade popular, em Nova Serrana, várias celebrações religiosas foram preservadas e ainda movimentam a cidade.

Na história da religiosidade popular em Nova Serrana, encontramos um exemplo do conflito entre o popular e o oficial, conforme aludiu Nascimento (2009).

Silva (2007) apresenta a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, cuja origem data de 1930, e a repressão praticada pela Igreja oficial. A festa do “Reinado” remonta ao tempo da escravidão, e as pessoas se apresentam com trajes, cantos e danças. São consideradas “congadeiros”. Na época, o então Arcebispo da Arquidiocese de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, proibiu a manifestação. Porém, houve um movimento de resistência²⁷¹ e ela

²⁷⁰ Em 11 de outubro de 1962 começou em Roma o Concílio Vaticano II, uma reunião de todos os bispos do mundo, em que foram discutidas as relações entre a Igreja e a sociedade moderna. O Concílio durou - em quatro sessões sucessivas - até 1965, e foi a maior tentativa feita pela Igreja Católica para modernizar o início de sua história. Com o Concílio, alteraram-se os traços fundamentais da liturgia, como a participação ativa dos fiéis em uma missa celebrada na língua nacional, e não em latim, e leitura e escolha dos textos. Houve também mudanças doutrinárias, mas, principalmente cultural, no sentido de uma maior aproximação com a sociedade secular. A avaliação do patrimônio do concílio, a crítica das suas conclusões e os seus efeitos têm sido o grande problema sobre o qual a Igreja Católica foi dividida ao longo dos últimos cinquenta anos. (DE LUCA, 2012).

²⁷¹ A partir da antiga Vila Rica, o Reinado espalhou-se em território mineiro e atravessou os séculos XVIII e XIX, até que, em 1930, o Arcebispo de Belo Horizonte, D. Antônio dos Santos Cabral, resolveu combater as festas afro-brasileiras. A ameaça de excomunhão espalhada pela Igreja, a quem desobedecesse às ordens contra a realização dos Reinados e congados, assustou as comunidades, tendo como consequência a paralisação dos

teve a sua continuidade separada da Igreja. “A referida festa foi retomada e consolidada, pela Igreja Católica, oficialmente, em Nova Serrana, em 1985.” (SILVA, 2007 p. 19).

Em nossa observação pontual, constatamos também em Nova Serrana a devoção dos habitantes ao Padre Libério Rodrigues Moreira. Ele viveu e morreu naquela região e está sepultado na cidade de Leandro Ferreira, localizada há 23 km de Nova Serrana. Várias atividades são promovidas para comemorar o aniversário de morte do referido padre (LEANDRO FERREIRA (Cidade), 2015) e muitos católicos participam das comemorações com caminhadas ao seu túmulo – numa espécie de penitência, ou pagamento de promessas por graças e, ou milagres alcançados (RICARDO, 2008) – cavalgadas, etc.

Parte do comércio, na cidade de Leandro Ferreira, aproveita a oportunidade para comercializar produtos religiosos, como terços, imagens de santos, quadros com o retrato do Padre Libério e outros artigos.

A Igreja Católica, especificamente, da Diocese de Divinópolis, reproduz rituais de devoção e já formou uma comissão para acompanhar o processo de beatificação do referido padre (BEATIFICAÇÃO..., 2016).

O que percebemos é o reconhecimento do carismático Padre Libério, expresso nas manifestações populares em seu nome. Ao mesmo tempo, a chancela, por parte da Igreja Católica, que, aproveita para institucionalizar uma celebração e um personagem que é de devoção popular.

5.8 O carisma reconhecido como “dom”

O reconhecimento da importância do campo religioso, segundo Weber (2006), ocorre a partir da constatação do carisma que “pode ser um dom [...] que se prende, simplesmente, ao objecto ou à pessoa que por natureza o possui”. Esse carisma pode ser “artificialmente comunicado ao objeto ou à pessoa por quaisquer meios – naturalmente, extraordinários”. (WEBER, 2006, p. 42). Nesse caso, são os valores externos atribuídos pela coletividade que garantem a importância da caracterização do objeto ou das pessoas reconhecidas como carismáticas.

eventos em quase todo o território mineiro. A cidade de Divinópolis, rara exceção, tornou-se uma trincheira na luta pela manutenção da tradição. O negro José Aristides, com apoio da Maçonaria, liderou a comunidade local, continuando com a festa do Reinado, contra as ordens do Arcebispo. A partir de 1948, as proibições amainaram e a festa voltou, progressivamente, a ser realizada. Conf. Dossiê de registro de bem imaterial de Betim. (REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, 2009).

Porém, não a qualquer pessoa, e sim “pessoas especialmente qualificadas, tornando-se, por isso mesmo, a base da mais antiga de todas as profissões, a de feiticeiro profissional”. Não era um homem comum, diferentemente, “por oposições ao homem vulgar, ao leigo, no sentido mágico do termo” garantindo-lhe, assim, a representação ou proporcionalidade do “carisma”, exteriorizadas no “êxtase” (WEBER, 2006, p. 43).

Como ressalta Vallverdú (2008), “o carisma é um pilar central de ajuda e apoio institucional, comunitário e individual”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 30, tradução nossa)²⁷². Ou seja, é o sustentáculo para os que nele se apoiam.

Ao retratar o carisma ligado ao processo de institucionalização do sagrado na atualidade, Bourdieu (2009) afirma que o corpo sacerdotal, que sustenta as práticas relacionadas no campo religioso, não tem, especificamente, embasamento no carisma, mas sim “tem a ver diretamente com a racionalização da religião e deriva o princípio de sua legitimidade de uma teologia erigida em dogma, cuja validade e perpetuação ele garante”. (BOURDIEU, 2009, p. 39).

Com isso, segundo o autor, o campo religioso, institucionalizado, apresenta uma “oposição entre a religião e a magia, entre o sagrado e o profano, entre a manipulação legítima e a manipulação profana do sagrado, dissimula a oposição entre diferenças de competência religiosa que estão ligadas à estrutura da distribuição do capital cultural”. (BOURDIEU, 2009, p. 44).

Na atualidade, o carisma nas comunidades religiosas, especialmente, nas neopentecostais, é atribuído às pessoas consideradas escolhidas por Deus, para que nelas se manifeste algum dom. Embasados nos escritos da primeira carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 12, muitos adeptos do neopentecostalismo acreditam que os dons são dispensados a determinadas pessoas, como o dom da cura, do falar a linguagem dos anjos (glossolalia), da profecia, etc.

O entrevistado Rinaldo, afirma: “no nosso grupo de RCC, tem um membro que profetiza. Sempre dá certo o que ele fala. Uma vez na reunião ele disse que o padre ia sair da paróquia e que ia entrar outro, e foi dito e feito”²⁷³.

Muitas dessas práticas, sustentadas pelas igrejas cuja evangelização é neopentecostal, têm a função de atrair adeptos, e estes, atualmente, no uso de sua liberdade, optam por participar dessa ou daquela comunidade religiosa, muitas vezes, para a satisfação de seus interesses.

²⁷² “El carisma es un pilar central de ayuda y apoyo institucional, comunitario y individual”.

²⁷³ Entrevista gravada na igreja católica, 11 ago. 2015.

5.9 A liberdade de expressão nos rituais neopentecostais

Os rituais religiosos, em geral, são variados de acordo com a temporalidade e contexto social. No caso dos pentecostais, “a reivindicação do corpo adotaria múltiplas formas, às vezes, as que destacam elementos de intensidade, expressão e emoção religiosas ausentes ou debilitadas nas religiões tradicionais ou nas igrejas estabelecidas”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 41, tradução nossa)²⁷⁴. O autor acrescenta ainda que “a liberdade de expressão na adoração e a afirmação dos testemunhos individuais dentro da comunidade conferem singularidade teológica ao pentecostalismo”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 93, tradução nossa)²⁷⁵. Essas práticas são confirmadas por alguns dos entrevistados. Vejamos:

a estrutura do culto é assim. Você chega, tem um período de oração. As pessoas se ajoelham e oram ali num período de meia hora mais ou menos. Depois dessa oração, geralmente, o presbítero ou o pastor que tiver lá na hora, ou o diácono, convida a comunidade para cantar... Aí tem o momento de louvor, onde todos louvamos juntos. Logo em seguida nós ofertamos a Deus o que temos para manutenção da obra. Depois tem o momento da palavra. O momento da palavra é quando se lê a Bíblia. Nesse momento, as pessoas que estão na igreja têm oportunidade de ler um versículo da Bíblia, ou até mesmo, podem cantar uma música, ou fazer uma reflexão, que nós chamamos pregação. É o momento de as pessoas expressarem o que estão sentindo. Ao final daquele momento, o pastor que está dirigindo o culto convida alguém para dar uma palavra, ou cantar alguma música. Se a pessoa tiver interesse de ir, ela vai... também, se ela não quiser ir, ela não precisa ir, não. Depois tem uma pregação do Pastor. Sempre as pregações são em relação à vida pessoal, ou em família, ou sobre a nossa entrega aos planos de Deus. Porque Deus tem seus planos para nós. Geralmente, um culto tem duração de duas horas. (Lecimar)²⁷⁶.

Em seu depoimento, Lecimar ressalta que a oferta é depois do louvor, ou seja, no momento em que a comunidade está envolvida emocionalmente pelos hinos entoados a Deus é quando as pessoas estão sensibilizadas, o que pode garantir uma oferta mais generosa. Como apresenta Vallverdú (2008), na depoente observamos que não existe obrigatoriedade, as pessoas têm liberdade para se expressar e aqueles que não estão dispostos a falar, ou a se expressar, são respeitados pelo pastor.

Nossa informante Vilma, da Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus, afirma que, na sua igreja, “o rito é considerado liturgia e o louvor é muito importante para acalmar as pessoas que, às vezes, chegam à igreja com problemas familiares, ou preocupações financeiras”²⁷⁷. Observa-

²⁷⁴ “la reivindicación del cuerpo adoptaría múltiples formas, a veces las que destacan elementos de intensidad, expresión y emoción religiosas ausentes o debilitados en las religiones tradicionales o iglesias establecidas”.

²⁷⁵ “La libertad de expresión en la adoración y la afirmación de los testimonios individuales dentro de la comunidad confieren singularidad teológica al pentecostalismo”.

²⁷⁶ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

²⁷⁷ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

se que o rito da comunidade religiosa frequentada por Vilma é diferente do organizado pela Assembleia de Deus. Porém, existem alguns pontos em comum, por exemplo, o louvor, a oferta e a oportunidade das pessoas de participarem, transmitindo uma mensagem e a leitura bíblica.

Vilma ressalta ainda a importância do louvor por meio de cantos e hinos que “elevam o coração das pessoas até Deus”, proporcionando-lhes um “sincero louvor a Deus”. Vallverdú (2008) quando se refere aos recursos musicais das igrejas pentecostais afirma que “outro elemento característico dos movimentos pentecostais é o uso da música (elétrica ou acústica) e os cantos devocionais em suas cerimônias”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 95, tradução nossa)²⁷⁸. Vilma reconhece que a música serve para “mexer com o psicológico das pessoas e para todos louvarem a Deus, mesmo”. (Vilma).

A entrevistada alude à liberdade de expressão dos membros: “se você quiser se sentar, você senta, se quiser ficar em pé, você fica. É a liberdade.” (Vilma).

A proximidade entre as pessoas durante o evento pode ser um elemento importante na criação de laço: “o espaço litúrgico da comunidade funciona como se você estivesse na sua casa. Na verdade é a casa de Deus. Na casa do seu Pai. E na casa do seu pai você se sente à vontade.” (Vilma). O conceito família, “na cada do pai” justifica a fraternidade, a liberdade e a corresponsabilidade para com a manutenção da obra e, como consequência, a garantia da doação financeira, que acontece logo depois do louvor.

Na sequência, Vilma apresenta a estrutura do culto:

então você chega, começamos um culto com a oração. Geralmente, lemos os salmos ou um provérbio, ou outra parte da Bíblia. Consideramos uma oração básica. Logo em seguida entra o ministério de louvor. Esse ministério é composto hoje por 11 pessoas que tocam instrumentos e cantam. Tem um louvor em torno assim de 40 minutos. Esse louvor são ministrações para levar a pessoa a exaltar a Deus Mexe com o psicológico das pessoas mesmo. Depois de tanto canto, o louvor sobe a Deus como prece do nosso coração. Logo após tem as doações. As pessoas consideram que são as ofertas, ou dizimos para a Igreja. Porém, não é obrigatório. A pessoa tem que doar de coração aberto. Logo em seguida, vem o momento das mensagens que, na maioria das vezes, são pessoas de fora que são convidados a pregar. Da nossa igreja mesmo, mas de outra cidade, que levam a palavra de Deus. O evangelho é pregado genuinamente. Sem esforço, sem obrigação nenhuma. Sem o que as pessoas costumam dizer: “Lavagem cerebral. Se você não fizer isso... Deus vai te castigar, Deus vai fazer isso”. Não existe isso. (Vilma).

Ao apresentar o rito em sua comunidade religiosa, Vilma reconhece que, apesar da liberdade que é concedida aos membros concelebrantes, há, pelo louvor que dura uns quarenta minutos, a tentativa de elevar as pessoas até Deus. Insiste em dizer que é para mexer com o

²⁷⁸ “Otro elemento característico de los movimientos pentecostales es el uso de la musica (eléctrica y o acústica) y los cantos devocionalis en sus ceremonias”.

psicológico das pessoas e na sequência do louvor, “as ofertas que as pessoas fazem em forma de dízimo para a igreja são muito incentivadas”. A entrevistada reitera que “as doações não são obrigatórias e que a pessoa tem que doar com o coração aberto”. (Vilma).

Na leitura de Passos (2000), encontramos que

os bens religiosos tornam-se mercadorias ofertadas pelos discursos bem embalados, significados consumidos, no impulso da sensação que vem da euforia bem estimulada, das promessas excitantes de salvação, das mensagens experimentadas com profunda emoção e dos rituais, envolvendo as sensações corporais. (PASSOS, 2000, p. 126).

Em seu depoimento, Vilma narra o momento exato em que os bens religiosos se tornam mercadorias, confirmando a ideia do autor, ou seja, após o louvor. Considerando que o louvor seja para acalmar e relaxar as pessoas para que elas possam chegar até Deus, a entrevistada confirma a manipulação simbólica, com objetivo muito bem definido.

No controle sobre os membros da Igreja, ratificado durante as pregações dos pastores, nas liturgias, não há uma noção de Deus que castiga, segundo nossa depoente Vilma, “nossa Igreja é muito aberta”. Por serem 105 membros ativos – entende-se por membros ativos, os dizimistas –, não é difícil manter a coesão e a participação de todos.

Outra entrevistada, Maristela, participante da Igreja Graça e Paz, fala sobre o rito de sua comunidade religiosa:

os nossos cultos são sempre muito alegres e festivos. Cantamos muito e depois ouvimos a palavra e a pregação do pastor. Há também o tempo para as pessoas que quiserem se manifestar, lendo um versículo da Bíblia, ou transmitindo uma mensagem aos irmãos. As ofertas são feitas depois dos cantos e o pastor fala que ninguém é obrigado a dar. Mas na Bíblia a oferta é sagrada, por isso, todos ofertam. (Maristela)²⁷⁹.

Observamos que o louvor, a oferta e a pregação da palavra são elementos em comum nos rituais da Igreja Graça e Paz com as demais Igrejas Evangélicas referidas pelos demais entrevistados. O elemento que diferencia o ritual é que em seu ritual está presente a santa ceia: “Lá, no culto, a gente tem a santa ceia... uma vez por mês que a gente faz parte,.. como parte do corpo e do sangue. Um suco de uva e um pão.” (Maristela).

A nossa entrevistada, quando se refere à santa ceia em sua comunidade religiosa, apresenta um elemento novo, que diferencia o culto em sua igreja dos outros cultos apresentados nos outros depoimentos, pois, nessa comunidade, a pureza de vida do indivíduo o capacita a comer o pão e a beber o vinho. Por isso, a entrevistada enfatiza que nem todos podem

²⁷⁹ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

participar, pois, se estiver em pecado, beberá sua condenação:

não é para todo mundo. Só pode participar aqueles que estão com a vida diante do altar do senhor. Sem pecado. Sem viver... vamos supor, se você não é casado e vive com outra pessoa, você não pode cear, porque se você cear e sua vida estiver em pecado, você vai beber sua condenação. Entendeu? (Maristela).

A noção de pecado, para a entrevistada, está ligada às relações humanas e, especialmente, à prática sexual. Nesse ponto, Vallverdú (2008) ressalta o pecado nas igrejas neopentecostais. Para o autor, “o pecado associado ao sexual e ao deleite dos sentidos, em geral no mundo dos vícios e a imoralidade” (VALLVERDÚ, 2008, p. 34, tradução nossa)²⁸⁰ sempre, adquire centralidade especial. Na sequência, a culpa se mescla com as normas da instituição.

A observância das normas institucionais garante ao indivíduo a participação na comunhão da comunidade, mantendo, assim, seu vínculo de obediência aos preceitos institucionais, como forma de coesão. A expressão citada pela entrevistada “beber sua condenação” pode ser valor moral repassado pela sua comunidade religiosa, que tem seu fundamento na advertência de São Paulo Coríntios : “que cada um examine a si mesmo antes de comer do pão e beber do cálice. Pois quem come e bebe sem reconhecer o Corpo, come e bebe a própria condenação.” (1Co. 11, 28-29)

A noção de pecado na perspectiva religiosa varia de acordo com cada tendência, como ressalta Vallverdú (2008), por exemplo, na nova evangelização, “o pecado associado ao sexual e ao deleite dos sentidos, em geral no mundo dos vícios e a imoralidade” (VALLVERDÚ, 2008, p. 34, tradução nossa)²⁸¹.

Ilustrando a afirmativa de Vallverdú (2008), Maristela declara que “o pecado que o impede de cear é o adultério e a prostituição”. Ressalta também a questão da ofensa e da mágoa contra outra pessoa, como forma de pecado, em sua comunidade religiosa:

vamos supor se você magoar outra pessoa e não pedir perdão para ela, você não pode cear. Entendeu? Como você vai cear? Você pede perdão pra Deus. Deus nos perdoa todos os momentos de nossa vida o nosso pecado. Será que nós vai ter consciência de chegar perto do irmão que a gente magoou e pedir ele perdão? Muita gente não tem. É por isso que quando a gente tem o encontro verdadeiramente com Cristo, a gente tem o amor. A gente ter o amor, quando vê que magoou uma pessoa, a gente sente e vai lá e pede perdão. Pede perdão pra pessoa. (Maristela).

²⁸⁰ “El pecado asociado a lo sexual y al deleite de los sentidos en general “en el mundo de los vicios y la inmoralidad”

²⁸¹ “La noción del pecado es, pois, fundamental en el discurso pentecostal, y incluye el adulterio, la fornicación, la ingestión de alcohol, el consumo de drogas, la crítica al prójimo, la envidia o el egoísmo [...]”

A definição do vínculo com a comunidade se mantém, muitas vezes, a partir da manutenção do rito. A liberdade de expressão, a descentralização ao celebrar e o incentivo feito aos participantes, nas comunidades evangélicas neopentecostais, congrega e fideliza seus adeptos. Interessante observar no depoimento da Maristela é que ela afirma que só participa da “santa ceia” quem não estiver em pecado. Ou seja, continua a repetir a ideologia da comunidade à qual pertence, quando afirma a importância de se sentir amado por Jesus para poder, no amor, pedir ou conceder o perdão a quem se ofende ou é ofendido.

Uma de nossas entrevistadas, a Fernanda, da Igreja Missão Transcultural, declara: “eu confessei a Jesus, o único e suficiente salvador, e desci as águas”²⁸². Nas comunidades evangélicas, geralmente, o pecado é confessado a Jesus, diferentemente da Igreja Católica, na qual os pecados dos seus adeptos são confessados, individualmente, aos sacerdotes que absolvem as pessoas em nome de Deus. Descer às águas, como no caso da imigrante entrevistada é se permitir batizar. O mergulho nas águas simboliza a morte para o pecado, e o sair das águas simboliza o renascimento da pessoa, no caso da Fernanda, em Jesus, na Igreja que, agora, ela passou a frequentar.

5.10 A conversão como forma de mudança radical de vida.

Para dar início à discussão sobre conversão, vale a pena entender a evangelização neopentecostal. Na leitura de Passos (2000), é um movimento herdado “de um passado religioso, lentamente consolidado e, simultaneamente, resultado dos processos metropolitanos acelerados”. Ou seja, as práticas são novas, porém as formas com que se solidificam ainda conservam “arquétipos cristalizados do passado e às exigências espaço-temporais do presente”. Para o autor, “a conversão vai adaptando as massas dentro do espaço e do tempo da grande cidade e atijando a velha lógica de leitura do mundo e da vida, bem como as estratégias capazes de estabelecer equilíbrio dentro do caos”. (PASSOS, 2000, p. 123).

O conceito de conversão, na perspectiva de Gomes (2011), significa “mudança; transformação”, tanto no nível das crenças como das práticas. Segundo o autor, “na antiguidade romana, converter-se significava mudar a forma como se entende se valoriza e se vive no mundo”. (GOMES, 2011, p. 157). A experiência de conversão leva o indivíduo à possibilidade de experimentar o novo “eu” em uma nova postura de vida, como reconhece, em seu depoimento, a entrevistada Fernanda: “É o renascimento, é o sepultamento do pecado, é o novo

²⁸² Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

homem.” (Fernanda)²⁸³.

O processo de mudança de religião é um fenômeno mundial, como explica o antropólogo catalão Prat (2007), “assim, de igreja em igreja e de grupo de oração em grupo de oração, se inicia um grande itinerário em que o “explorador” tenta acalmar suas ansiedades e encontrar respostas para as perguntas que o afligem”. (PRAT, 2007, p. 124, tradução nossa)²⁸⁴. Esse fenômeno é observado em diferentes sociedades quando o indivíduo está em busca de satisfação de seus interesses, ou de acalmar seus anseios e aflições e implica, necessariamente, a mudança do modo de vida.

A adesão, ou a conversão do indivíduo às novas propostas de religiosidade, acontece, no dizer de Vallverdú (2008), quando as instâncias temporais não correspondem ao anseio do coração humano. Ela se dá em meio a um turbilhão de mudanças que, cotidianamente, ocorrem na heterogeneidade da sociedade contemporânea urbanizada, que oferece um leque de novas experimentações e satisfações individuais.

Em Nova Serrana, nas narrativas da maioria dos imigrantes entrevistados, a conversão religiosa é uma constante e, em consequência, a vida deles foi transformada.

Ao falar de sua conversão, a entrevistada Vilma conta que depois que sua mãe mudou de religião levou quase toda a sua família: “eu me converti na minha pré-adolescência. De criança para adolescência. Antes, era católica. Na verdade minha família não era aquele católico praticante”²⁸⁵.

A experiência de Maristela foi diferente:

lá na minha terra eu era católica. Quando a gente é católica não liga para nada, a gente bebe muito. Muitas vezes é católico, e não é, porque, não ia para igreja. Só ficava bebendo, e não correspondia às coisas de Deus. Curtia, né. Deixava de servir a Deus. (Maristela)²⁸⁶.

A sua mobilidade para um novo território proporcionou-lhe mudar também de religião, “aqui em Nova Serrana, eu mudei de Igreja”. (Maristela).

Segundo Marinucci (2012), “as migrações [...] não afetam apenas a religiosidade dos migrantes, mas também, os sistemas de crenças, as tradições religiosas”. (MARINUCCI, 2012, p.5). Foi o que aconteceu com Maristela que já passou por duas comunidades religiosas, diferentes da católica. Na primeira “ninguém me convidou. Eu ouvi um alto-falante do carro e

²⁸³ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

²⁸⁴ “Así, de iglesia en iglesia y de grupo de oración en grupo de oración se inicia un largo itinerario en que el “explorador” intenta calmar sus ansiedades y encontrar respuesta a los interrogantes que lo agobian”

²⁸⁵ Entrevista gravada na Empresa B, 02 maio 2015.

²⁸⁶ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

pensei assim: eu quero conhecer. Era da Igreja Mundial do Poder de Deus. Fui e gostei. Lá eles cantam muito e eu gosto de muito de cantar. Eu me senti bem.” (Maristela).

A declaração de Maristela ilustra também o pensamento de Passos (2000) sobre as estratégias de comunicação-persuasão, das comunidades neopentecostais, segundo o autor são “as mais variadas: o som que atinge perfeitamente toda a plateia, a linguagem coloquial e popular, a utilização de canções e de fundo musical, de símbolos e de expressão corporal” (PASSOS, 2000, p. 126) e são estratégias eficazes para motivar novas adesões.

A segunda conversão de Maristela foi para a Igreja Evangélica Graça e Paz²⁸⁷. Em seu depoimento, a entrevistada ressalta que passou a frequentar a referida comunidade religiosa a convite de uma vizinha. Nessa Igreja, Maristela recebeu o batismo e sua vida mudou completamente:

hoje eu vivo uma vida, praticamente, sem o pecado. Porque antigamente eu mexia com homem dos outros. Não ligava para nada. Eu era solteira e não perdoava homem nenhum. Hoje não, pelo batismo, eu passei a viver a vida na graça de Deus, em Jesus. Ele me honra por isso. Minha família acha que mudei. Aliás, todo mundo que me viu antes e me vê hoje fala que eu sou outra pessoa. Antes eu não tinha muita paciência. Eu era estourada. Rasgava para nada. Se a pessoa quisesse brigar eu topava na hora. Hoje é diferente. Porque eu senti uma mudança diferente. Hoje se a pessoa brigar comigo, eu não bato boca com ela. Eu só falo assim, se ela começar a gritar comigo: favor, fala baixo, estou perto de você. Eu não brigo mais. (Maristela)²⁸⁸.

Ainda, segundo a entrevistada, os contatos afetivos e sociais que mantinha em suas origens, antes de sua conversão, foram alterados e novos vínculos estabelecidos: “quando eu vou lá, eu procuro as pessoas evangélicas, porque as conversas são diferentes das que são católicas.” (Maristela). Hervieu-Léger (2008) afirma que “a figura do convertido é, sem dúvida, aquela que oferece a melhor perspectiva para identificar os processos de formação das identidades religiosas nesse contexto de mobilidade” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 107) e, conseqüentemente, a alteração de seus relacionamentos acontece a partir da identificação do sentimento de pertença.

Em sua comunidade religiosa, Maristela tornou-se “obreira” e passou a repetir a ideologia que lhe é transmitida pelos líderes da referida comunidade de fé: “porque hoje, assim, no momento o que salva a gente não é religião, é verdadeiramente Cristo. Porque a gente tem que conhecer verdadeiramente Cristo, porque na escritura fala sobre o amor, porque quem ama

²⁸⁷ A Igreja Evangélica Pentecostal Graça e Paz é uma Associação privada em Nova Serrana - MG fundada em 22/04/2009. Sua atividade principal é Atividades De Organizações Religiosas. (IGREJA EVANGELICA PENTECOSTAL GRACA E PAZ, 2016).

²⁸⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

o próximo conhece verdadeiramente Deus.” (Maristela).

Segundo Vallverdú (2008): “os discursos doutrinários têm uma forte orientação fundamentalista e dogmática, sistematicamente reproduzida pelos crentes à mínima oportunidade que têm para pregar”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 117, tradução nossa)²⁸⁹. Em seu discurso doutrinário, a entrevistada declara: “eu creio no impossível”. (Maristela). Mas, o impossível que satisfaz seus interesses, dando-lhe uma casa própria e livrando seu irmão da morte, etc.

A informante vivia dificuldades em seu cotidiano e encontrou, na ideologia religiosa, conforto para dar continuidade à vida: “Jesus mesmo falou: quem quiser me seguir, carregue a sua cruz. E cada um carrega sua cruz. É fácil? Não é fácil servir a Deus. É perseguido e não é pouco. Porque Jesus foi perseguido. Porque nós que estamos servindo a ele não vamos ser perseguidos?” (Maristela). Mas a fé pode mover as coisas positivas e desejadas, como explica Maristela:

meu sonho era ter um apartamento. Meu marido falava que eu não ia conseguir. Eu falava, tenho fé em Deus que vamos sim. Eu disse várias vezes: Em nome de Jesus vamos conseguir comprar um apartamento. Eu sempre espero, porque Deus trabalha na hora que Ele quer, com que Ele quiser. Então, meu marido foi demitido. Eu murmurei contra Deus: Ai meu Deus, você deixou meu esposo sem trabalho, e agora como vou comprar o apartamento? Mas isso foi o quê? Foi o dinheiro que caiu na mão dele para eu dar entrada no apartamento e tirar no meu nome, porque eu tinha carteira assinada. Isso é ação de Deus (Maristela).

Para a entrevistada, a demissão do seu marido foi providencial para dar entrada no apartamento e para a sua apropriação, já que ele foi registrado em seu nome.

Segundo Gomes (2011), que afirma que, na atualidade, a conversão é a “entrada em uma nova religião, capaz de transformar a cosmovisão do sujeito, mudar a identidade do converso e alterar sua relação com a realidade e o mundo”. (GOMES, 2011, p. 158). No caso da Maristela, foi exatamente o que ocorreu.

Esse fato é também registrado no trabalho de Hervieu-Léger (2008), que ressalta que “as conversões nas sociedades modernas são inseparáveis, a um tempo, da individualização da adesão religiosa e do processo de diferenciação das instituições que faz emergir identidades religiosas distintas das identidades étnicas, nacionais ou sociais”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 108). Na sociedade moderna, a identidade individual, em muitos casos, é centrada na religião, independentemente dos vínculos de origem.

²⁸⁹ “Los discursos doctrinales tienen una fuerte orientación fundamentalista y dogmática, sistematicamente reproducida por los creyentes a la mínima oportunidad que tiene para predicar”

A conversão de Maristela e os motivos alegados pela entrevistada, estava no campo pessoal. Vejamos: “quando eu ia na Igreja Católica, o povo reparava a gente demais... Quando eu entrava, parecia que era uma noiva que estava entrando dentro da igreja. Todo mundo olhava.” (Maristela). Na Igreja Evangélica, a sua paz foi restituída: “quando eu não frequentava a Igreja Evangélica, eu não tinha paz. Eu não era feliz. Agora tenho paz.”

Outra entrevistada, a Fernanda, convertida na Igreja Missão Transcultural, ressalta que o batismo é o ressurgir do “homem novo” (Fernanda)²⁹⁰. Um renascimento do sujeito, como uma separação de um lugar social, sua identidade e a construção do outro lugar é outra identidade.

Esse evento é um rito de iniciação, onde, simbolicamente, o “homem velho” morre por imersão na água e dá nascimento a um novo ser regenerado. (ELIADE, 1992, p. 67). Para o autor, “as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, “lavam os pecados”, purificam e, ao mesmo tempo, regeneram”. (ELIADE, 1992, p.66).

Fernanda ratifica que o batismo “é o sepultamento do pecado e o renascimento do novo homem. Uma vida nova. Tenho certeza de que não estou saindo decepcionada”.

Para Prat (2007), a conversão é como a entrega confiada a “Deus, que se converte no centro da nova vida e da nova personalidade do convertido”. (PRAT, 2007, p. 112, tradução nossa)²⁹¹. Ou seja, o convertido assume uma vida nova, agora orientada pela vontade divina, e com novas posturas diante do mundo, de si mesmo e das pessoas.

O sujeito é amparado e norteado por um “ser” superior a anular o seu passado e experimentar o seu “eu” renovado e “livre”. O autor ainda ressalta que o modo de vida do convertido passa nas diversas instâncias de sua vida, por uma metamorfose, ou seja, uma mudança de comportamento, na maneira de se vestir e, em alguns casos, da mudança de nome, para que possa “mostrar de maneira ostensiva e contundente que se converteu em outro”. (PRAT, 2007, p. 190, tradução nossa)²⁹².

O batismo, o casamento, a formatura, o velório, entre outros, constituem ritos de passagem que permeiam a vida do ser humano. Eliade (1992) ressalta:

convém precisar que todos os rituais e simbolismos da “passagem” exprimem uma concepção específica da existência humana: uma vez nascido, o homem ainda não está acabado; deve nascer uma segunda vez, espiritualmente; torna-se homem completo passando de um estado imperfeito, embrionário, a um estado perfeito, de adulto. Numa palavra, pode se dizer que a existência humana chega à plenitude ao longo de uma série de ritos de passagem, em suma, de iniciações sucessivas.

²⁹⁰ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

²⁹¹ “Dios, que se convierte en el centro de la nueva vida y de la nueva personalidad del converso”.

²⁹² “Señalar de maneira ostensible y contundente que se há convertido en outro”.

(ELIADE, 1992, p. 87).

O autor menciona que, simbolicamente, é a possibilidade de o indivíduo “passar” até chegar à sua plenitude. Na religião cristã, e, mais especificamente, na nova evangelização que denominamos neopentecostal, a conversão e, conseqüentemente, o batismo habilitam o indivíduo a dar o primeiro passo para a entrada no mundo das “novas criaturas”.

Em nossa entrevista com o Pastor, em Nova Serrana, ele, ao argumentar sobre a conversão, na Escritura Sagrada, dos cristãos, fala que: “tanto que a Bíblia, diz em Coríntios, que aquele que está em Cristo, nova criatura é. As coisas velhas já se passaram. As coisas antigas já se passaram. Tudo se fez novo”. (Pastor)²⁹³. Porém, para ele, a conversão na Assembleia de Deus é processual e difere da noção de conversão momentânea narrada pelo entrevistado André, católico da RCC, e da informante Fernanda, da Igreja da Missão Transcultural, que, pelo batismo, como em um passe de mágica, desce às águas e ressurge como criatura nova.

A conversão é retratada por Prat (2008), quando afirma:

com efeito, todos aqueles que creem ter escutado o chamado divino e aceitam plenamente sua vocação e conversão, reestruturam suas vidas em função desta nova opção religiosa, que lhes conduz a reconstruir e reorganizar sua identidade biográfica de forma radical. Frequentemente experimentam em si mesmos um “renascimento” (ou seja, uma clara sensação de vida renovada) que cristaliza na noção do “born again” (renascido), renascer ou nascer duas vezes de tantas tradições religiosas e sectárias. No processo de mudança e transformação vital que os conduz a sua nova identidade, deixam para trás o “homem velho”, para converter-se naquele “homem novo” da conhecida metáfora ou parábola evangélica. (PRAT, 2008, p. 15, tradução nossa)²⁹⁴.

A alusão do autor à parábola evangélica reporta-nos ao Evangelho de João, Capítulo 3, versículo 3, no qual Jesus responde para Nicodemos que “é preciso nascer de novo”. O nascimento é, na narrativa evangélica, “nascer da água e do espírito”. (Jo 3, 3). Esse renascimento é ratificado por São Paulo, em sua carta aos cristãos. (Ef 4, 22-24).²⁹⁵

²⁹³ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

²⁹⁴ “En efecto, todos aquellos que creen hacer escuchado la llamada divina y aceptan plenamente su vocación y conversión, reestructuran sus vidas en función de esta nueva opción religiosa que les conduce a reconstruir y reorganizar su identidad biográfica de forma radical. A menudo experimentan en sí mismos un “renacimiento” (o sea, una clara sensación de vida renovada) que cristaliza en la noción del born again, el vuelto a nacer o nacido dos veces de tantas tradiciones religiosas y sectárias. En el proceso de cambio y transformación vital que les conduce a su nueva identidad dejan atrás al “hombre viejo” para convertirse en aquel “hombre nuevo” de la conocida metáfora o parábola evangélica”

²⁹⁵ “Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito da vossa mente; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade”. (Ef 4, 22-24).

Mas o nascimento, ou o fato de se converter, se dá de duas formas, explica Prat (2007): a primeira é uma conversão súbita e radical, como vimos acima em seu exemplo sobre a conversão bíblica de Saulo. Também podemos considerar, como exemplo, os depoimentos dos entrevistados em Nova Serrana André e Fernanda, que narraram uma conversão súbita em sua vida.

A segunda maneira de se converter, diferente da primeira, acontece progressivamente na vida do indivíduo. O autor apresenta como exemplo os Testemunhas de Jeová²⁹⁶, que “seguem este modelo de conversão gradual, sem dramas ou mudanças repentinas e que eles mesmos colocaram num processo de compreensão progressiva das mensagens bíblicas, único caminho de acesso ao conhecimento profundo da verdade”. (PRAT, 2007, p. 112, tradução nossa)²⁹⁷.

Na Assembleia de Deus, a conversão também é gradual, como relata o Pastor:

é a palavra de Deus que provoca a transformação no indivíduo que se converte e se regenera. Mas isso acontece aos poucos. A palavra de Deus é fonte de conversão. A salvação é o objetivo da conversão do indivíduo e é fruto de sua experimentação de três fases distintas na comunidade religiosa: 1ª) a salvação; 2ª) a regeneração e 3ª) a santificação. A salvação acontece quando o indivíduo aceita Jesus e é justificado por Ele. A regeneração é um processo que acontece quando o indivíduo no dia a dia vai conhecendo a palavra de Deus e se transformando. Já a santificação é manifestada na vida nova do indivíduo quando ele passa a viver uma vida diferenciada, voltada para as coisas espirituais. Isso requer não ofender os outros, não praticar crimes, não fazer coisas erradas. Assim, o indivíduo vai aos poucos tendo uma vida mais santificada. A transformação é por meio da palavra de Deus. Porque a própria Bíblia diz que conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Ou seja, conhecer a Jesus. (Pastor)²⁹⁸.

O Pastor ressalta ainda que a pessoa que se converte passa a viver uma vida diferenciada da que tinha antes:

Nós temos exemplos de pessoas que estão em nosso meio e que são pessoas de respeito em nossa Igreja. Pessoas que eram viciadas, muitas que viviam na vida da prostituição. Pessoas que viviam uma vida bem difícil, e, por isso, eram rejeitadas pela sociedade. Hoje são pessoas que são consideradas de bem. São pessoas de caráter, que estão trazendo um benefício para a sociedade. Pessoas que, antes, traziam

²⁹⁶ No princípio do século 19, um pastor batista de *New York*, EUA, *William Miller* (nascido em *Massachusetts*, 1782) dedicou-se ao estudo da escatologia - estudo das profecias sobre o 'fim do mundo' -, buscando prever a data da segunda vinda de Cristo. [...] Estavam assim lançadas as sementes do que se convencionou chamar Segundo Adventismo. O movimento das Testemunhas de Jeová guarda estreita relação com esta corrente, de modo que temos de estabelecer aqui nosso ponto de partida. O movimento das Testemunhas de Jeová desembarcou no Brasil em 1920. [...] Já, no ano de 1922, a Sociedade enviou seu primeiro representante ao Brasil, cuja visita ensejou a primeira reunião pública, realizada no Estado do Rio de Janeiro. (HISTÓRIA..., 1974).

²⁹⁷ “Seguem este modelo de conversión gradual, sin dramatizaciones ni câmbios bruscos y que ellos mismos cifran en un proceso de comprensión progressiva de los mensajes bíblicos, único camino de acceso ao conocimiento profundo de la verdad”.

²⁹⁸ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

prejuízo, hoje trazem benefício para a sociedade. Isso porque foram mudadas, transformadas pela palavra de Deus. (Pastor)²⁹⁹.

A conversão, no dizer do Pastor, beneficia não somente ao indivíduo mas também a sociedade na qual a pessoa está inserida, pois são os valores, costumes, atitudes e relacionamentos que são alterados, trazendo benefícios para a sociedade.

Ressalta Ambrosini (2008): “a religião é geralmente um fator de organização da própria identidade, de integração social e, também, um freio dos comportamentos desviados”. (AMBROSINI, 2008, p. 40)³⁰⁰. Nessa perspectiva, a religião organiza e controla os comportamentos, principalmente aqueles considerados fora da narrativa social. Na perspectiva do convertido, significa a salvação:

você tem que buscar Deus. Sem Deus, não tem jeito. Não rompe. Não tem jeito. E nós lá em casa temos essa visão. Temos certeza da salvação. Isso é importante. É para isso que seguimos a Cristo. Que seja na minha Igreja, que seja na igreja católica ou em outra. O importante é buscar a salvação. Você está indo buscar Deus e que Ele é único e suficiente salvador de sua vida e que isso vai levá-lo à salvação. Minha família toda participa, pois todos queremos a salvação. (Fernanda)³⁰¹.

A salvação pode estar também na ordem da pureza, como explica Vallverdú (2008), quando ressalta que, no neopentecostalismo, “as aspirações do homem devem estar postas na santidade e a pureza, pois essas devem levar à realização e a obtenção da vida eterna”. (VALLVERDÚ, 2008, p. 100, tradução nossa)³⁰². A busca referida por Fernanda compõe esse cenário e fundamenta a pureza e a própria salvação.

Esses ensinamentos, ou motivações para a conversão, podem ser atribuídos à instituição religiosa ou à leitura da Bíblia. Como nos explica Francisco, que passou por um processo de conversão da Igreja Católica para a Assembleia de Deus:

a Assembleia de Deus não foi que me mudou. Foi a leitura da palavra de Deus, do Evangelho de Cristo. Ele me mostrou que eu teria que fazer um tipo de transição de religião, para andar conforme os preceitos do senhor, que é a Bíblia Sagrada. Então, quem lê a bíblia não fica no que realmente não traz paz de espírito, mas sim no espírito de Deus, no ensinamento de Deus de amar a Deus sobre todas as coisas. Então, a pessoa tem que se dedicar. (Francisco)³⁰³.

²⁹⁹ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

³⁰⁰ “La religión es generalmente un factor de organización de la propia identidad, de integración social y también un freno de los comportamientos desviados”.

³⁰¹ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

³⁰² Las aspiraciones del hombre deben estar puestas en la santidade y la pureza, pues estas se habrán de llevar a la realización y la obtención de vida eterna”

³⁰³ Entrevista gravada numa loja no Bairro Planalto, 10 ago. 2015.

A conversão de Francisco está relacionada à libertação da dependência da bebida e a dedicação ao esporte, à família, ao trabalho e à paz de espírito, e é caracterizada pela individualidade do sujeito, de seus problemas e de sua vida em particular:

eu penava muito no esporte e conciliando a bebida junto. Eu era atleta em Nova Serrana. Eu fui corredor nas maratonas em Minas. Maratonas de 10 km. Eu ganhei muitas delas aqui, porém eu tinha um problema. Eu festejava. Essas festas eram com bebida. E atletismo não combina com bebida. Eu precisava me livrar disso. Eu não consegui por opinião. Então, foi onde eu busquei a Deus, e Deus me libertou. Depois, eu até larguei o esporte, por causa de família, porém eu precisa de encontrar uma paz de espírito que me ajudasse a sentir bem no trabalho, sentir bem na família, sentir bem naquilo que eu até vivo hoje. Então, teve que haver uma mudança para ter esse procedimento de vida que tenho hoje e que me causa prazer e alegria. (Francisco)

Segundo Helvieu-Léger (2008): “a conversão cristaliza ao mesmo tempo um processo de individualização, que favorece o caráter que se tornou opcional na identificação religiosa, nas sociedades modernas, e o desejo de uma vida reorganizada”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 125).

Entendendo que a conversão é uma decisão particular, as instituições religiosas usam de argumentos de cunho pessoal para influenciar o processo de seus adeptos. Isso pode ser observado no discurso dos informantes, pois “sua própria história de conversão, como realmente lhe ocorreu, na verdade seu discurso não obedece a uma realidade”, mas está diretamente vinculado a determinadas “pautas sociais e culturais, elaboradas pela organização a que pertence”. (PRAT, 2007, p. 185, tradução nossa)³⁰⁴. Nos discursos, existem ideologias das instituições de pertença e que são, de certa forma, sustentados pelos convertidos.

Os convertidos, inseridos numa nova vida, incorporam os preceitos das instituições religiosas por entenderem que a transformação de sua vida se deve à Igreja a que passam a pertencer: “a religião não pode pretender nem mudar o mundo, nem regular a sociedade, mas ela pode transformar os indivíduos”. (HELVIEU-HÉGER, 2008, p. 128). Isso pode ser observado na entrevista com o informante em seu depoimento, ao explicar que participou de um encontro da RCC e observou: “as pessoas sendo tocadas pelo Espírito Santo e não acreditei muito no que estava presenciando a ponto de zombar da situação e falei assim: ó Deus, se isso aí for verdade, você me faz sentir isso que esse povo está sentindo para eu poder acreditar”. (André)³⁰⁵.

³⁰⁴ “su propia historia de conversión como lo que realmente le ocurrió, en verdad su discurso no obedece a una realidad [...] pautas sociales y culturales elaboradas por la organización a la que pertenece.”

³⁰⁵ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 11 ago. 2015.

O entrevistado afirma que sua conversão aconteceu de maneira instantânea, pois, ao colocar Deus à prova:

naquele dia eu senti a presença de Deus muito forte de uma maneira que não tinha como negar que não era Deus. Eu que tinha um bloqueio com choro, não chorava, a partir daquele dia lá, eu chorei bastante. Chorei até me acabar lá, mesmo naquele dia. A partir daquele dia eu tomei um gosto muito grande. Eu não tinha bíblia, eu comprei uma bíblia. Eu não tinha eucaristia e fui buscar eucaristia e me deu um gosto, a partir daquela experiência. (André).

André atribui a sua experiência de conversão à RCC e, por isso, “então assim, eu agradeço muito hoje a RCC. Eu participo hoje de um grupo da Pastoral da Juventude [PJ]. Eu sou catequista, mas devo muito a essa experiência que tive na RCC.” (André). Gomes (2011) explica que, em se tratando da conversão na antiguidade romana, “converter-se significava mudar a forma como se entende, se valoriza e se vive no mundo”. (GOMES, 2011, p. 157). A experiência de conversão leva o indivíduo à possibilidade de experimentar o novo “eu” em uma nova postura de vida. Como se observa na narrativa de André:

minha vida mudou totalmente. Em todos os sentidos. Antes de eu ter essa experiência com Deus, eu já tinha minha família, mas não era casado. Eu era amigado. Eu brigava muito com minha esposa, a ponto de agredi-la corporalmente. A partir dessa experiência com Deus, resolvi mudar. Quando eu mudo, as coisas ao meu redor vão mudando. Eu passei a ver minha esposa com outros olhos, a ter mais paciência com ela. Esperar o momento de ela amadurecer. Eu estava amadurecendo, mas ela não tinha experiência do meu amadurecimento. A partir de então eu comecei a tomar certos gostos a não ser buscar os caminhos de Deus. Então, foi muito difícil esse primeiro momento. Mas hoje eu colho fruto desse tempo todo. Minha esposa não confiava em mim. Hoje eu posso viajar para algum retiro, igual, mês que vem vou para São Paulo em um retiro. Então, ela confia em mim, porque, nesses anos a confiança foi sendo construída. Então, com minha conversão, só tive a ganhar. (André).

A vivência de André pode ser um bom exemplo do que ressalta Hervieu-Léger (2008): “a prática, que marca a sua integração na comunidade, manifesta, também, a reorganização ética e espiritual de sua vida, reorganização na qual se insere a singularidade de seu percurso pessoal”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, 112). No caso do depoente, o que se observa é a “reapropriação pessoal e intensiva de sua própria tradição religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2008, 113) e essa nova postura perante a mesma comunidade religiosa, em atitudes, novos relacionamentos e, conseqüentemente, em uma nova forma de ver o mundo.

Por outra parte, ele se aparta “de seu mundo anterior e da estrutura social que o mantinha”, legitimando “não somente a nova realidade, mas também as etapas, através das quais esta é assumida e mantida, bem como o abandono ou repúdio de todas as realidades

alternativas”. (CAROZZI, 1994, p. 65). No relato de um informante, foi observado que: “a gente, às vezes, bebia, fumava, jogava [...] Então, por meio do evangelho, a gente sai dessas coisas. Eu agradeço a Deus de ter me livrado disso.” (Valter)³⁰⁶. Sua autobiografia é reinterpretada à luz da nova condição de vida,

na conversão, o indivíduo altera a interpretação de sua biografia, muda o fio condutor que mantém a continuidade de sua experiência, modifica, em suma, a definição subjetiva de sua identidade pessoal [...] a conversão se completaria quando o indivíduo construísse sua identidade pessoal primordialmente nos termos dessas novas identidades sociais adquiridas dentro do grupo religioso. (CAROZZI, 1994, p. 65-66).

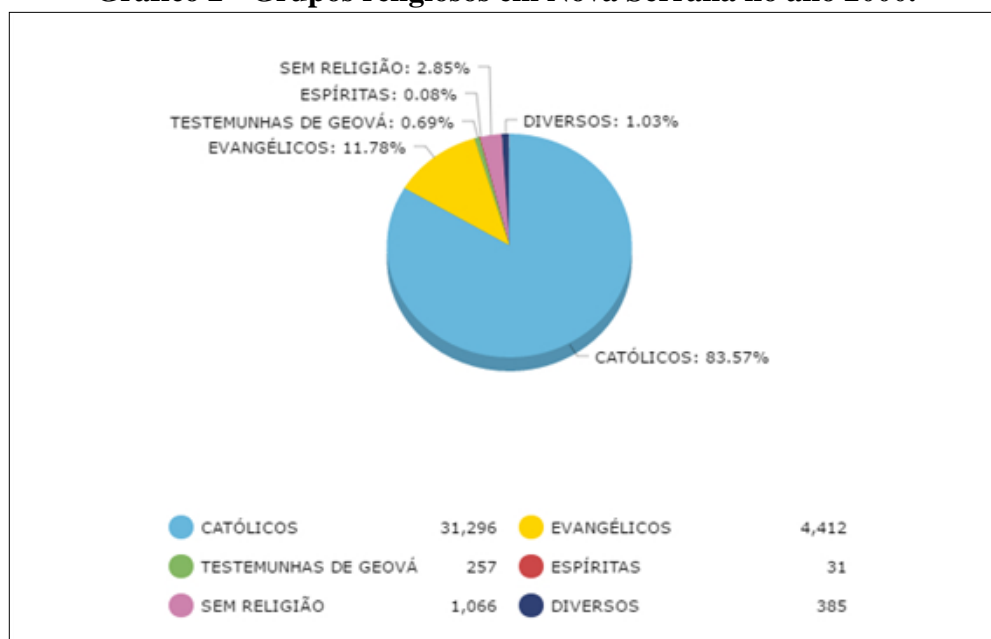
A conversão como iniciativa pessoal ou, incentivada pela comunidade religiosa, constitui-se na mudança de vida, de costumes, de modos de se relacionar, enfim, da própria identidade do indivíduo, que passa a viver uma nova vida.

5.11 A religiosidade em Nova Serrana

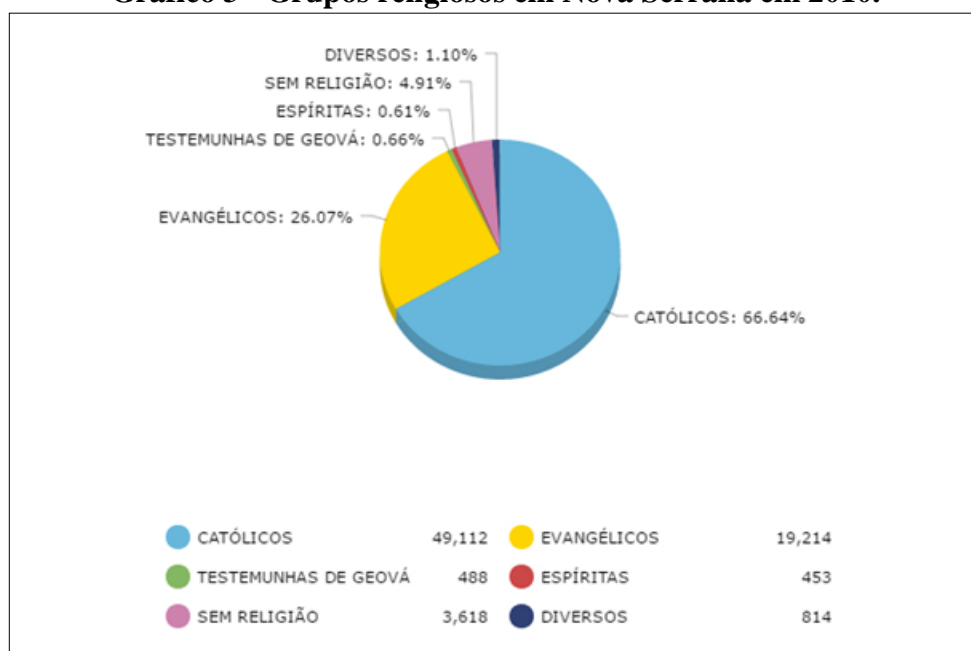
A religiosidade em Nova Serrana não é diferente de outras cidades brasileiras. Outrora, predominantemente católica, a maioria da população do “Cercado”, distrito de Pitangui, experimentou e conservou as devoções e ritos preestabelecidos pela Igreja Católica, até bem pouco tempo atrás. Nova Serrana, na atualidade, conta com várias instituições religiosas e, mesmo que o catolicismo não seja mais a opção de grande parte da população, a doutrina cristã ainda é seguida por quase a totalidade dos habitantes. As pessoas que entrevistamos, em sua maioria, declararam pertencer a uma denominação religiosa cristã.

Em seguida, apresentamos os gráficos dos grupos religiosos em Nova Serrana nos anos de 2000 e 2010.

³⁰⁶ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 01 maio 2015.

Gráfico 2 - Grupos religiosos em Nova Serrana no ano 2000.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos do IBGE (2010c)

Gráfico 3 - Grupos religiosos em Nova Serrana em 2010.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos do IBGE (2010c)

O aumento da população colaborou para que aumentasse a diversidade de igrejas cristãs e, em destaque, as Igrejas Evangélicas neopentecostais, como pode ser observado nos gráficos acima.

De acordo com o que apuramos, nos dados do Censo de 2000 e 2010, do IBGE, em Nova Serrana, o número de católicos apostólicos romanos, no período de 2000 a 2010, cresceu

em relação ao crescimento da população, 56.93%; e o número de Evangélicos, 355.9%. Essa porcentagem está distribuída nas diversas igrejas evangélicas presentes na cidade. O número de adeptos do espiritismo apresentou um crescimento significativo, alcançando 1361.29%; e o número dos que se declararam sem religião também cresceu, 239.39%.

O crescimento demográfico, atrelado ao fenômeno do crescimento da adesão das populações às novas religiosidades, segundo Silva (2014), é recorrente em outras partes do mundo onde “os processos migratórios aliados às novas tecnologias de comunicação, permitem ampliar a já extensa mobilidade da religião”. (SILVA, 2014, p. 425). A religião, para a autora, encontra, na migração e nas novas tecnologias da comunicação, espaço de disseminação.

O aumento da população de Nova Serrana, e, conseqüentemente, o aumento das comunidades religiosas evangélicas, é ressaltado no depoimento do Empresário 1. O informante atesta que antes do crescimento da indústria calçadista, a cidade contava com “mais ou menos 80% da população católica, ou que se dizia católica. Existia a Assembleia de Deus, a Igreja Batista e me parece que a Presbiteriana. Também, a dos Testemunhas de Jeová. Todas com um número pequeno de frequentadores” (Empresário 1)³⁰⁷, o que confirma os dados do Censo do IBGE.

Segundo o entrevistado, o número reduzido de igrejas evangélicas e, conseqüentemente, de seus frequentadores, facilitava a identificação dos evangélicos, pelas pessoas da comunidade. “Os evangélicos eram conhecidos. Você via uma pessoa e falava: aquele ali é evangélico.” (Empresário 1). Esse reconhecimento contribuía para a segregação religiosa,

porque os católicos não admitiam conviver com os evangélicos. Lembro que minha mãe dizia para nós não brincarmos com os filhos da vizinha, que era da Assembleia de Deus. Eu e meus irmãos crescemos pensando que aqueles vizinhos, não sendo católicos, não eram de Deus. (Empresário 1).

O entrevistado se lembra das festas religiosas, das procissões, dos bailes promovidos pela Igreja Católica:

havia muitas festas religiosas, as chamadas: barraquinhas. Como a cidade era pequena, as festas eram muito mais atraentes e pomposas do que é hoje. As festas que tinham de barraquinhas dos santos padroeiros eram barraquinhas que duravam uma semana. Os bailes que a própria paróquia organizava para arrecadar recursos para a construção de igrejas, para a manutenção das paróquias. Enfim, eram festas muito mais familiares e muito mais tranquilas. Isso gerava um ambiente mais agradável e mais seguro para todas as pessoas da cidade. Além disso, todas as manifestações religiosas eram muito mais fortes e tinham uma participação muito maior. As procissões de Semana Santa... Eram duas ou três horas de procissão. Com o

³⁰⁷ Entrevista gravada na Empresa A, 07 maio 2015.

crescimento da cidade, tudo se perdeu. (Empresário 1).

Para o entrevistado, o crescimento abrupto da cidade “trouxe uma miscigenação religiosa muito grande. Há pessoas de todas as raças e credos que vieram para cá, com várias religiões cristãs e não cristãs e cresceram muito na cidade”. (Empresário 1). Essas novas maneiras de viver a religiosidade “tiraram muito daquele tradicionalismo católico que tinha na cidade”. (Empresário 1).

A vida religiosa da cidade industrial, como se constata, passou por reformulações e hoje em dia há um grande número de comunidades religiosas, em sua maioria neopentecostais.

Na observação pontual, feita em Nova Serrana, constatamos que existem muitas denominações religiosas cristãs que disputam a conquista e fidelização de adeptos. As táticas de persuasão e os apelos dos líderes religiosos, alinhados à perspectiva mercadológica e da prosperidade, encontradas no modelo de evangelização neopentecostal, constituem a realidade do oferecimento e garantia de satisfação, firmada pelos empreendedores da fé, aos que lhes são fiéis.

Os apelos religiosos são diversos e as ideologias, muitas vezes, em se tratando de evangelização neopentecostal, mantêm um eixo comum entre as elas, que, geralmente, é a garantia da retribuição por parte de Deus e, conseqüentemente, a prosperidade de quem a Ele deposita sua confiança. Há como que o estabelecimento de um contrato entre o crente e Deus.

Como exemplo, encontramos no depoimento da nossa entrevistada Fernanda o exercício do contrato entre o crente e Deus, na “implícita” manutenção da ideologia da comunidade religiosa: “se formos fiéis para com Deus, Ele será fiel conosco também.” (Fernanda)³⁰⁸. Ou seja, a entrevistada entende que a fidelidade de Deus depende da fidelidade do indivíduo. A fidelidade do indivíduo passa pela instância financeira, tangibilizada na confiança do fiel ao efetuar o pagamento do dízimo e fazer suas ofertas votivas.

Segundo o Padre da Paróquia de São Sebastião:

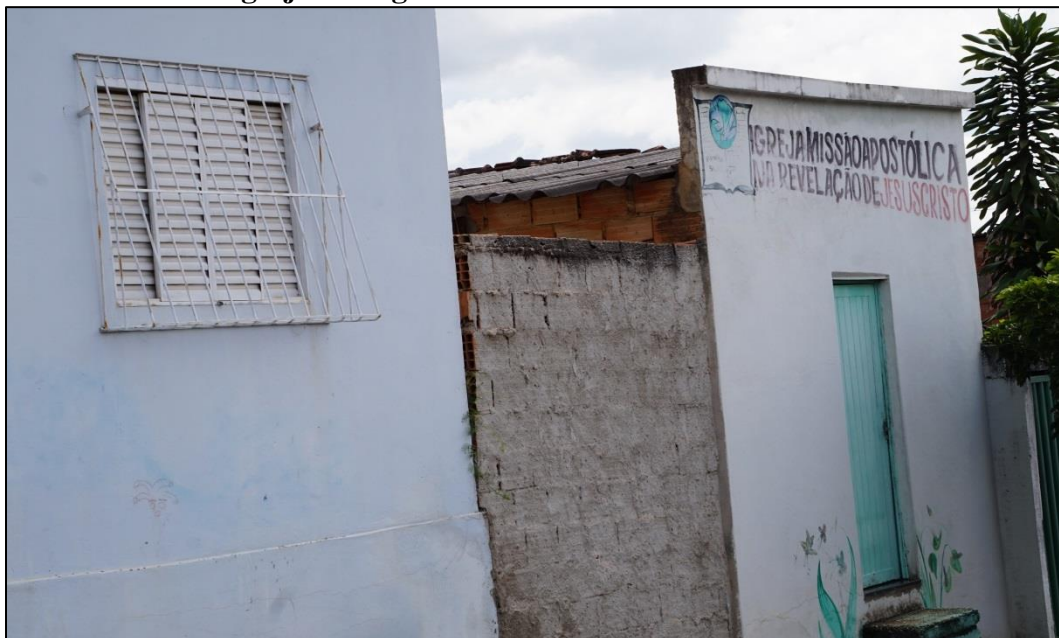
na região da Paróquia São João Bosco, que é no bairro Planalto, há muitas igrejas evangélicas. Muitas pequenas. Quantidade enorme. Não tem como nem contar. Mas são igrejas pequenas... A maioria. A grande maioria de todos eles que estão frequentando as igrejas evangélicas eram católicos. Pouquíssimos, acho que vieram de fora, já evangélicos. (Padre da Paróquia São Sebastião)³⁰⁹.

³⁰⁸ Entrevista gravada na Empresa A, 05 maio 2015.

³⁰⁹ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

Por se tratar de igrejas pequenas, não ameaça a estrutura da católica, mas reconhece que muitos dos que frequentam as Igrejas Evangélicas são os possíveis convertidos da Igreja Católica.

Foto 25 - Igreja Evangélica no bairro Planalto em Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor

Foto 26 - Igreja Evangélica em Nova Serrana semelhante às residências da população



Fonte: Fotografia do autor.

O Padre da Paróquia São João Bosco, por sua vez, manifesta seu ponto de vista a respeito das comunidades religiosas evangélicas em Nova Serrana:

eu vejo assim: há um grande número. Pelo menos de fachada, a gente vê muitas igrejas por aí. Muita fachada. Muitas garagens. Aqui no bairro, igreja expressiva eu só vi uma. A maioria são galpões pequenos e garagens. Devem ser alugados. A participação não é tão pequena não. A participação é média, mas não tem muito contato com a gente não. São pessoas que lá no norte frequentavam essas igrejas e aqui continuam frequentando. Não saberia dizer outro motivo, não. (Padre da Paróquia São João Bosco)³¹⁰.

Quando indagado sobre o motivo que leva o imigrante a mudar de religião, ou manter-se fiel à determinada denominação religiosa, o Padre da Paróquia São João Bosco pontuou:

acho mais que é a questão da proximidade da pessoa com o pastor. Nos evangélicos, como a igreja é muito pequena, o pastor consegue fazer visitas, consegue fazer um ciclo de amizade. São os amigos dele que fazem parte da igreja. Então, eu acho que a proximidade com o pastor é a grande alavanca para a conversão das pessoas. Na Igreja Católica, nós, padres, permanecemos muito distantes do povo. Posso dizer que é por não termos tempo, já que o trabalho pastoral é grande e exige muito e também porque é cultura nossa essa distância. (Padre da Paróquia São João Bosco).

Na interpretação do informante, o fato de estar próximo à população facilita os laços, as responsabilidades e os compromissos. Outro argumento utilizado pelo sacerdote é a música: “lá, eles tem coral e cantam muito bem.” (Padre da Paróquia São João Bosco). Nas igrejas neopentecostais e também na católica, pela RCC, a música é um instrumento importante para motivar a participação, por isso é bem valorizada e usada como estratégia de persuasão das comunidades neopentecostais.

Por parte da população, o entrevistado André argumenta que:

eu penso assim, para a atuação em Nova Serrana, vários padres poderiam voltar a fazer retiros para voltar a coisa do primeiro amor de novo para ter aquela coisa de pastor e fiel ali. Eu vejo muito que eles agem como administradores. Eu não culpo eles, não, porque é muita coisa que eles têm que tomar conta e aquele amor de pastor com fiel ali fica um pouco apagado. O padre não tem tempo para isso. Fica muito corrido. Então, assim, eu penso que hoje, voltar a lembrar a muitos sacerdotes... mesmo que a igreja pare de crescer um pouco, mas aquele zelo com os fiéis ali falta um pouco. Não só em Nova Serrana, mas em vários lugares. (André)³¹¹.

Em sua declaração, André sugere, para a Igreja Católica, algumas práticas que ele experimentou na Igreja Evangélica, por exemplo, os retiros e o primeiro amor – expressão utilizada pelo Pastor da Assembleia de Deus.

O entrevistado recorre também ao exemplo da Igreja Evangélica Batista que ele participou, antes de se converter ao catolicismo pela RCC:

³¹⁰ Entrevista gravada na secretaria paroquial, 22 jul. 2015.

³¹¹ Entrevista gravada na Praça da Matriz, 11 ago. 2015.

podemos até aprender um pouco com eles. Já participei de igreja evangélica, e via como o pastor tinha zelo com seus fiéis. Acabava o culto, ele ia lá e ficava junto com seus fiéis. Então, assim, eu acho que falta um pouco disso. Já participei uns dois anos da Igreja Batista. (André).

Para o entrevistado, as práticas dos pastores evangélicos poderiam ser absorvidas pelos padres da Igreja Católica, para tornar as relações mais informais, familiares e humanas.

Já a Matilde sugere que a Igreja deveria ir ao encontro para buscar mais pessoas e argumenta: “a Igreja Católica não tem uma cultura de buscar. Isso é o que eu vejo: se você está lá dentro você participa, mas ela não tem a cultura de captar alguém”³¹². Diferentemente da RCC, que, para a entrevistada, é um espaço que atrai mais as pessoas:

sou da RCC. Na minha cidade, (Poté (MG)) a RCC é muito forte. Uma comunidade lá Nossa Senhora das Graças, foi onde começou esse movimento. Aqui eu não vejo muito. Mas lá a gente tinha cenáculos anuais que lotavam um estádio de gente. Às vezes estava chovendo e o povo estava lá, glorificando e louvando a Deus. A RCC é um movimento que eu gosto. Não fica tão fechada na Igreja. (Matilde).

Além das estratégias para seduzir adeptos, as igrejas usam também mecanismos para a manutenção dos fiéis, como explica o Padre da Paróquia São João Bosco, quando relata uma experiência que teve com uma família que o procurou para pedir sua ajuda, porque estava sendo ameaçada pelo pastor evangélico:

semana passada estiveram aqui quatro pessoas da mesma família, sofrendo demais, sem saber mesmo o que fazer, por causa da pressão que estavam recebendo do líder de uma determinada igreja evangélica, quando disseram que não estavam gostando e que não iam participar mais. Vieram aqui dois casais e um jovem. Todos da mesma família. Chegaram aqui literalmente arrasados. Emocionalmente desequilibrados, tremendo, porque resolveram que não vão voltar mais numa determinada igreja. Estão arrependidos. Querem voltar para a igreja católica. Com isso, estão recebendo pressão e ameaça do líder dessa igreja. E ameaça assim, é... é... como explico? No sentido de colocar medo na cabeça da pessoa... por exemplo: “se você não vier mais aqui, você não vai conseguir viver mais em Nova Serrana. Você vai perder seu emprego, você vai sofrer um acidente. Você vai é...” Isso está introjetado tão forte na mente, principalmente das duas esposas, que eles estão até querendo mudar da casa, estão tendo crises demoníacas. Quebram os móveis, começam a falar com outro tipo de voz, tudo porque esse líder evangélico fez muitas ameaças. (Padre da Paróquia São João Bosco).

A declaração do líder católico mostra que a ameaça pode influenciar psicologicamente os indivíduos, a ponto de provocar medo, insegurança e desvios de personalidades, como no caso das possessões demoníacas ressaltadas.

³¹² Entrevista gravada na Empresa A, 04 maio 2015.

Ainda, segundo o sacerdote, “minha orientação foi. Não voltem lá. Afastem-se de lá e... e procurem primeiro ter uma convivência entre vocês mais frequente e mais regular entre vocês”. (Padre da Paróquia São João Bosco). O Padre diz que colocou-se à disposição da família, para possíveis conversas e até mesmo para a sua participação na comunidade paroquial, mas “a família teme por retaliações do pastor e, por isso, prefere não participar de nenhuma comunidade religiosa, por enquanto”. (Padre da Paróquia São João Bosco).

O Padre reconhece a fragilidade de quem deixa suas origens e vem em busca de sobrevivência em Nova Serrana. A situação de quem chega é muito difícil e, ao mesmo tempo, vulnerável. Segundo o líder religioso,

a pessoa longe de casa é muito sensível. É muito frágil. É fácil cair em qualquer armadilha. Quando a pessoa não se sente em casa, ela é uma pessoa medrosa. Sempre com um pé atrás. Na Igreja não se expõe. Sempre se senta lá no fundo. Sua participação é limitada. Eu penso que isso faz parte da natureza de todos nós. (Padre da Par. São João Bosco).

O Padre ressalta a fragilidade do ser humano diante do diferente e, ao mesmo tempo, reconhece que é um sentimento natural das pessoas que vivem essa situação.

Na entrevista do Padre João Bosco, ele declara que a Igreja Católica, em Nova Serrana, não tem um projeto, ou um trabalho social, voltado para os imigrantes: “a ação social ligada à paróquia, nós não temos, porque o movimento financeiro nosso ainda é pequeno. Nós não temos condições de manter uma obra social”. (Padre da Paróquia São João Bosco).

O sacerdote afirma que o que há é o “repasso, para os pobres, de cestas básicas que são doadas, pelos paroquianos, na secretaria paroquial”. (Padre da Paróquia São João Bosco). Não foi citada pelo religioso nenhuma iniciativa de parcerias com empresários, ou com o poder público, por parte da Igreja Católica, em Nova Serrana.

Também no que tange às atividades culturais promovidas para os imigrantes, o Padre da referida Paróquia afirma:

uma atividade cultural, que ressalte a cultura nordestina, promovida pela Igreja Católica, eu ainda não tenho conhecimento de nenhuma. Tem nada, não. Estou há pouco tempo nessa Paróquia e, não sei se tem isso. Na paróquia do centro que eu trabalhei, também, não existe nenhuma ação voltada para os migrantes que trabalham aqui. Especificamente, não tem nada.” (Padre da Paróquia São João Bosco).

E durante a entrevista não percebemos interesse em tomar iniciativa para promovê-las. Ele reconhece que, “em nível, municipal eu sei que tem. A festa do migrante. Foi mês passado. Porém, essa atividade não tem parceria com a Igreja Católica”. (Padre da Paróquia São João

Bosco).

Na entrevista com o outro líder religioso católico, o Padre da Paróquia de São Sebastião, indaguei também sobre a existência de algum tipo de trabalho social em favor dos imigrantes em Nova Serrana, por parte da Igreja local ou mesmo da Diocese de Divinópolis. O religioso respondeu: “não. Especificamente não. A Paróquia São Sebastião e a Diocese de Divinópolis não têm estabelecido um projeto especial para tratar da questão do imigrante”. (Padre da Paróquia São Sebastião)³¹³.

Além de Nova Serrana, algumas cidades, que compõem a microrregião de Divinópolis, acolhem imigrantes:

e não é só em Nova Serrana, não. Em outras cidades que pertencem à Diocese de Divinópolis também tem muita gente de fora porque estão investindo em indústrias de calçados e outras atividades. Talvez aqui seja maior, por causa da do grande número de indústrias. Com certeza aqui é a cidade que mais cresce. Porém, outras cidades também apresentam uma grande imigração. A cidade de Juatuba tem imigração grande. São Joaquim de Bicas também tem. Mesmo cidades pequenas da nossa região, mais próximas, como: São Sebastião do Oeste, era uma cidade pequenininha, que tinha uns 6.000 habitantes, hoje em dia já está chegando há 10.000 habitantes, se não for mais. (Padre da Paróquia São Sebastião).

Essas cidades acolhem pessoas de várias partes do País, mas “em nenhuma delas, pelo que eu saiba, há um trabalho voltado para os imigrantes, por parte da Igreja”. (Padre da Paróquia São Sebastião).

O Padre ressalta que, em Nova Serrana, existe o CAFO que é uma obra dos Vicentinos com participação da Paróquia São Sebastião. O religioso ressalta:

a Paróquia São Sebastião, em parceria com os Vicentinos, mantém o CAFO, que acolhe os imigrantes. Geralmente são os que passam por Nova Serrana. Eles vêm e querem voltar. Aí no CAFO eles podem tomar um banho, às vezes trocam de roupa. Temos roupas para doação. Depois, conduzimo-los para a rodoviária. Compramos passagens quando eles precisam e acompanhamos no embarque. (Padre da Paróquia São Sebastião).

Percebemos nessa fala que não se trata de um trabalho que tem o objetivo de atenção ao imigrante, mas sim de facilitar a sua saída da cidade, ou atender às necessidades básicas de sobrevivência.

Sobre o projeto com os imigrantes, indagamos ao Pastor sobre a ação social promovida pela Assembleia de Deus em favor dos imigrantes e obtivemos respostas diferentes das dos líderes religiosos católicos. O Pastor, em primeiro lugar, reconhece a importância dos

³¹³ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

imigrantes para a cidade de Nova Serrana e declara como a sua comunidade religiosa vê e acolhe as pessoas que vêm para a cidade em busca de novas oportunidades. Ele ressalta: “nós temos em Nova Serrana, 80% da população que é imigrante, eu acho. A maioria dos membros de nossa Igreja é imigrante. 95% podemos dizer que é imigrante”. (Pastor)³¹⁴. Continua o informante o seu relato:

o maior acolhimento dos imigrantes aqui é a Igreja. E principalmente as Igrejas Evangélicas são as que mais acolhem. Os imigrantes procuram muito as Igrejas Evangélicas. Esses que vêm, já vêm necessitados de um apoio e tudo. Geralmente a Igreja tem apoiado. Geralmente as pessoas que chegam a Nova Serrana precisam de ajuda, até de uma cesta básica para poder se alimentar, ou para pagar uma conta de luz e até comprar remédio. Dentro das nossas condições ajudamos, principalmente quando é família que tem criança (Pastor).

Constatamos, nos relatos do Pastor, a preocupação da Assembleia de Deus para com os que procuram nela a ajuda necessária para a sua sobrevivência, independentemente de qual Igreja possa frequentar. “Tanto para os de casa como, podemos dizer, para os de fora. Tanto para os que são os evangélicos, que são crentes, como para os que não são crentes. Nós atendemos a todos da mesma maneira.” (Pastor).

O acolhimento aos imigrantes ocorre, principalmente, entre os meses de janeiro e março de cada ano, quando muitos empregados são demitidos pelas indústrias de calçados no mês de dezembro e, a partir do final do mês de janeiro, é que iniciam novas contratações. Segundo o Pastor,

Nova Serrana, do mês de janeiro até março, são três meses de dificuldade porque as fábricas fecham em dezembro. Mandam muitos empregados embora em dezembro e vão começar a admitir aos poucos, no fim de janeiro. Com isso, muita gente na cidade fica em dificuldade. Nessa hora, nós ajudamos. Nós atendemos com o maior prazer, dentro da nossa possibilidade. A gente não tem condições de fazer tudo, mas, pelo menos, de mãos vazias, ninguém sai. (Pastor).

As ações da Assembleia de Deus em favor dos imigrantes coincidem com as observações de Ambrosini (2008) quando ressalta que

as instituições religiosas fortalecem aos imigrantes com recursos materiais sob a forma de assistência e sustento na dificuldade do processo de instalação de cidadãos da nova sociedade, muitos imigrantes obtenham um resultado de cidadãos da nova sociedade [...] com a esperança de uma vida melhor, graças ao fortalecimento que eles tiveram com a adesão religiosa. (AMBROSINI, 2008, p. 13, tradução nossa)³¹⁵.

³¹⁴ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

³¹⁵ “las instituciones religiosas han fortalecido a los migrantes con recursos materiales bajo la forma de asistencia y sustento en la dificultad del proceso de instalación, de los ciudadanos de la nueva sociedad. [...] Con las

O apoio da comunidade religiosa é um fator importante para o imigrante que chega a um território desconhecido, desprovido de bens materiais e, muitas vezes, de redes de sociabilidade. Ainda segundo Ambrosini (2008), há duas fases, no início da adesão à comunidade religiosa, por parte do imigrante, que devem ser destacadas. “Em uma primeira fase, tende a prevalecer a busca de ajuda e apoio; podemos supor que logo prevalecerá a expectativa de encontrar um ambiente comunitário que favoreça os contatos interpessoais e os encontros sociais.”³¹⁶. A correspondência da comunidade religiosa no momento de necessidade faz com que o indivíduo sinta segurança e opte por determinada comunidade religiosa. O autor ressalta que “a combinação de conselho espiritual, assistência material em caso de necessidade e possibilidade de construir redes de relações eleva em definitivo o atrativo de adesão às confissões religiosas.”³¹⁷. Há também segundo o autor, outro fator que justifica a adesão do imigrante à determinada comunidade religiosa, pois esta “tem a ver com a busca de respeito e de uma imagem social positiva”. (AMBROSINI, 2008, p. 25, tradução nossa.)³¹⁸.

Muitos adeptos da Assembleia de Deus, como ressaltou o Pastor em seu depoimento, depois que passaram a frequentar a referida comunidade religiosa, viram sua vida transformada sempre para melhor.

A falta de comprometimento com as causas sociais, por parte da Igreja Católica, em Nova Serrana, especialmente, para com os imigrantes, atestada pelos entrevistados, pode ser um dos fatores que justificam a diminuição do número de seus adeptos, entre os anos 2000 e 2010, apontados pelo IBGE. No mesmo período, as Igrejas Evangélicas apresentam um aumento expressivo no número de seus seguidores, como vimos.

No que se refere à captação e fidelização dos jovens pelas comunidades religiosas em Nova Serrana, tanto as Igrejas Católicas e Evangélicas promovem diversas atividades para o desenvolvimento da rede de relacionamentos juvenil, expectativas dessa faixa etária, oferecendo a possibilidade de engajamento e participação em suas atividades.

Na Igreja Católica, as atividades estão concentradas nos grupos de jovens que existem na cidade, geralmente, funcionando nas sedes das Paróquias. Por exemplo, na Paróquia de São Sebastião existe o grupo de jovens, “Renascer”. Segundo Marilda, “é o que mais se destaca, em

esperanzas de una vida mejor, gracias a los recursos que la adhesión religiosa ha fortalecido en ellos”.

³¹⁶ “En una primera fase tiende a prevalecer la búsqueda de ayuda y apoyo; podemos suponer que luego prevalecerá la expectativa de encontrar un ambiente comunitario, que favorezca los contactos interpersonales y los encuentros sociales”.

³¹⁷ “La combinación de Consuelo espiritual, asistencia material en caso de necesidad, posibilidad de construir redes de relaciones, eleva en definitiva el atractivo de adhesión a las confesiones religiosas”.

³¹⁸ “Tiene que ver con la búsqueda de respeto y de una imagen social positiva”.

se tratando de pastoral de juventude na Igreja Católica de Nova Serrana”³¹⁹. Marilda ressalta que o grupo conta com a coordenação do Professor Reginaldo, que é o Secretário de Cultura da Cidade. Segundo a entrevistada, “tem o espaço na casa dele, onde acontecem os encontros do grupo renascer”. (Marilda).

Segundo Pároco da Paróquia São Sebastião, a participação do Prof. Reginaldo: “ajuda, porque ele pode ensinar os jovens e ajudar o grupo, quando for necessário, arranjando espaços públicos quando acontece algum evento”. (Padre da Paróquia São Sebastião)³²⁰.

Na Paróquia São João Bosco, segundo declaração do pároco, o movimento com a juventude já foi mais expressivo, porém, nos últimos tempos, diminuiu bastante:

existia um grupo de jovens que era muito grande, que era ligado à linha da pastoral da juventude e eles foram migrando para a linha da RCC. Ai o grupo diminuiu bastante. De 80 a 90 participantes, em épocas passadas, hoje deve estar com uns 15, por causa da RCC. Por causa da linha da RCC. Acho que essa linha atendeu a essa pequena parcela, mas a muitos outros, não. Muitos desistiram. E eles agora fixaram mesmo. Nossa linha é carismática e vamos frequentar a RCC. (Padre da Paróquia São João Bosco).

Na medida em que a evangelização neopentecostal foi absorvida por alguns membros do grupo, muitos outros componentes abandonaram o grupo, porque, “a pastoral da juventude tem mais uma reflexão sobre a realidade, e a RCC fica mais no louvor e nos cantos”. (Padre da Paróquia São João Bosco). O grupo que ficou, apesar de, bastante reduzido, assumiu a linha da RCC, e o padre não apresentou um novo projeto para captar os jovens que se afastaram: “eu penso que não vai adiantar muito apresentar uma atividade para os jovens que não são carismáticos, porque as pessoas aqui no bairro Planalto não fixam residência aqui. Eles viajam muito para suas origens”. (Padre da Paróquia São João Bosco).

Na interpretação do Pastor, as atividades promovidas com os jovens da Assembleia de Deus:

na nossa Igreja, nós temos dentro do nosso campo mais de 1.200 jovens. Existe um departamento de jovens, todo ano eles promovem um campeonato de futsal. Todo ano também nós temos um retiro da juventude, onde lá é promovido todo tipo de esporte, voleibol, natação, futebol... tudo é feito. E geralmente eles fazem esses campeonatos aqui em Nova Serrana. (Pastor)³²¹.

³¹⁹ Entrevista gravada no CRAS, 21 jul. 2015.

³²⁰ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

³²¹ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

No que tange à participação dos jovens nos cultos, o Pastor declara que “há um horário especial para o culto dos jovens e, depois, são promovidas atividades de entrosamento entre eles, já que, em Nova Serrana, não há muita opção de lazer”. Afirma que o departamento de jovens é “coordenado por cinco casais, geralmente, pais de alguns dos jovens, porque a Assembleia de Deus é subdividida em departamentos”. (Pastor).

A Assembleia de Deus, de Nova Serrana, é sede de diversas outras da região. Sua manutenção financeira, geralmente, como em todas as Igrejas, é feita pela própria comunidade religiosa, por meio dos dízimos e ofertas financeiras durante os cultos, mas explica o Pastor:

ninguém paga dízimo, nós retribuimos a Deus, por meio da Igreja, os 10% de tudo que Ele nos dá. E ainda é pouco, porque Ele nos dá muita coisa além do salário. Não adianta querer enganar Deus. Dez por cento são dez por cento, cito sempre o exemplo da mulher de Cuza. Esta história está no livro dos Atos dos Apóstolos. Ela quis enganar os irmãos, escondendo um pouco de sua riqueza, e, logo, como diz a Bíblia, morreu. (Pastor).

O Pastor entende que o dízimo não é algo que se paga, mas que se retribui a Deus, na certeza da retribuição que há de se realizar em quem for fiel ao compromisso com Deus. Ao mesmo tempo, a ideologia da comunidade religiosa, em relação ao dízimo, se sustenta numa narrativa bíblica que impõe medo aos adeptos, para manter-lhes fiéis e manter suas ofertas.

Segundo o Pastor, para que haja Assembleia de Deus,

tem que ter um obreiro, toda congregação tem que ter um pastor por conta. Aí tem que pagar o salário e o INSS dele, o aluguel do espaço da Igreja e da casa do Pastor, a água, luz, telefone. A sede tem que manter. Atualmente, temos algumas Igrejas em nosso campo [Campo corresponde à região pastoral sob a responsabilidade da Assembleia de Deus de Nova Serrana] que não se sustentam financeiramente, como Moema, Conceição do Pará e Araújos. (Pastor).

As Igrejas da Assembleia de Deus se organizam por meio de departamentos, que atendem as faixas etárias dos adeptos. Esses departamentos “possuem um responsável, que sempre é um voluntário. Não temos condições de remunerar, porque são muitos. Seria uma coisa ótima se nós pudéssemos fazer isso, mas nós estamos dando prioridade na remuneração dos pastores de congregações”. (Pastor).

Diferentemente da Assembleia de Deus, na Igreja Católica, a organização conta com pastorais e movimentos que estão a serviço dos adeptos. Há os coordenadores dessas atividades e estes, como na Assembleia de Deus, são voluntários. Não há, segundo declaração dos entrevistados, cargos remunerados nas pastorais da Igreja, “a não ser os padres e os secretários,

ou secretárias paroquiais”. (Padre da Paróquia São João Bosco)³²².

As despesas com a manutenção dos templos e com o culto “são expressivas, e a Igreja conta com as doações dos paroquianos em forma de dízimo, coletas durante as missas, campanhas, barracas em época de festas e doações voluntárias”. (Padre da Paróquia São João Bosco). Porém, diferentemente do Pastor, o Padre, em seu depoimento, ressalta que “o dízimo, doado pelos paroquianos, não é muito, porque a maioria dos frequentadores é composta de trabalhadores que ganham pouco mais que um salário mínimo”. (Padre da Paróquia São João Bosco). Não há a exigência, por parte da Igreja Católica, de que o dízimo seja 10%, “as pessoas dão o que querem, ou de acordo com a possibilidade e como aqui, a maioria é imigrante, que trabalha na indústria de calçados, não podemos exigir muita coisa” (Padre da Paróquia São João Bosco) que confirma a informação do líder da Paróquia São Sebastião:

os católicos não têm essa responsabilidade de pagar os 10% dos seus rendimentos para a Igreja, não. Eu penso que deveria ter um trabalho de conscientização sobre o que é o dízimo na Igreja Católica. As pessoas pagam pouco dízimo, mas quando a Igreja precisa de doações ou, promove uma festa, eles não medem esforços para colaborar. O exemplo foi quando o teto da Igreja caiu. Houve a colaboração da cidade toda. (Padre da Paróquia São Sebastião)³²³.

O Padre ressalta também que

na própria Igreja Católica há concorrência para pegar o dízimo dos fiéis. A RCC funciona como se fosse uma outra Igreja dentro da Igreja, e ela pede a colaboração financeira dos fiéis. Muitos deixam de pagar o dízimo na Paróquia, para mandar para a Canção Nova por exemplo. Eu não acho certo. As pessoas deviam pagar seu dízimo onde buscam os sacramentos e atendimento na hora que precisam de um aconselhamento espiritual. Muitos mandam dinheiro lá para a Canção Nova, que é em São Paulo, e não colaboram com sua Paróquia que está tão perto. (Padre da Paróquia de São Sebastião).

A Canção Nova faz campanha pela TV Canção Nova, que abrange todo o território nacional, intitulada “Dai-me almas”³²⁴. Essa campanha visa à manutenção da comunidade neopentecostal católica e tem um custo alto, por isso necessita de mais recursos financeiros.

As comunidades religiosas – católicas e evangélicas – contam com a participação e colaboração de muitos políticos de Nova Serrana. Esses sempre se prontificam a ajudar e se

³²² Entrevista gravada na secretaria paroquial, 22 jul. 2015.

³²³ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

³²⁴ A Canção Nova é chamada à evangelização e à formação de homens novos para um mundo novo. Para cumprir sua missão, ela vive da providência divina, por meio de doações daqueles que se sentem beneficiados pela evangelização, se comprometendo com a obra e seu crescimento, mantendo-a sem propagandas comerciais. O projeto “Dai-me Almas” é o meio e a sustentação da missão do Sistema Canção Nova de Comunicação, que é de salvar almas. (ABIB, 2009).

fazem presentes rituais das Igrejas.

A parceria das igrejas com a política local é ratificada em todos os depoimentos dos líderes religiosos entrevistados em Nova Serrana. Para o Padre da Paróquia São Sebastião, a participação de políticos é mais observada em sua paróquia, já que esta se localiza na região central da cidade. O Padre diz que

a convivência com a política aqui é muito boa. Não tem dificuldade, não. Nessa gestão então, não temos não. O relacionamento da igreja com a gestão anterior foi difícil. Tivemos um problema muito grande de contato profissional, de aluguel de espaços da igreja para a prefeitura. E depois foi em litígio, ficou sem pagamento. Não se pagava os alugueis. E deu um prejuízo enorme para a Igreja. (Padre da Paróquia São Sebastião)³²⁵.

Porém, atualmente, a participação dos políticos na Igreja, bem como o relacionamento institucional melhorou muito, já que muitos, que compõem o quadro administrativo da Prefeitura, são católicos atuantes. Segundo o religioso: “a gestão atual é muito tranquila. Muito boa. O prefeito também é muito católico, atuante. O secretário de cultura é católico. O corpo técnico da prefeitura é muito bom, muito atuante, muito integrado à Igreja. Então, eu não tenho dificuldade nenhuma”. (Padre da Paróquia São Sebastião).

O Padre da Paróquia São João destacou o bom relacionamento com um vereador da cidade mantido pela Paróquia: “outro dia mesmo, foi aniversário dele, e eu fui convidado para a festa. Nessas ocasiões, a gente percebe o quanto os políticos são católicos praticantes. Muitos vêm conversar e citam alguma coisa que falamos nas homilias das missas”. (Padre da Paróquia São João Bosco)³²⁶.

Indagado sobre possíveis ajudas financeiras dos políticos para a Igreja Católica, o sacerdote respondeu que

os empresários, em épocas de festas, ou para alguma reforma ou construção, doam mais dinheiro que os políticos. Quando o teto da Igreja de São Sebastião caiu e foi preciso reconstruir, na época, toda a cidade ajudou, até os políticos. Porém, a participação financeira dos empresários da cidade foi bem maior. Depois de reformada, ficou muito bonita, tem um sistema de refrigeração semelhante aos de muitas fábricas de calçados. Isso é bom, porque na época de calor a Igreja é muito quente. Falo isso para mostrar que os empresários ajudaram muito na reforma. (Padre da Paróquia São João Bosco).

Em seu depoimento, o líder católico ressalta que “por estar localizada em um bairro onde a maioria dos habitantes é imigrante, na Paróquia São João Bosco não temos muita

³²⁵ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 21 jul. 2015.

³²⁶ Entrevista gravada na secretaria paroquial, 22 jul. 2015.

participação dos políticos. Eles preferem a Igreja de São Sebastião, que fica no centro” (Padre da Paróquia São João Bosco).

Na avaliação do Pastor, ao ser indagado sobre a participação dos políticos na Assembleia de Deus, responde que

há um bom entrosamento com os políticos da cidade. Nós temos uma parceria muito boa com a política da cidade. Sempre estamos à disposição das autoridades políticas. Sempre os ajudamos, e eles nos ajudam. É uma parceria. Quando precisamos de uma escola, para nossos eventos como encontros de casais, de jovens, etc., fazemos uma solicitação, e eles logo liberam. Quando eles precisam de um espaço nosso para fazer alguma coisa, liberamos também. Sempre houve um bom relacionamento. Há uma via de mão dupla entre a Assembleia de Deus e os políticos da cidade. (Pastor)³²⁷.

Atualmente, a Assembleia de Deus, além dos favores concedidos pelo poder público, como o empréstimo de espaços para os seus encontros, espera que a Prefeitura Municipal aprove um projeto da construção de um centro esportivo: “nós estamos contando com a ajuda dos políticos”. (Pastor). O religioso afirma que em troca “prometeram que vão nos ajudar. Nós os ajudamos, e eles estão olhando a possibilidade de aprovar a doação de um terreno para construirmos um centro esportivo.” (Pastor).

Durante a entrevista, indagamos ao Pastor sobre o tipo de ajuda que a Assembleia de Deus dá aos políticos. O líder religioso ressaltou que

a ajuda é, além de cedermos os espaços da nossa Igreja quando eles precisam, também nós os apresentamos aos membros da congregação, depois que os conhecemos direito, como bons candidatos, nas eleições. Nós já conseguimos colocar alguns vereadores na câmara, e, eles, então, nos ajudam quando precisamos. É a parceria que lhe falei. Porque as Igrejas coordenadas pela Assembleia de Deus de Nova Serrana, todas, entram no apoio a determinados candidatos”. (Pastor).

Quanto à construção do centro esportivo, segundo o Pastor, “nós esperamos que eles ajudem também porque a Igreja, com as receitas e as despesas financeiras, não tem condições de construir o centro esportivo, sozinha. Não vejo dificuldade de conseguir a ajuda dos políticos para a construção”. (Pastor).

A finalidade do centro esportivo é, justamente,

oferecer às crianças que estudam à tarde e que, pela manhã ficam ... , um lugar para o seu lazer. As crianças que estudam pela manhã podem ir ao centro esportivo à tarde. Quem gostar de futebol, vai jogar futebol; Quem gostar de natação, vai aprender a nadar; Quem gostar de voleibol, vai aprender voleibol, e assim por diante. Temos esse projeto e cremos que vai dar certo. Se Deus quiser. (Pastor).

³²⁷ Entrevista gravada na Assembleia de Deus, 21 jul. 2015.

Para a realização do projeto, o Pastor recorre ao querer de Deus, antes, porém, à aprovação e à verba dos políticos da cidade.

Diferentemente do Pastor, os padres católicos disseram que não fazem campanhas para políticos em época de eleição. “A participação deles aqui, para mim, é uma campanha permanente, mas se são boas pessoas, não vejo motivo para desaprovar. Antes termos um prefeito católico que participa da Igreja, do que alguém que não tem religião.” (Padre da Paróquia São Sebastião)³²⁸.

Além das entrevistas com os líderes religiosos, durante as visitas para a observação em campo, participamos de vários ritos em algumas comunidades religiosas. O que observamos foi que a atuação da liderança, em se tratando da reflexão sobre a realidade social, é fraca e sempre há um viés da evangelização neopentecostal. Ou seja, a liderança religiosa não desperta, em seus fiéis, a consciência crítica em relação ao contexto social no qual se encontram, mas mantém a ideologia da interferência divina, perante as intempéries da vida. Com isso, garantem, facilmente, as alianças e parcerias com o poder temporal, representado pelas instâncias da política local e do empresariado.

Enfim, o que observamos foi que católicos ou evangélicos que optaram pelo viés neopentecostal da evangelização perseveraram a fidelidade em relação à comunidade de fé. Geralmente, essas pessoas atribuem a Deus a responsabilidade pelos acontecimentos em sua vida e se relacionam com Ele, como com a manutenção de um contrato, onde as partes se responsabilizam pela fidelidade ou infidelidade; retribuição ou castigo; correspondência ou não obediência aos seus preceitos. Esses preceitos, geralmente, são as ideologias sustentadas pela instituição religiosa, que as utilizam como objetos simbólicos de coerção, sempre definidos a seus adeptos.

³²⁸ Entrevista gravada na Casa Paroquial, 22 jul. 2015.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse por estudar os modos de vida do trabalhador em Nova Serrana e sua relação com a religiosidade nos proporcionou conhecer um pouco mais a realidade do campo, no qual empreendemos nossa pesquisa. As visitas à cidade, o conhecimento de sua história, os contatos com os residentes, nativos ou não, a participação em algumas festas e rituais muito contribuíram para que pudéssemos adentrar no contexto da, outrora, pacata cidade do interior de Minas Gerais que, na atualidade, se transformou num dos principais polos calçadistas do Brasil.

Com o aumento do número das indústrias de calçados, Nova Serrana acolheu milhares de pessoas vindas de várias partes do País. Em decorrência do crescimento da cidade e do intenso fluxo migratório, os bairros populares se multiplicaram de forma desordenada e, muitos deles, atualmente, apresentam déficits de infraestrutura com relação à segurança, serviço de saúde, assistência hospitalar e social. Consequentemente, isso contribui para a fragilidade e a insegurança na vida de seus habitantes.

Nova Serrana é uma cidade dividida pela BR-262, que separa também seus habitantes. De um lado, onde a cidade teve seu início, está localizada a denominada região “central”, com a área comercial, a administração pública, os sindicatos, algumas igrejas, etc. Os seus habitantes, em sua maioria, constituem-se da população nativa (área nobre), existindo também bairros periféricos, onde está localizada a maioria das indústrias de calçados de Nova Serrana e, habitados por parte da população nativa de baixa renda e por imigrantes. As fronteiras de segregação, desse lado, são facilmente identificadas, quando percebemos a ausência de infraestrutura à medida que nos afastamos da parte nobre da cidade. Do outro lado da BR-262, ficam os bairros mais populares, os quais são habitados pela população nativa de baixa renda e pela maioria dos imigrantes. Nesse lado existem algumas indústrias de calçados e muitas “bancas”. Essas terceirizam os trabalhos das grandes fábricas e funcionam em garagens e nos fundos de quintais das residências de seus proprietários.

A administração da cidade, por vários anos, esteve nas mãos de alguns governantes, geralmente, empresários, que se revezavam no poder executivo e legislativo. Muitas dessas autoridades que estiveram à frente do poder político na cidade, não elaboraram e nem realizaram um projeto de urbanização da cidade, seja por sua pouca formação em administração pública, seja por falta de interesse pelo social ou de vontade política. Com isso, o desenvolvimento de Nova Serrana ficou comprometido e tumultuado, gerando problemas urbanos de difícil solução, assim, as demandas por políticas públicas são cada vez mais complexas e as respostas são impraticáveis. Um fato novo que despontou, ao término da nossa

pesquisa, é que nas últimas eleições, em 2016, foram eleitos, para assumir a prefeitura da cidade, políticos que não compunham o quadro, que ao longo dos anos foi revezado, ou seja, não fazem parte da tradição política de Nova Serrana, alterando, assim, o cenário público oficial da cidade. O novo prefeito eleito é corretor de imóveis, imigrante, nascido em Belo Horizonte e evangélico. Para o legislativo, foram reeleitos apenas 50% dos vereadores, os demais são integrantes das novas lideranças. Essa situação nos conduz a levantar algumas questões como: Será que a crise política, pela qual passa o País e, com efeito, a descrença nos governantes conhecidos, fez despontar novas lideranças em Nova Serrana? Será que a crise financeira das indústrias de calçados, motivo de inúmeras demissões de trabalhadores, teve um efeito no apego a Deus, à crença religiosa e à esperança de um futuro promissor, reforçando o poder das igrejas e, conseqüentemente, a busca de inovações com bases na liderança evangélica? Será que as Igrejas Evangélicas e outras diferentes da católica existentes na cidade fecharam um acordo para apoiar um candidato de uma confissão religiosa e em troca de outros benefícios? Como será o relacionamento dos empresários com a nova gestão política de Nova Serrana, já que o novo prefeito não faz parte de sua classe?

O trabalho, especialmente, nas indústrias de calçados, é o ponto central na vida do imigrante de Nova Serrana. Ele constitui, para muitos dos que chegam à referida cidade, um meio para a realização de seus planos, interesses e necessidades; é a garantia de sua sobrevivência e a de sua família. Entre as diversas modalidades laborais em Nova Serrana disponíveis para os imigrantes, além da mais recorrente, nas indústrias de calçados, destacamos a prestação de serviços públicos, o campo religioso, o comércio, o trabalho autônomo, a construção civil, as “bancas” que oferecem trabalho formal e informal e as empresas clandestinas que ainda existem na cidade, entre outros.

A maioria dos indivíduos que chega a Nova Serrana é procedente do norte do Estado de Minas Gerais, ou da região Nordeste do País. Nova Serrana é uma cidade para trabalhar que, para trazer recompensas financeiras, exige longas horas de jornada e, com efeito, cansaço e a falta de tempo para a convivência com seus familiares e amigos, porém os entrevistados admitiram que a vida na cidade industrial é melhor do que a que tinham nas sociedades de onde emigraram. Com isso, apesar dos desafios encontrados no novo território, como o trabalho pesado, a saudade de seus parentes e origens, a falta de espaço para o lazer, a violência, etc., os imigrantes consideram Nova Serrana uma cidade boa para viver, porque garante a inserção no mercado de trabalho e, como consequência, a realização de seus objetivos.

A cidade tem um custo de vida elevado, quando relacionado com os salários recebidos, por razões diversas, como a falta de investimento em atividades agrícola, que fora substituída

pela industrial, forçando a aquisição de bens e produtos primários para a sobrevivência em regiões distantes e, conseqüentemente, elevando seu custo. A especulação imobiliária é outro fator que compromete o aumento do custo de vida na cidade. O valor do aluguel de uma moradia é alto, e quem se dispõe a comprar um terreno para construir a casa própria tem que pagar uma quantia significativa de dinheiro, já que os terrenos na cidade têm preços exorbitantes.

Os imigrantes que decidem por se estabelecer em Nova Serrana sonham com a aquisição da casa própria, ou com um lote para construí-la. Isto porque ter uma casa é, para o indivíduo, uma representação muito forte, pois é o lugar de sua segurança, de acolhimento, da manutenção de seus relacionamentos, etc. Devido à especulação imobiliária, muitos trabalhadores adquirem terrenos em bairros periféricos ou em outros municípios próximos à referida cidade, onde os terrenos são mais baratos e as condições de pagamento são melhores. De posse do terreno, eles constroem suas casas, em princípio, sem muita estrutura, pois o que precisam é de quatro paredes e um teto, mesmo que os tijolos permaneçam à vista, e um telhado de amianto. Logo se mudam, experimentando, assim, a alegria de possuir sua casa própria e de se verem livres do aluguel. Muitos não têm condições financeiras suficientes para a realização do sonho da casa própria, devido aos baixos salários recebidos pelo seu trabalho. Nesse caso, alguns conseguem alugar uma casa para morar, outros, porém, vivem nas casas de parentes ou amigos, alugadas ou não, com os quais compartilham as despesas.

Em Nova Serrana, existem espaços para o lazer, mas não são suficientes para atender o grande número de pessoas ali residentes, principalmente, os imigrantes. Existem algumas áreas disponibilizadas para a prática de esportes nas periferias, mas não oferecem infraestrutura adequada nem segurança para a população interessada em praticar algum tipo de atividade esportiva. A escassez dos espaços para o lazer faz com que muitos trabalhadores de Nova Serrana procurem espaços diferenciados da cidade para conviver com amigos, ou mesmo descansar nos fins de semana. Esses espaços variam entre as margens de rios, casas ou sítios de parentes ou amigos, que vivem próximos a Nova Serrana e, conseqüentemente, se tornam alternativas de fuga do estresse provocado pelo trabalho na cidade industrial. Como atividades recreativas criadas pelos trabalhadores, estão festas com familiares e amigos, visitas a familiares que residem nas redondezas de Nova Serrana, partida de futsal nas quadras alugadas por algumas empresas para seus empregados, partida de futebol pela TV ou churrasco nos fins de semana. As atividades que são realizadas na residência de algum indivíduo estendem-se ao espaço das ruas em frente às suas moradias, quando não é possível acomodar os convidados no interior da casa. Aqueles que conseguem ter casa própria, receber os amigos ou conterrâneos para atividades de lazer em sua residência, mesmo que seja do lado de fora é, para ele, muito

significativo, pois reconfigura-se a maneira de ser visto pelos seus convidados, pois a casa se torna a representação de sua prosperidade na cidade industrial.

Muitas pessoas que vivem em Nova Serrana tomaram a decisão de emigrar com o apoio de uma rede de relações, sobretudo, familiares ou amigos. A emigração é um fenômeno que podemos considerar estranho na vida de um indivíduo, dado o seu deslocamento da zona de conforto e a mudança para um território, muitas vezes, desconhecido, que lhe causa sentimentos de medo, insegurança, e, em princípio, instabilidade. Em outras terras, diferentes das de suas origens, ou seja, longe de onde nasceu e cresceu, distante dos costumes, tradições e de sua gente, por mais apoio que receba na sua partida, na comunidade de origem, o indivíduo encontra-se solitário no lugar de destino. Então, emigrar implica a separação das suas raízes, território, crenças, rituais, familiares, amigos. Pela importância das coisas que o emigrante deixa, que são referências para a sua trajetória, ele cria formas de mantê-las vivas, seja por meio de telefonemas, cartas, recados transmitidos pelos conterrâneos que regressam, ou quando o indivíduo volta à sua terra, geralmente, em tempos de chuva ou de festas. É comum observar que existe uma preocupação dos participantes de nossa pesquisa, como demonstrado em outros estudos realizados e discutidos no conteúdo desta tese, com a compra e envio de presentes aos que ficaram em sua terra natal. Os presentes representam a manifestação de carinho e amor, independentemente do valor financeiro, embora alguns comprem presentes mais caros, principalmente, para seus parentes, como fogão, televisão, geladeira, etc. Além da razão afetiva, a coisa dada significa a comprovação de sua vitória em seus empreendimentos e objetivos, motivo da alegria e de orgulho de seus familiares que é compartilhada com vizinhos e amigos, pois muitos, ao emigrarem, são vistos pela comunidade como perdedores ou fracassados e os presentes podem comprovar o contrário.

Na cidade receptora, as redes de relacionamentos dos imigrantes se ampliam e vão além das que são estabelecidas nos locais de trabalho, pois são construídas a partir das demais atividades, que muitos deles desempenham em seu dia a dia. Nelas, estão incluídas a vizinhança, os parentes e amigos e a comunidade religiosa. Aos poucos, os imigrantes, em Nova Serrana, encontrando-se envolvidos em novas e diversas redes de relacionamentos, passam a se reconhecer participantes de uma nova cultura, novos costumes e novas maneiras de se relacionar com a vida na cidade industrial. Consequentemente, a identidade do imigrante é reconstruída a partir da sociabilidade no novo território, muito embora os valores apreendidos no contexto das origens são conservados e expressados nas narrativas históricas, nos objetos de estimação, comidas típicas, nos encontros com seus conterrâneos e festas na cidade receptora, onde, em algumas vezes, são realizados rituais que resgatam a lembrança da terra natal, etc.

O crescimento de Nova Serrana, a partir dos anos 1980, traz consigo o aumento do número de igrejas, em sua maioria, evangélicas com o viés neopentecostal. Em Nova Serrana a religião é predominantemente cristã e tem um papel preponderante na cidade. Esse fenômeno é realidade, principalmente, nas zonas periféricas, onde é muito comum encontrar uma placa de determinada igreja em construção, em imóveis que se confundem com as casas das famílias, em garagens e em galpões. Na região “central” da cidade, também existem muitas igrejas, principalmente as que empreendem melhores estratégias, como a utilização dos aparatos midiáticos, para atrair e fidelizar mais adeptos. A maioria dessas igrejas têm como característica de evangelização a ideologia neopentecostal e sustentam, cada qual, uma ideologia própria para atrair fiéis e embasam-se no discurso das promessas de cura, retribuição e prosperidade, concedidas por Deus a quem for fiel à comunidade religiosa. Muitos imigrantes em Nova Serrana escolhem sua comunidade religiosa e conservam a fé na retribuição, por parte de Deus, apoiados nas ideologias religiosas que lhe prometem bens materiais imediatos, bem como a salvação de sua alma.

Mesmo optando por uma igreja por objetivos imediatos, alguns imigrantes buscam aquelas comunidades que lhes subsidiam para conservar a religiosidade de suas origens, geralmente, católica, participando de rituais, como procissões, novenas, missas, festa do padroeiro, Semana Santa, etc. Outros, porém, encontram estímulos da rede informal de relacionamento: família, amigos, namorados (as), etc., para mudar para diferentes denominações. Para os evangélicos ou católicos, especialmente os pertencentes à RCC, a satisfação dos interesses pessoais tangíveis sustenta a busca e a adesão à determinada comunidade religiosa. Os interesses são diversos, vão desde a obtenção de cestas básicas, roupas, material para construção, casa própria, carro ou outros bens. Aos interesses tangíveis que motivaram a pertença à determinada comunidade somam-se os intangíveis, como a força para enfrentar o dia a dia, o sentimento de acolhida e pertença na comunidade de fé e a salvação da alma prometida.

A melhoria de aspectos da vida — conquistada no contato e confiança depositada em Deus, por meio da comunidade religiosa, é atestada por quem já recebeu d’Ele as dádivas, como: cura de enfermidades, casa própria, emprego, etc.—, é exemplo para os que ainda não obtiveram a “realização da promessa”. Muitos adeptos esperam obter a satisfação de seus interesses, a partir da fidelidade religiosa. É observado também, no universo religioso, o medo do castigo ou da perda de bens materiais conseguidos, fazendo com que o indivíduo viva de maneira a depositar toda a sua confiança na instituição religiosa e em seus preceitos. Mesmo que possa apresentar aos seus adeptos prescrições e sanções para a pertença definitiva, a

comunidade religiosa torna-se, para o imigrante, o prolongamento de sua residência e seus pares passam a ser considerados como membros de sua própria família, até são identificados como “irmãos”. A introdução à nova religiosidade é ritualizada por meio do batismo – símbolo do recomeço e do renascimento – verdadeiro divisor de águas na vida do indivíduo que passa a se considerar portador de uma vida nova, mais segura e mais saudável. Ao se tornarem membros e pertencentes, os novos adeptos absorvem as ideologias que lhes são transmitidas pelos discursos e testemunhos dos líderes religiosos e de outros membros da igreja e passam a orientar sua vida por elas e as reproduzem em suas redes de relacionamento. Em algumas comunidades, os cargos como obreiros, ministros ou missionários são confiados a determinados indivíduos, mesmo quando eles não têm a formação religiosa adequada para as referidas funções. Há também os indivíduos que se convertem e, mesmo não recebendo uma função específica na Igreja, sentem-se responsáveis pela evangelização. Esses, muitas vezes, tornam-se proclamadores da palavra para a sua rede de relacionamentos e incentivam as pessoas a participarem de sua comunidade, com a promessa de melhoria em suas vidas.

A igreja para o imigrante em Nova Serrana é o espaço do alimentar a esperança, experimentar o perdão e recomeço de uma nova vida, da sociabilidade, solidariedade e da construção e reconstrução de identidades. Muitas vezes as comunidades religiosas também se apresentam como mecanismo facilitador de sobrevivência e, certamente, cumprem o papel de suprir as ausências de familiares e amigos, do Estado e das políticas públicas a eles direcionadas. Há o fato de que as comunidades religiosas neopentecostais adotam a ideologia que atribui à esfera espiritual a responsabilidade do que seria conquista pessoal, porém, a referida conquista nada mais é que o encontro do indivíduo consigo mesmo e o descobrimento de sua potencialidade para a realização de seus projetos. De maneira muito específica, a igreja também é o lugar onde os imigrantes encontram forças para dar continuidade ao seu trabalho em Nova Serrana que, para muitos, seria muito difícil viver ali sem Deus. Ou seja, o imigrante vive sua religiosidade como a ferramenta que o “apruma” e o fortalece, no novo território.

Para que se realize a promessa da bênção, da cura e da prosperidade, o indivíduo deve, além da observância das prescrições da comunidade religiosa, repassar, mensalmente, parte do dinheiro que recebe pelo seu trabalho, em forma de dízimo, e fazer ofertas em cada culto que participar como prova de confiança em Deus e na retribuição garantida. Os repasses são feitos durante o ritual, logo depois do louvor a Deus, que se constitui de cantos dos hinos próprios de determinadas igrejas e gestos excitantes e fervorosos das pessoas.

Como na maioria das Igrejas Católicas, em Nova Serrana, também é observada a RCC, que é o viés neopentecostal da Igreja Católica. Mesmo com essa modalidade da evangelização

neopentecostal, a Igreja Católica não conseguiu garantir a fidelização e estancar a evasão de seus adeptos para as Igrejas Evangélicas, muito embora aconteçam as conversões de evangélicos para o catolicismo, mesmo que em menor proporção. Percebe-se que o ponto comum ou, o que atrai os indivíduos para a Igreja Católica é o apelo neopentecostal, usado na RCC, que utiliza as estratégias de persuasão para atrair adeptos, semelhantes às das Igrejas Evangélicas neopentecostais, como: música, expressão corporal e acolhimento. Atualmente, as igrejas católicas ou evangélicas utilizam-se também das várias táticas de persuasão e das novas tecnologias, que justificam porque os templos são transformados em vitrines, onde se oferecem como resposta às angústias imediatas dos indivíduos a qualquer hora do dia ou da noite, pelos plantões oferecidos por algumas igrejas, pelas redes sociais, pelos sites, onde se podem acender velas virtuais, postar um pedido de oração ou um depoimento sobre uma bênção alcançada em forma de cura ou de bens adquiridos, participar de uma corrente de oração, adquirir produtos religiosos, cadastrar-se para se tornar um fiel contribuinte, etc. Em Nova Serrana, o resultado dessas ações das Igrejas Evangélicas é bastante expressivo nas amostras do Censo 2010, do IBGE. Esse fenômeno poderia trazer preocupações para a Igreja Católica, porém os religiosos católicos de Nova Serrana não demonstram preocupação com esse fato, o que nos leva a pensar que eles não têm consciência da realidade religiosa no contexto social de Nova Serrana, por não considerar a proliferação das igrejas e seitas evangélicas como um desafio para o catolicismo na cidade.

Tanto as instituições evangélicas como a católica, em Nova Serrana, mantêm um relacionamento estreito com os empresários e políticos e procuram obter deles benefícios. Algumas recebem ajuda financeira, por exemplo, para a reconstrução da Igreja Católica que desabou em 2010 e foi reconstruída com os dízimos e demais doações. Dos políticos, esperam receber, além dos dízimos e ofertas, as retribuições pelo apoio às suas candidaturas, caracterizadas pela doação de terrenos, dos projetos de construção de espaços para o culto, ou para atividades esportivas, nas concessões de espaços públicos para realização de eventos religiosos, etc. Alguns políticos que também são empresários, com outros donos de empresas não políticos, são administradores de algumas igrejas. Este tipo de parceria dificulta o envolvimento das comunidades religiosas em reivindicações por melhores políticas públicas que beneficiem a população da cidade. Parece que há um distanciamento e um não comprometimento, por parte dos padres católicos, com ação pastoral mais engajada e que suscite nas pessoas maior comprometimento com as causas sociais. A Assembleia de Deus demonstra ter consciência de seu papel social – mais notável do que a Igreja Católica –, desenvolve projetos que possibilitam o acolhimento e a satisfação, pelo menos

temporariamente, às necessidades dos indivíduos, não importando a sua opção religiosa.

Concluimos que Nova Serrana exerce um encantamento em muitos indivíduos que buscam novas formas de vida, já que em sua terra natal experimentam privações e dificuldades em suas vidas, quer pela seca, quer pela falta de trabalho, quer pelos salários baixos. O trabalho nas indústrias de calçados é, principalmente, o que justifica a mobilidade de milhares de pessoas oriundas de várias regiões do País. Em geral, os imigrantes buscam na cidade industrial a possibilidade de sobrevivência. Muitos encontram maneiras para a realização de seus objetivos e estabelecem residência definitiva mesmo nas periferias, de acordo com suas posses. Outros, porém, regressam às suas origens, ou migram para outras cidades, quando seus interesses em Nova Serrana não são correspondidos. Por fim, a religião, mais especificamente cristã, constitui, para muitos trabalhadores de Nova Serrana, primeiramente, o lugar da busca da realização de seus projetos e mudança de vida e, por último, da vivência da fé, onde Deus é quem concede a força para enfrentar as demandas cotidianas.

Chegando ao fim desta tese, quero registrar que o curso de doutorado, no campo das ciências sociais, me apresentou muitos instrumentos e referências teóricas, que além de ampliar a minha visão do contexto social, das formas de organização de grupo e as diferentes linhas de pensamento investigativo, conceitual e metodológico, auxiliaram no trabalho de campo de pesquisa, sobretudo para a interpretação e compreensão do que foi revelado nos depoimentos dos atores sociais. Além do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, tive a oportunidade de vivenciar outros universos acadêmicos, que foi o meu doutorado sanduíche. Quando ainda fazíamos os trabalhos de campo, concorri e recebi uma bolsa da CAPES para um intercâmbio com a Universidad Rovira i Virgili, em Tarragona, na Espanha. Isso fez com que as entrevistas com os trabalhadores transcorressem mais rapidamente do que o previsto, dificultando a utilização dos instrumentos de pesquisa de maneira mais sofisticada. Com a possibilidade de passar um ano na Universidade de Tarragona, entendemos que deveríamos reunir o máximo de informações, para que fossem analisadas durante esse período na Espanha. A pressa por maximizar o trabalho de campo, prejudicou as análises do material coletado e, como consequência, alguns dados importantes foram perdidos. Essa situação nos levou ao sentimento de que ainda estamos na condição de aprendizes das ciências sociais, ou seja, uma pesquisa pressupõe rigor na coleta e análise das informações, na sistematização e na escrita acadêmica.

Na condição de pesquisador, elaborando uma tese doutoral no campo das ciências sociais, eu, como um padre, com formação na área de Comunicação Social, considero que soube aproveitar alguns aspectos importantes do meu conhecimento e saber do sacerdócio, que

debruça sobre a questão dos sentimentos de religiosidade dos indivíduos no campo pastoral nas comunidades religiosas. Essas experiências vividas me faziam deparar com inúmeras possibilidades de vida, e no curso de ciências sociais encontrei respaldo para interpretá-las. O lugar de comunicador social, onde o seu pressupõe constatar, relatar, interpretar e, expressar, ou seja, fazer circular as informações, ofício coerente e, por certo, com algumas semelhanças com o trabalho do antropólogo, ver, escutar e escrever (como um antropólogo, na explicação de Oliveira). Esses atributos somam-se à formação, no campo das ciências sociais, onde aprendi que é possível obter uma visão interdisciplinar para uma leitura sobre imigração, trabalho e religião, significantes principais nesta tese doutoral.

A investigação apresentada pretende colaborar com pesquisas e avanços das reflexões no campo das ciências sociais, no que tange ao desafio da busca do entendimento do complexo fenômeno da migração. Seria possível fazer outras leituras sobre a Nova Serrana, por meio das falas interpretativas das pessoas que vivem o desafio de descolar-se de um lugar, distante ou não, e reconstruir redes de relações, sonhos, identidades e projetos futuros, mas em nossa tese, que não pretende ter uma só verdade ou uma única forma de aproximação dela, essa foi a leitura possível, mas ainda que seja micro abre a possibilidade de novas reflexões e atualizações, não só das ciências sociais, mas das várias áreas de conhecimento do campo científico.

REFEFÊNCIAS

- ABIB, Monsenhor Jonas. Projeto "dai-me almas": sua vida, nosso projeto!. [S. l.]: Clube Casanova, 2009. Disponível em: <<http://clube.cancaonova.com/outras-materias/sua-vida-nosso-projeto/>>. Acesso em: 22 fev.2016.
- ABUMANSSUR, Edin Sued. Os pentecostais e a modernidade. In: PASSOS, Décio João. Org. **Movimentos do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Ecclesia 21)
- ALCADIPANI, Rafael; CRUBELLATE, João Marcelo. Cultura organizacional: generalizações improváveis e conceituações imprecisas. São Paulo, **ERA**, v. 43, n. 2, p. 64-77, abr./maio/jun. 2003.
- ALDAY, Salvador C. **La renovación carismática: “un pentecostes hoy”**. Tradução de Adilson Camilo Lima. São Paulo: Paulus, 1996.
- ALMEIDA, Rachel de Castro. Jovens futuros gestores: a centralidade e os valores do trabalho. Política e Trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, n. 31, p. 37-52, set. 2009.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira. Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- AMBROSINI, Mauricio. Participación religiosa e integración de los inmigrantes: una reflexión entre América y Europa, entre historia y actualidad. **Migraciones**, Milán, n. 23, p. 11-44, Jun. 2008. Disponível em: <<http://revistas.upcomillas.es/index.php/revistamigraciones/article/view/1447/1232>>. Acesso em: 15 maio 2016.
- ASSEMBLEIAS DE DEUS. **Nossa história**. [S. l.]: Editora CPAD, 2011. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia.php?i=2>>. Acesso: 19 nov. 2015.
- Aviva Centro-Oeste - Congresso Nova Serrana Em Chamas 2015. Nova Serrana: EVENTHINT, 2015. Disponível em: <<http://pt.eventhint.com/eventos/538424/aviva-centro-oeste-2015>>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- BARRERA, Paulo. Matrizes protestantes do pentecostalismo. In: PASSOS, Décio João (Org.). **Movimentos do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Ecclesia 21).
- BARRETO, Margarida; HELOANI, Roberto. Assédio sexual e moral, discriminações e outras manifestações da violência no local de trabalho: seus reflexos na saúde e segurança do trabalho. In: INÁCIO, José Reginaldo e SALIN, Celso Amorim (Org.) **O vestir e o calçar: perspectivas da relação saúde e trabalho**. Belo Horizonte: Crisálida, 2010, p. 291-310.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BEATIFICAÇÃO de padre Libério: encerrada fase diocesana e processo é encaminhado ao Vaticano. [S. l.]: GrNews, 2015. Disponível em: < <http://www.grnews.com.br/14112016/para-de-minas/beatificacao-de-padre-liberio-encerrada-fase-diocesana-e-processo-e-encaminhado-ao-vaticano>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis /RJ: Editora Vozes, 1999.

BERND, Zilá. A dupla fase da viagem: a reencarnação dos mitos de Ulisses e Jasão na literatura das Américas. In: PORTO, Maria Bernadete (Org.) **Identidades em transito**. Niterói, RJ: Associação Brasileira de Estudos Canadenses, 2004.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. 1500 admissões em fev. 2009. **O Popular**, Col. 1-3, 27 mar. p. 03, 2009a. (Caderno Calçados) [NS/Indústrias].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. 3ª Semana de artes da Crômica Calçados. **Gazeta**, Col. 1-4, 03 p. 12, set. 2010ma. (Caderno Cidade) [NS/Indústrias. Artes/dia a dia no trabalho].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. 40 mil fiéis em show de fé. **O popular**, Col. 01, 05 jun., p. 08, 2008a. [NS/Religião, 30].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Agregar valor é a palavra de ordem em Nova Serrana. Novo conceito/calçados. **Diário**, Col. 1-6, NS/Indústrias, 01 maio, p. 12, 2009g.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Calçadistas em missão na Europa. **Diário**, Col. 1-6, 17 maio, p. 03, 2011a. (Aprimoramento/Sustentabilidade/Europa). [NS/Indústrias].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Empresas calçadistas de Nova Serrana disputam funcionários. **Diário**, Col. 1-4, 15 abr., p. 03, 2010b. (Ofertas de empregos) [NS/Indústrias]

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Empresas dos pólos de eletrônica do sul do Estado e de calçados, do Centro Oeste, investem e aproveitam apoio para vencer a concorrência com produtos asiáticos. **Estado de Minas**, Col. 1-3. 04 jan., p. 11, 2013a. (Caderno Economia). [NS/Indústria. Concorrência/China].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Geny José Ferreira, no tempo do Cercado - 1º sapateiro. **O Popular**, Col. 25-28, nov. p. 07, 2011b. [NS/Indústrias].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Mineiros driblam asiáticos. **Estado de Minas**. Col. 1-6. 20 fev., p. 11, 2014. (Caderno Economia). [NS/Indústrias. Importação de material para calçado]

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Nova Serrana é a 18ª cidade mais violenta de Minas. **O popular**, Col. 1-6, p. 03, 10-13 ago. 2012. (NS/VIOLENCIA)

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Nova Serrana é líder na geração de empregos na região. **Gazeta**, Col. 1-2, 26 mar. 2010c. (Caderno Calçados, Geração de Empregos). [NS/Indústrias].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Nova Serrana: potencial para empreendedores. **Jornal NM**, Col. 2-3, out. p. 01. 2008b. [NS/Indústrias].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Pólo de Nova Serrana participa do Word Footwear Congress. **O popular**, Col. 18- 21, p. 04, nov. 2011c. [NS/Indústrias].

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AURÉLIO CAMILO. Tênis de Nova Serrana é especial para caminhada e foi desenvolvido por pesquisadores da UFMG. **Diário**. 03 jan., p. 04, 2013b. [NS/Indústria. UFMG desenvolve tênis em Nova Serrana].

BITTENCOURT FILHO, José. Matriz e matrizes: constantes no pluralismo religioso. In: PASSOS, Décio João (Org.). **Movimentos do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Ecclesia 21).

BORELLI, Viviane; DELEVATI, Ananda da Silva; SILVA, Carolina Moro. Dispositivos midiáticos mudam o templo da Igreja Internacional da Graça de Santa Maria - RS. In: BORELLI, Viviane. (Org.) **Mídia e religião: entre o mundo da fé e o do fiel**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do lugar. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção estudos; 20).

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. APL da Indústria Calçadista de Nova Serrana. Brasília: MICE, 2016. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248287878.pdf>. Acesso em: 25 maio 2016.

CAGGIANO, Sérgio. Conexões e entrecruzamentos: configurações culturais e direitos em um circuito migratório entre La Paz e Buenos Aires. *Mana*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, abr. 2012.

CAROZZI, Maria Júlia. Tendências no estudo de novos movimentos religiosos na América: os últimos 20 anos. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 37, 1º semestre, p. 61-78, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1983. (Pensamento Crítico, 48).

CHUVA forte e vendaval provocam estragos em Nova Serrana, em MG: tempestade derrubou árvores e destruiu telhados. Uma creche foi inundada, mas não houve feridos. **Gazeta do Povo**, 18 out. 2010. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/chuva-forte-e-vendaval-provocam-estragos-em-nova-serrana-em-mg-1fsy05nz1exm3rgq9nsw8cj0u>> Acesso em: 30 out. 2015.

CAVALCANTI, Leonardo. Imigração e mercado de trabalho no Brasil. Características e tendências Leonardo Cavalcanti. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Org.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, 2014. Disponível em: <<https://oestrangero.org.files.wordpress.com/2014/11/relatorio-parcial-a-inserc3a7ao-dos-imigrantes-no-mercado-de-trabalho-brasileiro.pdf>> Acesso em: 30 out. 2016.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

COMBLIN, José. As sete palavras chave do Concílio Vaticano II. In: LORSCHIEDER, Aloisio et al. **Vaticano II: 40 anos depois**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Comunidade e missão).

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. Sexualidade humana: verdade e significado: orientações educativas em família. Cidade do Vaticano: Vatican, 8 dez. 1995. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_08121995_human-sexuality_po.html>. Acesso em: 08 fev. 2016.

CORÍNTIOS . In: BIBLIA. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

CROCCO, Marco et al. Industrialização descentralizada: sistemas industriais locais – o arranjo produtivo calçadista de Nova Serrana (MG). **Revista Parcerias Estratégicas**, v.8, n. 17, set. 2003. Disponível em: <http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/240/234> Acesso em: 01 set. 2014.

DAMATTA, Roberto Augusto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELGADO, Manoel. Seres do otro mundo: sobre la función simbólica del inmigrante. In: DELGADO, Manoel. **La dinámica del contacto. Movilidad, encuentro y conflicto en las relaciones interculturales**: II training seminar de jóvenes investigadores en dinámicas interculturales. Barcelona: Do Autor, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/user01/Downloads/03_delgado.pdf> Acesso em: 12 fev. 2016.

DE LUCA, Davide Maria. **Che cosa è stato il Concilio Vaticano II**. [S. l.]: ILPOST, 2012. Disponível em: <<http://www.ilpost.it/2012/10/11/concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 15 maio 2016.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000**. São Paulo: DIEESE, 2012.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Marins Fontes, 2005.

DURÃO, Susana; MARQUES, Emília Margarida. Os vidreiros e a máquina: o tipógrafo e o designer: Reflexões sobre antropologia do trabalho. **Revista Etnográfica**, v. 5, n. 1, p. 47-68, 2001.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália . 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Tópicos Sociologia e religião)

EFÉSIOS. In: BÍBLIA. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos)

ESTATUTO DA IGREJA TABERNÁCULO EVANGÉLICO DE JESUS. [S. l.]: ITEJ, 2015. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/45553774/Estatuto-ITEJ>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

FERREIRA, Luis Henrique Silva. **Mercado de trabalho e informalidade no setor calçadista**: um estudo comparativo entre Nova Serrana (MH, Sapiranga (RS) e Camocim (CE) em 2000 e 2010. 2014. 139f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FREITAS, Orlando Ferreira; FONSECA, Maria Beatriz de Freitas. **As origens de Nova Serrana**. Nova Serrana: Gráfica Sidil, 2002.

FRIAS, Carmem Salinas de. Problemas de salud de la población inmigrante y su relación com El sistema sanitario. In: FRIÁS, Ana Salinas de. (Dir.) **Inmigración e integración**. Madrid: Ed. Sequitur, 2008.

GABLER, Neal. **Vida o filme**. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEORGES, Isabel. Trabalho informal e representação sindical. In: CABANES, R. et al. (Org.). **Saídas de emergência**: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo. Tradução de Fernadno Ferrone, Cibele Saliba Rizek. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 135-152.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. **Ciências da Religião - História e Sociedade**, v. 9, n. 2, p. 148-174, 2011.

GONZAGA, Luiz. **Asa Branca**. [S. l.]: Letras, 2014. Disponível em: < <http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>> acesso em 23 abr. 2014.

GRANDE Dicionário Houaiss beta da língua portuguesa. Sovela. In: GRANDE Dicionário Houaiss beta da língua portuguesa. [S. l.]: Uol, 2012. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=sovela>>. Acesso em: 16 nov.2012

GUIA TRABALHISTA. **Banco de horas**. [S. l.]: Do Autor, 2016. Disponível em: < http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/banco_horas.htm> Acesso em: 22 fev.2016.

GUTIERREZ, Mónica Lourdes Franch. **Tardes ao léu**: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. 240f. 2000. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000. Disponível

em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1967/1/tese.pdf>> Acesso em: 22 fev.2016.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento; trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

HISTÓRIA das Testemunhas de Jeová. As testemunhas de Jeová no Brasil. **Revista A Sentinela**, 15 jul. 1974. Disponível em: <<http://testemunha.orgfree.com/historia.htm#Brasil>> Acesso em: 15 maio.2016.

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. **Concílio Vaticano - Concílio Vaticano I**. [S. l.]: Do Autor, 2015. Disponível em: <<https://igrejacatolicaapostolicaromanablog.blogspot.com.br/2016/04/concilio-vaticano.html>> Acesso em: 13 nov. 2015.

IGREJA EVANGELICA PENTECOSTAL GRACA E PAZ. Relatório individual da empresa. Nova Serrana: Econodata, 2015. Disponível em: <http://www.econodata.com.br/lista_empresas/MINAS-GERAIS/NOVA-SERRANA/I/10815463000165-IGREJA-EVANGELICA-PENTECOSTAL-GRACA-E-PAZ>.Acesso em: 15 maio 2016.

IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS. [S. l.]: Notícias, 2016. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/igreja-mundial-do-poder-de-deus/>>. Acesso em: 15 maio 2016.

IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR. Histórico da Igreja Pentecostal Deus É Amor. [S. l.]: IPDA, 2015. Disponível em: <<http://ipdago.blogspot.com.br/2015/05/historico-da-igreja-pentecostal-deus-e.html>>.Acesso em: 19 nov. 2015.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. [S. l.]: DW, 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-002/igreja-universal-do-reino-de-deus-iurd/t-36886438>>. Acesso em: 15 maio 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_minas_gerais.pdf> Acesso em: 13 nov. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**: resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro, 27 abr., 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Nova Serrana-MG**: síntese de informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=314520&idtema=16&search=%7C%7Cs%EDntese-das-informa%E7%F5es>> Acesso em: 19 set. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 2094**: população residente por cor ou raça e religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010c. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=27&i=P&c=2094>>. Acesso em: 19 set. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Vamos conhecer o Brasil:** migração e deslocamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2010d. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/migracao-e-deslocamento>>. Acesso em: 19 set. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil:** 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. p. 226. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933>> Acesso em: 22 abr. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 3593:** Banco de dados agregados - Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Rio de Janeiro: IBGE, 2016a. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=3593>> Acesso em: 25 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 3593:** Banco de dados agregados - Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Rio de Janeiro: IBGE, 2016b. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=3594>> Acesso em: 25 ago. 2016.

JARDILINO, José Rubens L. Sedução e conversão religiosa num contexto de globalização. In: WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 1997, p. 60.

JIMENÉZ, Pilar Moreno; MARTÍN, Macarena Vallejo. La inmigración desde uma perspectiva psicossocial. In: FRIÁS, Ana Salinas de (Dir.). **Inmigración e integración**. Madrid: Ed. Sequitur, 2008.

JOÃO. In: BÍBLIA. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia:** interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LAUREANO, Delze dos Santos. O meio ambiente e o trabalho: a dignidade humana neste espaço. **Eco Debate, Cidadania e Meio Ambiente**, 30 set. 2010. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2010/09/30/o-meio-ambiente-e-o-trabalho-a-dignidade-humana-neste-espaco-artigo-de-delze-dos-santos-laureano/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

LEANDRO FERREIRA (Cidade). **Resultados para "Padre Liberio":** processo de beatificação do Padre Libério. Divinópolis: Do autor, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.leandroferreira.mg.gov.br/?s=padre+liberio>>. Acesso em: 31 out. 2015.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. rev. téc. De Margarida Maria de Andrade. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2008.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2007. (Coleção Imaginário Cotidiano).

LEONEL, Guilherme Guimarães. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 11, n. 15, 2º sem. 2010.

LIBÂNIO, João B. Concílio Vaticano II: os anos que se seguiram. In: LORSCHIEDER, Aloísio. et. al. **Vaticano II: 40 anos depois**. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Comunidade e missão).

LIMA, Décio Monteiro de. **Os demônios descem do norte**. São Paulo: Francisco Alves, 1987.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. Trabalho inglório: processo de trabalho, estranhamento e agravos à saúde no setor calçadista em Franca/SP. In: INÁCIO, José Reginaldo; SALIM, Celso Amorim. (Org.). **O vestir e o calçar: perspectivas da relação saúde e trabalho**. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

MACHADO, Igor José de Renó; SILVA, Douglas Mansur. Migração. In: FURTADO, Cláudio Alves e SANSONE, Lívio. (Org.) **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014.

MARINI, Marcos Junior; SILVA, Christian Luiz da. Desenvolvimento regional e arranjos produtivos locais: uma abordagem sob a ótica interdisciplinar. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, SP, v. 8, n. 2, p. 107-129, maio/ago. 2012.

MARINUCCI, Roberto. As migrações dos fiéis e a mobilidade das religiões: um estudo sobre migrações internacionais e tradições religiosas. Águas de Lindóia: AMPOCS, 2012.

Disponível em:

<http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8100&Itemid=76>. Acesso em: 15 maio 2016.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo, 2003. (Comunicação).

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Festa e ritual, conceitos esquecidos nas organizações. **Revista Mal-Estar Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, n.1, mar. 2002.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões métodos e processos**. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004

MEDEIROS, Regina de Paula. Procedimentos metodológicos da pesquisa: a decisão pela pesquisa qualitativa. In: MEDEIROS, Regina de Paula; MARQUES, Maria Elizabeth (Org.). **Educação política da juventude**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.

MELLO, Cristina da Silva; FERNANDES, Duval Magalhães; AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Migração, re-migração, crescimento populacional local, implicações sociais e espaciais: uma análise preliminar do caso de Nova Serrana – MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18., 2012. **Anais...** Águas de Lindóia/SP: ABEP, 2012. Disponível em:

<[http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[910\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[910]ABEP2012.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: MARTINO, Luiz Mauro Sá; SOUZA, Beatriz Muniz (Org.). **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. 2.ed.São Paulo: Paulus, 2008.

MISSÃO TRANSCULTURAL. **Organizações religiosas**. Nova Serrana: FIND, 2002. Disponível em: <<http://publicacoes.findthecompany.com.br/l/157221374/Missao-Transcultural-em-Nova-Serrana-MG>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

MONTE SINAI: onde Deus desceu. **O que é a fogueira Santa?**. [S. l.]: Universal, 2016. Disponível em: <<http://www.universal.org/fogueirasanta/>>. Acesso em: 22 maio 2016.

MORAES FILHO, Evaristo. Prefácio. In: SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização da coletânea: Evaristo de Moraes Filho. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983. p. 24.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC; RJ: ABRASCO, 1994.

NASCIMENTO, Mara Regina. Religiosidade e cultura popular: Catolicismo, irmandades e tradições em movimento. **Revista Da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 119-130. 2009.

NOVA SERRANA. Mapa. [S. l.]: Maps, 2017. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-19.8711192,-44.9865709,4201m/data=!3m1!1e3>> Acesso em: 09 jan. 2017.

NOVA SERRANA. Prefeitura Municipal. **Celebrando Jesus 2014**. Nova Serrana: Do Autor, 2014. Disponível em: <<https://www.novaserrana.mg.gov.br/conteudo/celebrando-jesus-2014#.VrsP5fkrLIU>> Acesso em: 09 fev. 2016.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE NOVA SERRANA. Nova Serrana: SINDINOVA, 2015. Disponível em: <<http://www.sindinova.com.br/novo/>> Acesso em: 15 set. 2015.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. As religiões no Censo 2010: uma reflexão. **Debates do NER**, Porto Alegre, Ano 14, n. 24, p. 99-107, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, Vani Aparecida de. **Microrregião de Divinópolis: migrações nos períodos de 1986-1991 e 1995-2000**. 2007. 99f. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belo Horizonte, 2007.

O QUE é a Teologia da Libertação?. [S. l.]: Gotquestions, 2016. Disponível em: <<http://www.sindinova.com.br/novo/>> Acesso em 30 nov. 2015.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. In: VELHO, Guilherme Otávio (Org.). **O fenômeno urbano**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PASSOS, João Décio. A matriz católico-popular do pentecostalismo. In: PASSOS, João Décio (Org.). **Movimentos do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Ecclesia, 21).

PASSOS, João Décio. Teogonias urbanas: os pentecostais na passagem do rural para o urbano. **Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 120-128, oct./dez.2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n4/9759.pdf>> Acesso: 20 mar. 2016.

PASSOS, Mauro; ZORZIN, Paola La Guardia; ROCHA, Daniel. O que (não) dizem os números – para além das estatísticas sobre o “novo mapa das religiões brasileiro”. Dossiê: Panorama Religioso Brasileiro – Art. Original. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 690-714, out./dez., 2011.

PEIRANO, Mariza G. S.. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, Mariza G. S. (Org.) **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/ UFRJ. 2002.

PEREIRA, Juan Luís Millán. Políticas migratórias y desarrollo económico. Especial consideración a la gestión de los flujos de remesas. In: FRIÁS, Ana Salinas de (Dir.). **Inmigración e integración**. Madrid: Ed. Sequitur, 2008.

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho. Prefácio de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PIERUCCI, Antônio Flávio. De olho na modernidade religiosa. **Tempo Social, Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, ps. 9-15, 2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente: uma aula. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 75, jul., p. 111-127, 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio; MARIANO, Ricardo. Sociologia da religião, uma sociologia da mudança. In: MARTINS, Carlos Benedito (Coord.). **Horizontes das ciências sociais no Brasil: sociologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010.

PIRES, Calixto de Souza; MACÊDO, Kátia Barbosa. Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 81-105, jan./fev. 2006.

PLANO de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Calçadista de Nova Serrana. Nova Serrana: CAMEX, 2015. Disponível em: <http://www.camex.gov.br/portalmidic/arquivos/dwnl_1214593352.pdf>. Acesso em: 18 maio 2016.

PORTO, Maria Bernadete. Práticas imaginárias na poética das migrações. In: PORTO, Maria Bernadete (Org.) **Identities em transito**. Niterói, RJ: Associação Brasileira de Estudos Canadenses, 2004.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social, Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 2. 2008.

PRAT, Joan. **Eixos i constants de la identitat. Tradicionari:** la cultura popular a l'inici del segle XXI. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, v.10. p. 154-167, 2008.

PRAT, Joan. **El stigma del extraño:** un ensayo antropológico sobre sectas religiosas. 3. ed. Barcelona Espanha: Ariel Antropológica, 2007.

PROJETO NAMORO SANTO. [S. l.]: Facebook, 2016. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/projetonamorosanto>> Acesso em: 23 fev. 2016.

REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. **Quadro IV:** dossiê de registro de bem cultural imaterial. Betim: Do Autor, 2009. Disponível em: <http://www.betim.mg.gov.br/patrimoniocultural/bens_registrados/Dossi%C3%AA%20de%20registro%20do%20Reinado%20de%20Nossa%20Senhora%20do%20Ros%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2016.

RICARDO, Luciano. **Milagre do padre Libério em Leandro Ferreira - MG.** You Tube, 23 de novembro de 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cpNIS4vvVXw>>. Acesso em: 31 out. 2015.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. **Sertanejos contemporâneos:** entre a metrópole e o sertão. São Paulo: Fapesp, 2001.

RIZEK, Cibele Saliba. Trabalho, moradia e cidade: zonas de indiferenciação? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 78, fev. p. 41-49, 2012.

SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião... Passado e atualidade... **Cadernos CERU**, série 2, v. 19, n. 2, p. 71-92, dez. 2008, Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/viewFile/11858/13635>> Acesso em: 29 mar. 2016.

SANCHIS, Pierre. Desponta novo ator no campo religioso brasileiro? o Padre Cícero Romão Batista. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, ps. 11-29, 2007.

SANTOS, Fabiana; CROCCO, Marco; SIMÕES, Rodrigo. Arranjos produtivos locais informais: uma análise de componentes principais para Nova Serrana e Ubá – Minas Gerais. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 10., 2002. Diamantina. **Anais...** Diamantina: CEDEPLAR/UFMG, 2002. Disponível em:
<<http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2002/textos/D30.PDF>> Acesso em: 18 mar.2015.

SANTOS, Heloísa Nazaré. **Uma experiência de design de produto em uma indústria calçadista de Nova Serrana – MG.** 2009. 118f. Dissertação (Mestrado)- Escola de Engenharia, Programa de engenharia de produção, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SANTOS, Heloísa Nazaré; ROMEIRO FILHO, Eduardo. Uma experiência em design de produto em uma indústria calçadista de Nova Serrana - MG. **Estudos em Design Revista**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 16-36, 2015. Disponível em:
<<file:///C:/Users/user01/Downloads/231-446-1-SM.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

SANTOS, Heloísa Nazaré; ROMEIRO FILHO, Eduardo. Processos de produção e trabalho no Arranjo Produtivo Local calçadista de Nova Serrana. **GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas**, Bauru, Ano 8, n. 2, p. 55-65, abr./jun. 2013,

SENNA, Carlos Henrique Corrêa. **Mediatização do campo religioso**: a recepção da celebridade Padre Fábio de Melo por seus fãs/devotos. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução de Marcos Santarrita. 17. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2012.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio, 2002.

SEYFERTH, Giralda. O colono múltiplo: transformações sociais e (re)significação da identidade camponesa. **Raízes**, v. 31, n. 1, jan.jun., 2011.

SHANKAR, Cristian. **Família é presente valioso de Deus!** Divinópolis: Do Autor, 2014. Disponível em: <<http://www.padrechryistianshankar.com.br/novo/>>. Acesso em: 30 set. 2014.

SHANKAR, Chrystian. **Pe. Chrystian Shankar**. Divinópolis: Do Autor, 2015. Disponível em: <<http://www.pechryistianshankar.com.br/>> Acesso em: 12 dez. 2015.

SILVA, Alaine. Igreja Internacional da Graça de Deus. [S. l.]: InfoEscola, 2016. Disponível em: <https://www.google.es/?gfe_rd=cr&ei=uf41V9rZOoPY8gfE7qzADg&gws_rd=ssl#q=igreja+universal+do+reino+de+deus>. Acesso em: 15 maio 2016.

SILVA, Reginaldo. **O impacto do desenvolvimento industrial nas relações culturais em Nova Serrana**. 2007. 167f. Dissertação (Mestrado)- Fundação Educacional de Divinópolis – FUNEDI, Divinópolis, 2007.

SILVA, Tereza Cruz. Religião. In: FURTADO, Cláudio Alves; SANSONE, Lívio. (Org.) **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização da coletânea: Evaristo de Moraes Filho. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Sociologia 2**: estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Ed. Cast.: Alianza Editorial, S.A., 1986.

SIMMEL, Georg. **Religião**: ensaios volume 1-2. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 4, n 12, p. 265-271, dez. 2005 [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS CONFECCÕES DE ROUPAS, ESTAMPARIAS E SIMILARES DE NOVA SERRANA - MG. Nova Serrana: SITRICANS, 2015. Disponível em: <<http://www.sitricans.com.br/direitos.html>> Acesso em: 31 out 2015.

SODRÉ, Muniz. **Antropologia do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2001.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, nº 43, jun., p. 25-34, 2000.

SUZIGAN, Wilson. et al. A indústria de calçados em Nova Serrana (MG). **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 97-116, set./dez. 2005.

TORRES, Alberto. **Alberto Torres (1865-1917)**. [S. l.]: Interpretes do Brasil, 2016. Disponível em: <<http://www.interpretesdobrasil.org/sitePage/75.av>> Acesso em: 10/fev.2016.

TURNER, Victor. **La selva de los símbolos: aspectos del ritual Ndembu**. Tradução de Ramón Valdés del Toro e Alberto Cardín Garay. Tit. Orig. The Forest of symbols: aspects of Ndembu ritual. 3ª ed em Castellano. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1999.

VALLVERDÚ, Jaume. **Las lenguas del Espíritu**. Religiones carismáticas y pentecostalismo em México. Tarragona. Publicaciones URV, 2008.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 10. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões e consideração intermediária**. Tradução de Paulo Osório de Castro. Lisboa. Relógio D'Água Editores, 2006.

WELBERT, Ricardo. **Nova Serrana é 10ª cidade que mais gera empregos no Brasil, diz Caged**: entre mineiras ocupa o 1º lugar, com 2.168 vagas preenchidas neste ano.

Para economista, colocação alcançada se deve ao segmento calçadista. [S. l.]: G1, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2015/10/nova-serrana-e-10-cidade-que-mais-gera-empregos-no-brasil-diz-caged.html>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

WIRTH, Louis. Urbanism as way of life (O urbanismo como modo de vida). Tradução de Marina Corrêa Treuherz. **The American Journal of Sociology**, v. XLIV, n. 1. July, 1938. [The University of Chicago Press].

ANEXO B- Tabela 1: População residente e religião em Nova Serrana.

ANOS	2000	2010
TOTAL	37.447	73.699
DENOMINAÇÃO RELIGIOSA		
Católica Apostólica Romana	31.296	49.112
Católica Apostólica Brasileira	-	141
Católica Ortodoxa	-	9
Evangélicas	4.412	19.214
Evangélicas de Missão	1.249	4.881
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Luterana	-	-
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Presbiteriana	63	115
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Metodista	-	-
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Batista	980	4.511
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Congregacional	-	-
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Adventista	207	255
Evangélicas de Missão - outras	-	-
Evangélicas de Missão - outras Evangélicas de Missão	-	-
Evangélicas de origem pentecostal	2.920	10.546
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Assembleia de Deus	1.600	4.264
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Congregação Cristã do Brasil	350	656
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja o Brasil para Cristo	-	-
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Evangelho Quadrangular	219	1.607
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	178	517
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Casa da Benção	85	22
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Deus é Amor	273	540
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Maranata	75	102

Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Nova Vida	-	106
Evangélicas de origem pentecostal - Evangélica renovada não determinada	-	-
Evangélicas de origem pentecostal - Comunidade Evangélica	-	-
Evangélicas de origem pentecostal – outras	-	2.733
Evangélicas de origem pentecostal - outras Evangélicas de origem pentecostal	141	-
Evangélicas sem vínculo institucional	200	-
Evangélicas sem vínculo institucional - Evangélicos	172	-
Evangélicas sem vínculo institucional - Evangélicos de origem pentecostal	27	-
Evangélicas - outras religiões evangélicas	42	-
Evangélica não determinada	-	3.787
Outras religiosidades cristãs	-	315
Outras cristãs	143	-
Outras cristãs – Cristãs	143	-
Outras Cristãs - outras religiosidades cristãs	-	-
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	-	-
Testemunhas de Jeová	257	488
Espiritualista	-	34
Espírita	31	419
Umbanda e Candomblé	-	-
Umbanda	-	-
Candomblé	9	-
Outras declarações de religiosidades afro brasileira	-	-
Judaísmo	-	-
Hinduísmo	-	-
Budismo	-	-

Novas religiões orientais	-	-
Novas religiões orientais - Igreja Messiânica Mundial	-	-
Novas religiões orientais - Outras novas religiões orientais	-	-
Outras religiões orientais	-	-
Islamismo	-	-
Tradições esotéricas	-	8
Tradições indígenas	-	61
Outras religiosidades	-	-
Sem religião	1.066	3.618
Sem religião - Sem religião	-	3.539
Sem religião – Ateu	-	79
Sem religião – Agnóstico	-	-
Não determinada e múltiplo pertencimento	-	259
Não determinada e múltiplo pertencimento - Religiosidade não determinada ou mal definida	-	259
Não determinada e múltiplo pertencimento - Declaração de múltipla religiosidade	-	-
Não determinadas	151	-
Não sabe	-	20
Sem declaração	83	-

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010c).

ANEXO C - Fotografias feitas em Nova Serrana

Foto 1 - Vista parcial da área central de Nova Serrana.



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 2 – Terminal Rodoviário de Nova Serrana, vista parcial da cidade e parte da BR 262



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 3 – Vista parcial da periferia de Nova Serrana.



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 4 - Vista parcial da área industrial de Nova Serrana (1)



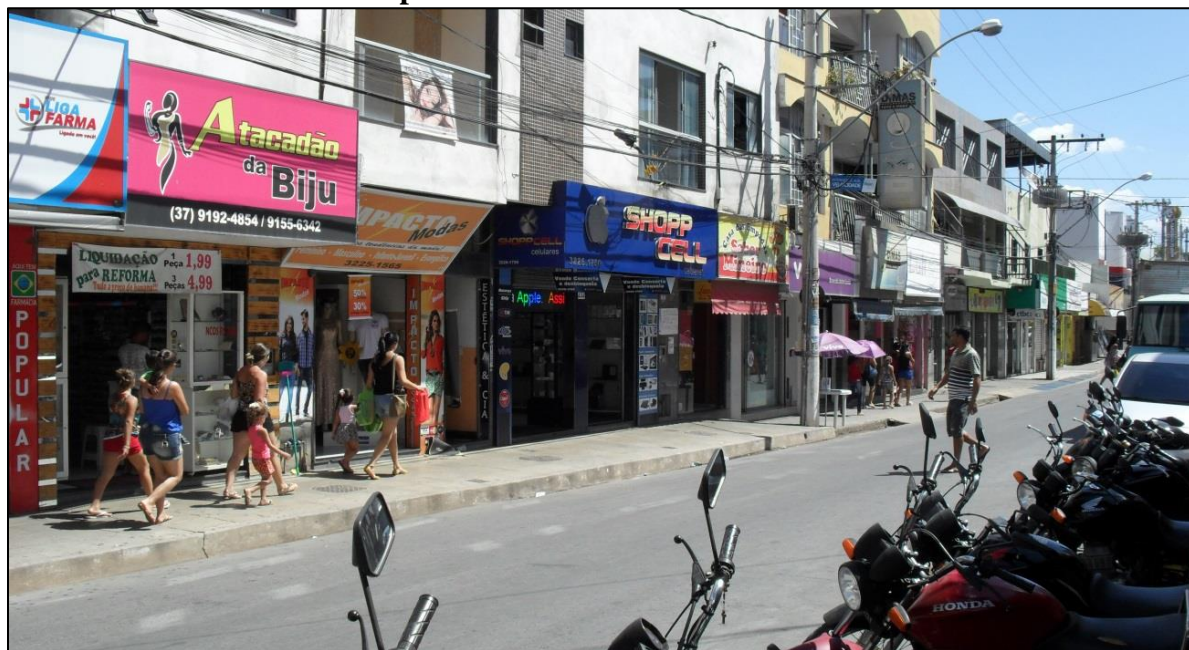
Fonte: Fotografia do autor.

Foto 5 - Vista parcial da área industrial de Nova Serrana (2)



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 6- Vista parcial da área comercial de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 7 - Vista parcial da BR 262 em Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 8 - Motoqueiro atravessando a BR 262



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 9 - Festa do trabalhador em Nova Serrana (1)



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 10 - Festa do trabalhador em Nova Serrana (2)



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 11 - O almoço dos trabalhadores na calçada próxima à indústria de calçados



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 12 - A alegria da partilha durante o almoço dos trabalhadores



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 13 - Trabalhadores descansando no horário do almoço



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 14 - Trabalhador autônomo: conserta panela de pressão e fogão a gás



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 15 - Igreja Evangélica (1) na periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 16 - Igreja Evangélica (2) na periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 17 - Igreja Evangélica (3) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 18 - Igreja Evangélica (4) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 19 - Igreja Evangélica (5) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 20 - Igreja Evangélica (6) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 21 - Igreja Evangélica (7) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 22 - Igreja Evangélica (8) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 23 - Igreja Evangélica (9) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 24 - Igreja Evangélica (10) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 25 - Igreja Evangélica (11) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 26 - Igreja Evangélica (12) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 27 - Igreja Evangélica (13) periferia de Nova Serrana.



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 28 - Igreja Evangélica (14) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 29 - Igreja Evangélica (15) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 30 - Igreja Evangélica (16) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 31 - Igreja Evangélica (17) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 32 - Igreja Evangélica (18) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 33 - Igreja Evangélica (19) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 34 - Igreja Evangélica (20) periferia de Nova Serrana



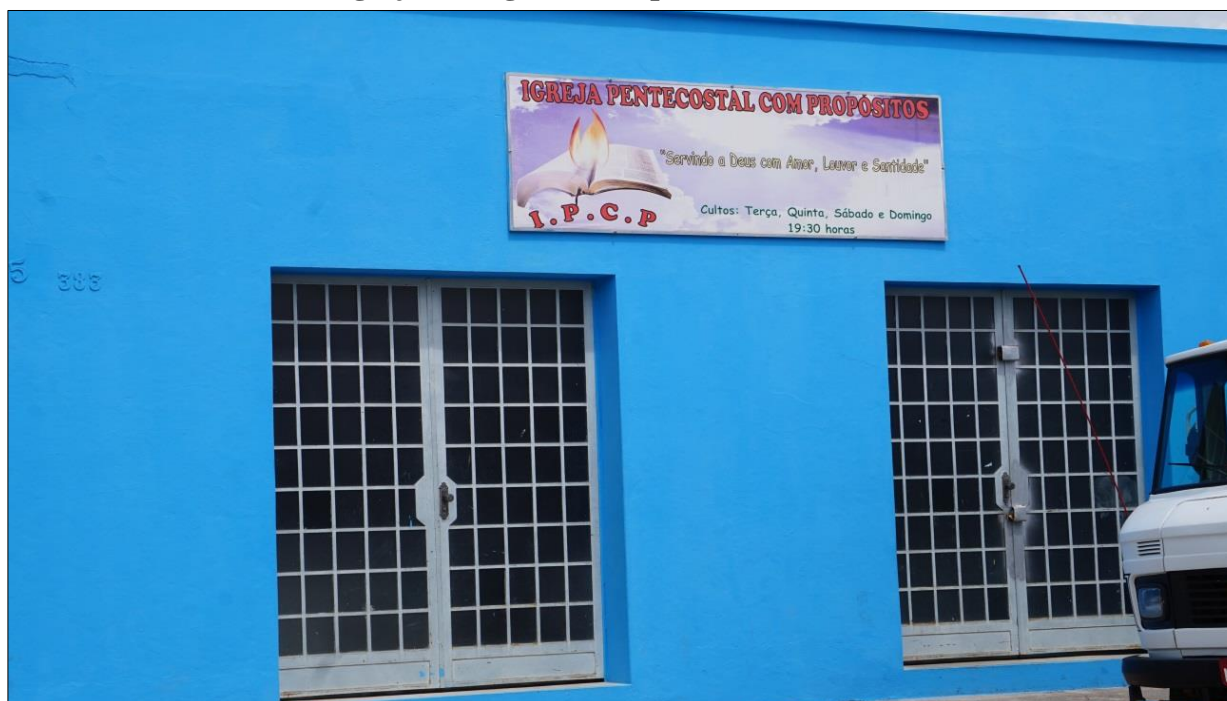
Fonte: Fotografia do autor

Foto 35 - Igreja Evangélica (21) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 36 - Igreja Evangélica (22) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 37 - Igreja Evangélica (23) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 38 - Igreja Evangélica (24) periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 39 - Igreja Evangélica (25) na periferia de Nova Serrana



Fonte: Fotografia do autor.

**Foto 40 - Embarque dos imigrantes que retornam às origens nas festas de final de ano
(1)**



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 41- Embarque dos imigrantes que retornam às origens nas festas de final de ano (2)



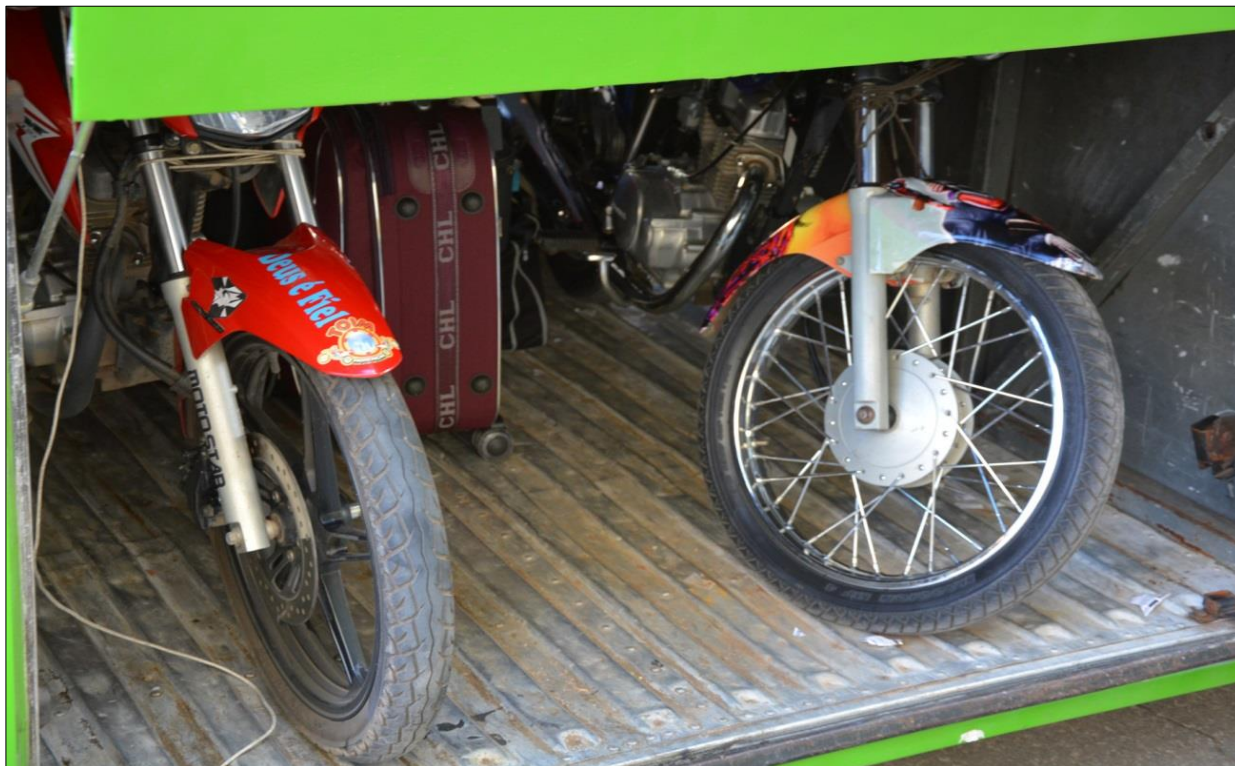
Fonte: Fotografia do autor.

**Foto 42 - Embarque dos imigrantes que retornam às origens nas festas de final de ano
(3)**



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 43 - Motos e malas dos trabalhadores, no bagageiro do ônibus, na volta para as origens (1)



Fonte: Fotografia do autor.

Foto 44 - Motos e malas dos trabalhadores, no bagageiro do ônibus, na volta para as origens (1)



Fonte: Fotografia do autor.